

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – POSLIN

Sandra Areias Teixeira

FAZENDO PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET

Belo Horizonte

2011

Sandra Areias Teixeira

FAZENDO PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada

Área de Concentração: Linguística Aplicada
Linha de Pesquisa: Linguagem e Tecnologia
Orientadora: Profa. Dra. Carla Viana Coscarelli

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2011

Sandra Areias Teixeira

Fazendo pesquisa escolar na internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Carla Viana Coscarelli – Orientadora (FALE – UFMG)

Prof. Dr. Hércules Tolêdo Corrêa (UFOP)

Profa. Dra. Adriane Teresinha Sartori (FALE – UFMG)

Profa. Dra. Ilza Maria Tavares Gualberto – Suplente (FPL)

Ao meu pai, João,
e ao meu avô, José Carlos (*in memoriam*),
exemplos de fé, coragem e alegria,
eternamente presentes em minha vida.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Carla Viana Coscarelli, pelo incentivo, apoio, disponibilidade, por sempre me receber com um sorriso sincero que me tranquilizava e, principalmente, pela valiosa orientação, sem a qual este trabalho não se realizaria.

À professora Dra. Laura Miccoli, pelos ensinamentos nas aulas de metodologia.

Ao professor e diretor do Colégio de Aplicação das Faculdades Integradas de Cataguases, Luiz Fernando Leitão, pelo incentivo à pesquisa e pela autorização para fazer a pesquisa com os alunos do 6^o ao 9^o do ensino fundamental.

Aos alunos sujeitos desta pesquisa, pela disponibilidade e pela colaboração, essenciais para a realização deste trabalho.

Aos pais desses alunos, por autorizarem a participação de seus filhos.

Aos professores do Colégio de Aplicação que aceitaram participar desta pesquisa e, em especial, às professoras Fabíola e Renata, pela atividade de pesquisa solicitada aos seus alunos.

Ao colega Pimentel, por ter me apresentado o *software wink*.

A Guilherme Coscarella, pelo *abstract*

Aos colegas Elisabeth, Jocélio, Paulo e José Euríalo, pelo apoio em um momento difícil da minha vida.

À colega Flávia, pela carona, conversa e pelas trocas de experiência.

Ao meu noivo, Stênio, pelo estímulo constante, apoio incondicional, paciência e companherismo.

À minha mãe, Sônia, pela dedicação e amor incondicional, à minha irmã, Simone, pelo apoio, e à minha irmã, Sabrina, por sempre escutar meus desabafos e angústias acadêmicas.

Aos meus sogros, Liraldo e Maria José, e ao meu cunhado, Thales, pelo apoio e por compartilharem comigo seus computadores em ritmo de revezamento.

RESUMO

Baseado na possibilidade de que o formato hipertextual da internet e os mecanismos de busca que ela disponibiliza possam facilitar a pesquisa, agilizando o processo de busca de informações (ROUET ET AL., 1996; RAMAL, 2002; COSCARELLI, 2002, 2009; BRAGA, 2005; KOMESU, 2005; XAVIER, 2005, 2009) e no fato de que a pesquisa deveria ser tratada como “princípio científico e educativo” (DEMO, 1998, 2000, 2004, 2006), este trabalho teve como objetivo principal compreender como ocorre o processo de pesquisa escolar por parte dos alunos das séries finais do ensino fundamental, habituados a navegar na *web*, que usam o computador e a internet para realizar essa tarefa. Partimos da hipótese de que, embora a internet e o seu formato hipertextual permitam o contato do aluno com diversos pontos de vista, ela não garantiria o posicionamento crítico do aluno diante do assunto pesquisado, caso ele interpretasse pesquisa como sendo apenas uma busca de dados. Dessa forma, o texto que o aluno apresentaria como resultado final de seu trabalho seria uma cópia ou uma reformulação sem muitas alterações e sem demonstrar o posicionamento do aluno. Neste estudo, primeiramente, foi aplicado um questionário em 33 alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental de uma instituição privada de Cataguases, a fim de verificar como acontece a pesquisa escolar na internet. A partir desse questionário, foram selecionados 9 alunos habituados a usar internet, para que se pudesse gravar, através do *software wink*, uma pesquisa escolar deles solicitada por um de seus professores. Ainda foi feita com esses alunos uma entrevista gravada em áudio com o objetivo de tentar compreender melhor os caminhos escolhidos pelos alunos para a busca de informações e para a elaboração do trabalho final. Além disso, foi enviado, por *e-mail* aos professores da referida instituição, um questionário, contendo questões sobre a prática de pesquisa escolar na internet, a fim de se obter informações a respeito do posicionamento do professor diante de tal prática. Os resultados gerados por este estudo mostraram que a maioria dos alunos entende pesquisa como busca de informações, nem sempre a maneira como o professor solicita a pesquisa incita o posicionamento crítico dos alunos e que os textos produzidos por esses alunos costumam ser cópias. Essa cópia, embora em alguns casos seja literal, normalmente é constituída de um recorte das informações consideradas principais pelos alunos retiradas de diferentes *sites*. À vezes, os alunos tentam articular essas informações através de mecanismos coesivos ou formulando introduções. Porém, por não usarem esses mecanismos adequadamente ou por

ainda não terem conhecimento de organização textual muito amadurecido acabam afetando a unidade textual (COSTA VAL, 2006). Concluímos que a concepção de processo de pesquisa do aluno influencia no resultado do trabalho dele. No entanto, a maneira como o professor solicita a pesquisa assim como o conhecimento do aluno sobre noções de textualidade também podem influenciar na produção do texto que o aluno apresentará como resultado de sua pesquisa. Assim, parece necessário repensar não só a forma como a pesquisa é trabalhada na sala de aula, mas também a necessidade de focar mais no processo de ensino-aprendizagem das habilidades de leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa escolar, internet, ensino fundamental, produção textual

ABSTRACT

Based on the possibility that the hypertext format of the Internet and the search engines that it makes available may facilitate research, speeding the process of seeking information, (ROUET ET AL. 1996; RAMAL 2002; COSCARELLI, 2002, 2009; BRAGA, 2005; KOMESU, 2005; XAVIER, 2005, 2009) and the fact that research should be treated as "scientific and educational principle" (DEMO, 1998, 2000, 2004, 2006), this work had as main objective to understand how the process of schoolwork research by students of the final grades of elementary school, accustomed to surfing the web, and who use the computer and the Internet to accomplish such task occurs. Our hypothesis is that although the Internet and its hypertext format allow the contact of students with different viewpoints, it would not guarantee the student's critical stance on the matter investigated, if he or she only interpreted research as a data search. Thus, the text that the student would present as the final result of his work would be either a copy or some kind of reformulation without significant changes and without showing the student's real position. In this study, firstly, a questionnaire was answered by 33 students from the sixth to the ninth grade of elementary school at a private institution in the city of Cataguases (MG), in order to verify how schoolwork research on the internet is carried out.

From this questionnaire, we selected nine students accustomed to using the Internet, in order to record one of their academic studies, a request by one of their teachers, using the "wink" software. These students were also submitted to an audio taped interview with the goal of trying to better understand their chosen paths while searching for information and their preparation for the final work. Moreover, it was sent by e-mail to teachers of that institution, a questionnaire containing questions about the practice of schoolwork research on the Internet in order to obtain information about the teachers' position in relation to such a practice.

The results generated in this study showed that most students understand "research" as a search for information, and that the way the teacher requires the research not always incites the students' critical position and that the texts produced by these students tend to be copies.

These copies, although literal in some cases, usually consist of clipping information which is considered most important by the students, taken from different sites. Sometimes, students try to articulate this information through cohesive mechanisms or formulating introductions. However, as they do not use these mechanisms properly or as they still lack the mature

knowledge of textual organization they end up affecting the textual unit (COSTA VAL, 2006). We conclude that the design of the student research process influences the outcome of his work. However, the way the teacher requires the research as well as the student's knowledge of textuality concepts can also influence the textual production that the student will present as a result of his research. Thus, it seems necessary to rethink not only how research is worked out in the classroom, but also the need to focus more on the teaching-learning skills of reading and writing.

KEYWORDS: schoolwork research, internet, elementary school, textual production

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: Busca pelo tópico “língua do Canadá”.....	63
FIGURA 2: Seleção/cópia de uma informação.....	64
FIGURA 3: Uso do <i>Google</i> Tradutor.....	67
FIGURA 4: Início da produção do trabalho de A10/6º.....	68
FIGURA 5: Seleção/cópia de um fragmento da <i>Wikipédia</i> sobre Carles Puyol.....	69
FIGURA 6: Clique no item cultura do índice da página Espanha da <i>Wikipédia</i>	70
FIGURA 7: Página da <i>Wikipédia</i> sobre a cultura da Espanha.....	71
FIGURA 8: Seleção/cópia de informações sobre a cultura da Espanha.....	72
FIGURA 9: Informações copiadas da <i>Wikipédia</i>	74
FIGURA 10: Informações extraídas do <i>site</i> da Mpbnet.....	75
FIGURA 11: Inserção dos nomes dos pais de Gilberto Gil no texto de A14/7º.....	76
FIGURA 12: Informações sobre a discografia de Gilberto Gil encontradas no <i>site</i> Gilberto Gil.....	77
FIGURA 13: Seleção/cópia de um fragmento do <i>site</i> Gilberto Gil.....	78
FIGURA 14: Uso do buscador do portal Colégio São Francisco.....	84
FIGURA 15: Tentativa de encontrar informações sobre Chico Buarque no <i>link</i> Análise Literária.....	85
FIGURA 16: Exploração da página de resultados por A20/8º.....	86
FIGURA 17: Seleção do nome completo de Chico Buarque.....	88
FIGURA 18: A20/8º digitando informações extraídas da página da <i>Wikipédia</i> ilustrada na figura anterior.....	89
FIGURA 19: Seleção/cópia de informações do <i>site</i> Pensador.....	91
FIGURA 20: Seleção/cópia de informações do <i>site</i> Mpbnet.....	92
FIGURA 21: Escolha de foto de Chico Buarque para inserir no trabalho de A20/8º.....	93
FIGURA 22: Cópia de uma página da agenda de uma das alunas.....	94
FIGURA 23: Início da gravação de A23/9º.....	95
FIGURA 24: Parte da informação que a parceira de A23/9º já havia coletado da internet.....	96
FIGURA 25: Seleção/cópia de fragmento do <i>Word</i> “Formação do futuro”.....	97
FIGURA 26: <i>Site</i> indicado pela professora.....	99
FIGURA 27: Outro <i>site</i> indicado pela professora.....	100
FIGURA 28: Indicação de leitura de A27/9º através do movimento da seta que	

representa o <i>mouse</i>	101
FIGURA 29: Localização da estrutura do futuro do inglês no texto.....	102
FIGURA 30: Seleção/cópia de dados do <i>site Englishexperts</i>	103
FIGURA 31: Cópia/cola de informação do <i>site Mundovestibular</i> no <i>Word</i>	104
FIGURA 32: Escolha do endereço eletrônico para ser visitado.....	105
FIGURA 33: Problema na busca por “formação do futuro”no <i>Wikilivros</i>	106
FIGURA 34: Seleção/cópia de fragmento do <i>site Scribd</i>	107
FIGURA 35: Seleção/cópia de fragmento do <i>site Mundovestibular</i>	108

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Tempo de uso do computador.....	44
GRÁFICO 2: Finalidade da internet.....	45
GRÁFICO 3: Frequência de acesso à internet.....	46
GRÁFICO 4: Tempo de permanência na internet.....	47
GRÁFICO 5: Solicitação de pesquisa escolar por professores.....	48
GRÁFICO 6: Local de facilidade de pesquisa.....	50
GRÁFICO 7: Fornecimento de <i>sites</i> para pesquisa pelo professor.....	52
GRÁFICO 8: Forma de entrega do trabalho.....	53
GRÁFICO 9: Clicar em <i>links</i> presentes nos textos encontrados durante a busca de informação.....	54
GRÁFICO 10: Atitude do aluno diante da página de resultados de um buscador.....	58
GRÁFICO 11: Exposição dos professores de como realizar uma busca na internet.....	59
GRÁFICO 12: Verificação da confiabilidade das informações.....	60
GRÁFICO 13: Procedimento após encontro das informações necessárias para a realização da pesquisa escolar.....	61
GRÁFICO 14: Menção às fontes de informação no trabalho.....	62
GRÁFICO 15: Indicação de referência bibliográfica.....	123
GRÁFICO 16: Forma de apresentação de trabalho.....	124
GRÁFICO 17: Orientação de como se faz uma busca na internet.....	124
GRÁFICO 18: Texto dos alunos.....	126

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1: Comparação entre os fragmentos do texto-base e o texto de A14/7º	111
QUADRO 2: Comparação entre os fragmentos dos textos-base e o texto de A20/8º	113
QUADRO 3: Comparação entre os fragmentos dos textos-base e o texto de A27/9º	115

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	15
2. PESQUISA NO CONTEXTO ESCOLAR	20
2.1. Panorama histórico da pesquisa escolar no Brasil.....	21
2.2. Pesquisa escolar e a internet.....	25
2.2.1. Entendendo o hipertexto e a sua relação com a pesquisa escolar.....	26
2.2.2. Produção do texto da pesquisa escolar.....	29
2.3. A relação entre pesquisa escolar e as habilidades de leitura e escrita	30
3. METODOLOGIA	34
3.1. Tipo de pesquisa escolhido.....	34
3.2. Participantes.....	35
3.3. Métodos.....	36
3.3.1. Questionário.....	36
3.3.1.2. Critérios de seleção.....	37
3.3.2. Observação.....	38
3.3.3. Entrevista.....	39
3.4. Tarefas.....	40
3.5. Materiais.....	41
3.6. Procedimentos de análise.....	41
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1. Perfil dos alunos-participantes.....	44
4.2. O processo de pesquisa sob o olhar dos alunos.....	47
4.3. O processo de pesquisa escolar na internet na prática.....	62
4.4. Resultado do processo de pesquisa escolar na internet.....	109
4.5. Os professores e o processo de pesquisa escolar.....	121
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
APÊNDICE 1: Termo de Consentimento entregue aos alunos de 11 e 12 anos e aos seus responsáveis.....	139
APÊNDICE 2: Termo de Consentimento entregue aos alunos de 13 e 14 anos.....	141
APÊNDICE 3: Termo de Consentimento entregue aos responsáveis	

pelos alunos de 13 e 14 anos.....	143
APÊNDICE 4: Questionário para o aluno.....	145
APÊNDICE 5: Questionário para o professor.....	148
APÊNDICE 6: Transcrição da entrevista feita com os 9 alunos observados, realizando pesquisa escolar.....	150
ANEXOS: Textos produzidos pelos alunos-participantes como resultados da pesquisa escolar realizada por eles.....	167

1. APRESENTAÇÃO

Lendo pesquisadores de hipertexto, percebi que, embora haja divergências em relação à existência (RAMAL, 2002; XAVIER, 2005, 2007) ou não (ROUET ET AL. 1996; COSCARELLI, 2002, 2003, 2009; BRAGA 2005; KOMESU, 2005; RIBEIRO 2005, 2008) de diferenças extremas entre textos e hipertextos, principalmente em questões referentes à leitura e escrita, em um ponto esses pesquisadores concordam entre si: a facilidade de acesso a informações.

O hipertexto permite, em um meio digital¹, um acesso rápido a informações por meio de links². Se olharmos a história do hipertexto, será possível verificar que essa característica estava presente desde a sua idealização por Vannevar Bush no artigo intitulado *As we may think* (1945). Neste artigo, Bush menciona a criação de uma máquina denominada *Memex* que seria capaz de armazenar um grande número de dados, além de ser possível acessá-los rápida e facilmente.

Isso me fez refletir sobre uma possível relação entre hipertexto e pesquisa escolar. Se o hipertexto permite um acesso rápido a um número maior de textos, ele pode facilitar a pesquisa, uma vez que agiliza o processo de busca de informações relacionadas ao tema pesquisado, permitindo um contato mais rápido com diversos pontos de vista, o que pode facilitar o posicionamento crítico do aluno diante do assunto pesquisado, além de possibilitar a percepção, talvez de forma mais clara, de que não há conhecimento pronto, verdades absolutas.

Ainda enfatizando a característica do hipertexto de facilidade de acesso a informações e o que isso pode implicar em um processo de pesquisa, vale ressaltar a observação de Fachineto (2007), ao analisar a relação do homem com a máquina no ato de clicar sobre palavras de cor destacada com o intuito de enviar um comando à máquina para que ela apresente um outro texto ou site. Conforme a autora,

esse tipo de relação com o computador e com a internet pode favorecer a pesquisa, o interesse pela leitura e a construção de novos conhecimentos. A instantaneidade torna-se contrária ao que ocorre com o material impresso. Uma curiosidade que surge durante a leitura em papel pode ser abandonada

¹ O hipertexto em meio digital também pode se referir a cd-rom, porém, neste trabalho, será tratada apenas sua presença na internet.

² Em hipertextos e hiperídia, vínculo entre documentos ou pontos de documentos; *hiperlink*. (Mini Aurélio, 2004)

devido à indisponibilidade de outro material de referência ou mesmo pela falta de tempo. (FACHINETTO, 2007, p. 67)

Como se pode perceber, o fato de o hipertexto favorecer a pesquisa pode contribuir para a construção do conhecimento de leitores e, no nosso caso, de aluno.

Diante dessa observação, resolvi fazer uma busca nos *sites* da Capes e do *Google* acadêmico por trabalhos que contemplassem estudos relacionados à pesquisa escolar, internet e hipertexto para averiguar o que já havia sido realizado nesta área. Para minha surpresa, foram encontradas poucas pesquisas, o que assusta devido à provável importância desse tema no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Abreu (2002), a pesquisa escolar “é uma excelente estratégia de aprendizagem, pois permite maior participação do aluno nesse processo, o que leva a construir o seu próprio conhecimento”(ABREU, 2002, p. 25 apud ELLWEIN, 2006, p. 83).

Dentre as pesquisas encontradas, havia apenas uma tese, cinco dissertações e sete artigos. Esses trabalhos focalizavam nos professores ou alunos e também em ambos. As pesquisas que se referiam aos professores procuraram investigar como eles usavam a internet (CALDAS e ALENCAR, 2001); suas representações sociais sobre a pesquisa escolar como metodologia de trabalho docente (CARVALHO, 2007) e como professores do ensino fundamental II compreendem a pesquisa escolar (OLIVEIRA, 2008). As que enfatizavam os alunos tratavam de verificar se a internet influenciava ou não a pesquisa escolar de alunos do ensino fundamental, do ensino médio e do ensino superior (MORO ET. AL., 2002); se alunos formandos da Universidade Federal de Mato Grosso, pertencentes ao Campus de Rondonópolis, encontravam dificuldade ao buscar dados e informações na internet (PINHEIRO ET. AL., 2008); compreender a construção /produção da pesquisa escolar que se processa no e pelo contexto hipertextual da internet, buscando a sua funcionalidade no contexto do ensino e o seu papel na construção do sujeito leitor, escritor (BERNARDES e FERNANDES, 2002); traçar um panorama do uso da internet por alunos do ensino fundamental, com ênfase nos trabalhos escolares (CAMPELO ET. AL., 2000); analisar a utilização da internet como ferramenta de busca de informações para realizar pesquisas escolares, enfatizando o hipertexto por, geralmente, ser o suporte informacional nestas pesquisas (LAMON, 2008), verificar como alunos do ensino médio, habituados a fazer pesquisas escolares em um ambiente digital, lidam com o hipertexto enciclopédico digital e se os hiperlinks influenciam na leitura de tais hipertextos (GUALBERTO, 2008) . Já as pesquisas que focalizavam tanto os professores quanto os alunos observaram a utilização

destes e aceitação daqueles da Wikipédia como fonte confiável de referência em trabalhos escolares no ensino superior (VIEIRA e CHRISTOFOLETTE, 2009); analisaram o uso das mídias nas atividades de pesquisa na quinta e sexta séries de uma escola particular como possibilidade de acesso à informação e construção do conhecimento (BURLAMAQUI, 2007); a forma que a pesquisa é tratada em escolas do ensino fundamental, averiguando como professores de Língua Portuguesa e alunos concebem o papel da pesquisa na construção do conhecimento autônomo (STEFANO, 2005) e mostraram como integrar os recursos da biblioteca, internet e sala de aula na dinamização da pesquisa escolar para a construção de conhecimento (NEUNZIG, 2004).

Embora haja uma preocupação nestes trabalhos em analisar pesquisas escolares na internet, apenas três citam de forma explícita o hipertexto como suporte de informações (BERNARDES e FERNANDES, 2002; LAMON, 2008; GUALBERTO, 2008). Além disso, ao observar a metodologia utilizada nestes trabalhos, verifica-se que a maioria utilizou como coleta de dados questionários e entrevistas, ou seja, o processo de pesquisa foi averiguado, baseando-se nas informações fornecidas pelos participantes (professores e/ou alunos). Diferindo-se dessa escolha, tem-se Burlamaqui (2007), Lamon (2008) e Gualberto (2008) que analisaram, por meio de um roteiro de observação, de um diário de registro, de produção escrita, os professores orientando alunos durante a realização das pesquisas escolares e/ou esses alunos pesquisando.

Tentando encontrar mais pesquisas, deparei-me com um artigo de Braga e Moraes (2009). Os pesquisadores procuraram mostrar como alunos de uma escola particular do ensino médio estão incorporando a internet em seu cotidiano dentro e fora da escola e como a pesquisa online pode favorecer a construção de um texto dissertativo. Neste caso, além de analisar o questionário preenchido pelos alunos, os pesquisadores analisaram os textos produzidos pelos alunos e o relato escrito deles a respeito dos critérios adotados na seleção dos textos lidos, indicando as vantagens e desvantagens do uso da rede para os tipos de tarefas previstas. Aqui, apesar de os pesquisadores não estarem presentes no momento da realização da busca pelos alunos, tiveram a possibilidade de se aproximar mais do que aconteceu durante tal processo por também verificarem os textos produzidos como resultado da busca.

Todos esses trabalhos mostraram as potencialidades da internet e, por conseguinte, do hipertexto (formato em que a maioria das informações se encontra na web) no processo de pesquisa escolar, contribuindo para a construção do conhecimento dos alunos.

Porém, sabe-se que o hipertexto em meio digital, ou seja, na internet, não traz somente benefícios ao processo de pesquisa. Ele também pode contribuir para perpetuar a prática do

copia/cola em pesquisas escolares, uma vez que basta selecionar o fragmento do texto desejado e clicar nas teclas CTRL+C e CTRL+V ou, simplesmente, imprimir o texto contendo a informação desejada para efetuar tal ação sem precisar copiar, manualmente, como se fazia com textos retirados, por exemplo, de enciclopédias impressas.

Esse problema³ também foi constatado nestas pesquisas. Sendo que houve um elevado número de ocorrências nos trabalhos de Campello et. al (2000) e Moro et. al (2002) . Nos outros casos, o percentual foi pequeno, mas os pesquisadores alertam para o fato de os resultados poderem ter sofrido influência do contexto em que as entrevistas e questionários eram aplicados: na escola. Os únicos pesquisadores que destacam que o processo de copia/cola não é tão simples assim são Braga e Moraes (2009). Segundo eles, havia muitas reproduções, mas algumas eram originadas de um processo de costura de excertos encontrados. Também foram encontradas reformulações baseadas em estratégias de retirada ou substituição de itens lexicais, sintagmas verbais e nominais e de orações.

Assim, diante desse levantamento de pesquisas e da possibilidade de o hipertexto digital facilitar o acesso a informações, contribuindo para a realização de pesquisas escolares e, conseqüentemente, para a construção do conhecimento dos alunos, senti necessidade de efetuar uma pesquisa que pudesse complementar os trabalhos supracitados, buscando compreender mais como ocorre o processo de pesquisa por parte dos alunos. Porém, devido à inviabilidade de analisar alunos de todos níveis da educação, optei pelos alunos do ensino fundamental, mais precisamente, das séries finais do ensino fundamental por esperar que eles saibam pesquisar ou que essa prática tenha sido uma constante na vida escolar deles, uma vez que ela consta entre os objetivos gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998).

Dessa forma, gostaríamos de verificar alguns pontos já levantados e outros que não foram mencionados nas pesquisas aqui relatadas, mas que são importantes para se traçar um mapa da realidade da prática da pesquisa escolar atual.

Como alunos das séries finais do ensino fundamental, habituados a navegar na internet, realizam pesquisas escolares solicitadas pelos professores? Ser habituado a navegar na internet e/ ou pertencer à geração digital significa saber buscar as informações desejadas? Será que esses alunos leem as informações encontradas? Será que eles clicam em *links* com o intuito de acessar hipertextos relacionados ao tema pesquisado para se aprofundar no assunto,

³ Chamo de problema a ferramenta copia/cola proporcionada pela tecnologia do computador em casos em que esse procedimento é realizado sem uma análise crítica e sem considerar a autoria da informação. Sabe-se que esse mecanismo proporcionou uma economia de tempo e trabalho para escritores, pesquisadores ao editarem seus textos.

associando as informações, analisando-as, verificando a confiabilidade delas? Será que, ao produzir o texto, apresentando o resultado da pesquisa, esses alunos constroem o próprio conhecimento, manifestando um posicionamento crítico diante das informações encontradas? Ou será que eles, simplesmente, copiam e colam? Como esses alunos concebem a pesquisa escolar? Será que essa concepção influencia o processo de pesquisa deles?

Acreditamos que o processo de pesquisa escolar está interligado com a concepção que se tem de pesquisa. Assim:

- O aluno que tiver a concepção de que o processo de pesquisa termina quando se encontra um texto que apresente o tema procurado, mesmo que acesse hipertextos para obter mais informações, apresentará como resultado de sua pesquisa uma cópia ou uma paráfrase da informação encontrada.
- O aluno que tiver uma concepção de processo de pesquisa mais abrangente, englobando além da busca, a análise, as conclusões acessará hipertextos com o intuito de comparar as informações encontradas, relacioná-las, confirmar a confiabilidade da fonte dessas informações e produzirá um texto como resultado de sua pesquisa, apresentando um posicionamento crítico diante de tais informações assim como a construção do conhecimento desse aluno.

Para apresentarmos os resultados desta pesquisa e levantarmos algumas discussões optamos por primeiro contextualizar o leitor a respeito das razões que nos levaram a realizar essa pesquisa, enfatizando nossos objetivos como foi feito neste primeiro capítulo. No segundo capítulo trataremos da pesquisa escolar, baseado na defesa de Demo (1998, 2000, 2004, 2006) de que a pesquisa deveria ser princípio científico e educativo. Além disso, também traçaremos um panorama histórico da pesquisa escolar no Brasil e procuraremos mostrar a relação entre pesquisa escolar, internet, hipertexto e as habilidades de leitura e escrita, tendo como base pesquisadores e teóricos que tratam desses tópicos, tais como Allende & Condemarín (1987), Coscarelli (1999, 2002, 2003 e 2009), Braga (2005) e Costa Val (2006), dentre outros. No terceiro capítulo, será apresentada a metodologia aplicada nesta pesquisa, justificando a escolha pelo estudo qualitativo. Também serão descritos os métodos utilizados para a coleta de dados bem como os procedimentos de análise. No quarto capítulo, exporemos e discutiremos os resultados obtidos, destacando o processo de pesquisa escolar sob o ponto de vista dos alunos-participantes deste trabalho. E, para finalizar, no quinto capítulo, procuraremos chegar a algumas conclusões que acreditamos não ser definitivas, pois um tema complexo e dinâmico como esse estará sempre em aberto, esperando novas reflexões que possam contribuir para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem.

2. PESQUISA NO CONTEXTO ESCOLAR

Desde os primeiros anos escolares, nos acostumamos com a palavra *pesquisa*. Quem nunca foi solicitado por um (a) professor (a) a pesquisar palavras que se iniciem com a letra *b*, por exemplo? Ou ainda pesquisar sobre a vegetação típica de alguma região, um determinado fato histórico, uma lenda, a vida de um escritor, dentre outros temas? Todos esses temas, comuns no ambiente escolar, fazem-nos associar pesquisa com busca. Mas será que pesquisar se resume a uma busca?

Tentando esclarecer essa dúvida, buscamos por conceitos de pesquisa em dicionários, enciclopédia e livros que tratavam desse tema, tanto no meio impresso quanto no eletrônico. Encontramos como resultado as seguintes definições:

- Uma **pesquisa** é um processo sistemático de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve. A pesquisa como atividade regular também pode ser definida como o conjunto de atividades orientadas e planejadas pela busca de um conhecimento. (Wikipédia)
- Pesquisa- s.f. Ato ou efeito de pesquisar; busca, investigação, recolhimento de dados. Pesquisar – v.t. Investigar, com a finalidade de descobrir conhecimentos novos./ Recolher elementos para estudo de algo. (AURÉLIO *ONLINE*)
- *Research – a careful study of a subject, especially in order to discover new fact or information about it.* (OXFORD: Advanced Learner's Dictionary, 2005)
- Em tempos de Internet entende-se pesquisa como: “a arte de zapear informações para formar novas conexões e criar conhecimentos com sabedoria. Sua importância consiste em vivenciar novas experiências, trocas e explorações do conhecer. Esse vivenciar inclui momentos de interiorização e de compartilhamento, reflexões internas e aprendizado em conjunto. É no convívio com seus semelhantes, tais trocas possibilitam a evolução, o crescimento, o conhecimento e o viver em sociedade, em comunidades, em tribos, em grupos. É um vivenciar coletivo, cada etapa precisa ser aprendida, sentida e explorada, para que a colheita seja repartida e saboreada! (BLATTMAN e FRAGOSO, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 60)

Ainda procuramos pela origem da palavra *pesquisa* e descobrimos que ela vem do espanhol *pesquisar*, sendo herdada do verbo *perquirere*, *perquirir*, em latim, que significava procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar profundamente.

Analisando essas definições e a etimologia da palavra *pesquisa*, parece que pesquisar é muito mais do que uma simples busca. O buscar seria apenas uma das etapas da ação de pesquisar, sendo que não deve ser superficial. Não é apenas encontrar alguns dados sobre determinado tema. É preciso verificar a fonte desses dados, se ela é confiável ou não, se há necessidade de buscar mais informações e, ainda, analisá-las, associá-las, confrontá-las, questioná-las, posicionar-se diante delas, criticamente, e comunicar o resultado desse processo.

Isso pode ser corroborado por Demo (1998, 2000, 2004, 2006), quando defende que a pesquisa deveria ser tratada como princípio científico e educativo, no sentido de sempre querer buscar conhecimentos novos, refazer os existentes, de aprender a aprender, de se chegar ao “questionamento reconstrutivo”, podendo tornar o aluno sujeito do ensino. Para ele, tal questionamento se inicia com o saber procurar e questionar. Assim,

O aluno será motivado a tomar iniciativa, apreciar leitura e biblioteca, buscar dados e encontrar fontes, manejar conhecimento disponível e mesmo o senso comum. Exercita sobre todo este material o questionamento sistemático, cultivando sempre o mais vivo espírito crítico. Aprende a duvidar, a perguntar, e querer saber sempre mais e melhor. A partir daí, surge o desafio da elaboração própria, através da qual o sujeito que desperta começa a ganhar forma, expressão, contorno, perfil. Deixa-se para trás a condição de objeto. (DEMO, 1998, p. 28-29).

Mas, por que esse aprendizado, muitas vezes, não ocorre? Por que, normalmente, o aluno do ensino fundamental, do ensino médio e, às vezes, até do ensino superior não consegue construir e/ou reconstruir seu próprio conhecimento? Por que pesquisa, nas escolas, tem-se resumido apenas em busca de material (is), dado (s)? Para tentar esclarecer essas dúvidas, seria importante conhecer um pouco sobre a história da pesquisa escolar no Brasil.

2.1. Panorama histórico da pesquisa escolar no Brasil

De acordo com Fernandes e Bernardes (2002), Almeida Júnior (2006) e Ellwein (2006), a pesquisa escolar foi instituída no Brasil em 1971 através das mudanças na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5.692. A partir daí se entendeu como obrigatória a realização de

pesquisas tanto no ensino fundamental quanto no médio, apesar de, segundo Bernardes e Fernandes (2002), o objetivo da Lei era que a pesquisa estivesse

no centro do processo pedagógico, no qual mais importante do que a exposição oral dos conteúdos do ensino, numa seqüência fixa e predeterminada, seria, a partir do interesse dos alunos, a elaboração e coordenação de situações de aprendizagem pelo professor. (BERNARDES e FERNANDES, 2002, p. 3)

No entanto, não foi isso o que aconteceu. O Brasil atravessava a ditadura, as leis deveriam ser cumpridas sem contestação e os professores não estavam e nem foram preparados para essa nova realidade.

Pressupunha-se que os professores estavam devidamente preparados para introduzirem imediatamente a pesquisa como método de ensino. A realidade demonstrou que essa premissa não era verdadeira: os professores não só não estavam preparados para utilizar a pesquisa como instrumento pedagógico, como também, e pior, não tinham a pesquisa como prática constante para a sua própria educação continuada, para a atualização de seus conhecimentos, atitudes e posturas sobejamente reconhecidas como necessárias para o exercício adequado das atividades de ensino (ALMEIDA JÚNIOR, 1997 *apud* ALMEIDA JÚNIOR, p. 99).

Sem preparação e sem estar habituado a pesquisar não havia como o professor inserir, de forma adequada, essa prática pedagógica na sala de aula. Assim, a pesquisa se tornou mais uma tarefa que o aluno deveria cumprir, sem nenhum propósito aparente. Ele se viu obrigado a frequentar a biblioteca que, também, não estava estruturada para a realização de tal atividade, sem saber exatamente o que fazer.

Avançando uma década, encontramos uma menção de Moro et al. (2002) a respeito de um artigo intitulado “Prática de Pesquisa na Escola de 1º e 2º Graus: fatores que dificultam esta atividade” que foi publicado na Revista do Professor em 1989. Segundo as autoras, trata-se de um artigo que reuniu os resultados de uma pesquisa realizada com alunos de 1º e 2º graus no final da década de 80 no Brasil. Foi constatado que os alunos reproduziam cópias do material consultado, cuja fonte, na maioria das vezes, era o livro. Eles não consideravam a pesquisa uma atividade muito proveitosa e afirmavam não ser orientados pelos professores, o que os deixava angustiados. Moro et al. (2002) mostram claramente essa angústia ao extrair do referido artigo o depoimento de um dos alunos: “Quando meu professor pede um trabalho de pesquisa, fico perdido, porque não sei onde começar e nem onde devo chegar.” (MORO ET AL., 2002, p. 5).

Corroborando o estudo descrito por Moro et al. (2002), temos uma análise de Santos e Carmona (1982) a respeito de como os alunos pesquisavam na época.

Os estudantes, disciplinada e mecanicamente, copiam de esfrangalhadas enciclopédias as suas ‘pesquisas’, com indicador esquerdo percorrendo as linhas do texto enquanto a direita transcreve os passos considerados relevantes. Mãos e braços movem-se com a articulação de um pantógrafo. As mentes estão distantes (SANTOS e CARMONA, 1982 *apud* ELLWEIN, 2006, p. 83)

Parece que, mesmo depois de quase 20 anos da implantação da Lei, os professores continuavam despreparados para trabalhar pesquisa nas salas de aula e, conseqüentemente, não se desenvolvia no aluno o senso crítico, a autonomia para construir e reconstruir o conhecimento. Na verdade, os alunos se tornavam especialistas na arte de copiar e permaneciam “objetos do ensino” (DEMO, 1998, 2000, 2004, 2006).

Embora não tenhamos encontrado trabalhos que analisassem a pesquisa escolar na década de 90, pode-se dizer que não houve muitas mudanças, principalmente, se observarmos o que motivou Bagno a escrever o livro denominado “Pesquisa na escola: o que é e como se faz” publicado pela primeira vez em 1998⁴. Segundo o autor, a inspiração veio do cansaço de ver sua filha mais velha, Júlia, chegando em casa em pânico por ter um “trabalho de pesquisa” pra fazer e da indignação com o professor que é capaz de colocar o aluno nesse estresse emocional. Bagno relata que, diante de tal situação, se vê obrigado a ajudar a filha na realização da tarefa. Porém, o começo não é nada animador. “Quando pergunto a Júlia e aos colegas qual foi o “comando” da professora, eles me mostram o caderno onde está anotado, laconicamente: “Trabalho de Pesquisa. Tema: X. Entregar até dia X”. E nada mais. É ou não é para a gente se indignar?” (BAGNO, 2008, p. 13).

Realmente, é para se indignar. Lembro-me perfeitamente de quantas vezes deparei-me com a mesma situação, sem saber o que fazer, tendo que me virar para entregar o “trabalho de pesquisa” no prazo determinado pelo professor. Sendo que, muitas vezes, a sensação que eu tinha era de que ele nem lia o meu trabalho, apenas dava a nota conforme lhe convinha.

No entanto, em 1998, com a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ensino fundamental de quinta a oitava série (hoje sexto a nono ano) parece haver uma preocupação com essa falta de orientação dos professores nas pesquisas escolares dos

⁴ O livro em questão se encontra na 22ª edição, o que parece demonstrar não ter havido muitas mudanças na prática de pesquisa escolar.

alunos. De acordo com um dos objetivos gerais dos PCNs, espera-se que o aluno seja capaz de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1998, p. 56). Assim, fica evidente que o professor, independente da disciplina, precisa orientar seus alunos para que eles possam utilizar de forma adequada as fontes de informação e os recursos tecnológicos, tais como livros, enciclopédia, CD-ROM, Internet etc., e, conseqüentemente, sintam-se capazes de (re) construir conhecimentos.

Mas, infelizmente, a realidade na década atual não parece ser diferente das anteriores. A pesquisa continua sendo vista apenas como busca de informações sobre determinado tema. Segundo a investigação de Carvalho (2007) feita com 140 professores de Ciências da RE/SESI/SP a respeito das representações sociais deles sobre a pesquisa escolar como metodologia do trabalho docente, ficou constatado que a maioria dos professores, embora reclamem do fato de os trabalhos dos alunos serem cópia, não costumam discriminar a proposta da pesquisa, oferecendo aos seus alunos apenas o tema ou o conteúdo a ser procurado por eles. Além disso, de acordo com Carvalho (2007), esses professores avaliam mais em função do comportamento do que da aprendizagem, já que destacam como critérios de avaliação o interesse, o comprometimento, a participação e a apresentação da pesquisa.

Outros trabalhos também demonstraram que a pesquisa é vista apenas pela perspectiva da busca (BURLAMAQUI, 2007) e que a cópia ainda é um resultado persistente nas pesquisas escolares (CAMPELLO ET AL., 2000; MORO ET AL., 2002).

Porém, alguns estudos demonstraram que essa cópia, embora exista, não é tão simples assim. Há uma preocupação em reformular o texto por parte dos alunos (BERNARDES e FERNANDES, 2002; MORAES, 2007). E, ainda, foram encontrados dois trabalhos com previsões mais animadoras. Eles relatam uma preocupação dos professores em traçar um roteiro de pesquisa para auxiliar os alunos nesta tarefa, além de descreverem que tanto professores como alunos veem na pesquisa um meio de adquirir conhecimento, desenvolver a análise crítica, a criatividade e autonomia em aprender (STEFANO, 2005; OLIVEIRA, 2008). Apesar de os resultados serem positivos, Stefano afirma que é “necessário um trabalho mais dirigido à formação e ao desenvolvimento do pensamento científico, ao despertar da curiosidade ou da necessidade de saber mais, de descobrir o que está por trás do que foi escrito, de tentar alcançar o diferente, o novo” (STEFANO, 2005, p. 93) e Oliveira (2008) destaca que a conclusão do estudo dela pode ser justificada pelo fato de o colégio analisado já ter um histórico considerável de implantação da informática pedagógica e da inclusão digital dos professores.

Como podemos perceber, esses últimos trabalhos apontam para uma nova realidade em relação à pesquisa escolar. Talvez o avanço tecnológico, principalmente a inserção da internet, tenha apoiado esse início de mudança ou possa fazer com que a pesquisa deixe de ser uma simples busca de informação para se tornar um meio de aprendizado reflexivo e produtivo.

2.2. Pesquisa escolar e a Internet

A invenção da rede World Wide Web (www), por Tim Berners-Lee, mais conhecida como internet, trouxe mudanças significativas em nossas vidas. Se antes nos comunicávamos à distância por carta ou telefone, hoje nos comunicamos pelo correio eletrônico (*e-mail*) ou pelo *MSN*, *skype*, tendo a possibilidade de nos visualizarmos através de uma *web* câmera. Se antes tínhamos que ir a pontos comerciais para comprarmos qualquer item como livros, CDs, roupas, equipamentos eletrônicos etc., hoje podemos realizar compras sem sair de casa por meio de *sites* comerciais desses departamentos. Se antes os cursos à distância eram feitos por cartas, hoje são feitos através de plataformas como o *Moodle*, *TelEduc*, que nos permitem comunicar síncro e/ou assincronamente com os professores e alunos para esclarecer dúvidas e/ou compartilhar o aprendizado; participar de fóruns de discussão; realizar tarefas e disponibilizá-las tanto para o professor quanto para os demais alunos, quando autorizado pelo executor da tarefa. Esses são só alguns exemplos do que a internet nos proporciona.

Além do ensino à distância, a internet influenciou outros setores da educação como a pesquisa escolar. Se antes tínhamos que percorrer as bibliotecas (isso quando a cidade possuía uma biblioteca ou mais), hoje podemos navegar por bibliotecas sem sair de casa. Se antes tínhamos que folhear catálogos para localizarmos o arquivo desejado, hoje basta acessarmos um *site* de busca na internet como o Google, o Yahoo!, digitar palavras-chave que aparecerão, na maioria das vezes, diversos resultados que poderão ser consultados de acordo com nossas escolhas e com a disponibilidade da informação⁵. Ou seja, o acesso à informação ficou mais fácil e rápido. “A Internet, ao conectar computadores em escala mundial, provê acesso imediato a uma quantidade gigantesca de informações científicas, educacionais, culturais e de lazer, em tempo real e de forma direta” (MORAES, 2007, p. 52) graças ao seu formato hipertextual.

⁵ Há arquivos que não podem ser acessados por não estarem mais disponíveis na *web* ou por necessitarem de autorização mediante assinatura de uma revista ou jornal, por exemplo, através de pagamento de uma taxa.

Santos (2007), destacando esse formato, explica como a internet pode ajudar o aluno durante uma pesquisa escolar e, conseqüentemente, na construção de conhecimento. Segundo ela,

o uso da Internet como meio de pesquisa e produção de conhecimento possibilita ao aluno participar, intervir, usar conceitos de bidirecionalidade (contidos nos *hiperlinks*), usar uma multiplicidade de conexões (hipertextos), aprender através de simulações, ter autonomia na organização dos conteúdos, ter acesso a conteúdos em diversos formatos (som, texto, imagens, vídeo etc), traçar seu próprio caminho que não será igual aos dos autores que acessou. (SANTOS, 2007, p. 274-275)

Ficaria mais fácil compreendermos a importância do formato hipertextual da internet no processo de pesquisa na *web*, se soubéssemos um pouco mais sobre o hipertexto.

2.2.1 Entendendo o hipertexto e a sua relação com a pesquisa escolar

Para entender melhor a relação entre hipertexto e pesquisa escolar, faz-se necessário conhecer um pouco da história do hipertexto.

O hipertexto, considerado, de certa forma, uma maneira de materializar a organização do pensamento, as ações feitas no ato de pensar, foi idealizado por Vannevar Bush em um artigo intitulado *As we may think* (1945). Neste artigo, conforme já foi dito aqui, Bush menciona a criação de uma máquina denominada *Memex*, que pode ser considerada a precursora do computador pessoal. “*Memex* é um dispositivo dentro do qual um indivíduo armazena todos os seus livros, registros e comunicações; que, por ser mecanizado, pode ser consultado com alta velocidade e flexibilidade. É um grande suplemento particular para a memória do usuário⁶. Já aqui é possível perceber a possibilidade de o hipertexto auxiliar na pesquisa escolar, mesmo sendo apenas sob o aspecto de armazenamento de arquivos e da facilidade de consultá-los.

Anos mais tarde, em 1965, em uma conferência nacional da *Association for Computing Machinery*, Theodore Nelson, estudante de graduação em Harvard, cunhou o termo hipertexto ao apresentar o seu projeto chamado Xanadu.

Depois, em uma entrevista concedida a Jim Whitehead, Nelson explicou que a

⁶ Tradução de RIBEIRO, Ana Elisa. COSCARELLI, Carla Viana. (orgs.) *O hipertexto em tradução*. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/ohipertextoemtradu%C3%A7%C3%A3o-site.pdf>>. Acesso em 13 12 2010. (“A memex is a device in which an individual stores all his books, records, and communications, and which is mechanized so that it may be consulted with exceeding speed and flexibility. It is an enlarged intimate supplement to his memory”).

inspiração para desenvolver o hipertexto surgiu da necessidade de se apoderar dos pensamentos, que não são sequenciais, e colocá-los em sequência no papel de forma impressa ou manual. Isso, para ele, era um grande problema, já que se teria que tirar os pensamentos de sua estrutura espacial própria. Baseado nisso, ele pensou que “você tinha estas duas etapas adicionais: desconstruir alguns pensamentos numa sequência linear e, então, reconstruí-los”⁷. Nessa reconstrução, um texto como materialização do pensamento é transcrito de forma não-linear, em blocos interligados, o que nos remete à ideia de associação, necessária para a construção de conhecimento.

Essa ideia, também, está presente na definição de hipertexto desenvolvida por Pierre Lévy (1993). Segundo ele,

tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. (LEVY, 1993, p. 33).

Assim, pode-se dizer que a internet, por ser organizada de forma hipertextual, parece facilitar o processo de pesquisa tanto no âmbito da busca quanto da (re) construção do conhecimento, uma vez que as informações estão conectadas reticularmente por nós, mais conhecidos como *links*, o que pode favorecer a articulação de diferentes fontes de informação. Isso porque o hipertexto, visto sob esse prisma, “pode ser usado para recolher, ordenar, agrupar, atualizar, pesquisar e recuperar a informação de um modo fácil, rápido e eficiente” (GUALBERTO, 2008, p. 26). Essa característica também é reforçada por Braga (2005) ao afirmar que “o uso de *links* também pode ser um recurso que favorece a construção do pensamento crítico, já que permite a comparação rápida entre itens de informação e esses contrastes são essenciais para a análise reflexiva pressuposta no processo de questionamento crítico” (BRAGA, 2005, p. 264-265), essencial para a (re) construção de conhecimento.

Segundo Xavier (2009), esses *links* funcionam como dêiticos devido ao seu caráter referencial. Ainda, de acordo com o autor, “o *link* se constitui em um catalisador de olhares, cuja tarefa é enfatizar hipertextos outros a serem visitados, lidos e considerados, atuando sob o efeito-ímã da intertextualidade/interdiscursividade constitutivas da linguagem” (XAVIER,

⁷ Tradução de RIBEIRO, Ana Elisa. COSCARELLI, Carla Viana. (orgs.) *O hipertexto em tradução*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/ohipertextoemtradu%C3%A7%C3%A3o-site.pdf>>. Acesso em 13 12 2010 (“you had to take two additional steps of deconstructing some thoughts into linear sequence, and then reconstructing them”).

2009, p. 206).

No entanto, o fato de se poder considerar o *link* um “catalisador de olhares” não significa que no ato da pesquisa, o aluno irá visitá-lo. Essa visita dependerá do objetivo desse aluno ao realizar sua pesquisa (GUALBERTO, 2008) assim como do conhecimento prévio dele sobre o assunto (FOLTZ, 1996).

Outro ponto que deve ser levado em consideração quando se fala em facilidade de acesso a um número maior de informações é que isso não significa que elas sejam confiáveis, qualitativas e nem que serão utilizadas de forma adequada. Segundo Braga e Moraes (2009), algumas ferramentas de busca como o Google utilizam como critério de ordenação de sua lista de endereços o número de referências em outros *sites*. Outras ferramentas, ainda, optam por critérios comerciais a fim de promover determinados *sites*. Sabe-se também que as informações encontradas nem sempre se complementam, às vezes, podem ser contraditórias e infundadas. Daí a necessidade de verificar a credibilidade do *site* em que está vinculada a informação e de possuir “habilidades para definir quando a informação que encontrou é suficiente e, mais importante, para selecionar a informação relevante” (CARVALHO, 2002, p. 35 *apud* BICHERI e ELLWEIN, 2006, p. 108).

Essas habilidades deveriam ser adquiridas pelos alunos por intermédio dos professores, uma vez que, em muitos casos, os estudantes se veem perdidos na *web*, não sabendo em que *sites* poderiam achar a informação solicitada. Além disso, nem sempre os alunos estão cientes de que nem todo *site* é confiável e de que, às vezes, as informações encontradas apresentam inverdades ou não são coerentes. No entanto, como constatou Campello et al. (2000) em pesquisa realizada com alunos do ensino fundamental de oito colégios da rede privada de Belo Horizonte, infelizmente, os professores não oferecem *sites* para pesquisa e nem auxiliam os alunos quando precisam de ajuda. Os pesquisadores verificaram também que, nessas situações, a família é quem faz o papel de mediador no caso de crianças menores e, em se tratando de adolescentes, tal papel fica a cargo de amigos. Caso esse amigo ou um membro da família tenha habilidades para desenvolver o ato de pesquisar, o aluno terá a possibilidade de aprender a pesquisar. Porém, sabe-se que não é todo mundo que tem esse privilégio, o que nos instiga refletir ainda mais sobre esse problema.

Além da facilidade de acesso à informação, a tecnologia digital, principalmente no que diz respeito ao computador pessoal e seus *softwares*, facilitou a edição/produção de textos. Esse fator também pode colaborar com o processo de pesquisa, uma vez que, normalmente, elaboramos um texto como resultado da análise das informações encontradas.

2.2.2 Produção do texto da pesquisa escolar

Hoje, quando produzimos um texto, não precisamos mais desperdiçar tempo com o processo de reescrita. Antes, ao necessitarmos de modificar alguma parte do texto, seja durante o processo de elaboração, seja depois da finalização, tínhamos que reescrever o texto todo. Agora com o avanço da tecnologia digital, podemos inserir, apagar ou trocar de lugar palavras, frases, parágrafos em qualquer parte do texto e a qualquer momento da produção do texto. Isso é possível graças a ferramentas disponibilizadas em editores de texto como *Word*. Entre essas ferramentas podemos destacar as opções de: selecionar, recortar, copiar, colar, excluir.

No entanto, embora tais ferramentas funcionem de forma positiva, à medida que facilitam a escritura do texto, elas também podem funcionar negativamente, uma vez que existe a possibilidade de reforçarem um problema que, como vimos, há anos se faz presente na pesquisa escolar: a cópia.

Conforme enfatiza Santos (2007), muitas vezes, o aluno, para fazer uma pesquisa escolar, “liga seu computador, seleciona um buscador em um portal de sua preferência, lança a palavra-chave, lê as primeiras linhas da primeira informação coerente com o tema que surgiu na relação resultante de busca, copia, cola, imprime, entrega” (SANTOS, 2007, p. 275).

Agindo dessa forma, fica complicado de o aluno aprender com a pesquisa e, em vez de se tornar sujeito do ensino, ele continua sendo objeto dele (DEMO, 1998, 2000, 2004, 2006).

Talvez uma das causas do resultado da pesquisa escolar ser uma cópia seja a forma como a pesquisa é solicitada. Santos (2007) lembra que “não raro, o professor ainda mantém uma postura de 30 anos atrás: oferece um tema a ser pesquisado e deseja o produto final em suas mãos” (SANTOS, 2007, p. 275). Sem orientação, é difícil o aluno desenvolver um bom trabalho de pesquisa, ele se encontra perdido, sem saber o que fazer. E, diante da necessidade de adquirir uma nota, ele acaba recorrendo ao caminho mais fácil ou ao que ele, normalmente, aprende na escola: copiar (DEMO, 1998, 2000, 2006).

A mediocridade produzida pela aula copiada, que não ensina a pensar, acaba ocorrendo em cadeia. O aluno que chega à universidade, exigindo do professor a transmissão do conteúdo, é aquele que aprendeu no ensino fundamental e médio apenas a copiar, pois foi este o modelo, utilizado pelo professor, que formado pelo mesmo ensino universitário, ensinou-o também a copiar. O ensino mediano perpassa pela sala de aula, pela instituição e é reforçado pelo sistema educacional que ainda vigora. (ALMEIDA, 2004, p. 245)

Analisando dessa forma, parece que o problema da cópia é muito mais complexo e abrangente, ultrapassando os limites da pesquisa escolar, o que demanda urgência em discutir maneiras de solucioná-lo para que possamos formar cidadãos questionadores críticos.

Talvez uma das formas de quebrar esse ciclo seja o professor representar o papel de mediador e não de transmissor de conhecimento. Seria necessário que o professor orientasse o aluno durante suas atividades escolares como a pesquisa, por exemplo, que contribui para a construção do conhecimento do aluno (BRAGA, 2005; DEMO, 1998, 2000, 2004, 2006; SANTOS, 2007).

Uma maneira de orientar os alunos seria ajudá-los na busca de material, de informação, estimular a interpretação desses textos, já que

os alunos precisam saber navegar, encontrar e selecionar informações relevantes para os seus propósitos, além de ser capazes de localizar informações, fazer vários tipos de inferência, reconhecer efeitos de sentido, estabelecer relações lógico-discursivas, entre outras. (COSCARELLI, 2009, p. 553)

E é nesse momento que duas habilidades, tão necessárias não só durante uma pesquisa escolar, mas também no nosso cotidiano, precisam ser trabalhadas: a leitura e a escrita.

Nas salas de aula tradicionais, passados os primeiros anos de alfabetização, a leitura e a escrita são consideradas aprendizagens superadas. O sujeito aprendeu a ler e a escrever nas séries iniciais do ensino fundamental e as aprendizagens subsequentes ficam por conta da professora de Português. A proposta da pesquisa como princípio didático se afasta dessa disciplinaridade e assume a escrita e a leitura como dois dos princípios articuladores do ensino e da aprendizagem (GALIAZZI, 2004, p. 300-301).

E, conforme sabemos, a leitura e a escrita, como quaisquer outras habilidades, precisam ser praticadas, aperfeiçoadas, caso contrário, correm o risco de enferrujarem.

2.3. A relação entre pesquisa escolar e as habilidades de leitura e escrita

Grosso modo, poderíamos dizer que, para se realizar uma pesquisa escolar, o aluno precisa fazer leituras de textos relacionados com o tema da pesquisa para depois produzir um texto escrito e/ou oral com a finalidade de divulgar o resultado de seu trabalho. Mas como deve ser feita essa leitura? Como selecionar os textos que deverão ser lidos? Como elaborar o texto que deverá ser apresentado como resultado final?

O primeiro passo está interligado com o objetivo de leitura do leitor (DIJK, KINTSCH, 1983; DIJK, 1992; ROUET ET AL., 1996; COSCARELLI, 1999; RAMAL,

2002) e, por conseguinte, da pesquisa que deve estar bem definido. Esse objetivo servirá como parâmetro para as estratégias de leitura e para a seleção de textos bem como de *links* (PINHEIRO, 2005) que serão lidos e/ou visitados.

Assim, de acordo com Allende & Condemarín (1987), temos três tipos de leitura cuja finalidade é ler em ritmos diferentes. O primeiro tipo, denominado **visão preliminar ou *previewing***, consiste em dar uma olhada rápida e superficial nos textos para verificar se o conteúdo deles corresponde ao que se procura, aos propósitos do leitor, ou seja, se vale ou não a pena ler o texto. O segundo tipo trata-se da **leitura seletiva espontânea ou *skimming***. Através dela, detecta-se o conteúdo principal do texto e os detalhes que justificam sua importância. O último tipo refere-se à **leitura seletiva indagatória ou *scanning*** cujo objetivo é encontrar rapidamente uma determinada informação em um texto. Como exemplo desse tipo de leitura, podemos citar a procura de uma palavra no dicionário, de um termo em uma enciclopédia, de um dado específico em um texto.

Além disso, também, deve-se levar em consideração o conhecimento prévio que se tem sobre o conteúdo do texto (COSCARELLI, 1999; LIBERATO & FULGÊNCIO, 2007), do tema a ser pesquisado. Ele pode facilitar o processo de leitura/pesquisa dos textos selecionados à medida que tende a tornar a leitura fluida, sem necessidade de se fazer um esforço cognitivo maior para se compreender o texto, as informações encontradas. Quando deparamos com um texto, cuja maioria das informações é nova, normalmente, temos mais dificuldade em compreendê-lo, o que pode até provocar a desistência da leitura. Da mesma forma, quando pesquisamos um assunto sobre o qual não temos nenhum conhecimento, provavelmente, teremos mais dificuldade em encontrar as informações, associá-las, tirar nossas conclusões.

O conhecimento prévio também é importante para a feitura de inferências por ser utilizado na integração com as informações apresentadas no texto. É bom lembrar que as inferências são imprescindíveis para se compreender um texto. Segundo Coscarelli (1999),

pode-se dizer que inferências são operações cognitivas que o leitor realiza para construir proposições novas a partir de informações que ele encontrou no texto. Essas operações ocorrem quando o leitor relaciona as palavras, organizando redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca informações em suas experiências para com elas recuperar os elementos faltosos no texto. (COSCARELLI, 1999, p. 104).

Ainda, de acordo com Dijk e Kintsch (1983), as inferências são responsáveis pela produção de macroestruturas. Essas macroestruturas representam a mensagem essencial do

texto, seria como uma síntese do texto, contendo, principalmente, as inferências globais.

Assim, podemos dizer que as inferências feitas pelo leitor/pesquisador durante a leitura das informações encontradas no processo de busca, colaborarão para a construção do texto que reunirá tais informações bem como as proposições, análises e conclusões feitas por esse leitor/pesquisador.

No entanto, para construir tal texto, o leitor/pesquisador e, agora, autor precisa ter noções de textualidade para que seu texto seja organizado e mantenha uma unidade coerente, apresentando legibilidade (LIBERATO & FULGÊNCIO, 2007).⁸

Costa Val (2006) afirma que essa unidade textual “se constrói, no aspecto *sociocomunicativo*, através dos fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade); no aspecto *semântico*, através da coerência; e, no aspecto *formal*, através da coesão” (COSTA VAL, 2006, p. 16).

Dessa forma, parece que antes de começar o processo de pesquisa, é necessário que o professor trabalhe com o aluno as habilidades de leitura e escrita, expondo-o a textos pertencentes a diferentes gêneros para que ele apreenda variadas estruturas textuais e estimulando-o a fazer leituras diferentes, sem impor nenhuma leitura como se houvesse um único sentido.

Uma leitura que tenta permanentemente reconstituir em vez de constituir sentidos; em vez de dar sentido ao conjunto e articular os sentidos produzidos com as próprias vivências, torna-se um exercício de encontrar unicamente o sentido desejado pelo autor, como se o prazer possibilitado pela leitura fosse identificado com a coincidência entre o dito e o entendido (RAMAL, 2002, p. 60).

Sem contar que o contato com textos e leituras diferentes pode estimular o aluno a desenvolver o questionamento crítico, a se posicionar diante das informações, o que, ainda, poderá facilitar o processo de produção de textos escritos/orais.

Produzir um texto, especificamente, um texto dissertativo, requer, antes do trabalho braçal de encher folhas de papel, a construção de uma opinião personalizada sobre o tema a ser tratado. O processo natural de produção começa, na verdade, com a escolha pessoal do tema (escrevo sobre um assunto a respeito do qual tenho algo a dizer) e inclui a busca de informações, a discussão com pessoas interessadas, o debruçar-se sobre os dados a fim de compor uma análise madura e consistente. O ato mecânico de

⁸ Liberato e Fulgêncio (2007) apresenta princípios de legibilidade que um texto deveria ter, o que facilitaria a leitura dele.

escrever é uma etapa posterior, embora não seja a última. Depois de escrever, vem o rever, o repensar, o reescrever, até que se considere o texto finalmente pronto (COSTA VAL, 2006) p. 126-127.

Sendo assim, podemos dizer que pesquisa, leitura e escrita estão interligados, o que reforça o fato de que esses três processos deveriam ser trabalhados em conjunto.

3. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, primeiramente, fizemos uma revisão bibliográfica que pudesse servir de parâmetro para a condução de nossa pesquisa. Enfatizamos estudos que tratassem da importância da pesquisa escolar no processo de ensino-aprendizagem bem como da relação dela com o formato hipertextual da internet, possível facilitador do processo de busca de informações.

Depois, baseado nos objetivos de nossa pesquisa, procuramos selecionar alguns procedimentos que pudessem nos ajudar, da melhor forma possível, coletar dados que nos permitissem traçar um panorama do processo de pesquisa escolar na internet de alunos das séries finais do ensino fundamental que tivessem uma rotina considerável de navegação na *web*, embora saibamos que este panorama não será o real, devido à pequena amostra desta população, servindo mais como uma possível noção da realidade. Assim optamos por questionário, observação e entrevista.

Definido os procedimentos, passamos para a etapa de coleta de dados que, no primeiro momento, nos permitiu selecionar os alunos que seriam investigados mais profundamente, ou seja, aqueles alunos que seriam observados enquanto realizavam uma pesquisa escolar.

Em seguida, organizamos todos os dados, conforme será descrito neste capítulo, a fim facilitar a visualização deles.

Enfim, analisamos os dados tendo como base o referencial teórico e os resultados obtidos.

3.1. Tipo de pesquisa escolhido

Considerando que o objetivo desta pesquisa é analisar como ocorre o processo de pesquisa escolar desde a busca por informações até a produção de um texto apresentando os resultados obtidos, optou-se por realizar uma pesquisa de caráter qualitativo.

Embora ciente de que, tipicamente, pesquisas qualitativas apresentam um formato longitudinal (LARSEN-FREEMAN e LONG, 1991), foi escolhido o formato transversal, devido à inviabilidade de tempo para se realizar uma pesquisa longitudinal. Essa escolha não invalida a presente pesquisa, já que, segundo Larsen-Freeman e Long (1991), não há nada que impeça a realização de estudos qualitativos em formato transversal. Sendo assim, os dados desta pesquisa foram coletados em um único período, subdividido em três momentos, de

acordo com cada etapa de coleta.

Como o foco deste estudo é o processo de pesquisa escolar de um grupo de alunos pertencentes à mesma instituição e habituados a navegar na web, parece pertinente optar pela realização de um estudo de caso, considerando, ainda, que não houve uma preocupação com a representatividade durante a escolha dos participantes. Embora não haja essa preocupação, espera-se que os resultados desta pesquisa possam fornecer subsídios para uma reflexão e, quem sabe compreensão do processo de pesquisa escolar, já que, segundo Stake (1995, 2005) citado por Dörnyei (2007, p.152), o estudo de caso pode facilitar a compreensão de algo maior, uma vez que a intenção dele é fornecer *insights* sobre um assunto generalizado.

3.2. Participantes

Participaram desta pesquisa os alunos que estão cursando o sexto ao nono ano do ensino fundamental em uma escola da rede privada de Cataguases em Minas Gerais e seus professores. Essa escolha deve-se a alguns fatores relacionados a cada ponto destacado acima em congruência com os objetivos da pesquisa.

O primeiro ponto, referente ao aluno estar no sexto, sétimo, oitavo ou nono ano, contempla um dos objetivos gerais indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental de quinta a oitava série de 1998 (hoje sexto a nono ano). Segundo tal objetivo, espera-se que o aluno seja capaz de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”(BRASIL, 1998, p. 56). É bom lembrar que as fontes de informação e o recurso tecnológico visados nesta pesquisa são o hipertexto digital e a internet e que se pretende verificar se esses alunos realmente sabem utilizar tais fontes e recursos para adquirir e construir conhecimentos.

O fato de a escola pertencer à rede privada pode representar uma chance maior de o aluno em questão ter computador, acesso à internet e o hábito de navegar na web devido ao nível sociocultural do público esperado em tal tipo de escola. Isso é importante uma vez que se poderá refletir sobre a existência ou não de relação entre navegar na internet frequentemente e realizar uma pesquisa de forma que se construa o próprio conhecimento.

O próximo ponto, referente à localização da escola, diz respeito ao fato de a pesquisadora, embora esteja de licença, lecionar na referida instituição e desejar refletir sobre a própria prática pedagógica bem como de seus colegas, tendo como parâmetro a compreensão do processo de pesquisa escolar dos alunos de tal escolar.

Já a participação dos professores está relacionada com a necessidade que se

manifestou nas pesquisadoras de se ter uma noção, ainda que superficial, da concepção dos professores sobre o processo de pesquisa dentro do ambiente escolar.

Cabe, ainda, destacar que os alunos e professores que aceitaram participar desta pesquisa o fizeram voluntariamente.

3.3. Métodos

Para a coleta de dados foi utilizada uma conjugação de métodos, visando atingir os objetivos desta pesquisa e endossando a afirmação de Dörnyei (2007, p. 152) de que, normalmente, os pesquisadores combinam vários métodos para coleta de dados em um estudo de caso. Nesta pesquisa, conforme mencionado anteriormente, foram acionados o questionário, a observação e entrevista.

3.3.1. Questionário

Elaboramos dois questionários, um que seria aplicado aos professores e o outro que seria aplicado aos alunos.

O questionário aplicado aos professores continha 10 questões, sendo 5 fechadas, 3 abertas e 2 mistas (fechadas e abertas) com a finalidade de se ter uma visão geral do posicionamento dos professores diante do processo de pesquisa escolar, principalmente, na internet (ver em anexo). Queríamos saber se o professor costumava solicitar a atividade de pesquisa aos alunos; se era permitido que os alunos utilizassem a internet como fonte de informação e o motivo; se o professor fornecia um roteiro aos alunos bem como uma referência bibliográfica, contendo livros, *sites*, dentre outras fontes de informação; a forma como ele pedia que seus alunos entregassem o trabalho final; se ele mostrava aos alunos como se faz uma busca na internet; o que o professor entendia como pesquisa; como costuma ser o texto escrito final que os alunos entregam para ele, se é cópia, paráfrase, elaboração própria, contendo posicionamento crítico; se dentro da concepção dele a internet ajuda ou atrapalha a pesquisa escolar e o motivo; a maneira como o professor costuma solicitar pesquisa aos alunos.

Esse questionário foi enviado pela internet através do *site* de levantamento de dados *SurveyMonkey* aos 16 professores da instituição que trabalham com os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Porém, obtivemos retorno de 6 professores.

Já o questionário aplicado aos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da instituição escolhida tinha a finalidade de traçar um panorama a respeito dos hábitos de navegação desses alunos, verificar o conceito de pesquisa deles, assim como a concepção deles sobre algumas etapas do processo de pesquisa escolar na internet. Nesse questionário havia 19 questões, sendo 16 fechadas, 1 aberta e 2 mistas (ver em anexo).

As sete primeiras questões foram referentes ao uso do computador e dos hábitos de navegação na internet: há quanto tempo o aluno usa o computador; se ele tem computador em casa; se tem o costume de acessar a internet; o local de onde mais acessa; a finalidade de uso; a frequência de uso; e a quantidade de tempo que fica na internet.

As questões seguintes referem-se, mais precisamente, à pesquisa escolar na internet, embora em alguns pontos a prática da pesquisa escolar tenha sido observada de forma abrangente como no caso das duas primeiras questões desta parte do questionário: se os professores pedem para fazer pesquisa; qual o significado de pesquisa para os alunos; se é mais fácil pesquisar em livros ou na internet e o motivo; se o professor fornece ao aluno os *sites* em que pode encontrar informações sobre o assunto solicitado; se o aluno costuma utilizar *sites* de busca para fazer uma pesquisa escolar; a forma como o professor pede que o trabalho seja entregue; se o aluno clica nos *links* presentes nos textos encontrados durante a pesquisa e o motivo; o que ele faz diante de uma página de resultados de um *site* de busca; se os professores já mostraram a ele como se faz uma pesquisa; se o aluno verifica a confiabilidade dos *sites*; o que ele faz depois de encontrar as informações necessárias na internet para a realização da pesquisa escolar; se ele menciona as fontes das informações no trabalho que entregará ao professor.

Esse questionário também foi utilizado para selecionar os alunos que seriam observados durante a realização de uma pesquisa escolar.

Para uma melhor visualização e análise do resultado dos questionários, apresentaremos os dados aqui coletados através de gráficos.

Cabe ainda ressaltar que tal questionário foi aplicado a 33 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental pertencentes à instituição referida nesta pesquisa. Esta quantidade de alunos refere-se ao número de alunos que aceitaram e tiveram a autorização dos responsáveis para participar desta pesquisa em um total de 100 alunos que estavam matriculados na escola à época da aplicação do questionário.

3.3.1.2. Critérios de seleção

Os critérios utilizados na seleção dos alunos que participariam das etapas seguintes desta pesquisa foram o tempo e a frequência de navegação, privilegiando os que mais navegavam, e a forma escrita de apresentação do resultado da pesquisa escolar (cópia literal, cópia com pequenas modificações, resumo, elaboração de um texto em que é manifestada a opinião do aluno), procurando abranger todas essas formas. Além disso, procurou-se selecionar representantes do sexto ao nono ano para que nenhuma turma ficasse de fora.

Dessa maneira foram selecionados 9 alunos, sendo 2 do 6º ano, 2 do 7º ano, 2 do 8º ano e 3 do 9º ano.

3.3.2 . Observação

Nesta etapa, os dados foram coletados a partir da observação de como o aluno-participante realiza uma pesquisa escolar.

O primeiro passo para a efetuação dessa etapa seria a escolha do tema que o aluno deveria pesquisar e construir um texto através das informações coletadas. Por tentar que a investigação ocorresse da forma mais natural possível, optamos por pedir a um professor que solicitasse aos alunos uma pesquisa. Essa pesquisa deveria constar no plano de curso do professor para que se fugisse o menos possível da rotina escolar. Acreditávamos na probabilidade de esse professor lecionar História, Geografia ou Ciências já que, pressupostamente, dentro da tradição escolar, as pesquisas são solicitadas em tais disciplinas. Porém, os professores que à época da coleta de dados desta etapa solicitaram uma pesquisa aos alunos foram os que lecionam Língua Inglesa e Música. Esse fato parece fornecer indícios de que, pelo menos na realidade desses alunos-participantes, a atividade de pesquisa escolar está presente em outras disciplinas, além daquelas em que normalmente tal atividade é solicitada.

Depois foi marcado com cada aluno selecionado, de acordo com a disponibilidade dele mediante uma lista de opções, um dia e horário extraclasse para a efetuação da coleta de dados em um dos laboratórios de informática da escola.

A instituição disponibilizou para nossa pesquisa um laboratório de informática com computadores conectados à internet por meio de banda larga, o que favoreceu nosso trabalho uma vez que esse tipo de conexão possui uma velocidade de navegação muito boa. Isso pode facilitar o processo de busca de informação, já que uma conexão lenta pode fazer com que o aluno desista de pesquisar e essa possibilidade poderia interferir em nossos dados e, até mesmo, inviabilizar nossa pesquisa.

Também foi disponibilizado um monitor para que auxiliasse a pesquisadora e os alunos, caso surgisse algum problema relacionado ao funcionamento do computador e/ou da internet.

O monitor instalou em 5 computadores do laboratório de informática utilizado para a presente pesquisa o *software* gratuito *wink*.⁹ Embora o objetivo principal desse *software* seja a elaboração de tutoriais, ele se mostrou útil nesta pesquisa por permitir a captura de tela. Assim, foi possível gravar, no próprio computador (em um pen drive), e, posteriormente, observar as ações de cada aluno-participante durante a realização da pesquisa escolar, desde a busca de informações por meio da navegação na *web* até a edição do texto final.

Com esses dados seria possível analisar se esses alunos-participantes utilizam ou não hipertextos para aprofundar o tema pesquisado, se eles constroem o próprio texto com as informações encontradas, tendo um posicionamento crítico diante delas ou se, simplesmente, copiam/colam.

Além disso, acreditamos que, com essa técnica, a probabilidade de o aluno sentir-se mais à vontade pudesse ser maior do que se fosse utilizada uma gravação de vídeo para a coleta desse tipo de dado, podendo haver, dessa forma, uma menor contaminação dos dados. Assim optamos por utilizar apenas a gravação por meio do *software wink*, mesmo sabendo que há uma possibilidade de ocorrer problemas técnicos, prejudicando a gravação de algum dos alunos aqui investigados. Caso isso ocorra, cremos que os dados extraídos da entrevista e do texto produzido pelo aluno como resultado de sua pesquisa possam contornar essa situação, dando-nos base para analisar o processo de pesquisa desse aluno.

Depois a pesquisadora assistiu a todas as gravações, fazendo uma descrição de cada uma com a finalidade de facilitar a análise.

3.3.3. Entrevista

Com o intuito de compreender melhor o processo de pesquisa escolar sob o viés dos alunos, foi feita uma entrevista logo após a realização da pesquisa escolar no próprio laboratório de informática.

⁹ Apesar de se ter instalado o *software wink* em 5 computadores, durante a observação do processo de pesquisa escolar só foi utilizado 1 computador, uma vez o horário em que cada aluno foi observado era diferente. A escolha de se instalar o *wink* em 5 computadores foi do monitor como forma de prevenção, caso houvesse algum problema no computador em que o aluno estivesse fazendo a pesquisa escolar.

Diante da gravação na tela do computador das ações feitas pelo aluno durante a pesquisa escolar, a pesquisadora questionou ao aluno a respeito das escolhas dele durante a busca por informações sobre o tema pesquisado, além da produção do texto final.

Não havia perguntas pré-elaboradas. A pesquisadora fazia perguntas de acordo com o processo de pesquisa de cada aluno e com as respostas dadas por ele tanto durante a entrevista quanto no questionário a fim de verificar melhor como acontecia a pesquisa e de esclarecer algumas dúvidas e/ou divergências entre o que o aluno fazia e o que ele dizia fazer. Essas perguntas giravam em torno das razões que levavam o aluno clicar ou não em um *link*, de usar ou não um *site* que trazia informações sobre o tema pesquisado, da relevância da pesquisa escolar para o processo de ensino/aprendizagem, da forma como o aluno produziu o texto.

Houve uma grande preocupação da pesquisadora em tentar não influenciar as respostas do aluno, procurando não demonstrar nenhum julgamento em relação às respostas dele. Ela também procurou estimular o aluno a falar, sem forçá-lo e evitando ao máximo de interrompê-lo, a menos quando ele fugia do foco e ela precisava direcioná-lo ou esclarecer alguma dúvida em relação à pergunta. Às vezes, um simples “hum-hum” encorajava o aluno a continuar falando sobre suas escolhas e ações no processo de pesquisa.

Esta entrevista foi gravada através de um gravador de áudio e, depois, transcrita pela própria pesquisadora para que se pudessem analisar melhor as falas dos alunos.

3.4. Tarefas

Conforme já foi mencionado, os alunos-participantes tinham que fazer uma pesquisa solicitada por um de seus professores, respeitando o plano de curso do professor, a fim de preservar o máximo possível a realidade escolar. Assim, à época da coleta de dados as professoras de língua inglesa e de música haviam solicitado uma pesquisa escolar para seus alunos, sendo que a de língua inglesa pediu aos alunos do 6º e do 9º ano e a de música aos alunos do 7º e do 8º ano.

A professora de língua inglesa pediu aos alunos do 6º ano que fizessem uma pesquisa sobre um determinado país escolhido por ela. No caso dos alunos-participantes de nossa pesquisa, os países eram Canadá e Espanha. No trabalho, deveriam constar informações sobre a nacionalidade, a língua, o clima, roupas típicas, pessoa famosa, cultura e capital do país.

Já aos alunos do 9º ano, ela solicitou uma pesquisa sobre a formação e a estrutura do tempo futuro na língua inglesa. Além disso, os alunos deveriam comparar o futuro com o

present perfect. Para esta pesquisa, a professora indicou dois sites: “<http://www.inglesfacil.com.br>” e “<http://inglesgratuito.com.br>”.

A professora de música pediu tanto aos alunos do 7º quanto do 8º ano que pesquisassem a biografia de um compositor da Música Popular Brasileira (MPB), destacando a discografia dele, sendo que os alunos-participantes do 7º ano deveriam pesquisar sobre Gal Costa e Gilberto Gil e os alunos do 8º ano deveriam fazer uma pesquisa sobre Chico Buarque.

Todos os alunos deveriam utilizar a internet como busca e fonte de informações e o *Word* na produção do texto, contendo o resultado do processo de pesquisa deles. Após o término do trabalho, uma cópia do texto ficou com os alunos para que pudessem entregar à professora para uma posterior avaliação e a outra cópia ficou com a pesquisadora.

3.5. Materiais

Os materiais utilizados nesta pesquisa foram:

- ✓ Papel A4;
- ✓ Caneta
- ✓ Computador;
- ✓ Internet;
- ✓ *Software* *wink*;
- ✓ Gravador de áudio digital;
- ✓ Pilha

3. 6. Procedimentos de análise

A análise e a discussão dos resultados serão feitas a partir dos dados sobre o processo de pesquisa escolar na internet de cada aluno, levando em consideração a concepção de pesquisa tanto dele quanto dos professores, observando se essa concepção influencia no processo de pesquisa do aluno. Será analisado como o aluno busca as informações na *web* e como ele as organiza para a produção de um texto.

Cabe ressaltar que, para a análise da produção textual do aluno, levaremos em consideração a concepção de textualidade de Costa Val (2006) que, conforme foi visto aqui, engloba fatores pragmáticos, semânticos e formais.

Também observaremos se o perfil dos alunos, traçado através do questionário, exerce influência na maneira como eles pesquisam.

Em alguns momentos, procuraremos contrastar os dados, buscando refletir sobre o processo de pesquisa escolar, principalmente, na internet.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os dados da pesquisa, levando em consideração a possível influência da concepção de pesquisa dos alunos no processo de pesquisa escolar na internet, desde a busca de informações até a produção de um texto, contendo os resultados a que eles chegaram. Para isso, apresentaremos, primeiro, os resultados obtidos através do questionário aplicado aos alunos. Esses resultados serão demonstrados por meio de gráficos, conforme já mencionado. Através deles será feito um perfil dos alunos-participantes além de ser possível ter uma visão geral a respeito do processo de pesquisa desses alunos. Em seguida, serão expostos os resultados obtidos através do *software wink*. Porém, apresentaremos os dados de cada aluno separadamente, procurando destacar como o aluno busca e seleciona as informações que serão utilizadas na pesquisa e se ele clica nos *links* contidos nos textos encontrados. Logo depois, serão apresentados os textos de cada aluno, comparando o texto produzido por ele com o texto-base extraído da internet, além de verificar se o texto trata de uma cópia literal, de uma cópia com pequenas modificações, de um resumo, de elaboração própria, contendo posicionamento crítico. Por último, serão expostos, também por meio de gráficos, os resultados obtidos através do questionário aplicado aos professores. Além disso, procuraremos, sempre que possível, contrastar os resultados aqui obtidos com os resultados de outras pesquisas que também tiveram a pesquisa escolar na internet como objeto de estudo.

Em relação aos dados obtidos através da entrevista, optamos por apresentá-los e discuti-los no decorrer deste capítulo, sem nos preocuparmos com uma ordem pré-estabelecida, a fim facilitar a leitura deste trabalho, uma vez que, durante a entrevista, a pesquisadora procurou esclarecer dúvidas que surgiram na análise dos dados obtidos através do questionário aplicado aos alunos assim como tentar compreender melhor o processo de pesquisa escolar em si.

Antes, porém, de apresentarmos os resultados, é importante esclarecer que com o intuito de preservar a identidade dos alunos-participantes desta pesquisa, optamos por nos referir a eles através de um código. Cada aluno será representado pela letra **A** (aluno(a)), por um número, seguido por uma barra e pela especificação da série que ele está cursando. Assim, a título de exemplo, o aluno será identificado da seguinte forma: **A3/7º**. Também tentando preservar a identidade dos professores, optamos por identificá-los através da letra **P** e de um número: **P3**.

4.1. Perfil dos alunos-participantes

Conforme foi mencionado anteriormente, as primeiras questões aplicadas aos alunos-participantes referiam-se ao uso do computador e à rotina de navegação deles na internet. A partir dessas questões foi possível traçar um perfil desses alunos, o que nos ajudou na reflexão sobre uma possível influência desse perfil no processo de pesquisa escolar desses alunos.

Assim, foi verificado que 91% desses alunos utilizavam o computador há mais de 3 anos, 9% há até 3 anos e nenhum possui menos de 1 ano de uso, sendo que todos possuem computador em casa. Isso demonstra que os alunos-participantes desta pesquisa apresentam um tempo de prática considerável em se tratando de tecnologia digital, além de ter facilidade de acesso.

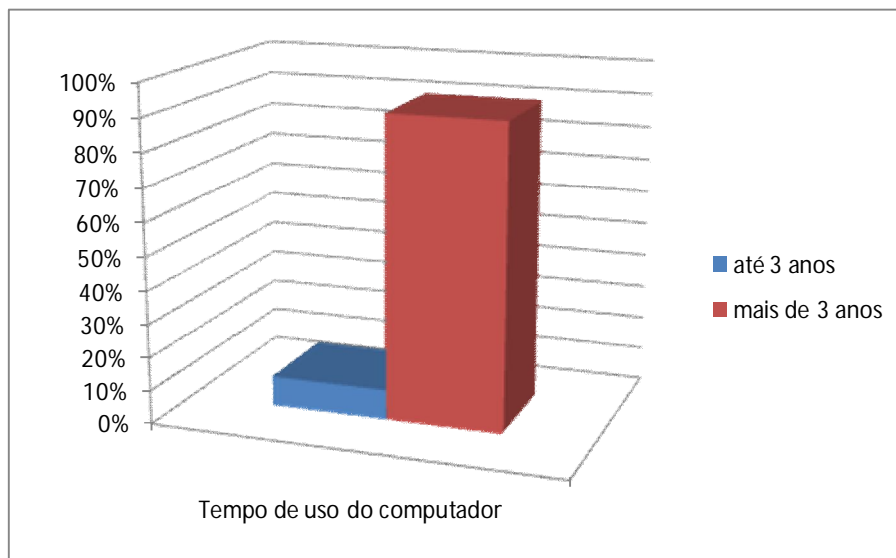


Gráfico 1: Tempo de uso do computador

Em relação à acessibilidade à internet, foi constatado que todos os alunos possuem o costume de acessá-la e que o local de onde eles mais acessam é a própria casa, o que é justificável por possuírem computador em casa. Quando questionados a respeito da finalidade do uso da internet, todos afirmaram utilizá-la para fazer pesquisa escolar. Esse fato pode ser animador se considerarmos que a escola esteja utilizando os benefícios da internet em suas práticas didáticas, não sendo tão avessa aos avanços tecnológicos. Porém pode representar um fator negativo, caso ela não esteja sendo explorada adequadamente. É isso que verificaremos quando apresentarmos os demais dados.

Outro ponto que chamou atenção em relação ao uso da internet é que 58% dos alunos a utilizam com o intuito de buscar informação, o que sugere que muitos alunos já aderiram a ela como fonte de informação. Mas, por outro lado, se levarmos em conta que busca de informação faz parte do processo de pesquisa escolar, parece que uma grande parte dos alunos não fazem essa associação, já que não houve unanimidade neste item. É como se pesquisa escolar e busca de informação fossem duas práticas totalmente distintas. Essa possibilidade nos preocupa por parecer que pesquisa escolar não seja considerada importante, proveitosa para tais alunos.

Também constatamos que os usos da internet mais frequentes desses alunos referem-se ao *Orkut* (94%), *MSN* (94%), *e-mail* (82%) e *jogos* (73%), sugerindo que para eles a internet é uma ferramenta bem explorada para a comunicação, relacionamento e diversão. No entanto, apesar de o *chat* englobar o *MSN*, dentre outros sites de bate-papo, apenas 9% afirmaram usá-lo. Talvez por não fazerem essa associação ou por optarem por *sites* ou mecanismos em que, normalmente, a comunicação ocorre entre conhecidos e/ou por afinidade. Já em relação ao *blog*, 55% dos alunos afirmaram utilizá-lo. Esses números parecem demonstrar uma grande aceitabilidade da internet por esses alunos, instigando-nos a refletir sobre como podemos explorar tais mecanismos no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, apesar de estimulante, optamos por focar esse trabalho na pesquisa escolar, deixando esses outros pontos para futuras reflexões.

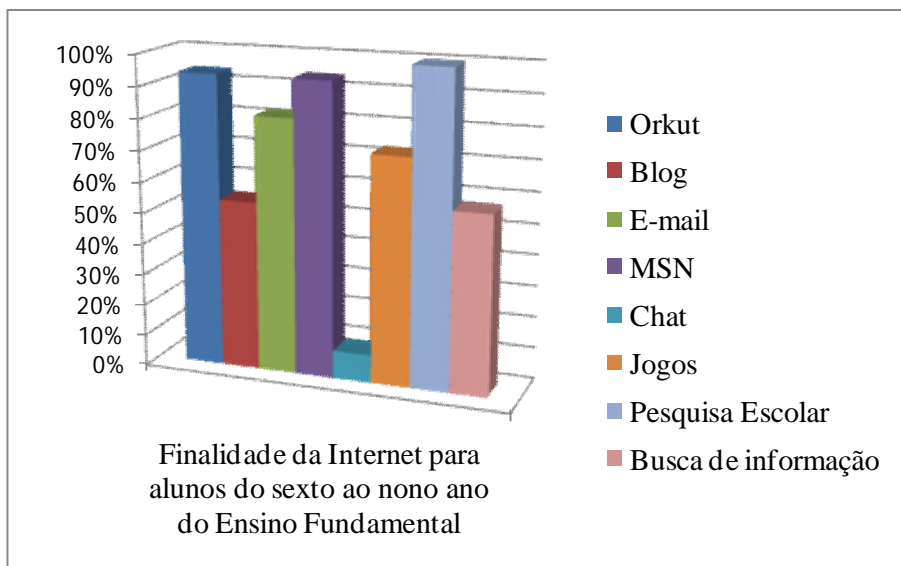


Gráfico 2: Finalidade da internet

Outra questão investigada foi a frequência do uso da internet que, também, demonstrou que a internet faz parte da rotina da maioria desses alunos, já que 67% dos alunos afirmaram acessar todos os dias a internet, 15% três vezes por semana, 9% apenas nos finais de semana, 6% raramente, 3% apenas durante a semana e ninguém afirmou acessá-la somente uma vez por semana.

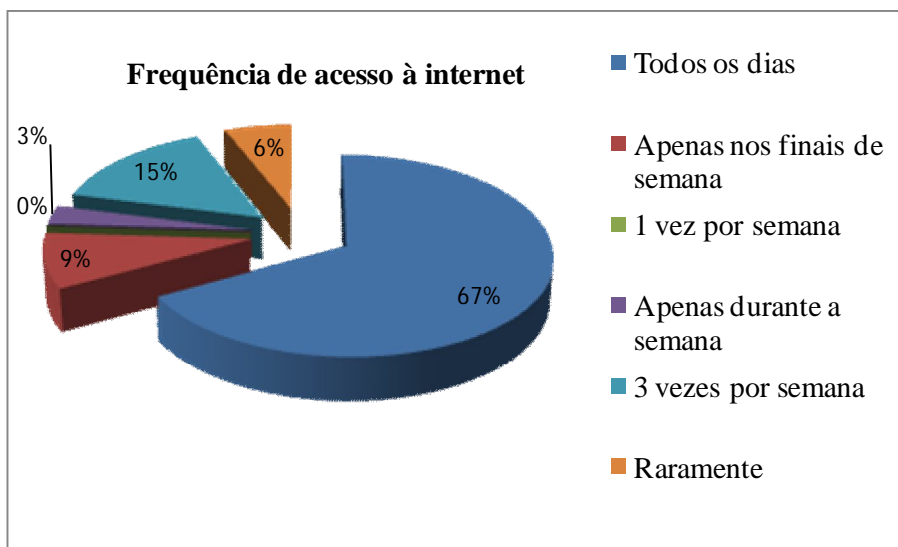


Gráfico 3: Frequência de acesso à internet

O tempo em que o aluno fica na internet também corrobora o fato de ela ser presente na rotina de tais alunos, reforçando a familiaridade deles com esta tecnologia. A maioria deles, quando acessa a internet, permanece conectada de 1h a 4h (61%) e se somarmos esse percentual com os que ficam mais de 4h (18%), temos um total de 79%. Os alunos que navegam menos de 1h representam 18%, os 3% restantes não responderam a essa questão.

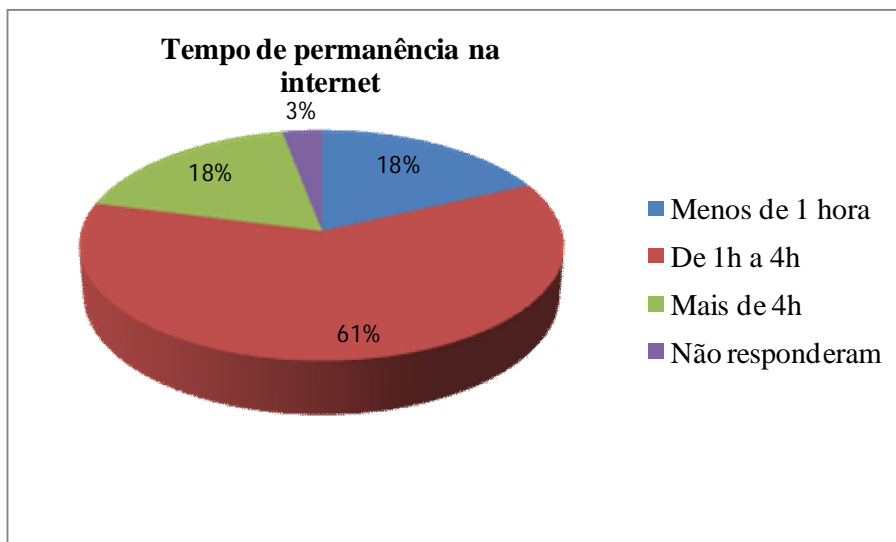


Gráfico 4: Tempo de permanência na internet

Diante desses dados, parece que a maioria dos alunos-participantes desta pesquisa possui uma familiaridade considerável com as tecnologias digitais, utilizando frequentemente o computador, principalmente, navegando na internet. Esse fator é importante para este trabalho à medida que pode implicar em pouca ou nenhuma dificuldade em manusear as ferramentas do computador e da internet no momento da execução da atividade de pesquisa por parte dos alunos. O não saber lidar com tais ferramentas pode ser um obstáculo quando se realiza qualquer tipo de atividade no computador e na internet.

4.2. O processo de pesquisa sob o olhar dos alunos

Analisado o uso do computador e da internet pelos alunos-participantes, vamos verificar como esses alunos veem o processo de pesquisa escolar, principalmente, na internet. Aqui será visto o que eles entendem por pesquisa e como ela ocorre dentro do ambiente escolar, de acordo com esses alunos. Para isso, discutiremos agora os demais resultados obtidos através do questionário aplicado aos alunos.

Observamos que, segundo esses alunos, 33% dos professores sempre pedem que os alunos façam pesquisa e 61% às vezes. Nenhum dos alunos respondeu que essa prática é realizada raramente, ou seja, parece que a pesquisa escolar é uma tarefa requisitada pelos professores com uma certa frequência, apesar de haver algumas diferenças na resposta de alunos pertencentes à mesma turma. Além disso, 6% dos alunos não responderam a essa questão.

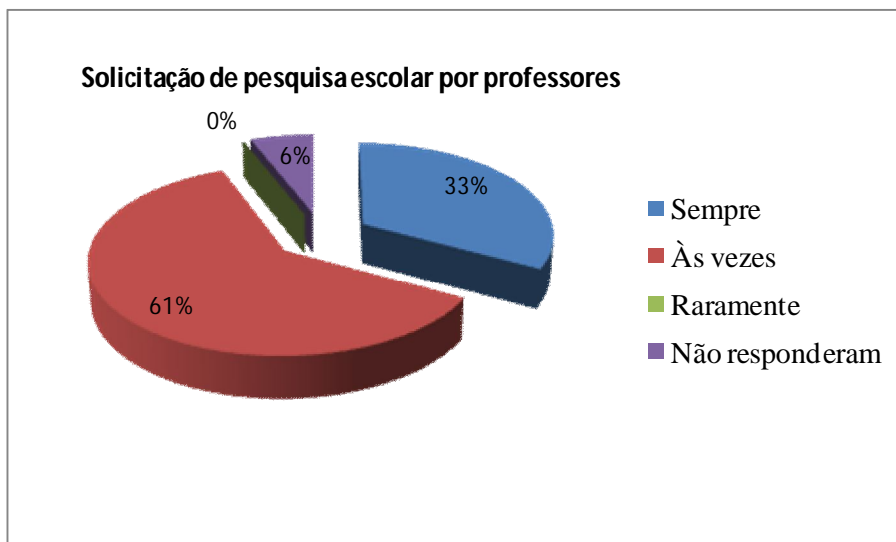


Gráfico 5: Solicitação de pesquisa escolar por professores

Ao analisarmos as respostas dos alunos a respeito do que era pesquisa para eles, percebemos que era possível reuni-las em grupos de acordo com as associações feitas pelos alunos com o conceito de pesquisa.

O primeiro grupo abrange as respostas que deixaram transparecer uma relação com a busca de informações:

A3/6°: É fazer uma “procura” por o que você quer saber, ou o que mandam você fazer.

A9/6°: É procurar em livros e na internet o assunto pedido.

A11/6°: Pesquisa é saber o que é. Onde ocorre e sempre procurar informações.

A13/6°: É uma busca de algo pedido para pesquisar de alguém ou a pedido de si próprio.

A15/7°: Pesquisa é uma busca de informações mais profunda.

A18/8°: Pesquisa pra mim é achar algo mais sobre aquilo que você já sabe um pouco.

A23/9°: Quando você pesquisa em vários sites e encontra várias coisas diferentes.

A26/9°: Pesquisa é tudo aquilo que você tem que pesquisar sobre um tema.

A27/9°: Buscar informações sobre algo.

A31/9°: É procurar o significado de alguma palavra ou tentar descobrir algo sobre algum fato histórico. É procurar essas coisas em livros, INTERNET, ou até com alguns familiares que dominam um pouco do assunto.

A33/9°: É você poder pesquisar em vários sites para ter mais informações.

No segundo grupo podemos perceber uma associação do conceito de pesquisa com busca, conhecimento, aprendizado:

A2/6°: É conhecer coisas que você não sabe através de um meio comum.
 A5/6°: Saber uma coisa nova e se interessar pelo assunto.
 A6/6°: Pesquisar sobre o que estou estudando.
 A7/6°: Pesquisar é procurar na internet, livro e etc... coisas que você quer saber.
 A10/6°: Busca e aprendizado.
 A14/7°: Buscar informações sobre assuntos que ainda não sei.
 A16/7°: Um pouco mais de conhecimento, diversão e estudo.
 A19/8°: Achar a coisa que foi pedida, saber mais sobre as coisas ou seja ficar informado!.
 A20/8°: É pesquisar coisas ou lugares através da internet, livros ou outras coisas. E aprender melhor através de pesquisas.
 A21/9°: É busca de conhecimento. Os professores (na minha opinião)¹⁰ pedem para fazermos pesquisas, em troca de adquirirmos conhecimentos através das mesmas.
 A29/9°: Descobrir e aprender sobre um determinado assunto ou aperfeiçoar o conhecimento adquirido, em seguida resumir sobre o que aprendi naquela leitura.
 A30/9°: É buscar informações de algo que precisa saber, ficar sempre informado. Quando você faz uma pesquisa você acaba enriquecendo a sua sabedoria.

Também encontramos alguns alunos que relacionaram pesquisa com uma tarefa escolar. Neste caso, é possível perceber que para alguns a pesquisa parece não ter significado ou importância em relação ao aprendizado, conhecimento do aluno. Ela é simplesmente uma tarefa que se faz para a escola e não para conhecimento próprio.

A4/6°: É olhar resposta de deveres, ver calculadora e também pesquisar coisas de História e Geografia.
 A12/6°: Para mim é um tipo de informação que o professor pede ou até mesmo por nossa conta.
 A17/7°: É pesquisar uma informação para escola.
 A24/9°: Um dever de casa que o professor passa para ser feito em casa com ou sem grupo.
 A28/9°: É buscar algo importante (informações) que precisamos para realizar vários trabalhos escolares, ficar por dentro de tudo, etc.

Neste caso, é possível perceber que para alguns alunos, como o A17/7°, a pesquisa parece não ter significado ou importância em relação ao aprendizado. Ela é simplesmente uma tarefa que se faz para a escola e não para conhecimento próprio. Segundo ele, pesquisa “é pesquisar uma informação para escola”.

¹⁰ Aqui, optou-se por colocar a cor da fonte vermelho para respeitar a escolha do aluno que escreveu essa expressão com caneta de tinta vermelha.

Ainda foi possível perceber que alguns alunos associaram o conceito de pesquisa com busca e aprendizado:

Como podemos perceber, de acordo com as concepções de pesquisa aqui expostas, para a maioria dos alunos, pesquisa significa busca, procura. Alguns a compreendem como aprendizado, conhecimento; outros como uma tarefa escolar. Mas para eles, praticamente, a pesquisa não representa um processo em que a busca seria simplesmente uma das etapas iniciais. Apenas o aluno A29/9º avançou um pouco mais nesta concepção. Para ele, pesquisa é “descobrir e aprender sobre um determinado assunto ou aperfeiçoar o conhecimento adquirido, em seguida resumir sobre o que aprendi naquela leitura”. Aqui temos a busca que poderia ser relacionada com o “descobrir”, seguida pelo aperfeiçoamento do conhecimento a partir de tais descobertas e o ato de resumir que poderíamos vislumbrar como uma forma de textualizar o que o aluno aprendeu das leituras feitas a respeito do assunto pesquisado.

Posteriormente verificaremos se esta concepção de pesquisa influencia na estrutura do trabalho desses alunos, apresentado como resultado da pesquisa escolar, solicitada por seus professores.

Ainda questionamos os alunos sobre em qual fonte eles consideram mais fácil pesquisar. A maioria deles, 82%, afirmou ser mais fácil pesquisar na internet, 15% nos livros, nenhum deles citou outra fonte e 3% não responderam.

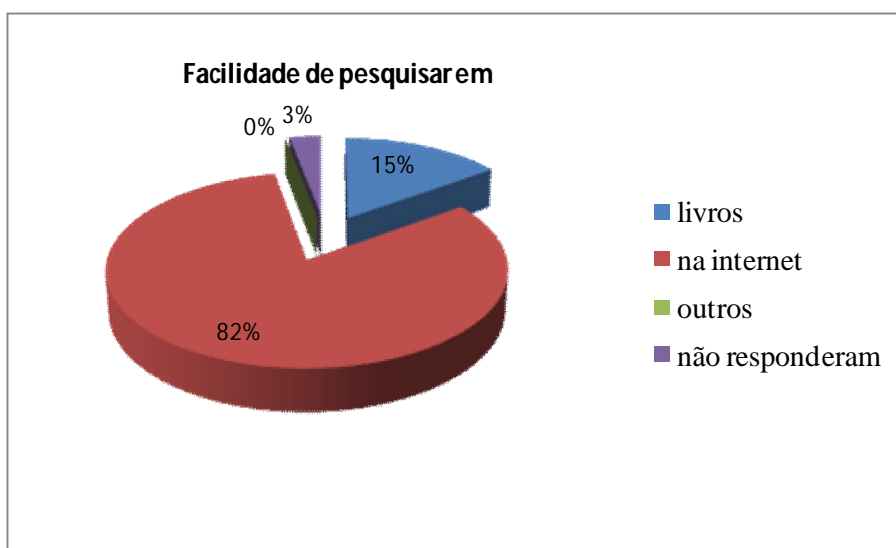


Gráfico 6: Local de facilidade de pesquisa

O percentual dos que preferem pesquisar na internet ainda poderia ser aumentado se considerarmos a justificativa dos alunos pela escolha. Houve 3 casos em que os alunos

optaram pelo livro e, durante a justificativa pareceu que eles compreenderam a pergunta como qual fonte seria mais difícil pesquisar.

A2/6°: Em livros, em revistas. Porque gasto um tempo.

A11/6°: Em livros. Porque tem que ficar procurando a pág. o parágrafo e outras coisas.

A15/7°: Em livros. Porque é mais difícil encontrar exatamente o que queremos.

Ao analisarmos as justificativas dos alunos que preferem pesquisar na internet, foi possível perceber que, para eles, a internet representa rapidez, precisão, economia de tempo e trabalho, objetividade, variedade e disponibilidade de informação, de dados.

A1/6°: Porque lá na internet é só escrever que a própria internet acha pra você.

A3/6°: Porque é mais fácil que ficar virando folhas o dia todo em uma biblioteca.

A4/6°: Porque a internet é mais rápida e precisa.

A7/6°: Porque lá você digita no Google o que você quer e acha, já no livro é mais difícil você tem que folhear o livro para achar.

A14/7°: Porque existem mais dados e não é preciso transcrever para o manuscrito.

A16/7°: Porque é só digitar e ver se está legal.

A25/9°: Porque é mais rápido. Se caso a página que você abriu não era o esperado. Tem várias outras disponíveis.

A28/9°: Porque na Internet podemos encontrar em sites confiáveis, tudo o que diz nos livros.

A29/9°: É mais prático a pesquisa na internet, pois em apenas alguns cliques é possível achar com precisão o assunto pesquisado.

Também é possível depreender da maioria destes depoimentos que parece haver muita expectativa em torno da internet. É como se ela fosse uma fórmula mágica capaz de solucionar os mais variados problemas referentes à pesquisa. Sabemos que nem sempre é possível encontrar tudo o que procuramos na internet. Além disso, embora os buscadores na internet costumem oferecer uma gama de resultados referentes ao assunto pesquisado, é preciso que saibamos selecionar os mais confiáveis, relevantes, coerentes. Não basta sair clicando no primeiro *link* oferecido pelo buscador e achar que a pesquisa está pronta como alguns alunos aparentam fazer de acordo com as respostas aqui apresentadas ou como Santos (2007) observa em seu artigo “Pesquisa na Internet: Cópia/Cola????”.

Em seguida, questionamos aos alunos se os professores, ao pedirem uma pesquisa na internet, fornecem *sites* em que se podem encontrar informações sobre o assunto solicitado. Como é possível visualizar no gráfico abaixo, essa não é uma prática frequente dos

professores. Segundo os alunos-participantes, 21% dos professores não fornecem *sites* ao solicitarem que os alunos façam uma pesquisa, 73% fornecem às vezes e nenhum dos professores tem o costume de sempre indicar os *sites* para os alunos. (6% dos alunos não responderam).

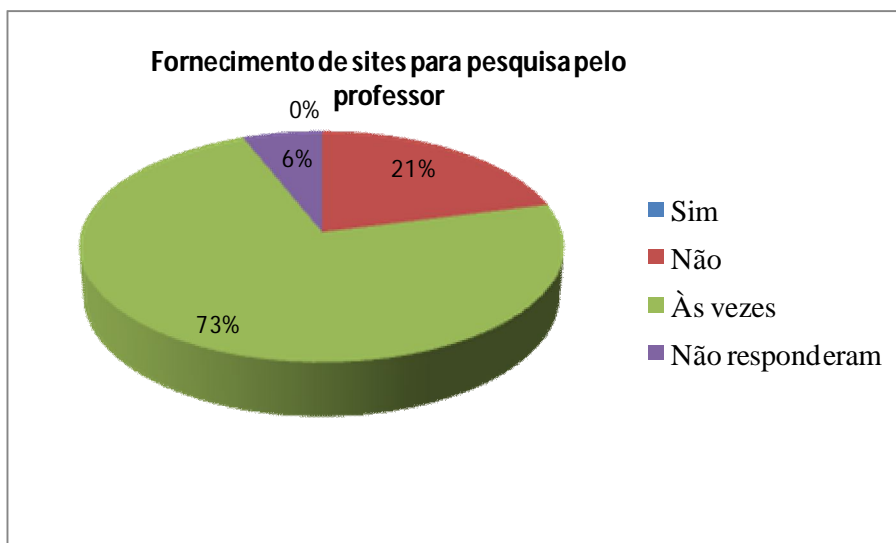


Gráfico 7: Fornecimento de sites para pesquisa pelo professor

Outro ponto averiguado no questionário era se os alunos costumam utilizar *sites* de busca como o Google, Yahoo!, dentre outros, para fazer a pesquisa escolar. Embora 6% dos alunos não tenham respondido a essa questão, podemos dizer que houve uma unanimidade quanto ao uso de tais buscadores, visto que os demais alunos responderam afirmativamente a esse item.

Também queríamos saber a forma de entrega do trabalho exigida pelo professor. Neste item, foi permitido ao aluno marcar mais de uma opção, já que pode haver variação entre os professores ou o mesmo professor pode variar a forma de pedir. A opção disquete não foi assinalada por nenhum aluno, demonstrando que essa prática parece estar se tornando obsoleta. 94% dos alunos afirmaram que o resultado da pesquisa é solicitado impresso, 85% escrito manualmente, 39% por e-mail e 24% de outras formas.

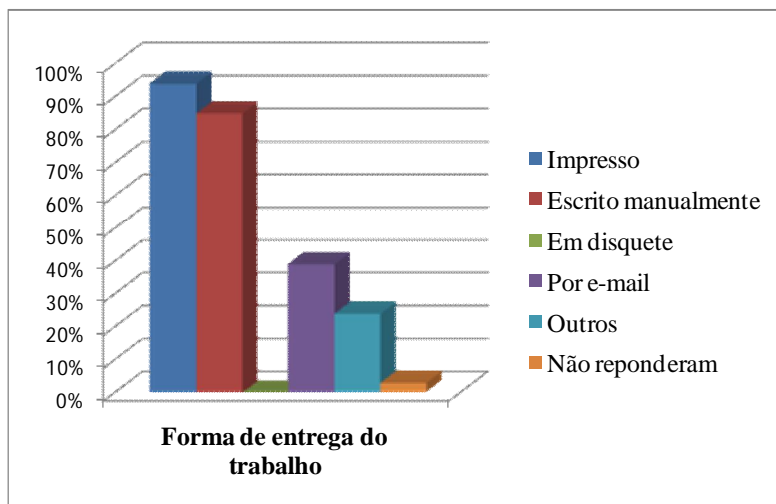


Gráfico 8: Forma de entrega do trabalho

Dentre essas formas, as citadas foram: *slide; PowerPoint; pen-drive* e celular. Talvez se tivéssemos colocado essas opções teríamos um percentual diferente, visto que algumas pesquisas demonstraram que professores têm valorizado mais a apresentação oral do trabalho em detrimento da escrita (FERNANDES e BERNARDES, 2002; CARVALHO, 2007).

O texto de pesquisa escolar passa a ser avaliado pelo professor, de acordo com o desempenho do próprio aluno em apresentá-lo oralmente, demonstrando ter conhecimento daquilo que nele contém, ou seja, daquilo que ele produziu com o auxílio de outros autores transformando-o em seu próprio enunciado. O registro escrito passa a ser avaliado apenas em sua dimensão “estética” – repetindo aqui a própria palavra utilizada pelo adolescente – ou, melhor seria dizer, menos pelo seu sentido que por seus aspectos externos os quais dão forma ao seu significado – na acepção que Bakhtin oferece a estes termos (FERNANDES e BERNARDES, 2002, p.8).

Buscar mais informações na internet implica clicar em *links*. Assim questionamos aos alunos se eles clicam nesses *links*, quando se deparam com um texto contendo tais mecanismos durante a pesquisa escolar. A maioria dos alunos não realiza essa prática, representando um percentual de 67%. Apenas 6% afirmaram clicar nos *links* e 24% disseram que, às vezes, clicam. 3% dos alunos não quiseram responder a esta questão. Tais números parecem demonstrar que, apesar de o *link* apresentar uma estrutura atrativa, nem sempre ele será clicado pelo leitor como procurou expor Xavier (2009).

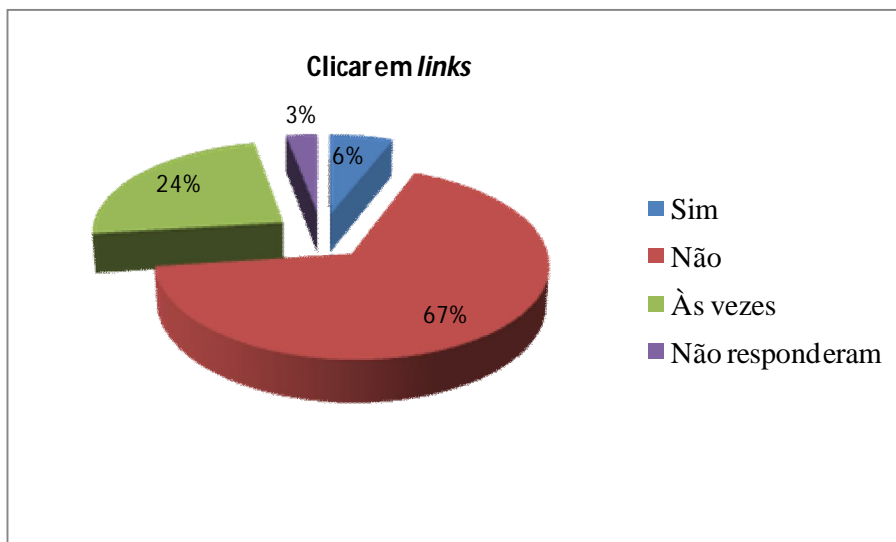


Gráfico 9: Clicar em *links* presentes nos textos encontrados durante a pesquisa escolar

Também pedimos que os alunos justificassem o ato de clicar ou não nos *links*. Muitos que afirmaram não clicar nos *links* ou efetuar essa prática às vezes disseram temer a existência de vírus.

A3/6°: Às vezes. Pois às vezes pode ser vírus. Ou seja, já que eu sou “profissional”, eu sei de cor o que é vírus e o que não é.

A11/6°: Não. Porque acho perigoso e acho que tem vírus.

A16/7°: Não. Porque pode ser vírus e meu computador pode perder os arquivos.

A20/8°: Às vezes. Tenho medo que seja vírus.

A29/9°: Não. Esses links, abrem novos links. Geralmente transmitem vírus ao computador.

Talvez essas justificativas estejam relacionadas com a possibilidade de tais alunos não estarem tão informados a respeito de vírus virtual ou por não saberem o que seja *link* ou, ainda, por não terem compreendido a questão. Na tentativa de esclarecer essa dúvida, durante a entrevista, primeiro, a pesquisadora questionou aos alunos selecionados para participar da etapa posterior deste trabalho se eles sabiam o que era um *link*. Foi constatado que todos, sem exceção, sabiam o que era, conforme podemos verificar nos fragmentos abaixo, onde até descreveram o *link*.

E: Me mostra um exemplo de um link aí pra eu ver.

A20/8°: Isso aqui seria meio que um link. (Ele apontou para os resultados no Google).

E: E na Wikipédia?

A20/8º: Como assim?

E: No site da Wikipédia tem links lá?

A20/8º: Tem um monte. Deixa eu voltar lá. (Foi ao site do Wikipédia e me mostrou um link) Aqui ó.

E: Me mostra um link aqui.

A14/7º: Link?

E: É.

A14/7º: Este. Este é um link (Apontou para o índice do Wikipédia) Só que é um link que vai descer lá pra baixo, não é pra outro site.

E: E isso aqui? É um link? (Eu apontei para uma palavra em azul dentro do texto sobre Gilberto Gil)

A14/7º: É. O que ta em azul é link.

E: E ele vai pra..

A14/7º: Pra outras, páginas.

E: O que são essas palavras destacadas em azul?

A9/6º: As palavras destacadas em azul? É tipo assim, aqui ta escrito as coisas, mas quando a gente não sabe o significado, a gente clica nelas e mostra as coisas, tipo Leonardo da Vinci, mostra a história do Leonardo da Vinci.

E: Você sabe como é que chama essas palavras em azul? Qual que é o nome delas?

A9/6º: Link.

Depois a pesquisadora questionou os alunos, novamente, se eles clicavam em *links* bem como o motivo dessa atitude. Os alunos que haviam respondido no questionário não clicar por causa do receio de ser vírus mantiveram suas respostas. Diante disso, parece que alguns alunos não possuem conhecimento suficiente sobre o que poderia ajudá-los identificar a possível presença de um vírus virtual como, por exemplo, passar o cursor no *link* sem clicar para que seja possível visualizar o endereço virtual dele e verificar a confiabilidade de tal endereço. Durante as entrevistas foi possível perceber que há divergências até mesmo de em que *site* seria mais provável encontrar um vírus. Assim parece que esse fato pode representar um obstáculo, atrapalhando ou impedindo que o aluno avance durante a pesquisa escolar.

E: Não? Você tem o costume de clicar nesses links?

A9/6º: Quando eu não sei a palavra sim. Mas na Wikipédia.

E: Só na Wikipédia?

A9/6º: Sim. Porque nas outras palavras eu não sei se pode ser vírus ou não.

E: [...] Você clica neles (*links*) ou não? Por quê?

A20/8º: Não clico. Porque poderia ser vírus.

E: Você acha que esses aqui vão ser vírus? (A pesquisadora apontou para *links* na Wikipédia.

A20/8º: Talvez.

E: Você já clicou em algum deles pra ver?

A20/8º: Humhum.

E: E aí foi vírus?

A20/8º: E foi vírus.

E: Dentro da Wikipédia?

A20/8º: Ahã. Lá em casa. Sério?

E: É?

A20/8º: Porque ali, é eu cliquei, o site que me levou não era da Wikipédia, era de outro, de outro site. E na hora que eu cliquei já detectou vírus.

Voltando aos resultados extraídos do questionário, percebemos que outros alunos associaram os *links* com o significado de palavras o que nos fez refletir sobre a possibilidade de a maioria dos textos encontrados e utilizados por esses alunos durante a pesquisa escolar na internet estar localizado na Wikipédia, que, normalmente, contém conceitos e significados nos *links*.

A10/6º: Sim. Porque às vezes são palavras que eu não sei o que é.

A15/7º: Não. Porque não me preocupo o que são aquelas palavras e prefiro perguntar o professor pois acho que ele poderá me explicar melhor.

A25/9º: Às vezes. Geralmente é o significado das palavras, não dou muita importância para isso.

A33/9º: Não. Não tenho costume, pois pesquiso as palavras que estão com links no dicionário.

Nesse caso, é possível perceber que alguns alunos, independente da frequência ou não do ato de clicar em *links*, parecem demonstrar uma preferência em buscar o significado de palavras por meio de dicionário ou do professor.

Alguns alunos demonstraram que a decisão de clicar ou não nos *links* está relacionada com a relevância de tais *links* para a realização da pesquisa escolar, o objetivo da pesquisa, a relação deles com o assunto pesquisado.

A13/6º: Não. Pois já sabendo do pesquisado não procuro mais profundamente.

A18/8º: Às vezes. Às vezes quando preciso saber mais sobre o assunto eu clico.

A21/9º: Às vezes. Pois há coisas que não conheço, que na hora de apresentar o trabalho, ler o que é o link, ajuda muito.

A26/9º: Às vezes. Depende do link se for do assunto que a gente está estudando se for sim, mas se não for não.

A27/9º: Não. Porque eu acho que isso não vai interferir na minha pesquisa.

A28/9º: Às vezes. Para ver se há outras informações sobre o tema pesquisado.

Essas respostas parecem comprovar os estudos de Gualberto (2008) em que foi possível verificar que a materialidade lingüística do *hiperlink* influencia no acesso aos hipertextos assim como a proposta da tarefa solicitada pelo professor. Se os alunos não

identificarem uma relação entre a palavra que materializa o *link* com o assunto pesquisado, eles não acessam *os links*, o que também foi confirmado através dos dados extraídos da entrevista.

E: Você clica nesses links?

A10/6º: Às vezes.

E: Quando você clica?

A10/6º: Às vezes quando eu tô na internet eu clico lá se tiver alguma coisa relacionada com o meu trabalho

E: Aí você não clica por quê?

A14/7º: Ah porque assim eu não gosto de clicar. Primeiro, dependendo do link pode até parecer vírus no computador, essas coisa assim. E também se eu fosse clicar devia ser muito importante entendeu?

E: Humm

A14/7º: Não tem a ver, por exemplo, eu clico em músico aqui (link na página da Wikipédia sobre Gilberto Gil). Esse músico vai dizer a definição de músico. Eu não preciso saber da definição de músico, entendeu?

E: Humhum.

E: Se tivesse uma informação que você julgava ser importante, você...

A14/7º: Sim eu clicaria.

Além disso, se a proposta da pesquisa não estimular a busca por mais informações, eles não sentem necessidade de acessar os *links* como deixa claro o aluno A13/6º que, conforme vimos acima, não procura mais profundamente quando já encontrou o que julgava ser necessário para a pesquisa.

Ainda voltaremos neste assunto nesta pesquisa, quando analisarmos os dados coletados durante a observação de pesquisa escolar realizada pelos alunos-participantes da segunda etapa do presente trabalho. Assim, talvez possamos confirmar se essas atitudes realmente procedem.

Também investigamos qual era a atitude do aluno ao se deparar com os resultados apresentados por um *site* de busca, durante a pesquisa escolar na internet. Nenhum aluno afirmou abrir o primeiro *site* apresentado na página de resultados, 64% disseram que abrem alguns *sites* apresentados na página de resultados e verificam quais se relacionam com o assunto que buscam e 36% declararam ler o resumo que cada *site* apresentado traz na página de resultados e abrir apenas os *sites* que parecem se relacionar com o assunto buscado. Esse resultado parece animador, uma vez que contraria o discurso comum de que os alunos costumam abrir a primeira página que aparece quando pesquisam na internet. Porém, é necessário cautela para não tirarmos conclusões precipitadas, já que há o risco de alguns

alunos terem assinalado a opção que eles julgavam que era a desejada por nós, pesquisadoras. Essa questão poderá ser esclarecida na análise dos dados da segunda etapa desta pesquisa.

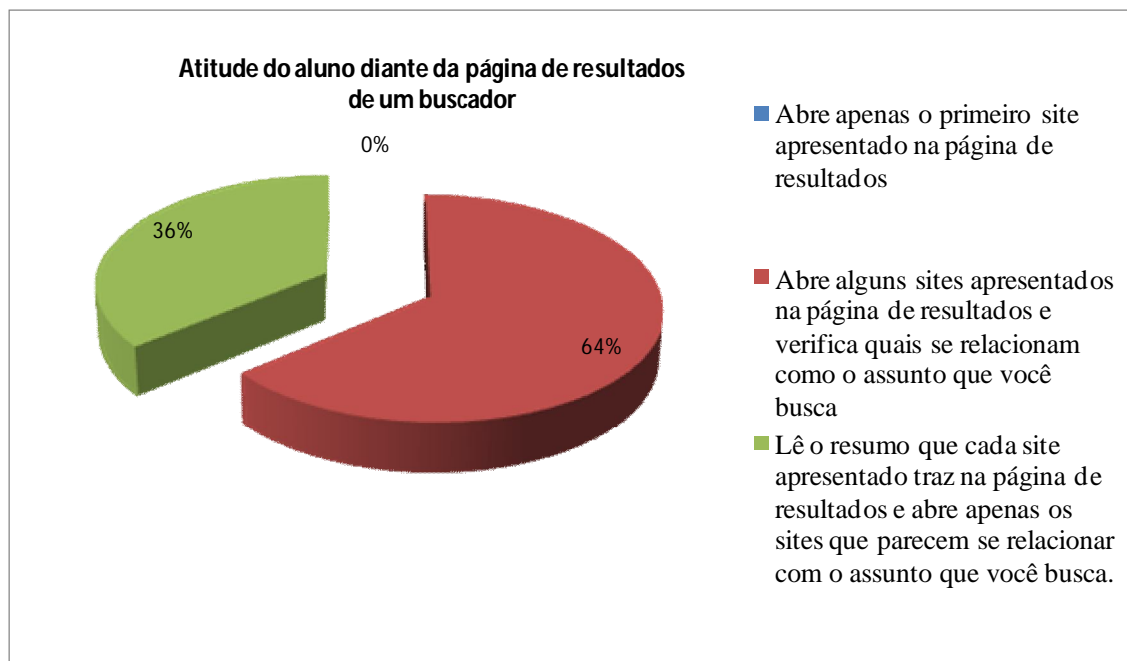


Gráfico 10: Atitude do aluno diante da página de resultados de um buscador.

Em seguida, questionamos aos alunos se os professores já lhes mostraram como se faz uma busca na internet. Segundo os alunos, a maioria de seus professores (73%) já demonstraram como se faz uma busca na internet contra 21% que não demonstraram. No entanto, não podemos confiar muitos nesses resultados, pois houve divergência de resposta entre alunos da mesma turma. Também informamos que 6% dos alunos optaram por não responder a esta questão.

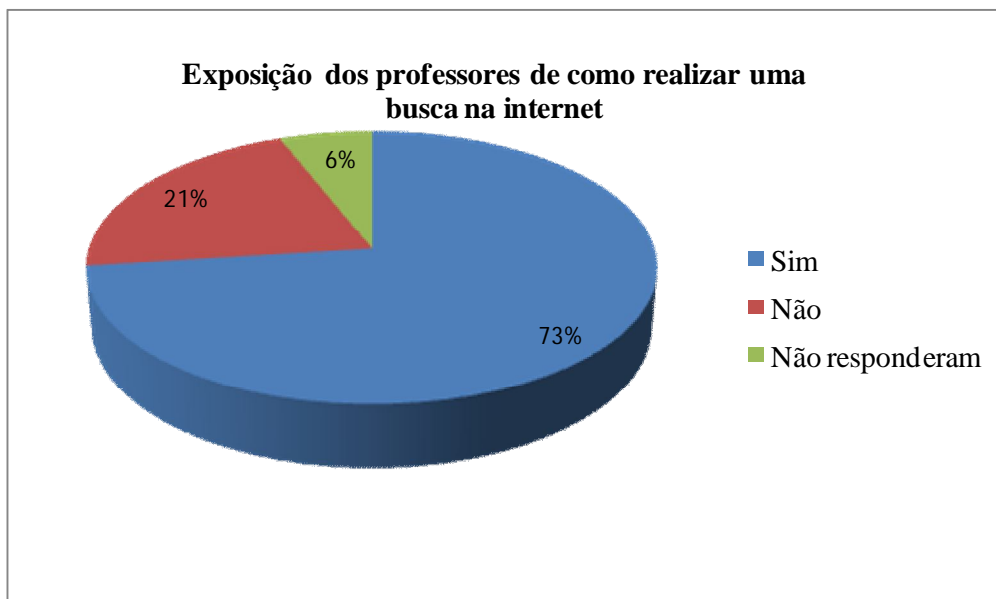


Gráfico 11: Exposição dos professores de como realizar uma busca na internet

Durante uma busca na *web*, normalmente encontramos muitas informações que nem sempre são confiáveis, tornando-se importante a prática de verificar a confiabilidade das informações. Assim os alunos tiveram de responder se fazem essa prática. A maioria deles (67%) declarou verificar a confiabilidade das informações, 27% disseram não fazê-lo, 3% criaram a opção alguns e 3% não responderam. Baseados nesses dados, parece que uma grande parte dos alunos-participantes desta pesquisa sabe que não se pode confiar em todas as informações veiculadas na internet, representando um ponto positivo no processo de pesquisa escolar na internet.

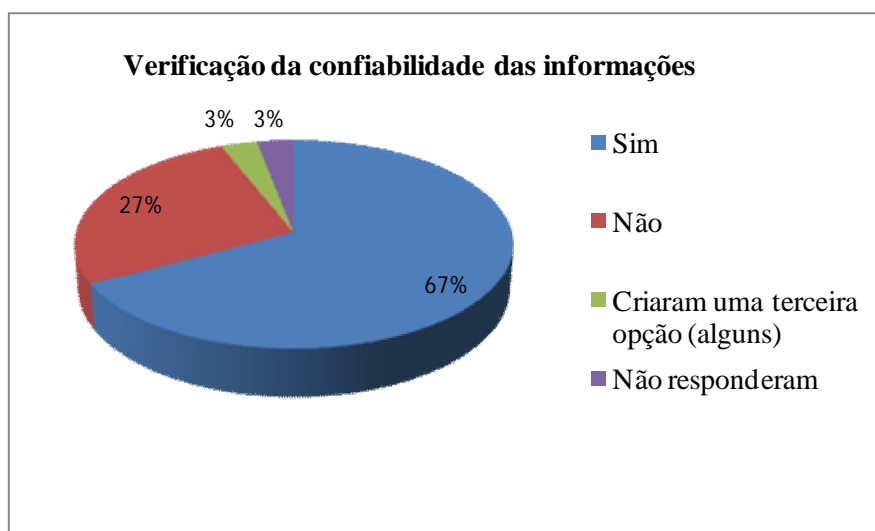


Gráfico 12: Verificação da confiabilidade das informações

Em seguida, questionamos aos alunos a respeito do que eles fazem depois que as informações necessárias para a pesquisa escolar foram encontradas, ou seja, como é a elaboração textual deles. De acordo com o gráfico 13, nenhum aluno imprime o texto diretamente do *site* encontrado, o que já representa um ponto positivo. No entanto, 3% dos alunos copiam e colam as informações encontradas no *Word* para depois imprimi-las e 9%, além de copiar e colar no *Word*, formatam o texto. Se somarmos esses dois grupos, é possível constatar que 12% dos alunos copiam literalmente as informações encontradas durante a busca na *web* sem fazer nenhuma modificação no conteúdo, mostrando que a prática da cópia na escola prossegue e que a pesquisa escolar, nestes casos, parece não colaborar para o aprendizado do aluno. Ele não realiza o questionamento reconstrutivo (DEMO, 1998, 2000, 2004, 2006), não se posiciona criticamente diante das informações encontradas.

Em outro patamar, encontramos alunos que retextualizam as informações encontradas por meio de resumo ou de algumas alterações no(s) texto(s)-base. 24% dos alunos afirmaram que leem as informações encontradas e depois fazem um resumo no *Word* e 42% também disseram ler as informações, porém, depois copiam e colam no *Word* para fazer algumas modificações no texto original como cortar partes do texto, trocar algumas palavras por outra de sentido equivalente, acrescentar palavras, mudar a ordem das frases etc. Esses 42% nos remetem à pesquisa de Moraes (2007) que constatou que os textos entregues pelos alunos como resultado da pesquisa escolar não são simples cópia. Eles fazem algumas “reformulações, porém não possuem domínio lingüístico suficiente para fazê-las e assim seus textos apresentam incoerências, contradições, falta de coesão”. Quando analisarmos os textos produzidos pelos alunos-participantes desta pesquisa, vamos verificar se isso também ocorre com eles.

Já 21% dos alunos encontram-se em um patamar que seria o ideal. Eles declararam ler as informações encontradas, compará-las, elaborar um texto a partir delas, apresentando a sua conclusão. Aqui, parece que encontramos alunos que, de fato, reconstroem o conhecimento a partir da pesquisa escolar. No entanto, não podemos afirmar que isso é realmente o que acontece, já que, por se tratar de um questionário em que são apresentadas aos alunos opções para serem assinaladas de acordo com suas ações, eles podem escolher a que eles julgam ser a ideal e não a que eles fazem. Mas só o fato de eles saberem o que seria o adequado já representa um fator positivo que pode ser melhor explorado no processo de ensino-aprendizagem pelos educadores.

Ao confrontarmos os resultados do gráfico 13 com o conceito de pesquisa dos alunos, podemos dizer que parece haver uma relação entre como compreendem a pesquisa e como

eles a executam. Quando somamos o percentual dos alunos que vão desde a cópia literal até algumas modificações no texto original temos um total de 79%, ou seja, a maioria dos alunos parece não se posicionar criticamente diante das informações encontradas. Isso poderia ser justificável pelo fato de que quase a totalidade dos alunos veem a pesquisa, simplesmente, como busca, conforme as respostas dos alunos apresentadas anteriormente. Assim os primeiros dados parecem comprovar nossa hipótese de que o conceito de pesquisa influencia no processo de pesquisa escolar.



Gráfico 13: Procedimento após o encontro das informações necessárias para a realização da pesquisa escolar.

Por último, questionamos aos alunos se eles mencionam a fonte das informações utilizadas nos trabalhos entregues como resultado da pesquisa escolar. Conforme podemos visualizar no gráfico 14, 64% dos alunos só mencionam a(s) fonte(s) de informações no trabalho entregue ao professor, se o professor pedir, 30% dizem mencionar e 6% declararam não mencionar. Esse resultado é preocupante, uma vez que se somarmos os alunos que nunca mencionam a fonte com os que os fazem somente com a solicitação do professor, temos um total de 70% dos alunos que parecem não estar cientes de que essa não menção às fontes utilizadas para a realização da pesquisa representa plágio.

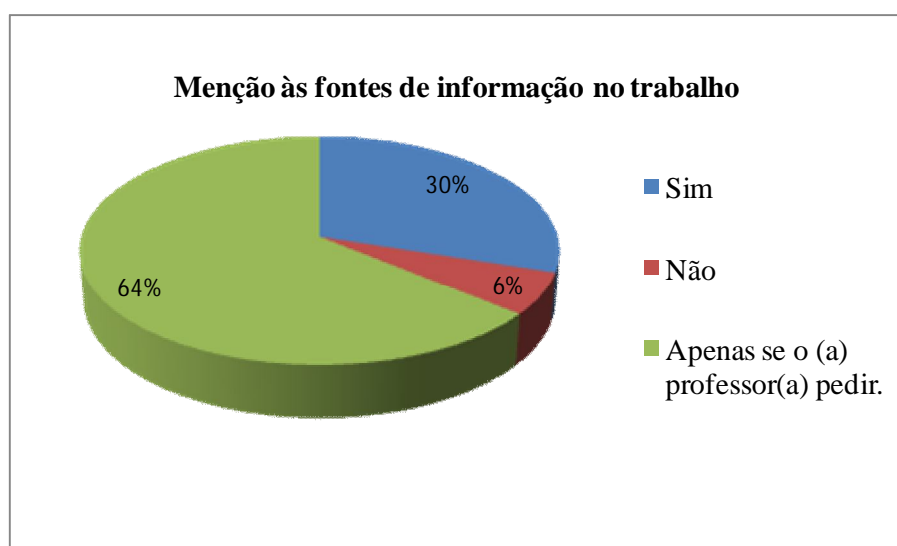


Gráfico 14: Menção às fontes de informação no trabalho

4.3. O processo de pesquisa escolar na internet na prática

Nesta seção, trataremos do processo de pesquisa escolar na internet, discutindo os dados extraídos da gravação das atividades de cada aluno enquanto fazia a pesquisa escolar na internet e da entrevista realizada logo após a pesquisa escolar a respeito de tal processo. Aqui verificaremos como os alunos selecionados através do questionário fazem a pesquisa escolar: como eles buscam as informações na internet; como as selecionam, se eles clicam nos *links* contidos nos textos encontrados, se fazem associações, se se preocupam com a confiabilidade das fontes; como produzem o texto, se copiam/colam, como é essa cópia, se fazem resumo, se se posicionam criticamente diante das informações. Para isso optamos por tratar de cada caso separadamente, a fim de tentarmos ter uma visão mais clara sobre as ações de cada um.

Os dois primeiros casos aqui relatados referem-se aos alunos do 6º ano. Apenas para relembrar, a professora de língua inglesa pediu a esses alunos que pesquisassem informações sobre a bandeira, a nacionalidade, a língua, o clima, roupas típicas, pessoa famosa, a cultura e a capital de um determinado país escolhido por ela. Cabe destacar que o comando dado pela professora estava na língua portuguesa, porém os tópicos estavam na língua inglesa: *flag, nationality, language, weather, clothes, famous person, culture, capital of country*.

Começamos pela aluna A9/6º que, embora tivesse de reunir as informações encontradas em um arquivo *Word*, utilizou o *PowerPoint*. Porém esse fato não interferiu nos resultados.

O primeiro passo de A9/6º, depois de entrar na internet, foi ir ao *site* do buscador *Google*. Ela utilizou esse buscador para encontrar todas as informações de que ela precisava. Normalmente, a aluna digitava a palavra-chave sobre o tópico que estava procurando, e quando abria a página de resultados, ela clicava no primeiro *link* que aparecia, conforme podemos visualizar na figura abaixo. Se a informação desejada não estivesse no *site* visitado, ela retornava ao *Google* e clicava no *link* seguinte.

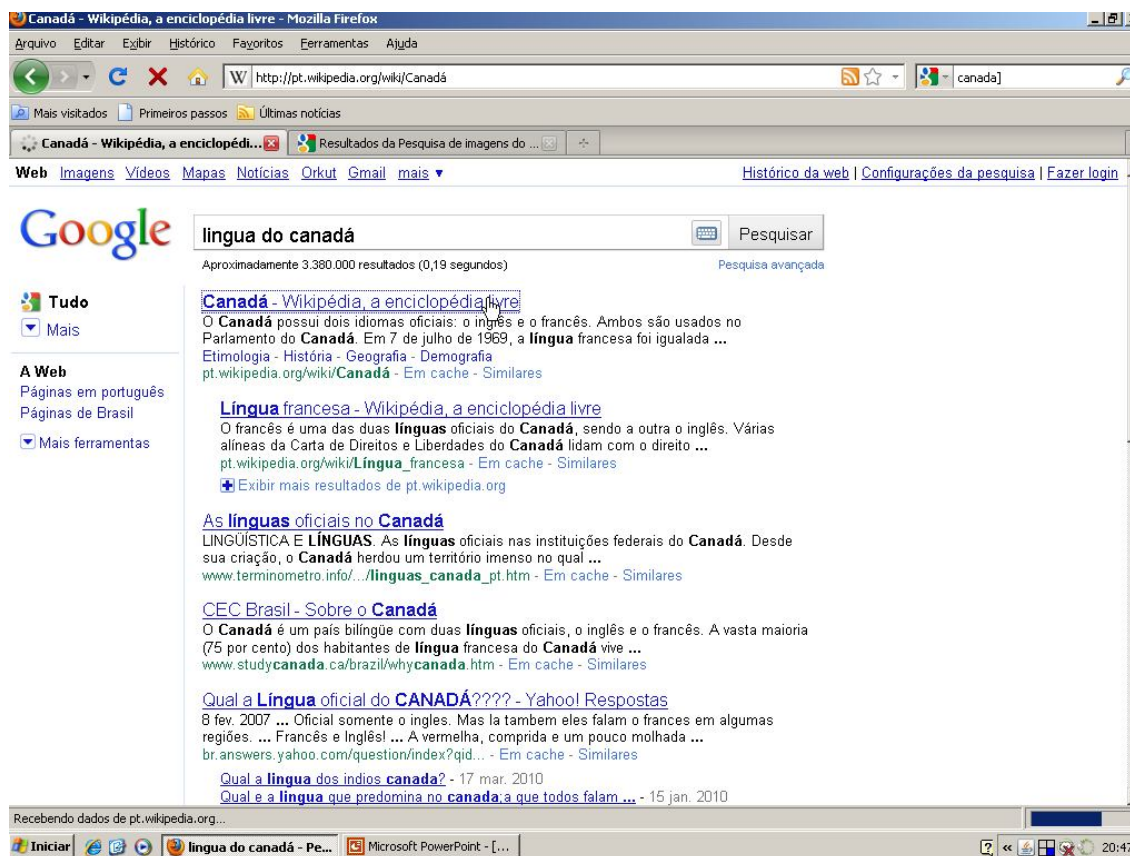


Figura 1: Busca pelo tópico “língua do Canadá”

O próximo passo dela era escanear a página aberta até encontrar a informação desejada. Podemos dizer que o tipo de leitura que ela fazia, de acordo com a classificação de Allende & Condemarín (1987) era *scanning*, já que o objetivo da aluna era encontrar de forma rápida uma informação específica, seguindo a ordem dos tópicos solicitados pela professora. Depois, A9/6° selecionava os primeiros parágrafos a respeito da informação, copiava e colava no *PowerPoint*.

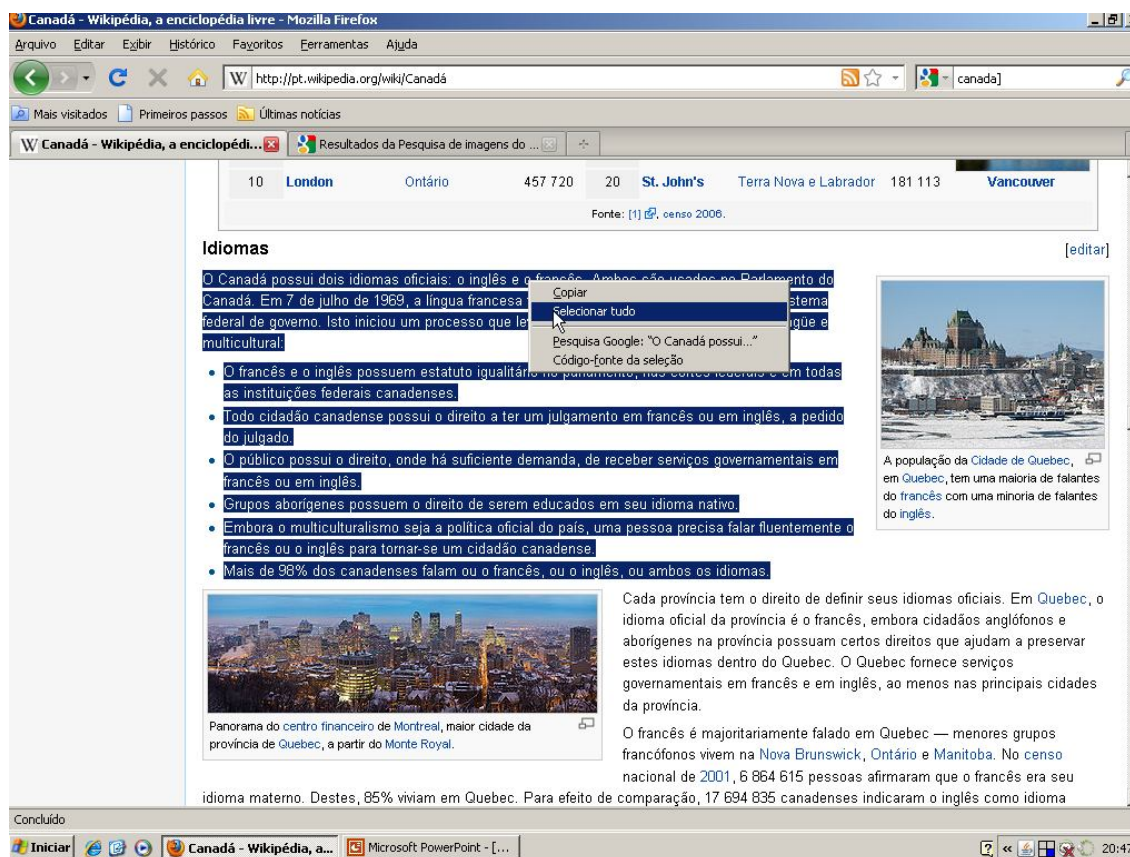


Figura 2: Seleção/cópia de uma informação.¹¹

Esse processo quase sempre se repetia, segundo palavras da própria aluna, durante a entrevista feita após a pesquisa escolar dela.

E: Como é que vocês fizeram o trabalho?

A9/6°: A gente pegou da internet.

¹¹ Às vezes, quando a ação do aluno era muito rápida, o *software wink* não conseguia captar a imagem. Porém era possível saber o que havia ocorrido através da sequência das imagens. Neste caso específico, apesar de a seta do *mouse* indicar que A/6° clicou em “selecionar tudo”, ela clicou em “copiar” os parágrafos que havia selecionado, já que na sequência esses parágrafos aparecem colados em um dos *slides* do arquivo *PowerPoint* que a aluna estava produzindo.

E: Mas como?

A9/6º: A gente pesquisou no Google e copiou e colou. E leu também

Os únicos casos que apresentaram diferença de ações foram os tópicos pessoa famosa e roupas. No primeiro, A9/6º digitou “uma pessoa famosa do Canadá”¹² sem aspas na seção imagens do *Google*, porém apareceram imagens não só de pessoas, mas também de paisagens, figuras. Além disso, apareceram imagens de pessoas famosas que não eram canadenses como a Madonna que é norte-americana. Então a aluna clicou na seção *web* do *Google*. Ela abriu uma página do *Yahoo!* respostas: “<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=2008030792008AAmmwQU>”. Dentre os nomes de famosos citados em uma das respostas desta página, estava o de Avril Lavigne, cantora conhecida, principalmente, entre as adolescentes. Talvez pelo fato de a aluna não confiar na informação fornecida pelo *site*, ela voltou ao *Google* e digitou “nacionalidade de Aril Lavigne”. Depois que A9/6º confirmou que a cantora realmente era canadense, ela buscou mais informações sobre a biografia dela. Assim que encontrou, selecionou, copiou e colou em outro *slide* do *PowerPoint*, além de buscar uma imagem de Avril para colocá-la no trabalho.

Apesar de A9/6º ter se preocupado, nesta situação, em confirmar a veracidade dos dados, fazendo comparações com outros *sites*, essa atitude não parece ser uma constante, conforme a própria aluna declara na entrevista.

E: Você tem o costume de na hora de fazer o trabalho, comparar as informações em outros sites?

A9/6º: Não.

E: O que você achar ta bom?

A9/6º: Não, assim, a gente lê, vê se tem escrito no livro ou não e aí coloca.

E: Mas aí você sabe qual livro ta?

A9/6º: Não. A gente olha no livro da escola. Igual no trabalho de história. A gente achou uma informação meio cortada. Aí a gente procurou no livro pra ver se tinha o resto da informação e aí a gente achou.

E: E quando a informação não tem no livro, como é que vocês sabem que essa é a correta?

A9/6º: Ah, a gente vê, a gente chuta, né?

Parece que para A9/6º as informações contidas no livro, mais especificamente no livro didático são mais confiáveis. Essa atitude aponta para dois fatores preocupantes no ambiente escolar: o uso do livro didático pelos professores como única fonte de informação e a crença

¹² Sempre que nos referirmos à palavra-chave utilizada pelo aluno em um buscador, usaremos aspas, embora o aluno não tenha feito uso das aspas. Optamos por usá-las apenas para destacar a palavra-chave escolhida pelo aluno.

de que na internet há mais informações incorretas do que corretas. Tais comportamentos podem prejudicar a prática de pesquisa, uma vez que acabam por impedir o aluno de entrar em contato com diversas fontes de informação além de prejudicar o desenvolvimento de habilidades que ajudariam o aluno selecionar informações pertinentes para a realização de uma pesquisa.

No tópico roupas, a aluna, primeiro, foi ao *Google* como nas demais ocasiões. Depois ela digitou “roupas do Canadá”, porém os *sites* abertos por ela traziam informações sobre roupas em geral, não havia nada específico sobre roupas usadas no Canadá. Então A9/6°, voltou ao *Google* e tentou novamente buscar informações sobre esse tópico, digitando “roupas adequadas para o Canadá”. Ela clicou no primeiro *link* que apareceu, deu uma olhada rápida. Trazia informações sobre roupas para se utilizar na neve. Além disso, os *sites* que apareceram na página de resultados só mencionavam sobre o inverno do Canadá. Depois, retornou ao *Google* e digitou “roupas de frio”, na página de resultado, optou por clicar em uma imagem de sobretudos, copiou-a e colou-a no *PowerPoint*.

Nestes dois casos, chamou-nos atenção a possibilidade de a aluna não ter conhecimento suficiente a respeito de como realizar buscas no *Google*. Ela poderia digitar as palavras-chave entre aspas ou filtrar mais sua busca, procurando por “famosos canadenses” ou por “roupas canadenses”, por exemplo. O não saber ou não usar esse conhecimento, pode ser um dificultador no processo de busca, tornando-o mais lento e/ou não permitindo que se encontrem as informações necessárias.

Também podemos destacar a associação feita pela aluna ao digitar roupas de frio no *Google* para buscar informações sobre roupas no Canadá. Graças ao fato de, em uma das tentativas para buscar informações sobre esse tópico, ela ter encontrado dados referentes a roupas utilizadas no inverno do Canadá, a aluna optou por usar como palavra-chave “roupas de frio” para buscar a informação desejada, como se no Canadá só existisse essa estação. Apesar de a associação ser positiva, ela não foi totalmente adequada porque se tivesse feito associações com os dados já encontrados sobre o clima canadense, também se preocuparia com os tipos de roupa utilizados nas demais estações do Canadá.

Além disso, cabe ressaltar que, quando A9/6° não sabia qual era o correspondente em português do tópico solicitado em inglês pela professora, ela utilizava o *Google* tradutor. Isso parece demonstrar que a internet possui um potencial para contribuir para o processo de pesquisa à medida que se constitui em um ambiente onde se pode localizar informações diversas, quase que instantaneamente, como frisou Fachinetti (2007).

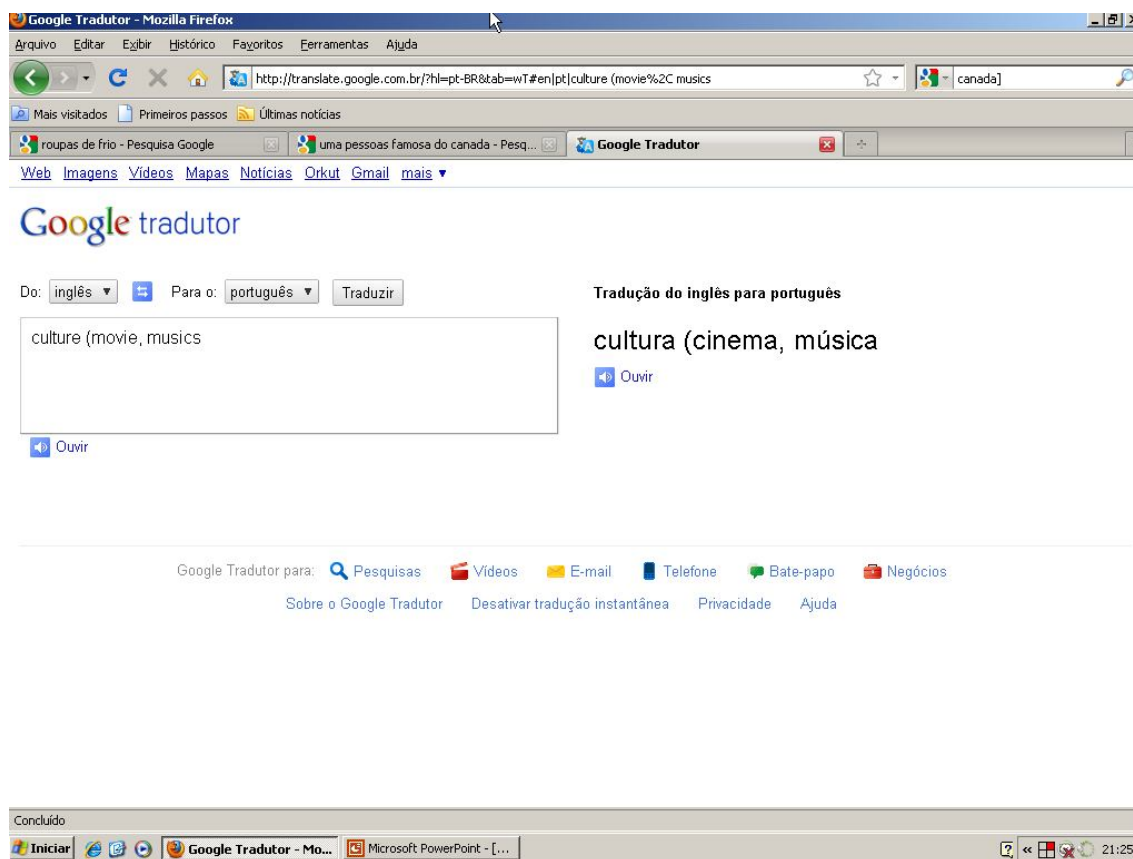


Figura 3: Uso do *Google tradutor*.

Agora, vamos passar para os dados de A10/6°. O país sobre o qual o aluno deveria pesquisar era a Espanha, só que diferente da aluna A9/6°, ele utilizou o *Word*, conforme havia sido solicitado.

Para fazer a sua busca, primeiramente, A10/6° optou por encontrar o *site* da *Wikipedia*. Ao abrir o *site*, na parte destinada à pesquisa, digitou “espanha” e clicou no ícone de busca (uma lupa). Depois, abriu-se uma página sobre a Espanha. Neste momento, a atitude do aluno foi copiar a imagem da bandeira do país e colá-la no *Word* logo abaixo das palavras *Spain Flag*. Em seguida, ele digitou em cada linha as seguintes informações, seguindo o roteiro da professora: *Nationality, Spanish, Language, Spanish*, conforme podemos visualizar na figura abaixo.

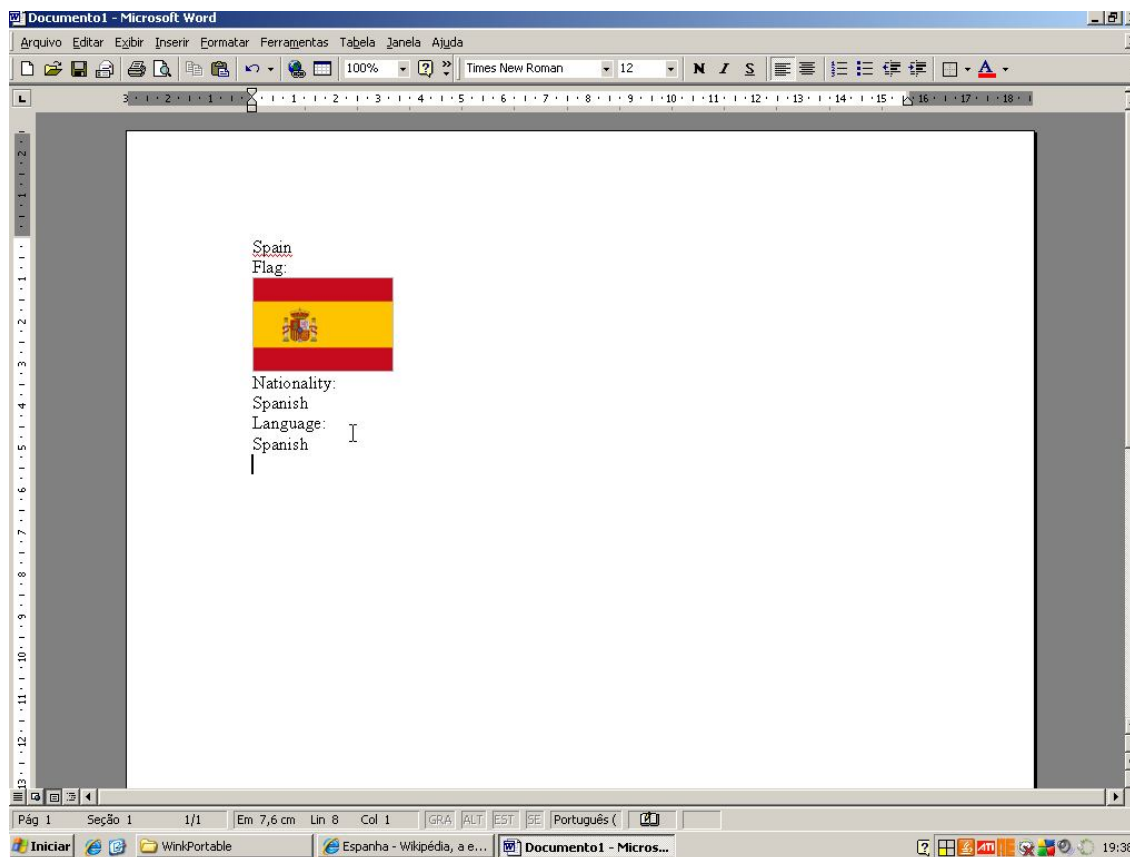


Figura 4: Início da produção do trabalho de A10/6º

É interessante observar que para escrever sobre os tópicos nacionalidade e língua, o aluno preferiu utilizar apenas seu conhecimento prévio, porém, em relação à língua, ao idioma, essa preferência culminou em informação incompleta. Embora o espanhol ou castelhano seja o idioma oficial na Espanha, lá convivem outros idiomas além de dialetos.

O próximo tópico sobre o qual o aluno buscou informações foi pessoa famosa. Aqui ele também utilizou seu conhecimento prévio. Por já saber o nome de uma pessoa famosa espanhola, A10/6º já digitou o nome dela na parte de busca da *Wikipedia*, em vez de primeiro buscar por pessoa famosa na Espanha. Assim que abriu a página com o resultado de sua busca, ele foi ao *Word* e digitou “Carles Puyol Saforcada”. Em seguida, o aluno retornou à página da Wiki sobre Puyol, selecionou e copiou as primeiras informações para colá-las no *Word*. O aluno também copiou a imagem de Puyol para utilizá-la em seu trabalho.



Figura 5: Seleção/cópia de um fragmento da *Wikipedia* sobre Carles Puyol.

Para o tópico clima, A10/6° retornou à página da *Wikipedia* sobre a Espanha. Fez uma leitura *scanning* para encontrar as informações sobre o clima deste país. Depois, selecionou/copiou o primeiro parágrafo para colá-lo no documento *Word*. Em seguida, formatou tais informações: tipo de letra *Times New Roman*, tamanho 12.

Como podemos perceber o aluno A10/6° tem uma preferência por buscar informações na *Wikipedia*, a enciclopédia virtual. Ele mesmo fez essa afirmação.

E: A10/6°, como você fez esse trabalho?

A10/6°: Eu fiz muito mais no *Wikipedia*, né, eu fiz no *Word*.

A atitude do aluno só era diferente quando ele não conseguia encontrar a informação desejada como no caso de roupas. Nesta situação, ele abriu o *site* do *Google*. Lá ele tentou de diversas formas encontrar a informação que precisava, digitou “roupas da espanha”, depois “espanha”, na seção imagens, permanecendo nesta seção digitou “roupa espanhola”, “estilo de roupa espanhola”. Porém não conseguiu a informação que queria ou não inferiu qual era a roupa típica da Espanha, uma vez que em todas as páginas de resultado apareceram, dentre

outras imagens, vestimentas próprias para se dançar o Flamenco (dança típica espanhola) ou participar de touradas. Então o aluno acabou desistindo de encontrar informações sobre esse tópico. Esse fato reforça o problema aqui já citado de que não possuir habilidades ou conhecimento para buscar uma informação na internet pode fazer com que se desista de procurar o assunto desejado, uma vez que dificulta a busca.

Quando A10/6º foi procurar informações sobre a cultura da Espanha, ele retornou a página da Wiki que continha dados a respeito deste país, navegou até o índice da página e clicou no item cultura.

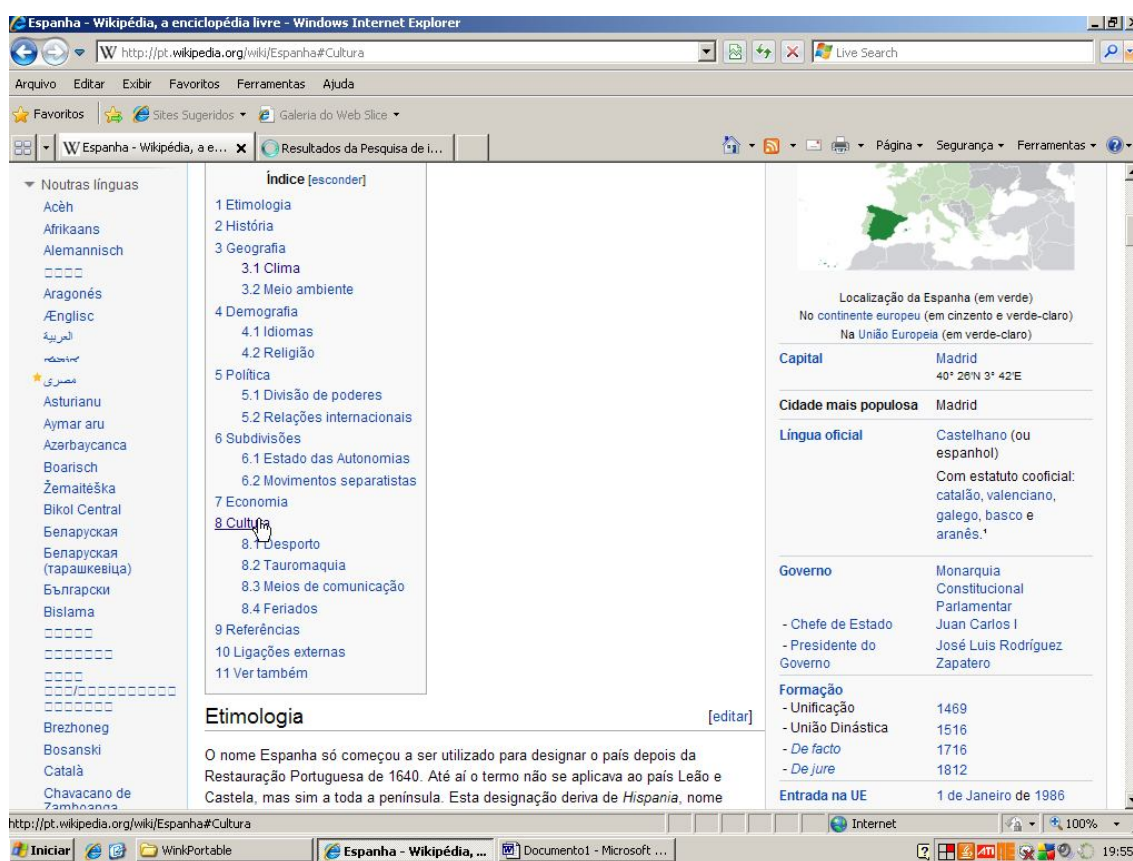


Figura 6: Clique no item cultura do índice da página Espanha da Wikipédia.

Essa atitude relembra perfeitamente o que fazemos quando buscamos uma informação específica em um livro: nos dirigimos ao índice ou sumário, verificamos os títulos relacionados com o que desejamos e quando encontramos, identificamos o número da página e vamos até ela. É o que Ribeiro (2008) já havia demonstrado: utilizamos habilidades de leitura usadas em suportes anteriores como o livro, a enciclopédia e o jornal impressos para lidarmos com os novos suportes como o livro, a enciclopédia e o jornal eletrônicos.

Porém o aluno não obteve sucesso. Ao clicar no *link* cultura, ele foi direcionado a uma página que sugeria clicar no *link* do artigo principal Cultura da Espanha. Assim que clicou neste *link*, aconteceu um problema de conexão e a internet caiu. Quando o monitor do laboratório resolveu o problema, A10/6° abriu uma página da *Wikipédia*, digitou “cultura da Espanha” e foi direcionado a uma página como uma lista de *links* de tópicos relacionados com a cultura espanhola.



Figura 7: Página da *Wikipédia* sobre a cultura da Espanha.

No entanto, em vez de clicar em cada um dos *links* acima, ler as informações contidas neles e construir um texto sobre cultura espanhola, A10/6° preferiu se dirigir ao *Google* para encontrar as informações desejadas. Talvez ele tenha tomado essa atitude no intuito de economizar tempo e trabalho, já que poderia ser possível encontrar todas as informações reunidas em um único *link* ou ainda há a possibilidade de ele não ter percebido tal relação.

No *Google*, A10/6° digitou “cultura da Espanha” no local destinado à busca. Abriu a página de resultados e o aluno optou por clicar no *link* “<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/espanha/cultura-na-espanha.php>”, localizado

abaixo do *link* referente à página da *Wikipédia* sobre o tema procurado. Olhou rapidamente as informações, selecionou algumas, copiou, colou no *Word* e formatou-as, conforme os demais tópicos. Depois retornou ao *site*, selecionou um parágrafo sobre a música e a dança flamenca, fazendo o mesmo processo anterior.

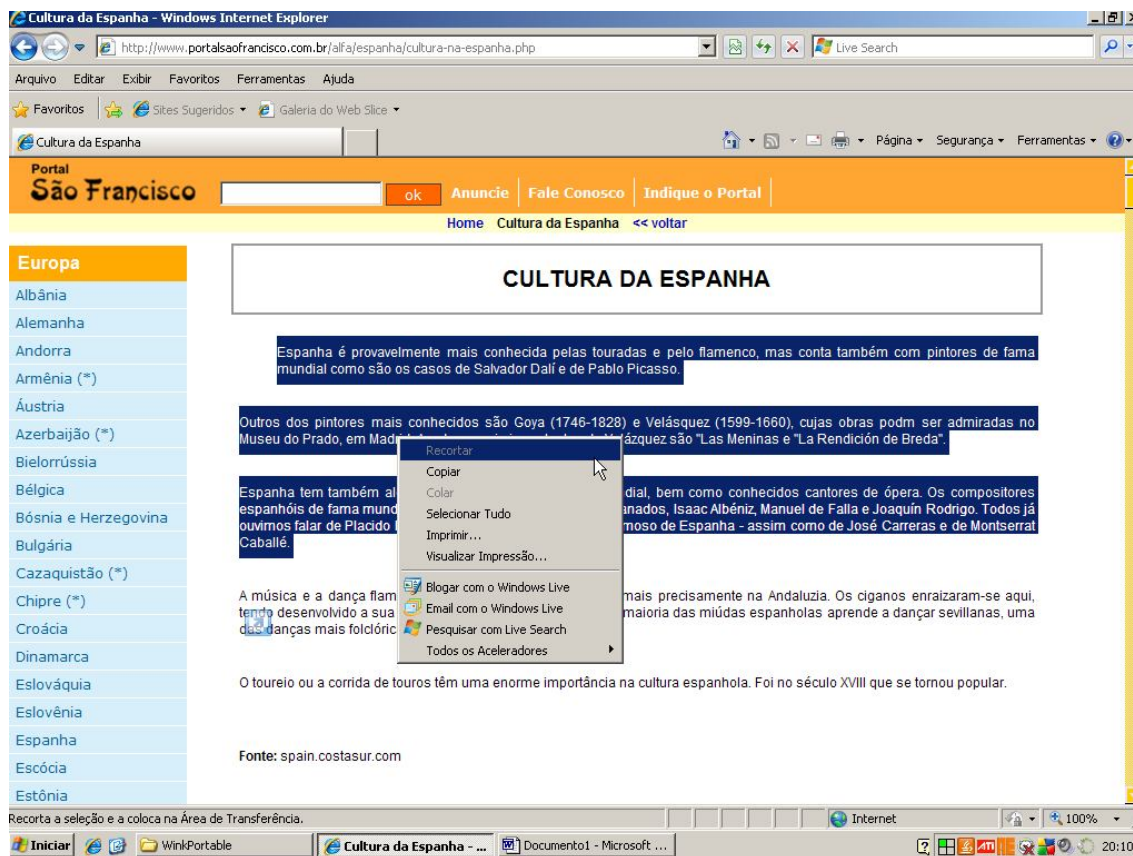


Figura 8: Seleção/cópia de informações sobre cultura da Espanha.

Para finalizar seu trabalho, A10/6^o foi ao *Google* imagens e buscou uma figura de um casal dançando música espanhola, através da palavra-chave “cultura da espanha” para colocá-la no trabalho. Depois entrou na página da *Wikipédia* sobre a Espanha, escaneou até encontrar o nome da capital espanhola. Retornou ao *Google* imagens, digitou Madrid, selecionou uma imagem desta capital e a colou em seu trabalho.

Comentaremos agora o processo de pesquisa dos alunos do 7^o e 8^o ano. Conforme já explicitado aqui, eles deveriam fazer uma pesquisa sobre um compositor da MPB, destacando a biografia e discografia, de acordo com a tarefa solicitada pela professora de música.

Iniciaremos com a aluna A14/7^o que deveria pesquisar sobre Gilberto Gil. Primeiramente, ela abriu a página do *Google*, digitou no local destinado para busca “Gilberto

Gil” e fez uma leitura rápida da página de resultados para escolher em qual *site* iria clicar, como ela mesma declarou na entrevista.

E: ... Normalmente quando você pesquisa, você coloca no Google pelo que eu vi aqui, né?

A14/7º: Sim.

E: Aí aparecem vários sites, *links* pra você pegar a página que fala sobre o assunto. Como você faz a escolha de quais são que você vai clicar ou você abre todos?

A14/7º: Não. Primeiro eu leio, e todos que eu acho que tem alguma coisa importante, assim eu leio aquelas primeiras linhas que tem, que eu acho importante eu clico.

Assim a aluna, escolheu três *sites*: “<http://www.gilbertogil.com.br>”, “http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Gil” e “<http://www.mpbnet.com.br/musicos/gilberto.gil/index.html>”. Podemos considerar aqui, remetendo novamente à classificação de Alliende & Condemarín (1987), que se trata de uma leitura *previewing*, uma vez que a aluna deu uma olhada rápida em todos os *links* da página de resultados para verificar quais se relacionavam com o que ela estava procurando, ou seja, quais valeriam a pena ser lidos.

A14/7º optou por clicar, simultaneamente, em todos os *sites* que ela havia escolhido. Enquanto os *sites* baixavam, ela abriu um arquivo *Word* e denominou-o de Rascunho. Em seguida, visitou todos os *sites*, fez uma leitura *scanning* e selecionou algumas informações contidas na página da *Wikipédia* e todas da *mpbnet* para copiá-las e colá-las no arquivo Rascunho. As informações contidas no *site* Gilberto Gil só foram utilizadas posteriormente pela aluna, como veremos depois.

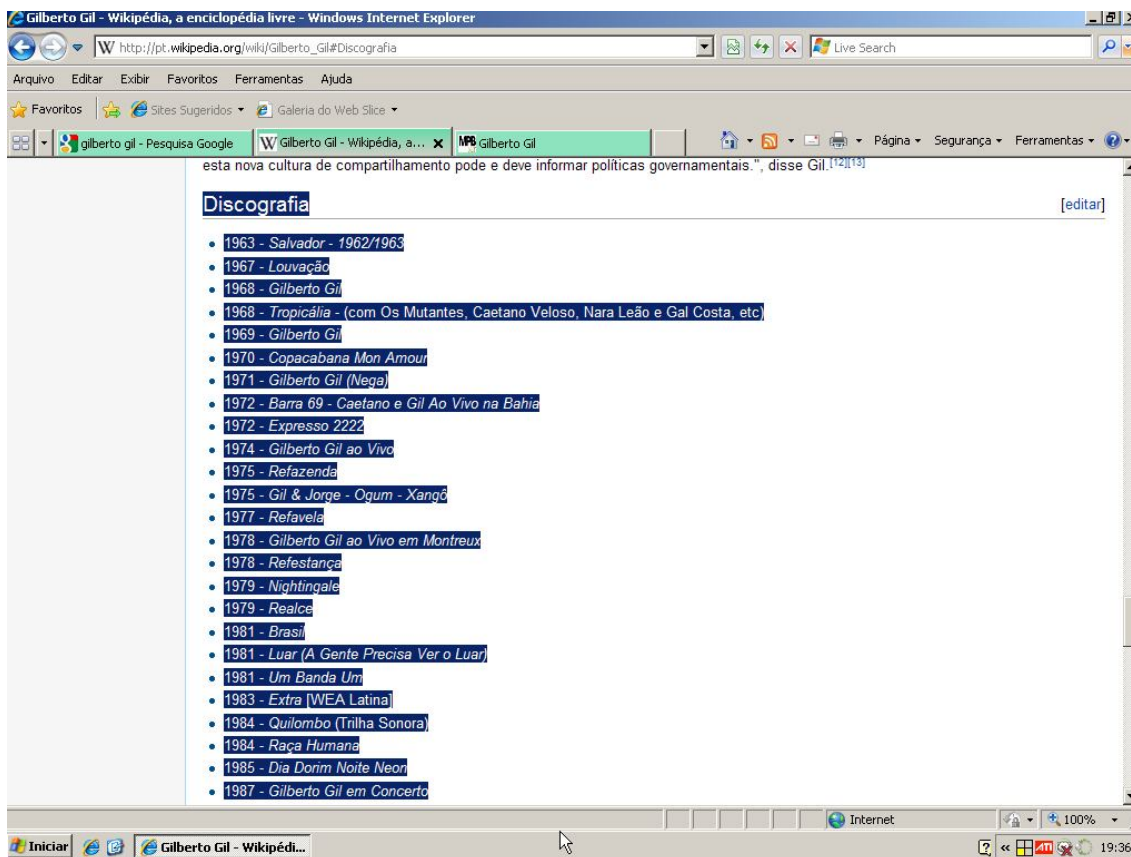


Figura 9: Informações copiadas da *Wikipédia*.



Figura 10: Informação extraída do *site* da Mpbnet.

A partir daí, a aluna foi organizando as informações encontradas, fez uma leitura *skimming* (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 1987) para averiguar quais informações eram mais relevantes para a produção de seu texto final, conforme relatado na entrevista.

E: Pra você procurar sobre Gilberto Gil, você digitou Gilberto Gil, né? Aí o primeiro site que você abriu qual que foi?

A14/7º: Os primeiros sites que eu abri. Foram os primeiros sites que eu abri. Aí eu peguei vários.

E: Pegou vários, né? São esses aqui?

A14/7º: Sim.

E: Pegou o da Wikipédia..

A14/7º: Sim. Foram esses três que eu peguei tudo. Peguei tudo desses três aí.

E: Pra você elaborar o texto como que você fez?

A14/7º: Ah, olha, a biografia dele assim eu peguei no Wikipédia só um pedacinho, não foi do Wikipédia não foi desse site da MPB.

E: ãh,

A14/7º: Peguei a biografia dele, assim, onde ele nasceu, quem eram os pais, essas coisinhas assim. Na Wikipédia, eu peguei sobre a filha dele, assim de todos.

E: humhum.

A14/7º: Depois no terceiro site, eu peguei, e tirei, deletei o que eu peguei no Wikipédia, os que não eram assim tão importantes. Peguei os mais importantes pra não ocupar tanto espaço na folha.

Apesar de a aluna ter declarado que seu objetivo principal ao selecionar as informações que constariam em seu trabalho era “não ocupar tanto espaço na folha”, é possível perceber que essa escolha não foi aleatória. Ela procurou selecionar o que de fato julgava importante constar no trabalho, utilizando seu conhecimento prévio sobre o gênero biografia, por exemplo. Sabe-se que as biografias, normalmente, iniciam-se com dados sobre o nascimento de quem se está comentando. Assim, A14/7º recortou os dois primeiros parágrafos retirados do *site* mpbnnet que estavam no final do arquivo Rascunho e os colocou no início de um outro arquivo *Word* que ela denominaria posteriormente de Gilberto Gil. O primeiro parágrafo trazia informações sobre o nascimento de Gilberto Gil, porém não era mencionado nada a respeito dos pais dele. Então a aluna inseriu a frase “seus pais eram”, procurou nos *sites* que estavam abertos os nomes dos pais dele, encontrou na página da *Wikipédia* e digitou “José Gil Moreira e Claudina”, completando a frase.

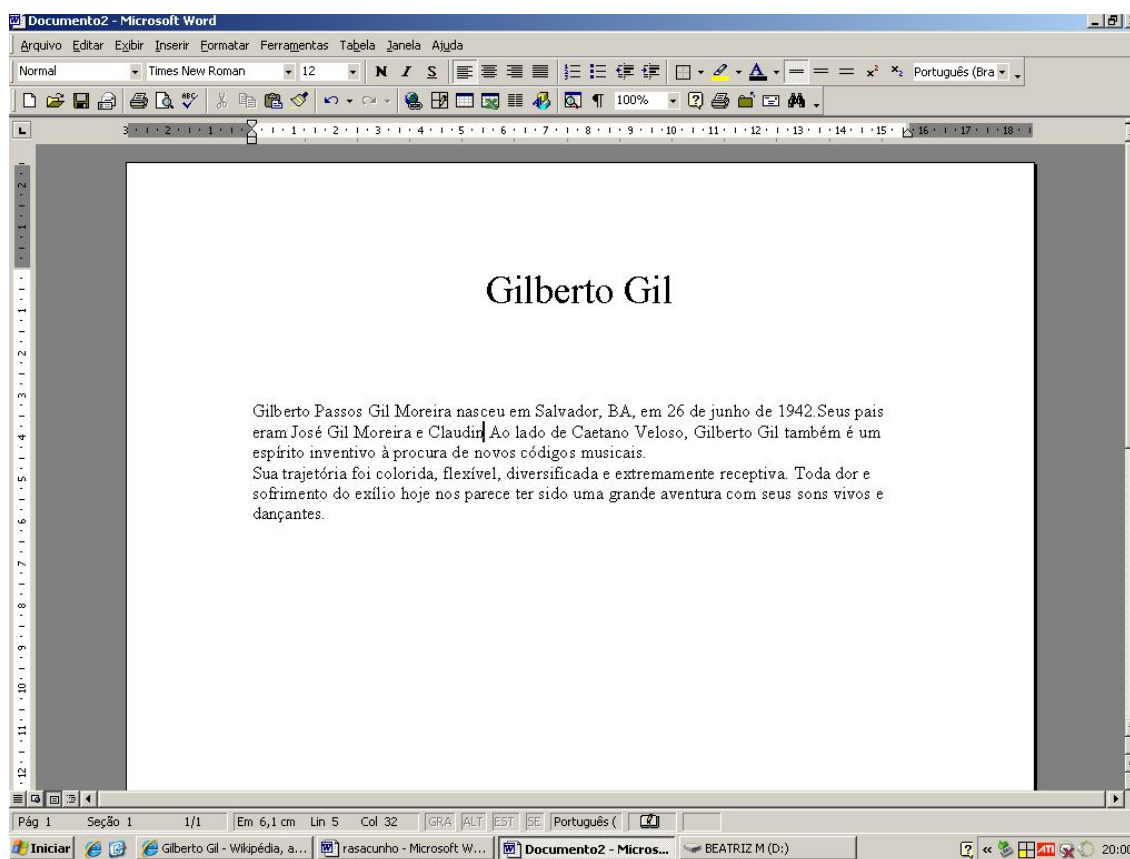


Figura 11: Inserção dos nomes dos pais de Gilberto Gil no texto de A14/7º.

Na seção discografia, havia muitos discos citados. Na tentativa de selecionar quais seriam deixados no seu texto, A14/7º procurou, primeiro, informações no *Google*, buscando por “discografia de Gilberto Gil”. Encontrou um *site* que também trazia muitos discos. Resolveu buscar por principais discos de Gilberto Gil. Porém o *Google* ofereceu endereços de *sites* que ela já havia visitado. A aluna decidiu então ir até o arquivo Rascunho e deletar os discos que haviam sido lançados no mesmo ano, deixando apenas um representante de cada ano. Mas mesmo assim o número de discos era grande e ocuparia mais de uma página. Retornou ao *Google*, decidiu procurar por “biografia de Gilberto Gil”, clicou em um *link* que levava a uma das páginas do *site* Gilberto Gil que, embora ela já tenha visitado, não teve contato com esta página. A aluna fez uma leitura *scanning* para encontrar informações a respeito da discografia do cantor. Quando encontrou, comparou-as com as que estavam no arquivo rascunho e com as que ela já havia deletado e estava na página da *Wikipédia*.

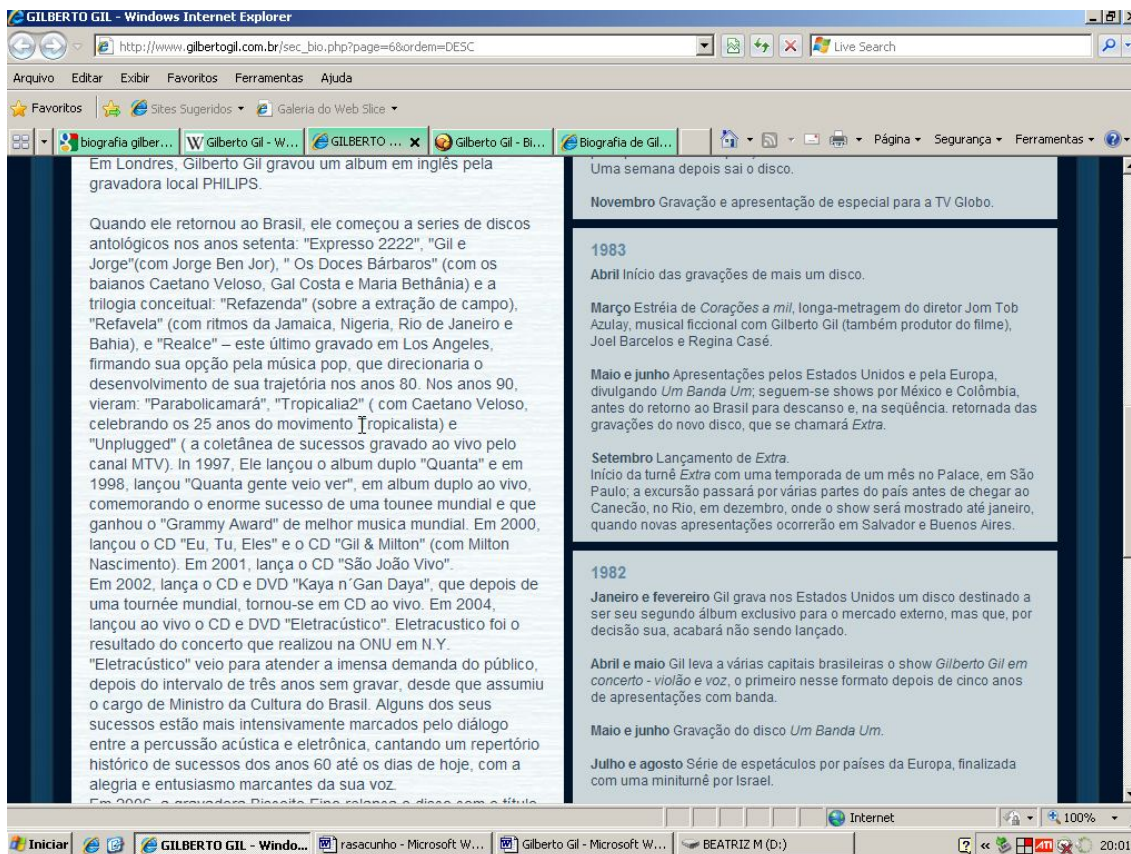


Figura 12: Informações sobre a discografia de Gilberto Gil encontras no *site* Gilberto Gil.

Percebeu que ali deviam estar os principais discos da carreira do cantor, porém nem sempre constava o ano em que o disco fora lançado. Como na página da *Wikipédia*, havia essa

informação, a aluna extraía o nome do disco do *site* Gilberto Gil, ia à página da *Wikipédia*, verificava o ano do lançamento e colocava no arquivo dela. No entanto, o disco “Os doces bárbaros”, presente no *site* Gilberto Gil, não constava na *Wikipédia*. Então a aluna foi procurar a informação sobre o ano de lançamento de tal disco no *Google*. Só que ela não encontrou nenhuma informação exata a respeito do ano. Diante desse fato, ela decidiu deletar todos os anos, deixando apenas o nome dos discos. Assim todos os discos que a aluna deixou no trabalho dela foram extaídos do *site* Gilberto Gil, menos o último, “Fé na festa” de 2010 que havia sido mencionado na *Wikipédia*.¹³ Para finalizar, a aluna selecionou um fragmento referente ao número de álbuns e prêmios de Gilberto Gil, copiou e inseriu no segundo parágrafo do texto construído por ela como resultado de sua pesquisa.

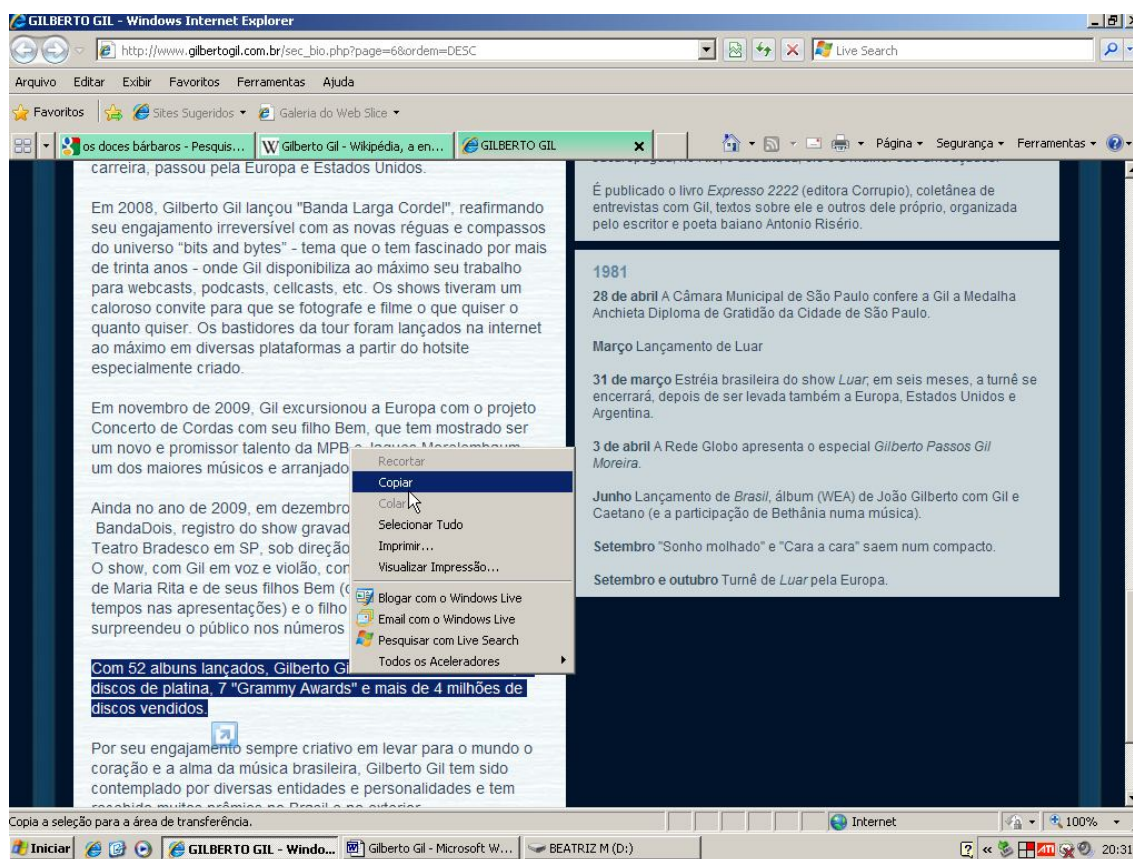


Figura 13: Seleção/cópia de um fragmento do *site* Gilberto Gil.

¹³ Na época em que a pesquisadora coletou esses dados, a informação sobre o disco “Fé na festa” ainda não constava no *site* Gilberto Gil. Hoje essa informação já foi atualizada no *site*.

É importante, ainda, ressaltar que A14/7^o foi a única aluna dentre os alunos observados nesta parte de nossa pesquisa que se preocupou em citar as fontes de onde ela retirou as informações mencionadas no trabalho dela, conforme podemos perceber nos fragmentos abaixo retirados da entrevista feita com os alunos.

E: [...] Ah, você costuma, você mencionou nesse trabalho qual a fonte que você utilizou?

A14/7^o: Coloquei todas as três.

E: E você tem esse costume de colocar ou a professora pediu.

A14/7^o: Não. Eu tenho costume de colocar e ela sempre pede.

E: E você cita a fonte de onde você tirou as informações?

A9/6^o: Não. A professora não pede.

E: Se ela pedir...

A9/6^o: A gente coloca.

E: Vocês não têm o costume de citar, não? Não foi visto que tem que citar sempre não?

A9/6^o: Humhum (fazendo não com a cabeça)

E: Você colocou qual foi a fonte que você pesquisou?

A23/9^o: No livro.

E: Mas você colocou no trabalho?

A23/9^o: Não.

E: Não? Por que esqueceu?

A23/9^o: Não porque não é costume colocar a fonte.

E: Tá. Você colocou o site em que você pesquisou o trabalho.

A27/9^o: Não.

E: Não. Por quê?

A27/9^o: Esqueci.

E: Você tem o costume de colocar?

A27/9^o: Ah. Às vezes sim.

E: E quando você tem o costume de colocar. Às vezes é mais ou menos.

A27/9^o: Menos.

A15/7^o: Ah... Pra esse trabalho eu não lembro qual que eu usei. Eu usei mais o Wikipédia mais alguns outros dois pra achar a fonte dos discos dela.

E: Você não lembra quais foram os outros dois. Você não colocou na.

A15/7^o: Não. Não tenho esse costume.

Esses depoimentos confirmam o que foi constatado na discussão dos dados extraídos do questionário aplicado aos alunos: a maioria dos alunos participantes desta pesquisa só cita a fonte das informações quando o professor pede. E, ainda, podemos dizer que tais depoimentos reforçam o fato de que muitos alunos parecem não saber da importância de mencionar a fonte das informações ao fazer uma pesquisa, uma vez que a maioria dos alunos aqui citados declarou não ter o costume de citar a fonte das informações.

O próximo trabalho a ser comentado é o da aluna A15/7^o, que deveria pesquisar sobre a cantora Gal Costa. Infelizmente, houve um problema na gravação dela através do *software wink* e não foi possível capturar as ações da aluna durante a sua atividade de pesquisa. Porém a entrevista feita com ela somada ao trabalho que ela entregou à professora e, conseqüentemente, à pesquisadora, permitiram-nos ter uma noção do que aconteceu durante a pesquisa dela. Nesta seção, vamos nos deter no processo de pesquisa da aluna sob a perspectiva da entrevista e, oportunamente, trataremos da produção textual em que ela apresentou o resultado de sua pesquisa.

As primeiras perguntas da pesquisadora a A15/7^o referiam ao processo de busca por informações a respeito de Gal Costa. Conforme observaremos a seguir, parece que a aluna não conseguiu se recordar com detalhes desse processo. Ela apenas destacou a fonte de onde ela, normalmente, extrai as informações necessárias para fazer as atividades de pesquisa solicitadas por seus professores.

E: Quando você foi procurar uma informação sobre a Gal Costa, você procurou em qual site de busca?

A15/7^o: O primeiro que eu fui foi no Wikipédia que eu confio mais nas informações dele.

E: Tá. E você digitou

A15/7^o: Gal Costa

E: Gal Costa. Você só usa o Wikipédia ou usa mais algum?

A15/7^o: Ah... Eu tenho costume de usar mais alguns.

E: E pra esse trabalho?

A15/7^o: Ah... Pra esse trabalho eu não lembro qual que eu usei. Eu usei mais o Wikipédia mais alguns outros dois pra achar a fonte dos discos dela.

E: Você não lembra quais foram os outros dois. Você não colocou na.

A15/7^o: Não. Não tenho esse costume.

E: Você não tem costume de colocar não?

A15/7^o: Não.

E: Nem se o professor pedir?

A15/7^o: Se o professor pedir, sim.

É preocupante o fato de a aluna declarar que confia mais nas informações contidas na *Wikipédia*, pois sabemos que as informações contidas neste *site* são inseridas, comunitariamente, por qualquer internauta, independente se ele é cadastrado ou não como integrante da *Wikipédia* e que, apesar de os *wikipedistas* revisarem todo conteúdo exposto no *site*, retirando e/ou bloqueando o que não é verdadeiro, pode acontecer de visualizarmos uma informação que ainda não tenha sido revisada. Isso não significa que a *Wikipédia* não deva ser utilizada como fonte de informação, mas que ela não pode ser a única. Quando fazemos uma pesquisa precisamos nos basear em mais de uma fonte para que possamos comparar os dados

e, ao mesmo tempo, verificar a veracidade deles, à medida que podemos observar o que informa a maioria, se os dados se confirmam ou se contradizem. É importante que os alunos saibam disso.

Além disso, o fragmento visualizado acima reforça o que já foi destacado aqui: os alunos parecem não estar cientes da importância de se citar a fonte de qualquer pesquisa.

Como A15/7^o não se recordava muito da pesquisa que acabara de fazer e não era possível ajudá-la já que não conseguimos capturar as ações dela na tela durante a pesquisa, a pesquisadora achou conveniente questioná-la sobre outras pesquisas que ela tinha feito na tentativa de se obter mais informações sobre o processo de pesquisa na realidade escolar dela e de seus colegas. Assim a pesquisadora perguntou se ela se lembrava da última pesquisa que havia feito anteriormente.

E: Você se lembra qual foi a última pesquisa que você fez sem ser essa?

A15/7^o: Eh foi uma de Geografia sobre as principais rodovias do Amazonas.

E: E você se lembra como o professor pediu?

A15/7^o: Não ele só deu um exercício que tava na apostila e lá tava pedindo só pra gente pesquisar sobre as rodovias.

E: Só tinha o tema. Não tinha nenhum tópico falando sobre quais os transportes que eles fazem, uma coisa a mais.

A15/7^o: Só as rodovias.

E: Foi só sobre as rodovias. E no livro tinha alguma indicação de site onde você poderia encontrar?

A15/7^o: Não. Nenhum tipo de site.

Parece que, além de muitos professores não traçarem um roteiro de pesquisa para orientar os alunos nesta atividade, conforme pesquisas e reflexões aqui citadas (MORO ET AL., 2002; CARVALHO, 2007; SANTOS, 2007; BAGNO, 2008), nem sempre os livros didáticos trazem tal roteiro ao sugerirem uma atividade de pesquisa, o que dificulta o processo de ensino/aprendizagem através da pesquisa escolar como sugere e defende Demo (1998, 2000, 2004, 2006). E, para agravar ainda mais esta situação, parece que a indicação de fonte de pesquisa não é uma constante nem em livros nem através dos professores. Vimos, anteriormente, que os professores, de acordo com os alunos participantes deste trabalho, nem sempre indicam uma fonte de pesquisa e que, nas tarefas aqui discutidas, apenas os alunos do 9^o contaram com uma referência, embora essa referência não tenha sido útil, conforme será visto oportunamente.

Também questionamos a A15/7^o qual era a atitude dela ao se deparar com a página de resultados de um buscador.

E: Quando você busca algo, você costuma clicar na primeira página que o Google te dá ou você...

A15/7º: Eu leio sempre a introdução que ta embaixo do link e se naquela introdução tiver o que eu tô procurando, eu clico.

Pelo visto, A15/7º não faz suas escolhas aleatoriamente. Ela já depreendeu o tipo de leitura necessário para essa situação: *previewing* (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 1987).

A pesquisadora perguntou ainda se a aluna costuma emitir opinião própria a respeito das informações encontradas durante uma pesquisa. A resposta dela chama atenção para a relação entre professor e aluno na sala de aula. Às vezes, o professor não dá oportunidade ao aluno de se manifestar ou não o encoraja a fazer isso ou ainda repreende o aluno quando tenta emitir sua opinião por não ser considerada a correta pelo professor. Tal atitude pode dificultar o desenvolvimento da habilidade do aluno de se posicionar criticamente diante de textos, dados, situações.

E: E você tem o costume de emitir opinião sua da informação que você encontrou ou?

A15/7º: Não. Ah, eu coloco o que eu acho mais importante. Com as minhas palavras, eu não tenho o costume de colocar. Mas assim, o que eu achar na internet alguma coisa que eu acho importante na minha opinião, aí eu coloco.

E: Você não costuma colocar com suas palavras, por quê?

A15/7º: Ah, eu tenho um pouco medo de errar, de colocar alguma coisa que tá fora do que eu tô procurando, do que eu entendi.

O próximo caso que será discutido é o da aluna A18/8º. Assim como no caso anterior, também houve problema com a gravação através do *software wink*, não sendo capturadas as ações da aluna durante a pesquisa. Diante dessa situação, apresentaremos e discutiremos os dados da mesma forma, ou seja, comentaremos primeiro os resultados da entrevista e posteriormente, na próxima seção, do texto produzido pela aluna como resultado do trabalho dela.

A aluna deveria realizar uma pesquisa sobre Chico Buarque. Então a pesquisadora perguntou a ela o que foi solicitado pela professora, o que deveria ser feito.

E: [...]. E o que que ela pediu pra você fazer aqui nesse trabalho?

A18/8º: Vida e obra de Chico Buarque.

E: Só vida e obra e mais nada.

A18/8º: É.

Novamente, parece que ainda é vigente a prática de se solicitar uma pesquisa ao aluno sem lhe dar nenhuma orientação ao não ser um tema.

Ainda foi pedido a A18/8^o que comentasse as fontes de onde ela extraiu os dados e como ela produziu o texto.

E: Então Alice, você encontrou esses dados onde?

A18/8^o: No Wikipédia e..... no site Roda Viva.

E: Roda Viva? Aí como você fez para elaborar esse texto?

A18/8^o: Eu liiii. Eu fui cort(interrompeu) Eu copio, eu colo

E: hummm

A18/8^o: e vou cortando as partes que eu acho que eu não devo botar no meu trabalho.

E: Tá. E quando você, aqui você não mencionou quais são os sites que você utilizou. Você não colocou a fonte. Por quê?

A18/8^o: Porque eu sempre esqueço.

Esse fragmento retoma dois problemas já levantados aqui: não se manifestar diante das informações, uma vez que a aluna declarou primeiro copiar e colar, para depois cortar o que julga desnecessário e não mencionar as fontes utilizadas, já que ela afirma sempre esquecer.

No entanto, de acordo com as declarações da aluna, é provável que ela utilize o tipo de leitura *skimming* para selecionar o que deve ser cortado do trabalho, deixando apenas o que considera importante.

Ainda, durante a entrevista, observamos um fator que não seria o ideal, mas que, em alguns casos pode estar relacionado com o esforço do aluno durante a realização de uma pesquisa. Para A18/8^o, a forma que sua atividade será avaliada pelo professor é determinante para a maneira como ela realizará a pesquisa dela. Assim o que deveria ser, principalmente, um estímulo para o aprendizado acaba se reduzindo a uma estratégia para se adquirir pontos. Acreditamos que esse não deva ser o objetivo principal ao se trabalhar com pesquisa na sala de aula.

E: Você clicou em algum link?

A18/8^o: Não.

[...]

E: E você não clicou por quê?

A18/8^o: Porque não fala sobre coisas que eu preciso.

E: Tá. Não fala coisas que você precisava? Tá bom. E..... se falasse você procuraria.

A18/8^o: Num sei.

E: Depende?

A18/8^o: Depende

E: Normalmente, o que você faz?

A18/8º: Bom. Às vezes quando eu quero um trabalho muito bom, eu clico quando não, não clico.

E: E quando você quer um trabalho muito bom. Que tipo de trabalho você quer muito bom?

A18/8º: Bom um trabalho que vale mais pontos. Aí eu vou, procuro fazer ele maior com mais coisas.

Agora, iremos comentar o processo de pesquisa do aluno A20/8º. Assim como A18/8º, o tema de sua pesquisa era Chico Buarque, porém não houve problemas com a gravação através do *wink*.

A primeira atitude de A20/8º para encontrar informações a respeito de Chico Buarque foi abrir duas páginas na internet: o portal do Colégio São Francisco e o buscador *Google*. Segundo o aluno, normalmente, ele utiliza esses dois *sites* para obter dados para suas pesquisas. É possível perceber durante a visualização das imagens capturadas pelo *wink* que o aluno explorou o portal do Colégio São Francisco de várias formas: utilizou o buscador oferecido pelo *site*; escaneou os *links* presentes no *menu*; optou por clicar nos *links* que acreditava estarem relacionados com o tema da pesquisa dele como literatura, análise literária e análise gráfica. Porém não obteve sucesso nessa busca e desistiu do *site*, fechando-o.

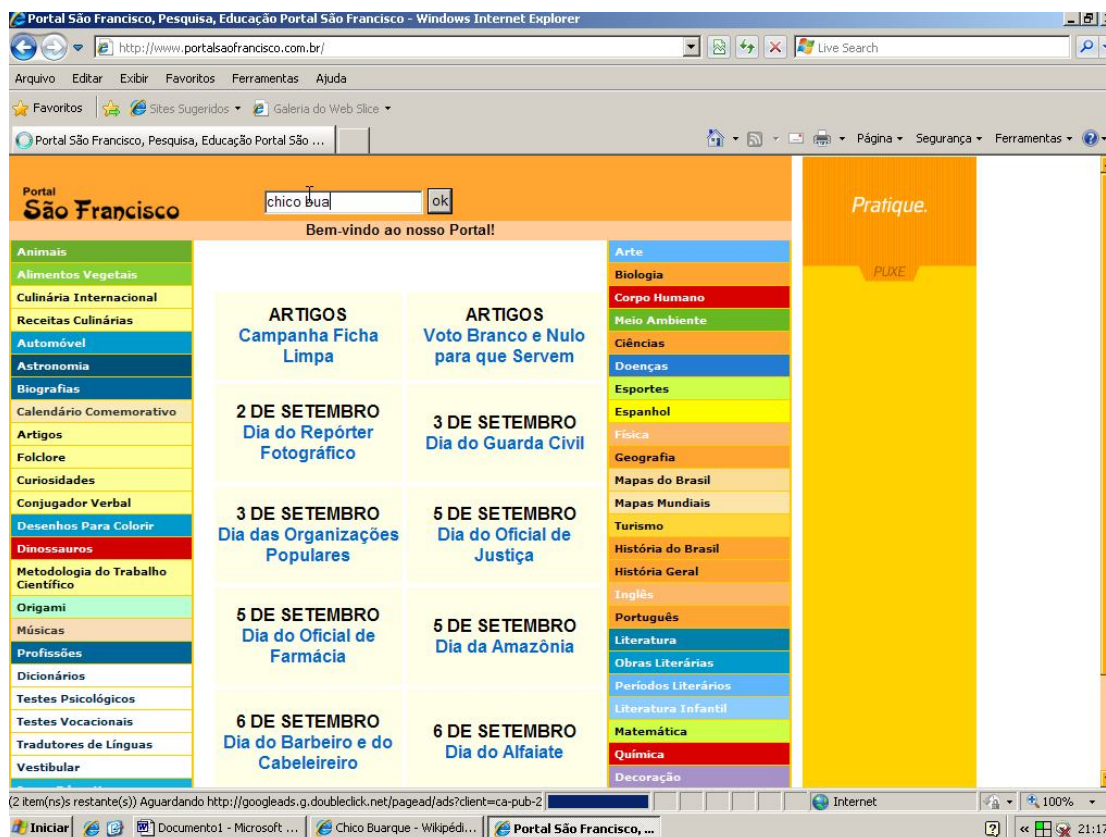


Figura 14: Uso do buscador do portal Colégio São Francisco

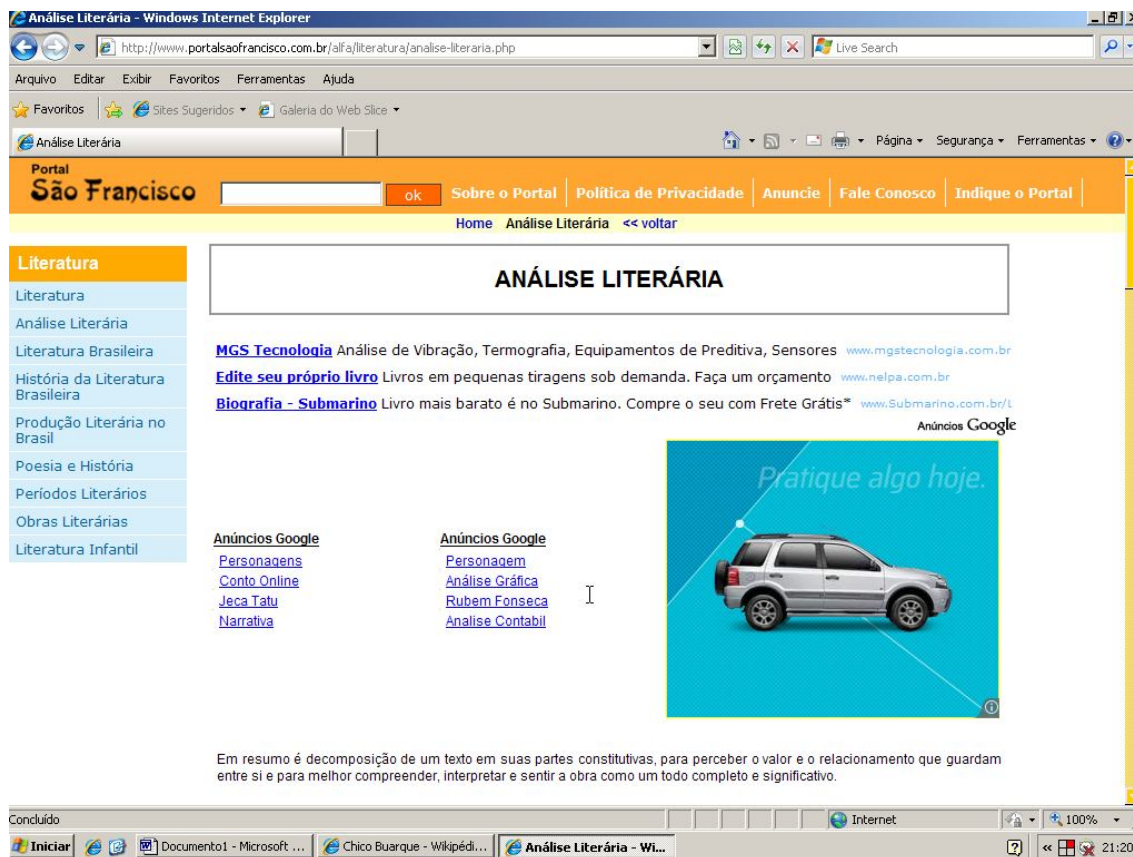


Figura 15: Tentativa de encontrar informações sobre Chico Buarque no *link* Análise Literária.

Já no *Google*, após abrir a página de resultados para a busca pela palavra-chave “Chico Buarque”, A20/8^o clicou no primeiro *site* que apareceu, deu uma olhada rápida, retornou à página de resultados do *Google* e visitou a página da *Wikipédia* localizada em terceiro lugar no *ranking* do resultado fornecido pelo *Google*, conforme é possível visualizar na figura abaixo.

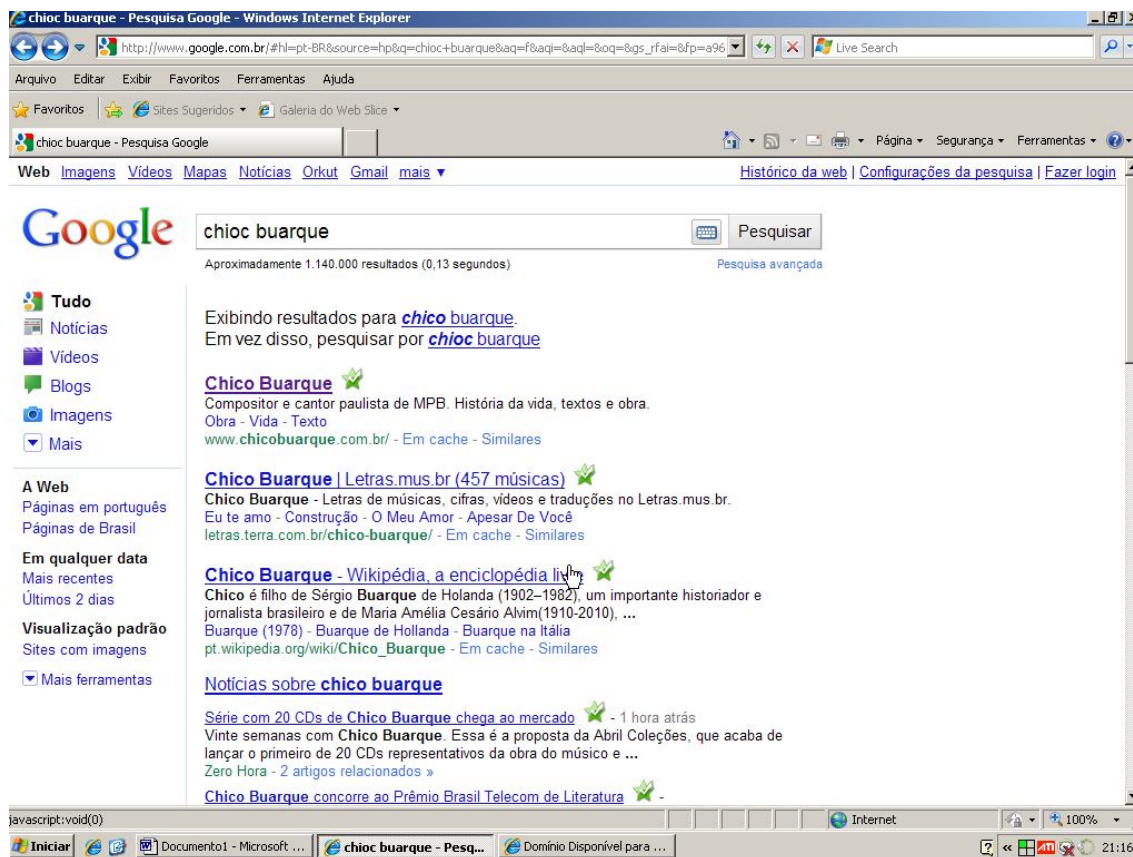


Figura 16: Exploração da página de resultados por A20/8^o.

Durante a entrevista, logo após a captura das ações do aluno na tela, a pesquisadora questionou ao aluno o motivo dessas escolhas, revendo as ações do aluno.

E: Primeiro site que você olhou foi esse aqui, não foi? (www.colecao**chico**.com.br) (Coleção Chico Buarque)

A20/8^o: Foi.

E: Por que você clicou primeiro nesse?

A20/8^o: Porque sempre os primeiros que vêm são melhores, né? Só que esse não deu muito certo.

E: O que que tinha nele?

A20/8^o: Ah! Tinha... Tava eh.. tipo e-book.

E: Aí depois você clicou em qual?

A20/8^o: É Wikipédia.

E: Porque você foi no Wikipédia e não clicou no seguinte?

A20/8^o: Porque tava escrito letra de música.

E: Humhum. Quando você abre lá na, na página do Google aparecem vários sites, né?

A20/8^o: Humhum.

E: Você clicou naquele primeiro porque você acha que, você falou comigo que...

A20/8º: ... É eu acho que os primeiros são mais relacionados. O próprio lugar diz, aqui ó, são aqui aparece ah lá similares.

E: Humhum. E aqui quando você, volta lá, aqui vem um resumo do que você pode encontrar.

A20/8º: humhum.

E: Você costuma ler esses resumos antes de clicar.

A20/8º: Humhum.

E: Ou vai clicando assim.

A20/8º: Não. Eu leio, eu leio isso aqui também, o que eu digitei, eu pesquisei nesse aqui porque tava similar, esse aqui também. Os três primeiros, depois vem só artigos relacionados.

É possível perceber nesses dois fragmentos selecionados que o aluno não escolhe o *link* que visitará na página de resultados aleatoriamente. Ele lê primeiro e clica naqueles que considera relevantes para sua pesquisa, ou seja, ele faz uma leitura *prewiwing*. Porém o aluno confunde alguns conceitos que em determinada situação podem dificultar ou atrapalhar sua busca. O aluno se baseia na presença do *link* similares abaixo do endereço eletrônico dos *sites* oferecidos pela página de resultados do *Google* para escolher o *site* que irá visitar por acreditar que estes estão relacionados com o tema que está procurando. Só que, na verdade, o *link* similares ao ser clicado abre uma nova página de resultados do *Google*, onde é possível encontrar *sites* com conteúdos similares ao *site* localizado na primeira página de resultados. Por exemplo, quando o aluno digitou “Chico Buarque” no buscador, apareceram vários endereços eletrônicos. Abaixo do endereço da *Wikipédia* que trazia a biografia de Chico Buarque estava um resumo e dentre outros *links*, o similares. Ao clicar no *link* similares, aparece uma nova página de resultado com endereços eletrônicos de *sites* cujo conteúdo é a biografia de Chico Buarque. E, ainda, quando o aluno afirma que após os três primeiros endereços oferecidos pelo *Google* só aparecem artigos relacionados, parece que para ele esses *sites* trazem informações semelhantes às dos *sites* anteriores, não valendo a pena, visitá-los. Porém o *link* artigos relacionados, localizado também abaixo do endereço eletrônico oferece a oportunidade de ter contato com outros artigos que trazem informações relacionadas com o tema contido no *site* anterior. Esses dados parecem sugerir que o *Google* dentre outros buscadores deveriam ser mais explorados na sala de aula, para que o aluno pudesse utilizar todas ou maior parte das potencialidades oferecidas por esses buscadores com a finalidade de facilitar as buscas na *web*.

Continuando a discussão do processo de busca de A20/8º, verificamos que após abrir a página da *Wikipédia* referente à biografia de Chico Buarque, o aluno faz uma leitura rápida das informações contidas nos primeiros parágrafos, seleciona, copia e cola no *Word* o nome completo de Chico Buarque, depois retorna à página da *Wiki*, lê novamente, seleciona o que

constará no texto que ele está produzindo e copia, ora digitando, ora colando, conforme é possível visualizar nas figuras abaixo.

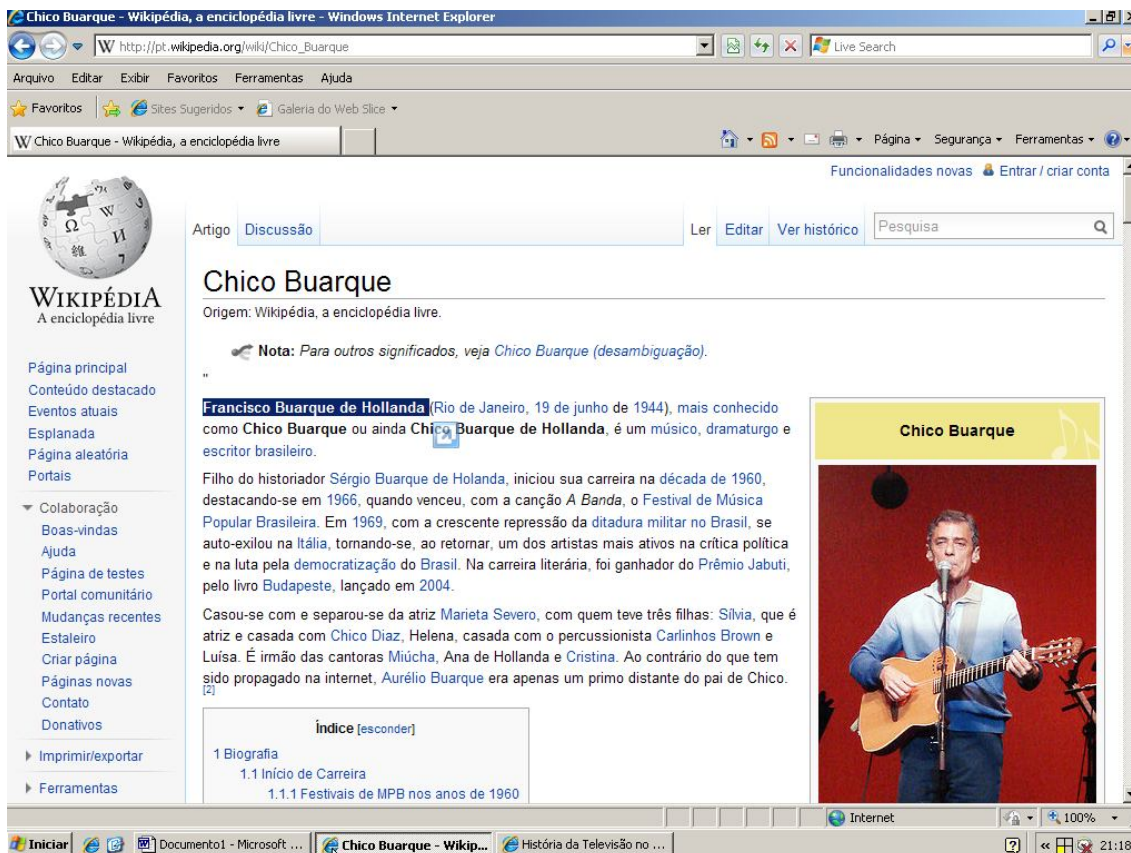


Figura 17: Seleção do nome completo de Chico Buarque.

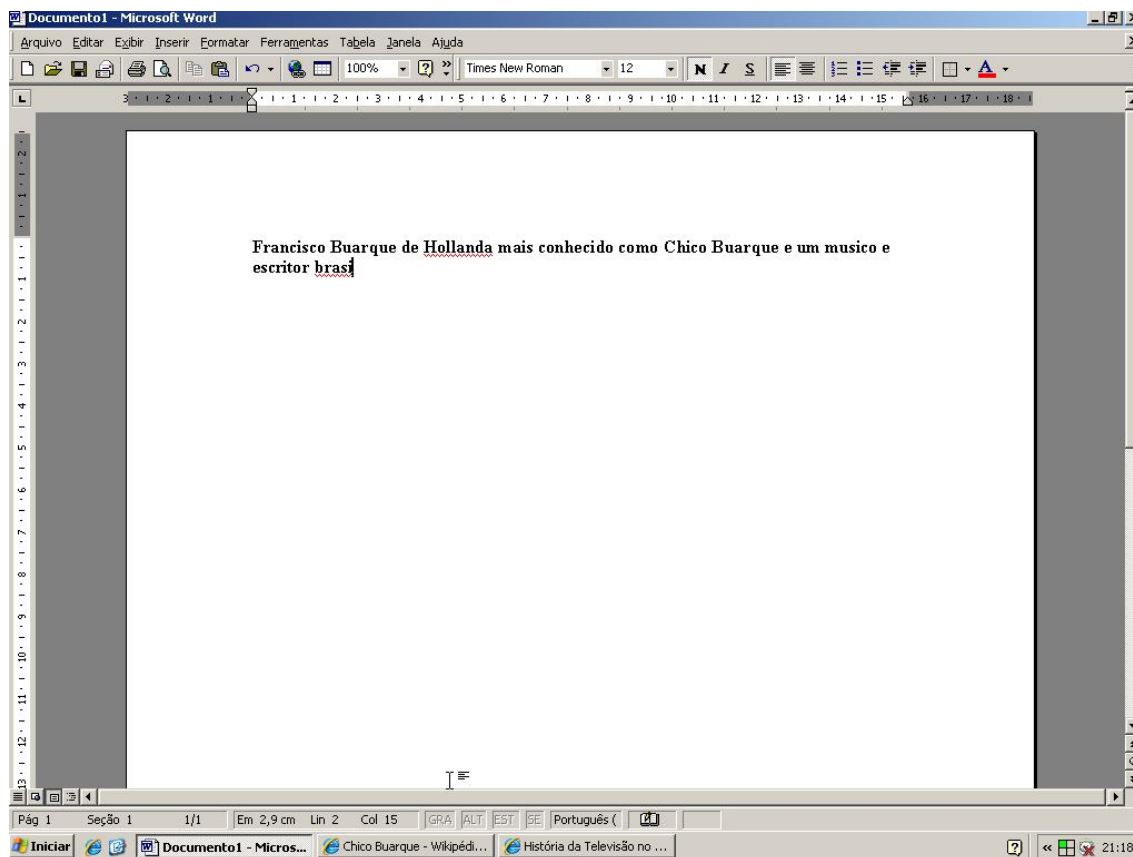


Figura 18: A20/8º digitando informações extraídas da página da *Wikipédia* ilustrada na figura anterior.

Na entrevista, o aluno descreve essa leitura que ele faz durante a seleção das informações que ele utilizará em seu trabalho.

E: E quando você abre a página, o que você faz? Você lê tudo, você...

A20/8º: Eu leio um pedaço.

E: Como assim um pedaço?

A20/8º: Eu leio um pedaço, aí o que eu acho interessante daquele pedaço, eu passo para o.... como é que chama? Para o Word.

E: Você não lê o texto todo, você vai dá uma olhada...

A20/8º: Eu leio um pedaço, passo ele pro Word e vou modificando ele um pouco.

E: Mas o texto todo você não chega lê não.

A20/8º: Tudo, tudo, não.

E: Você dá uma...

A20/8º: É muito grande

E: Você abre aqui a página...

A20/8º: É, eu leio esse trecho, eu mando ele pro Word, eu modifico ele. Eu leio esse outro pedaço, porque essa parte aqui do Wikipédia, ela é mais um resumo. (O aluno apontou para o início da página da *Wikipédia*, ilustrada na figura 17).

E: humhum. E se fosse um outro site, você costuma olhar até o final ou você vai dando.
A20/8º: Vou dando uma lidinhas.

Esse fragmento parece ilustrar o estudo conduzido por Jacob Nielsen *apud* Almeida (2003) sobre a leitura na *web*.

Em estudo conduzido por Jakob Nielsen, intitulado *How Users Read on the Web*, descobriu-se que 79% dos leitores olham rapidamente o conteúdo da página e que apenas 16% desse total fazem a leitura do texto palavra por palavra. Textos com jargão publicitário frequentemente são mal recebidos pelos leitores. A preferência é por parágrafos curtos e objetivos, com os pontos principais apresentados em itens. O excesso de informação disponível torna os leitores extremamente seletivos quanto ao que lêem ou aquilo a que devotam sua atenção, mesmo que por alguns instantes apenas. (ALMEIDA, 2003, p. 97)

Como é possível perceber nosso leitor não foge à regra, quando se trata de leitura no ambiente virtual. A preferência dele é por textos pequenos, uma vez que declara não ler todo o texto por ser “muito grande”. E diante de textos dessa magnitude na *web*, A20/8º seleciona o que será lido, o que receberá mais atenção, ele lê “um pedaço”, seleciona o que julga mais importante, depois lê “outro pedaço” e, assim, sucessivamente. O aluno também utiliza do conhecimento prévio a respeito da dinâmica, da estrutura de *sites* conhecidos como a *Wikipédia* para selecionar o que será lido. Ele mesmo afirma ler a parte inicial da *Wikipédia* que acaba funcionando como um resumo, uma introdução do assunto tratado naquela página que será aprofundado no decorrer da página.

O aluno, ainda, extraiu informações de mais dois *sites* encontrados através do *Google*:
“http://www.pensador.info/autor/Chico_Buarque/” e
“<http://www.mpbnet.com.br/musicos/chico.buarque/indez.html>”, copiando e colando, como pode ser visualizado nas figuras 19 e 20.

Chico Buarque - Pensador - Windows Internet Explorer

http://www.pensador.info/autor/Chico_Buarque/

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos Sites Sugeridos Galeria do Web Slice

Chico Buarque - Pensador

autores | biografias | tags | populares | recentes | temas

PENSADOR.INFO

nome > autores > chico buarque

Anúncios Google [Chico Xavier](#) [Chico Buarque](#) [Autos Chico](#) [Chico Mendes](#)

Chico Buarque

Chico Buarque de Hollanda (19 de junho de 1944, Rio de Janeiro), músico brasileiro. considerado um dos maiores nomes da MPB - Música Popular Brasileira.

1 - 25 do total de 99 pensamentos de Chico Buarque

Que saudade é o pior tormento, é pior do que o esquecimento, é pior do que se entrevar...

[Chico Buarque](#)

Adicionar à minha coleção Na coleção de 113 pessoas

CELULAR MP20 PEARL

Sinal de TV grátis
2 Chips Ativos
Câmera 3.0 MP
Bluetooth

R\$ 129,90
ou em 12X de R\$ 13,53 sem juros

FRETE GRÁTIS

Cadastre-se já
Faça login
Adicione um pensamento

Siga-nos no Twitter
Seja nosso fã no Facebook

Busca:

Anúncios Google
[Frases E Pensamentos](#)
[Saudade Amor](#)
[Chico Gav Bar](#)
[Frases De Amor Amigo](#)

Relacionados
[Poesias de Chico Buarque](#)
[Solidão Chico Buarque](#)
[Chico buarque poesias](#)

Iniciar Documento1 - Microsoft ... Chico Buarque - Wikipédi... Chico Buarque - Pens... Internet 100% 21:24

Figura 19: Seleção/cópia de informações do site Pensador.

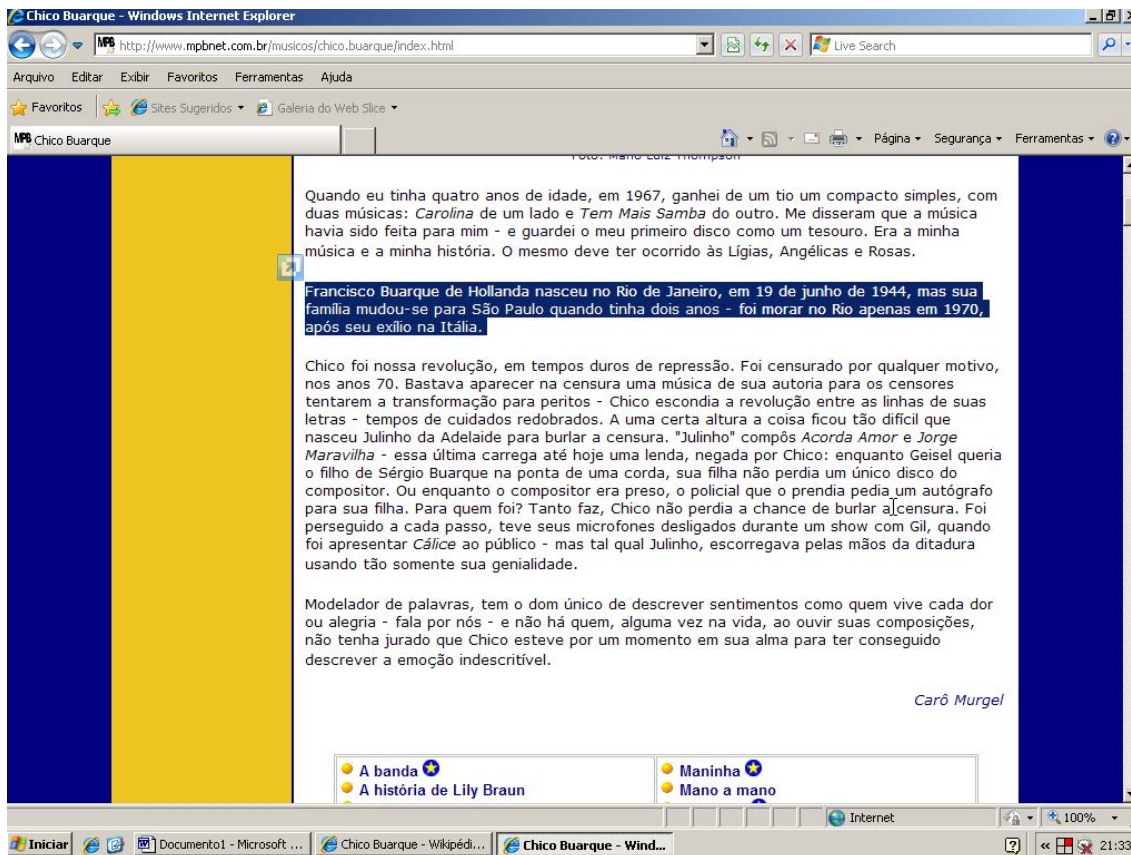


Figura 20: Seleção/cópia de informações do *site* Mpbnet.

Por último, A20/8^o procurou no *Google* imagens uma foto de Chico Buarque para colocá-la no trabalho.

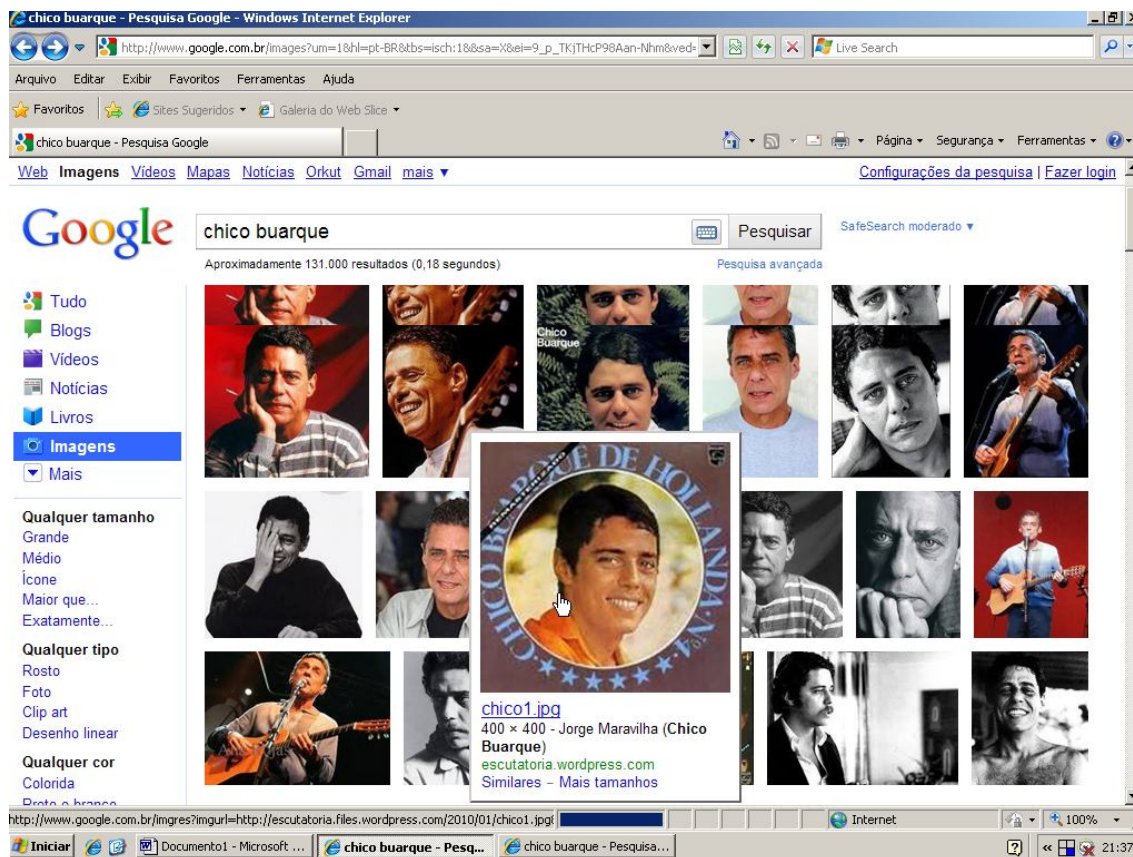


Figura 21: Escolha de foto de Chico Buarque para inserir no trabalho de A20/8º.

Dando continuidade à investigação dos processos de pesquisa na internet, vamos comentar os casos de mais três alunas pertencentes ao 9º ano do ensino fundamental. Elas deveriam fazer uma pesquisa sobre a formação do futuro em inglês, de acordo com as instruções seguintes dadas pela professora de inglês.

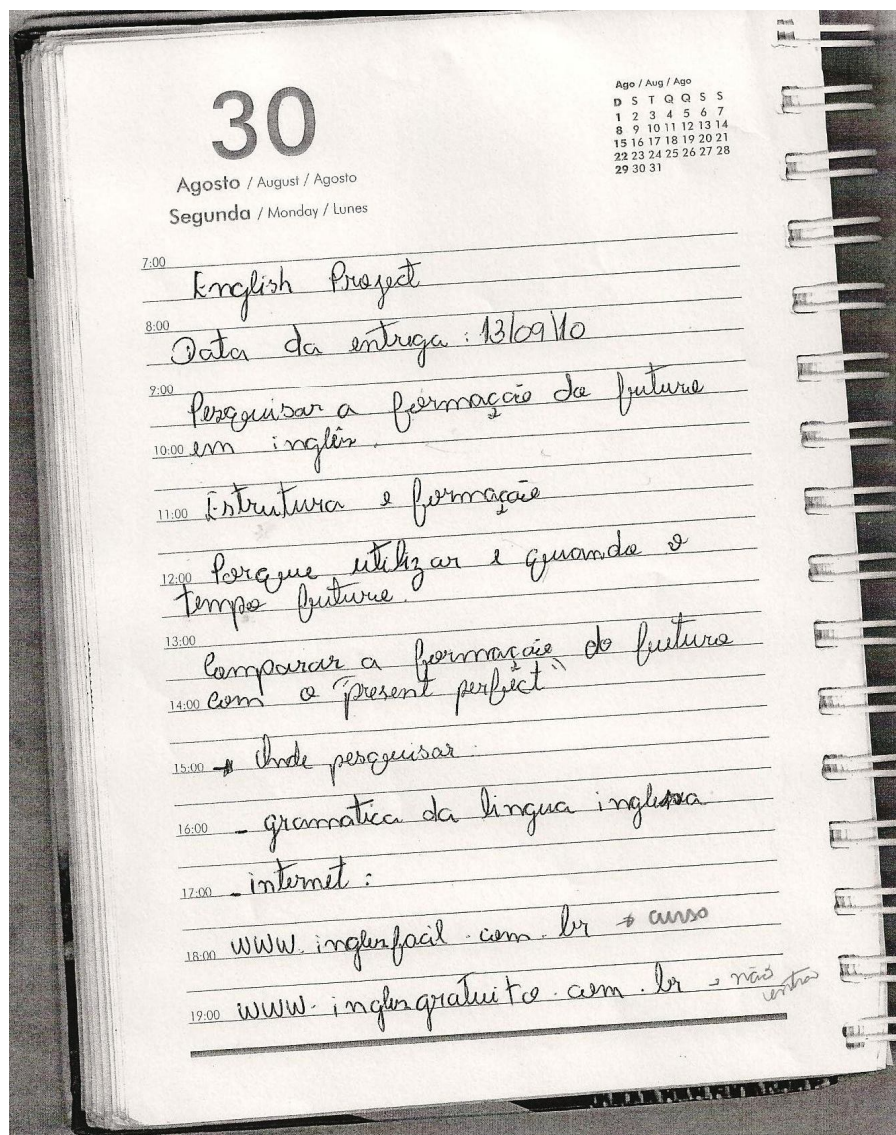


Figura 22: Cópia de uma página da agenda de uma das alunas.

Repare que neste caso, a professora traçou um roteiro do que o aluno deveria focalizar no trabalho e ainda forneceu fontes de pesquisa: uma gramática da língua inglesa, de acordo com a preferência do aluno e dois *sites*: “<http://www.inglesfacil.com.br>” e “<http://www.inglesgratuito.com.br>”. Porém não foi possível extrair informações de nenhum dos dois *sites* porque um se tratava mais de uma propaganda de um curso de inglês e o outro abria uma página que acusava erro ou página inexistente. Assim podemos dizer que além de fornecer os *sites*, é preciso que o professor os visite antes, confira se é possível encontrar as informações que ele solicitará e se o *site* ainda está na internet, se é ainda é possível acessá-lo.

Conforme mencionamos, será descrito o processo de pesquisa de três alunas selecionadas do 9º ano, sendo que o primeiro refere-se às ações da aluna A23/9º. Infelizmente, tivemos um problema com os dados dela, só que dessa vez não está relacionado com a gravação por meio do *wink*. Assim como com os demais alunos, a pesquisadora combinou um determinado horário para que ela pudesse observar e gravar as ações do aluno durante a realização da pesquisa. Porém A23/9º chegou antes do horário combinado e começou a fazer a pesquisa sem a presença da pesquisadora. Quando a pesquisadora chegou, a aluna estava digitando algumas informações copiadas de um livro didático de inglês¹⁴ no *Word* e já havia um outro arquivo do *Word* aberto com informações que, segundo a aluna, foram extraídas da internet por sua parceira de equipe, já que a pesquisa dela seria realizada em dupla. Diante disso, a pesquisadora iniciou a gravação na tentativa de obter pelo menos dados do que a aluna ainda não havia feito, conforme é possível visualizar nas figuras 23 e 24.

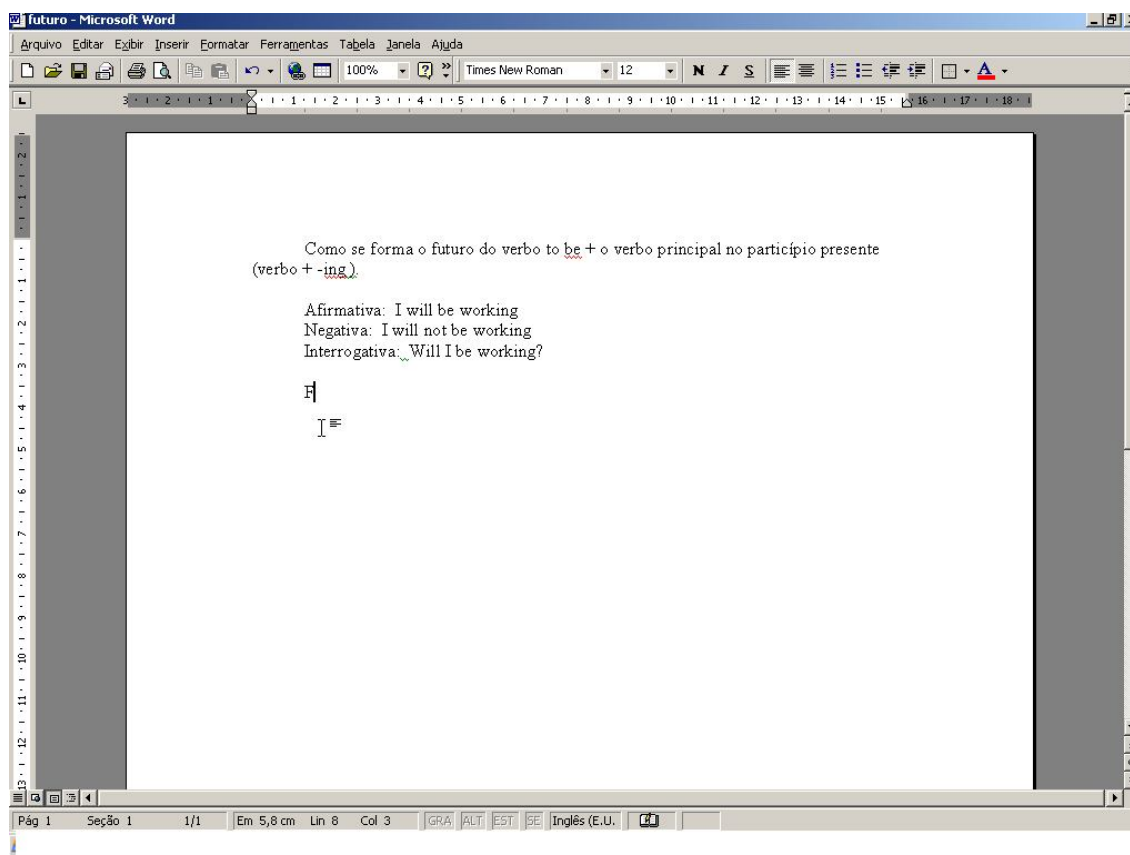


Figura 23: Início da gravação de A23/9º.

¹⁴ MILENIO, Cedic. *Inglês*. Cedic: Belo Horizonte, p. 37 e 58.

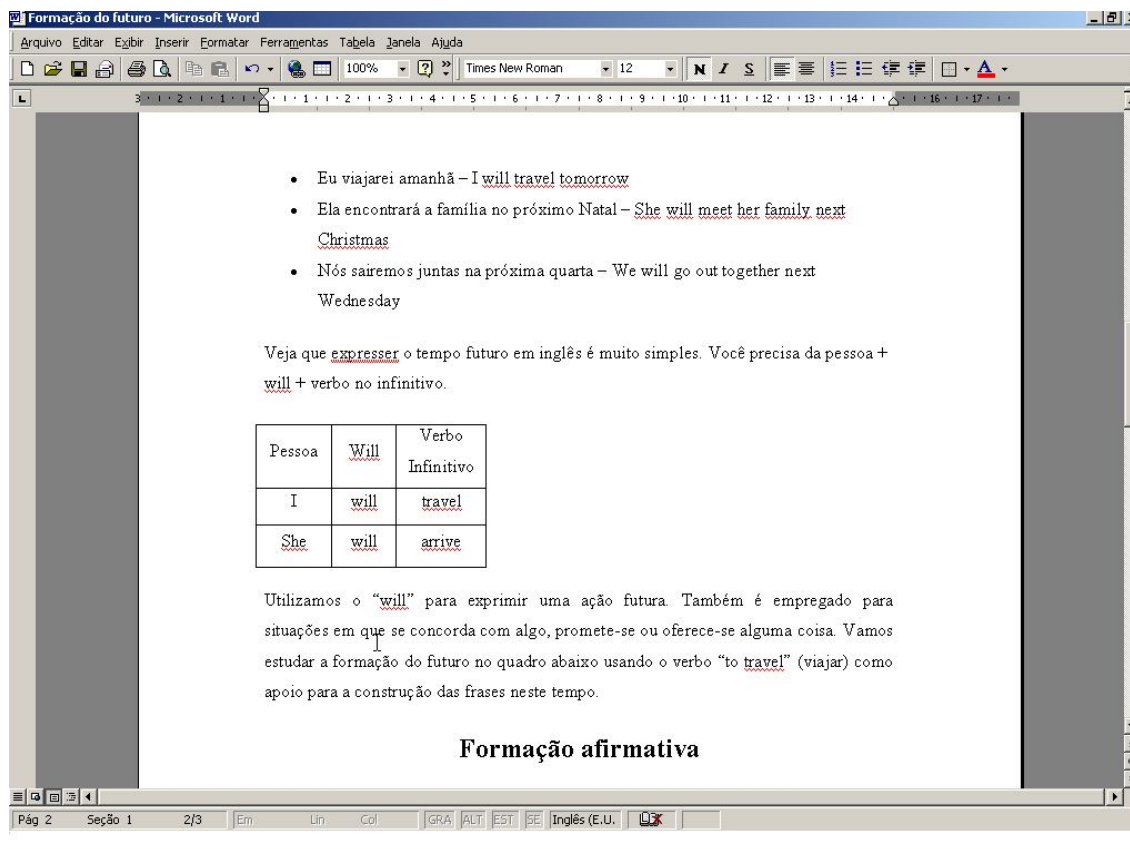


Figura 24: Parte da informação que a parceira de A23/9^o já havia coletado da internet.

Verificamos que a aluna digitou no arquivo *Word Futuro* alguns dados da formação do tempo futuro e do *present perfect* em inglês. Depois ela observou as informações, contidas no arquivo *Word Formação do Futuro* que a parceira dela extraiu dos *sites*: “<http://www.zapenglish.com/pt/gramatica-future-will.htm>” e “<http://www.mundovestibular.com.br/articles/7574/1/Will-Futuro-em-Ingles/Paacutegina1.html>”, de acordo com uma busca feita pela pesquisadora na *web*. Após observar, A23/9^o decidiu selecionar um fragmento, copiá-lo e colá-lo no arquivo *Word Futuro*, conforme consta na figura 25 e em um trecho da entrevista feita com a aluna.

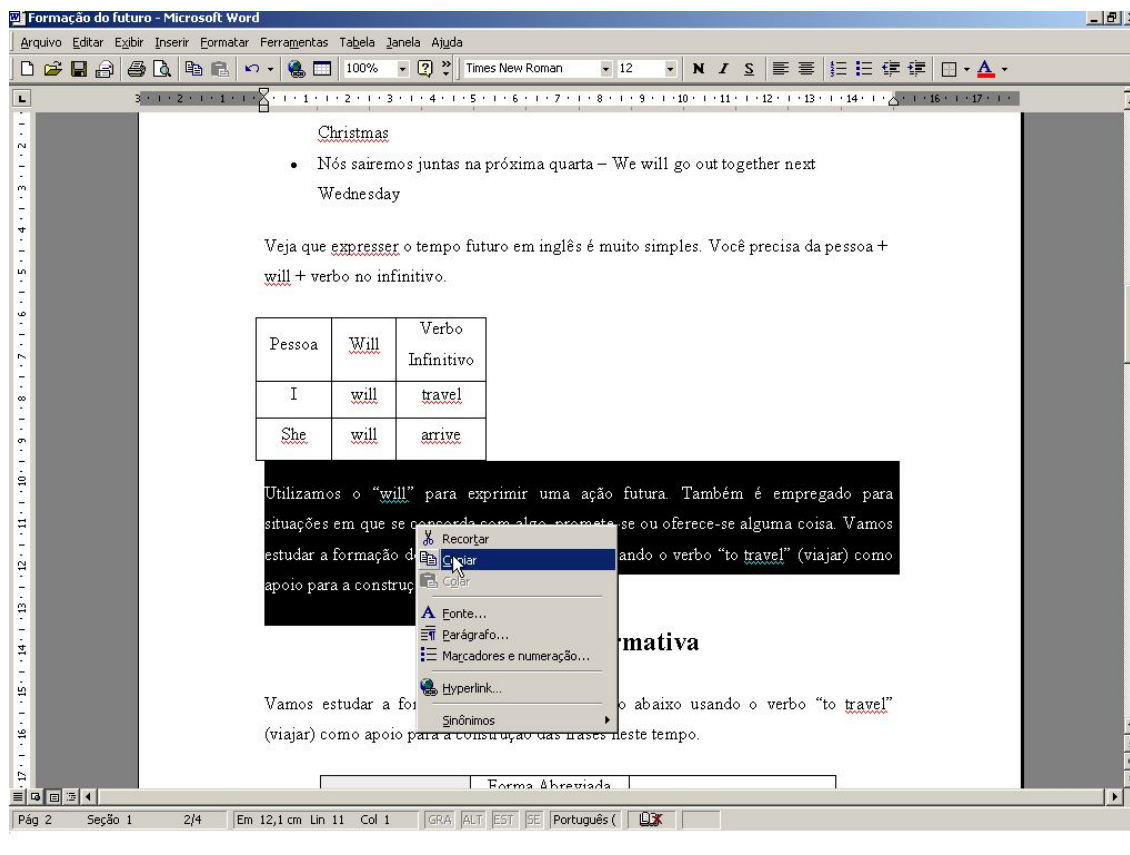


Figura 25: Seleção/cópia de fragmento do documento *Word* Formação do Futuro.

E: Como é que você fez o trabalho?

A23/9^o : Eu e minha colega pesquisamos em alguns sites. Ela procurou em alguns sites aí e eu pesquisei no meu livro de inglês que a minha mãe me deu.

E: Qual que é o livro?

A23/9^o: Ah, ele só tá escrito Inglês, é do sect milenio. É uma coleção que eu tenho.

E: Aí depois como é que vocês fizeram?

A23/9^o: Aí a gente juntou as duas partes do conteúdo, a gente resumiu um pouco, fez um conteúdo menor, só que resumindo.

Como é possível perceber, para A23/9^o resumir seria copiar/colar informações que ela julga importante, mesmo que, às vezes, dados relevantes sejam excluídos como a estrutura *be+going to*, também usada na construção de frases no tempo futuro em inglês. Além disso, nem A23/9^o nem sua parceira se preocuparam em comparar os tempos futuro e *present perfect* como a professora de inglês havia solicitado. Talvez isso tenha acontecido porque, nesse caso, as alunas deveriam analisar mais os dados e a partir daí inferir as possíveis semelhanças e diferenças entre o dois tempos verbais, o que implicaria em produzir um texto a partir de suas observações. Parece que A23/9^o é ciente da necessidade de se posicionar diante dos dados

coletados em uma pesquisa, conforme consta no fragmento da entrevista dela exposto abaixo. Porém, talvez, seja possível que ela não se sinta segura ou possua habilidades necessárias para fazer isso. E, ainda, pode ser essa a razão de a aluna ter optado por iniciar a atividade de pesquisa antes de a pesquisadora chegar.

E: Você costuma emitir sua opinião, costuma escrever com suas palavras ou só quando o professor pede?

A23/9º: Não. Assim a maioria dos meus trabalhos eu coloco uma parte a conclusão e eu escrevo a conclusão embaixo. Mas é muito raro é não escrever porque senão o professor fica achando que é ctrl+c e ctrl+v e eu não gosto. Aí eu escrevo lá o que eu acho do trabalho.

Passemos agora para os dados da próxima aluna do 9º ano, A27/9º, que também fez o trabalho com uma colega. Só que as duas estavam presentes no laboratório de informática no momento da gravação da pesquisa, sendo utilizado apenas o computador em que estava A27/9º. Além disso, durante a entrevista, somente A27/9º estava presente. E, ainda, gostaríamos de esclarecer que, devido ao fato de o foco ser o processo de pesquisa de A27/9º, citaremos sempre a aluna e não as alunas, mesmo sabendo que, em algumas ocasiões, a parceira de A27/9º tenha opinado na produção do trabalho. Sendo assim, iniciemos a apresentação deste processo de pesquisa.

Como a professora havia indicado *sites*, a aluna optou primeiro por visitá-los. Porém, conforme já mencionamos, não foi possível encontrar as informações desejadas devido ao fato de um *site* ser propaganda de curso de inglês e não ser possível acessar o outro *site*.

Inglês Fácil - Direct Method - Callan Method - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.inglesfacil.com.br/

Mais visitados Primeiros passos Últimas notícias

Inglês Fácil - Direct Method - Callan ...

Home Quem Somos Curso News Como Chegar Contato

Porque Inglês Fácil?

"A Inglês Fácil utiliza um método de ensino revolucionário, ideal para pessoas que querem dar um upgrade na carreira, mas não podem perder tempo. O diferencial da escola é o DME (Direct Method for English) e o Método Callan. Metodologia totalmente voltada para conversação. Ou seja, na primeira aula, você já começa a falar inglês! Estamos oferecendo uma semana experimental, com direito a 4 aulas grátis, de 50 minutos cada. Assim, você perceberá a diferença entre aprender inglês com nosso método e com os demais.

[saiba mais](#)

Diferencial

- 4 aulas semanais de 50 minutos cada e aula opcional às sextas, para reposição ou reforço.
- Plataforma de exercícios on-line 24 horas.
- Ênfase em conversação; média de 200 questões por aula.
- 6 livros com transcrição fonética e CD mp3.
- Não há lição de casa.
- Duração do curso: 20 meses*.
- Preço promocional de inauguração - Vila Olímpia.
- Desconto por indicação de aluno, empresas conveniadas e grupos.

Faça uma semana experimental e comprove!

www.inglesfacil.com.br

[Leia nossos depoimentos](#)

Metodologia de ensino

DIRECT METHOD FOR ENGLISH CALLAN METHOD

Pompéia: Rua Desembargador do Vale, 609 - Fone/Fax: (11) 3801-9105
V. Olímpia: Rua Gomes de Carvalho, 1088 - Fone/Fax: (11) 3842-2438

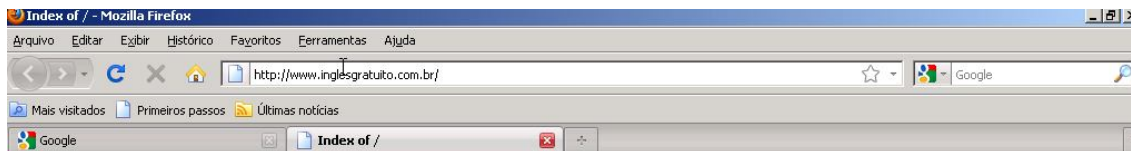
[f](#) [orkut](#) [twitter](#)

Site pré pago
Administração e Hospedagem

Recebendo dados de www.inglesfacil.com.br...

Iniciar Inglês Fácil - Direct M... 20:40

Figura 26: Site indicado pela professora.



Index of /

- [ftpquota](#)
- [cgi-bin/](#)

Apache mod_fcgid/2.3.5 mod_auth_passthrough/2.1 mod_bwlimited/1.4 FrontPage/5.0.2.2635 Server at www.inglesgratuito.com.br Port 80



Figura 27: Outro *site* indicado pela professora.

Diante dessa situação, A27/9^o decidiu buscar pela informação necessária para fazer o seu trabalho no *Google*, digitando “formação do futuro em inglês”. Na página de resultados, depois de uma olhada rápida, clicou no primeiro endereço eletrônico que apareceu: “<http://englishexperts.com.br/2007/02/06/como-usar-o-tempo-futuro-no-ingles-will-ou-going-to/>”. Passando o *mouse* pelas linhas do texto contido no *site*, leu todas as informações. Parece que aqui, a aluna fez uma leitura *skimming* (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 1987), por tentar verificar o conteúdo principal do texto, segundo o que sugere a declaração dela na entrevista.

E: A27/9^o, como que você fez esse trabalho?

A27/9^o: Ah, eu pesquisei no *Google* tive uma idéia e fui escrevendo sobre o que eu pesquisei.

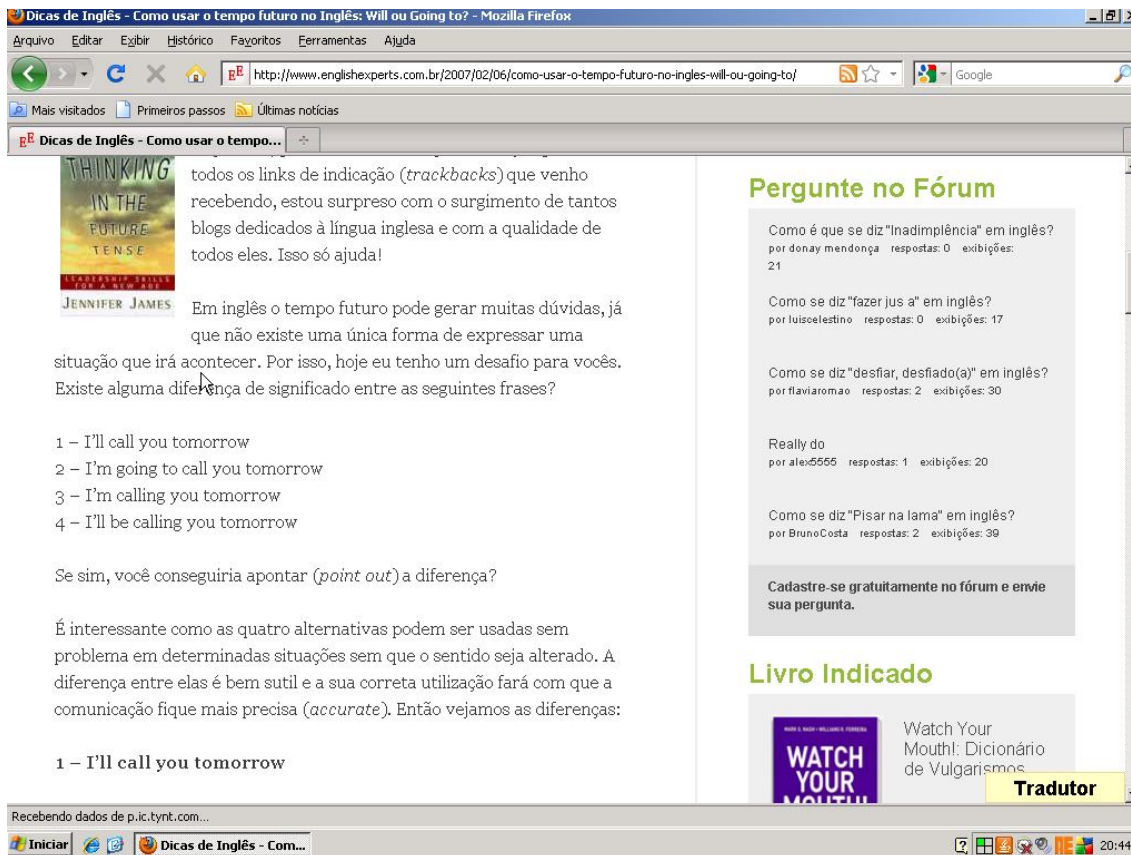


Figura 28: Indicação de leitura de A27/9^o através do movimento da seta que representa o *mouse*.

A27/9^o, ainda, abriu outra janela na internet, foi ao *Google* e procurou por “estrutura do futuro em inglês”. Na página de resultados, também clicou no primeiro endereço eletrônico que apareceu: “<http://www.mundovestibular.com.br/articles/7574/1/Will-Futuro-em-Ingles/Paacutegina1.html>”. Só que desta vez, a aluna fez uma leitura rápida, tipo *scanning* (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 1987). Parecia que o que importava para A27/9^o era localizar informações sobre a estrutura do futuro, uma vez que ela se deteve nesta parte do texto, conforme procura ilustrar a figura 29.

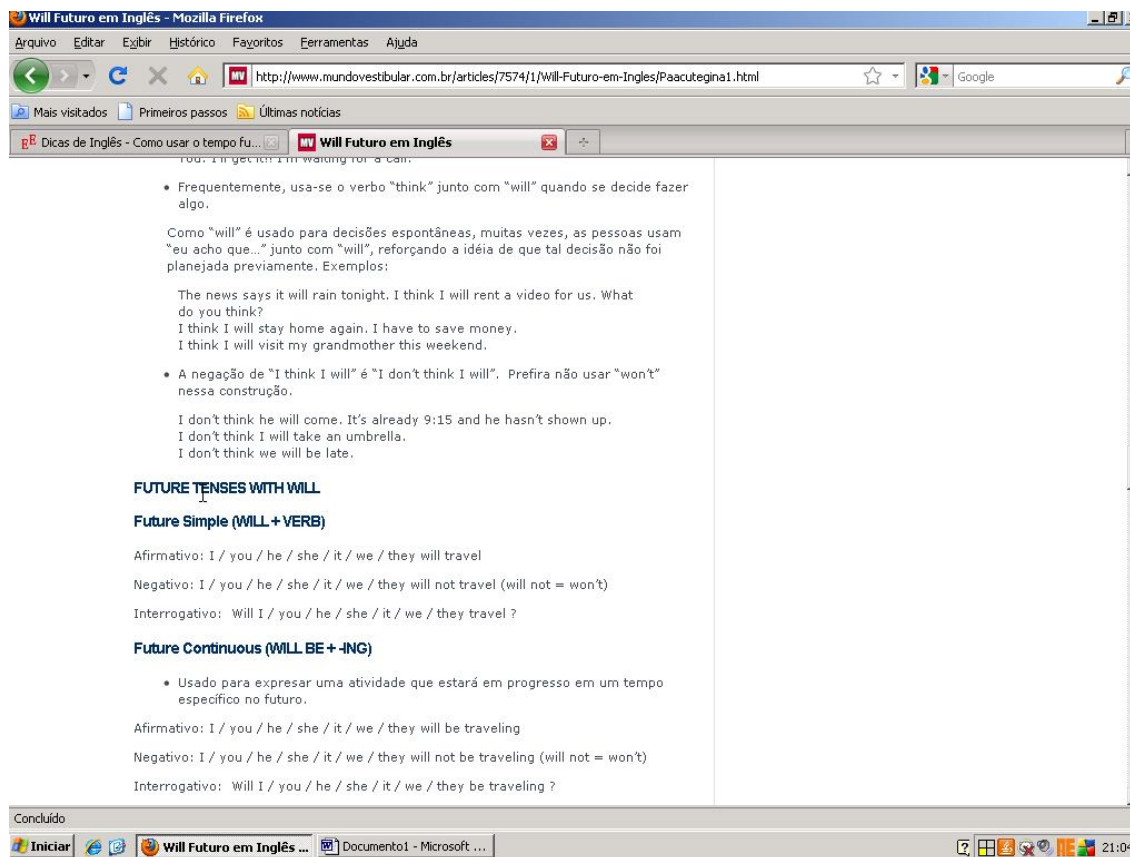


Figura 29: Localização no texto da estrutura do futuro do inglês.

A partir desses dois *sites*, a aluna foi produzindo o texto que representaria o resultado da pesquisa dela. Durante a entrevista, ela tentou descrever esse processo.

E: Vocês digitaram o que no Google?

A27/9º: Eh... a gente digitou... a gente pesquisou sobre estruturas e formações do tempo futuro em inglês.

E: humhum

A27/9º: Aí a gente achou algumas dicas pra poder ajudar a gente. Aí nessas dicas tava falando os tempos diferentes que pode ser usado em cada ocasião.

E: Aí como foi montado esse trabalho, o texto?

A27/9º: Aí a gente fez uma introdução do que a gente ia mostrar e depois com alguns exemplos a gente foi explicando o que podia usar em cada ocasião.

É possível perceber, analisando a gravação feita por intermédio do *wink*, que para produzir a introdução do trabalho, a aluna fez uma paráfrase das informações do *site englishexperts*. Os exemplos que a aluna menciona terem sido explicados por ela e pela colega, na verdade, foram copiados/colados do mesmo *site*.

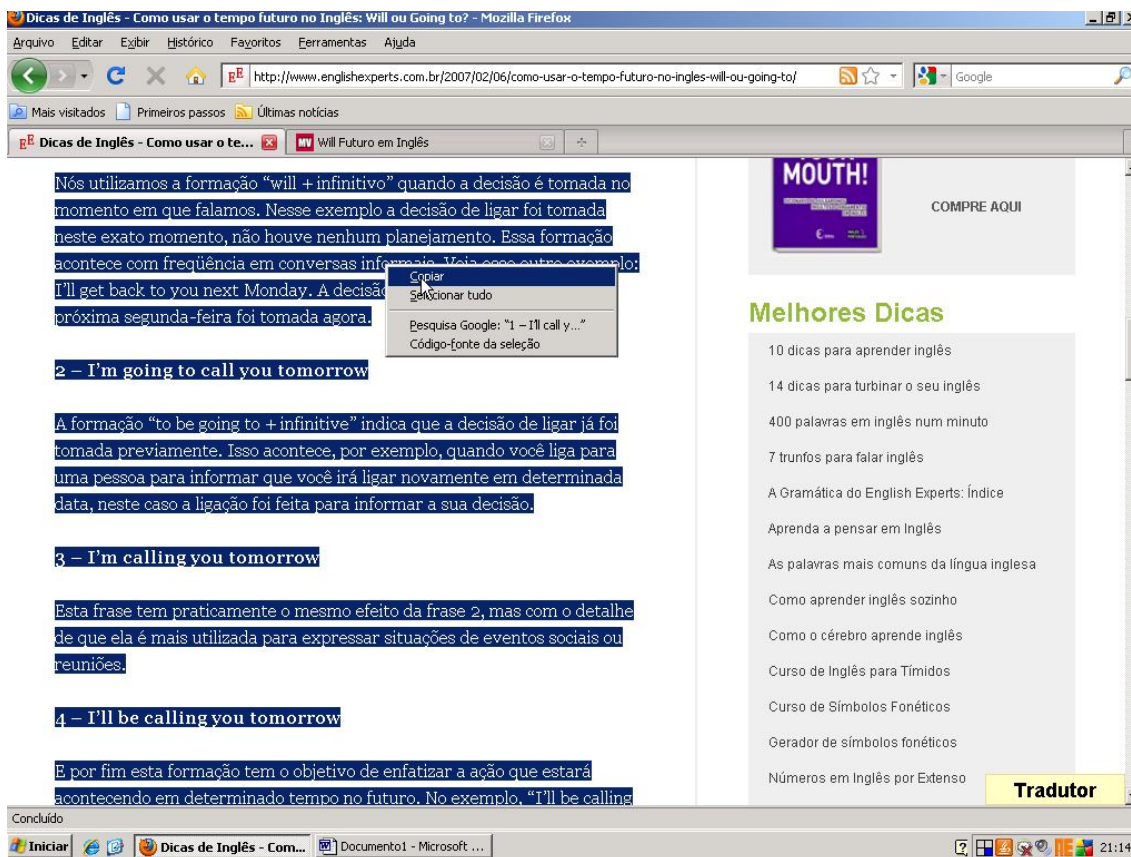


Figura 30: Seleção/cópia de dados do *site englishexperts*.

Agora para citar a estrutura do futuro em inglês nas formas afirmativa, negativa e interrogativa, A27/9^o copiou e colou informações do *site mundovestibular*. Porém, antes de inserir tais informações, ela elaborou uma introdução. Vale ainda ressaltar que A27/9^o assim como A23/9^o não comparou o tempo futuro com o *present perfect*, conforme a professora havia recomendado.

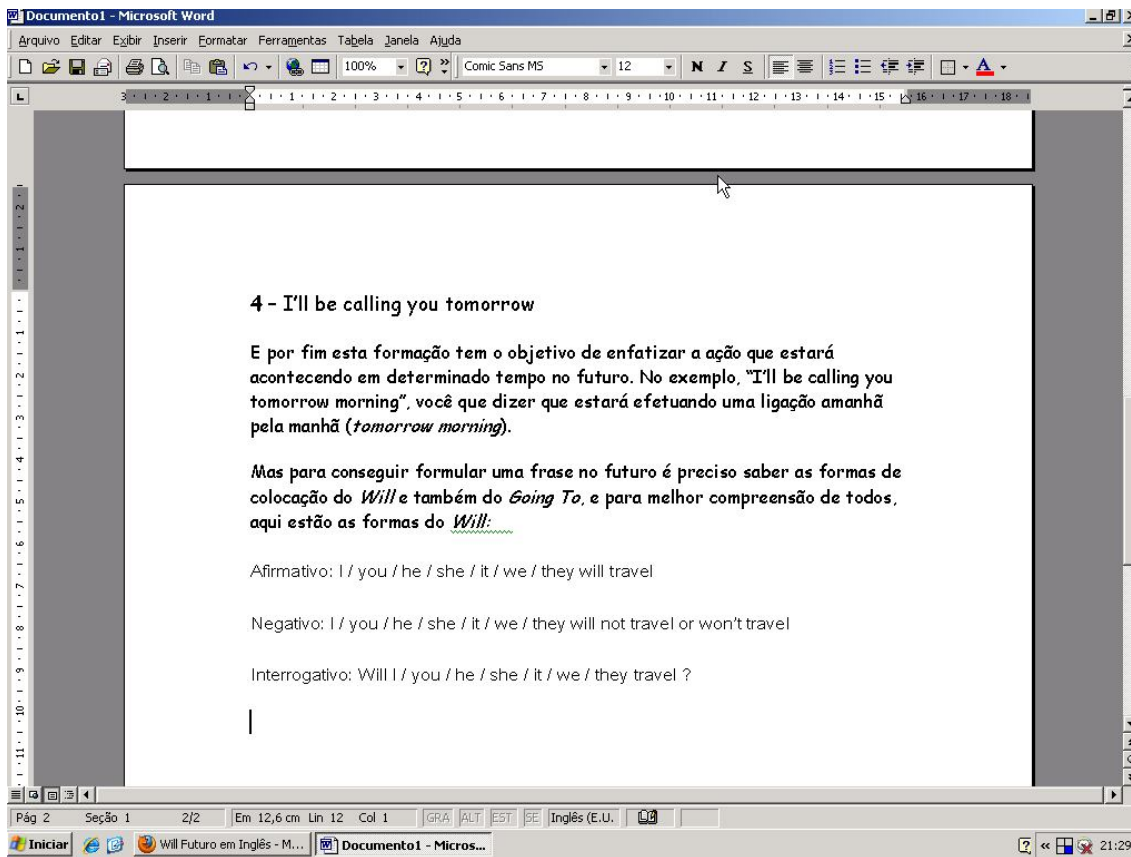


Figura 31: Cópia/Cola de informações do *site* mundovestibular no *Word*.

Vamos para a última aluna, A33/9°, que, diferente das demais do 9° ano aqui investigadas, fez o trabalho de pesquisa individualmente. Assim como A27/9°, A33/9° também tentou visitar os *sites* que a professora de inglês havia indicado, não obtendo sucesso. Então acessou o *Google* para buscar por “formação do futuro em inglês”. Ao abrir a página de resultados, ela visualizou os endereços eletrônicos, analisou-os rapidamente, fazendo uma leitura *previwing* (ALLIENDE & CONDEMARÍN, 1987), e escolheu qual visitaria.

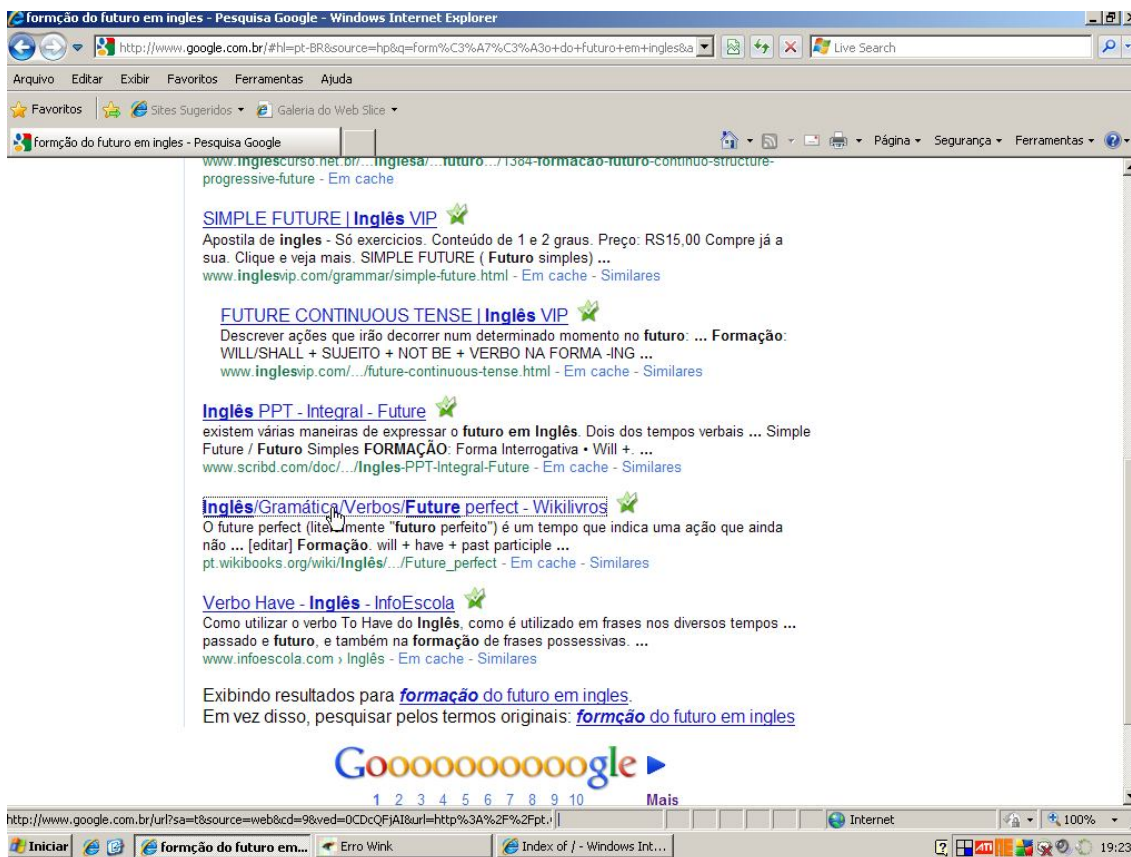


Figura 32: Escolha do endereço eletrônico para ser visitado.

Quando a página do *Wikibooks* foi aberta, a aluna verificou que só havia informações sobre o *future perfect*, então dirigiu-se à parte destinada à busca neste *site* e digitou formação do futuro. Porém ao clicar no ícone “ir” para que a busca se iniciasse, foi aberta uma janela informando à aluna que se ela continuasse, outras pessoas poderiam ver o que ela estava enviando. Então, A33/9^o desistiu de buscar informações neste *site*. Isso demonstra que a questão da segurança pode afetar as pesquisas na internet, fazendo com que o pesquisador desista de sua busca por temer que alguém mais visualize o que ele esteja fazendo ou ainda que seu computador seja invadido por um *hacker*, por exemplo.

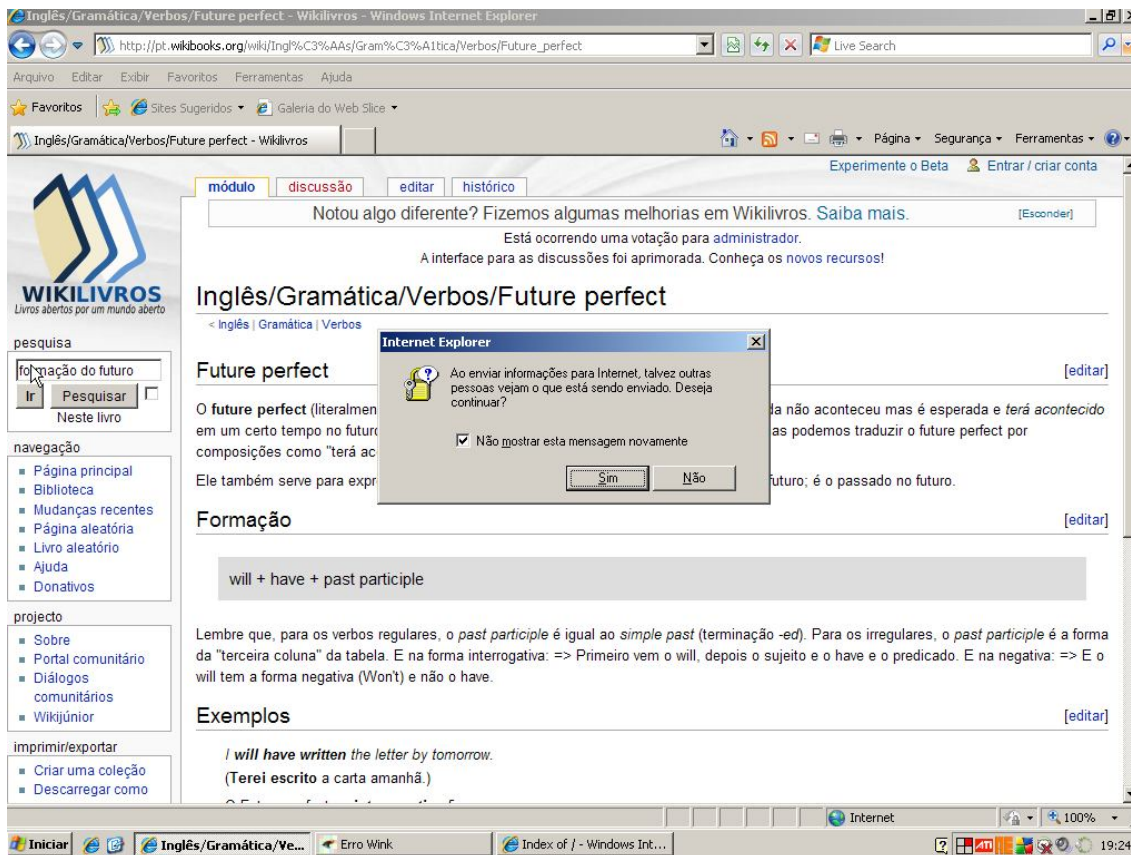


Figura 33: Problema na busca por “formação do futuro” no Wikilivros.¹⁵

Essa preocupação com a segurança também é relatada pela aluna durante a entrevista, enquanto descrevia como havia feito a busca.

E: E como você fez pra você fazer a sua pesquisa, a sua busca?

A33/9º: Eu peguei... Ela passou dois sites pra gente, pra gente pesquisar. Aí, ehnhhhhhhh, mas só que eu não fui nesses sites não porque eu não achei nada. Aí eu tô aqui no computador, aí eu pesquisei no Google coloquei informações sobre o futuro no inglês aí eu fui lendo qual site era mais seguro. Entrei num que era mais seguro. Aí eu achei.

Ao desistir de buscar informações no Wikilivros, A33/9º decidiu retornar à página de resultados do *Google* e clicou em outro endereço eletrônico: “<http://www.scribd.com/doc/4325821/Ingles-PPT-Integral-Future>”. Neste *site*, havia uma apresentação em *PowerPoint* sobre o futuro em inglês com 18 *slides*. A primeira atitude da aluna foi fazer uma leitura *scanning* com o objetivo de encontrar as informações desejadas,

¹⁵ Atualmente, não aparece mais essa janela no Wikilivros ao se fazer uma busca.

segundo o roteiro da professora. A informação que a aluna julgava relevante copiava e colava no *Word*, para uma posterior formatação e organização.

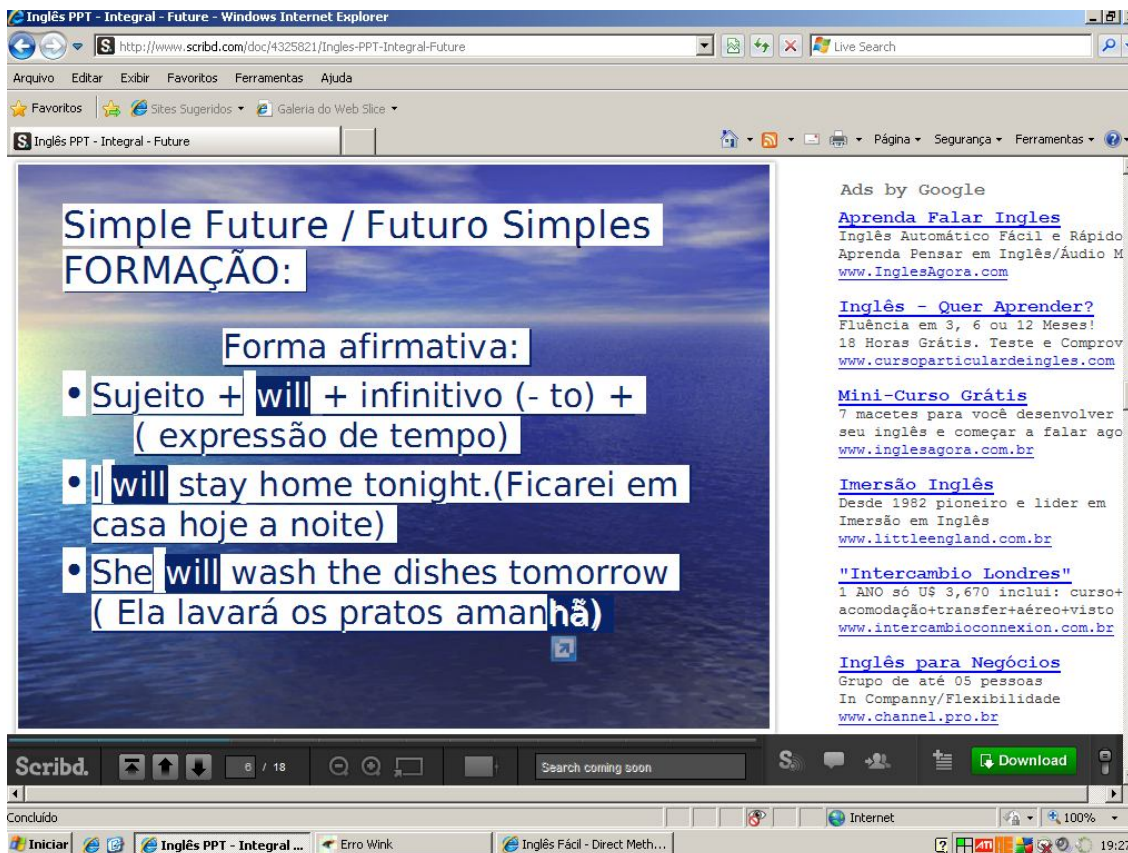


Figura 34: Seleção/cópia de fragmento do site scribd.

Segundo a própria aluna, dessa forma ela estava resumindo o conteúdo encontrado.

E: [...]. Aí como você fez pra fazer esse trabalho? Você achou esse site...
 A33/9º: Aí eu li. Não peguei tudo, eu fui nas partes principais. Aí eu peguei, li, resumi e coleí no Word.

A declaração da aluna parece demonstrar que o que os professores, normalmente, dizem ser uma cópia das informações contidas na internet pode representar, em muitos casos, para os alunos um resumo. Isso porque os alunos não copiam todas as informações encontradas, eles as observam, selecionam as que julgam principais para, aí sim, copiá-las e colá-las no *Word*.

A33/9^o ainda visitou outros *links* seja na página de resultados do *Google* “formação do futuro em inglês” ou “estrutura do futuro em inglês” ou “estrutura e formação do futuro em inglês” para tentar encontrar mais informações sobre o tema que ela estava pesquisando. À medida que abria esses *links*, a aluna comparava o conteúdo deles com o que ela já havia extraído do *site scribd* no intuito de verificar se havia necessidade de completar com mais alguma informação. Porém, além do *site scribd*, ela só utilizou mais alguns dados do *site mundovestibular*, já citado aqui quando comentávamos a pesquisa de outros alunos. Esses dados referiam-se ao uso do *Will*, conforme podemos visualizar na figura 35.

The screenshot shows a web browser window with the URL <http://www.mundovestibular.com.br/artigos/7574/1/Will-Futuro-em-Ingles/Paacutegina1.html>. The page content includes:

Você pode observar que em português falar “viajarei” parece mais formal e enfático? E falar “vou viajar” parece mais informal? Em inglês o tempo futuro funciona da mesma maneira, porém nessa lição você aprenderá a maneira mais formal na afirmativa e negativa. Estude as traduções abaixo:

- Eu viajarei amanhã – I will travel tomorrow
- Ela encontrará a família no próximo Natal – She will meet her family next Christmas
- Nós sairemos juntas na próxima quarta – We will go out together next Wednesday

Veja que expressar o tempo futuro em inglês é muito simples. Você precisa da pessoa + will + verbo no infinitivo.

Pessoa	Will	Verbo Infinitivo	Tradução
I	will	travel	Eu viajarei
She	will	arrive	Ela chegará

Utilizamos o “will” para exprimir uma ação futura. Também é empregado para situações em que se concorda com algo, promete-se ou oferece-se alguma coisa. Vamos estudar a formação do futuro no quadro abaixo usando o verbo “to travel” (viajar) como apoio para a construção das frases neste tempo.

Afirmativa	Forma Abreviada Afirmativa	Tradução
I will travel	I’ll travel	Eu viajarei
You will travel	You’ll travel	Você viajará

On the right side of the page, there is a sidebar titled “Jogue Agora” and “Categorias do Vestibular e Enem” with a list of subjects: Enem, Português, Matemática, Biologia, Física, Química, História, Geografia, Inglês, Redação, Exercícios, Simulados, Atualidades, Vídeos do Vestibular, Dicas para o Vestibular, Resumo do Livro, Bolsas de Estudos, Orientação Vocacional, Carreiras, and Downloads.

Figura 35: Seleção/cópia de fragmento do *site mundovestibular*.

Para finalizar a discussão dos dados extraídos da gravação através do *wink*, gostaríamos de destacar, novamente, que assim como as demais alunas do 9^o ano, A33/9^o também não comparou os tempos *future* e *present perfect*, mesmo ciente de que esse era um dos tópicos solicitados pela professora de inglês.

E: O trabalho que a professora de inglês pediu pra você é sobre o quê?

A33/9º: Sobre... o futuro do presente que a gente vai começar a aprender. Ela pediu para pesquisar a formação do futuro e depois pegar colocar a estrutura, comparar com o present perfect e depois falar com as nossas palavras o que a gente achou.

É interessante perceber que no comando por escrito da professora não havia nenhuma menção a respeito de ter que se expressar com as próprias palavras, emitindo uma opinião sobre as informações encontradas. No entanto, tal exigência aparece nas palavras da aluna. Talvez a professora tenha enfatizado isso oralmente. Mas mesmo assim, nenhuma das alunas agiu dessa forma no trabalho apresentado como conclusão da pesquisa. O que mais se aproximou disso foi a elaboração de um parágrafo que introduzisse um novo tópico pela aluna A27/9º.

4.4. Resultado do processo de pesquisa escolar na internet

Nesta seção, primeiramente, analisaremos os textos produzidos pelos alunos como resultado da pesquisa escolar, procurando verificar se foram cópia, reformulação ainda que com pequenas alterações ou elaboração própria, posicionando-se criticamente. Também, observaremos se esse texto respeita os critérios de textualidade, segundo Costa Val (2006). Depois, comentaremos a opinião dos alunos sobre a pesquisa escolar e a importância dela para o processo de ensino/aprendizagem. Além disso, sempre que necessário, faremos uso de fragmentos da entrevista realizada com os alunos.

Assim, iniciaremos com o texto de A9/6º. Conforme comentamos na seção anterior, a aluna construiu o texto no *PowerPoint*, copiando/colando as informações encontradas na internet. No primeiro *slide*, a aluna colocou o título Canadá, além de seu nome. Nos demais *slides*, ela seguiu a ordem dos tópicos que a professora havia pedido sobre este país, começando com *Flag*. Neste *slide*, a aluna inseriu a bandeira do Canadá.

Por se tratar de um texto em *PowerPoint*, nos *slides* em que a aluna colocou informações em texto escrito, ela as organizou em tópicos. O critério de topicalização da aluna era: cada parágrafo copiado do texto-base tornava-se um tópico no texto dela. Os *slides* compostos dessa forma foram *language*, *famous person*, *weather* e *culture*, sendo que no *slide famous person*, a aluna também inseriu a imagem da pessoa famosa escolhida.

De acordo com o que foi visto, para construir o seu texto, A9/6º copiou e colocou as primeiras informações encontradas de cada item solicitado pela professora a respeito do Canadá. Essa escolha fez com que o *slide famous person* ficasse incompleto, como se faltasse

algo. Nesse *slide*, a aluna optou por citar Avril Lavigne, colando apenas informações sobre o nascimento e os primeiros meses de vida dela: “Avril Ramona Lavigne, oriunda de uma família cristã de classe média, filha de John e Judy Lavigne, ambos de ascendência francesa, nasceu no dia 27 de setembro de 1984, em Belleville, cidade canadense que possui uma população de cinco mil habitantes. Poucos meses depois a família mudou-se para Napanee, também no Canadá”. Faltou informar o motivo de Avril Lavigne ser famosa. Não são todas as pessoas que sabem que ela é cantora. Assim, a aluna infringiu o quesito informatividade por não apresentar suficiência de dados (COSTA VAL, 2006).

A aluna também construiu *slides* em que ela inseriu apenas imagens como *clothes*, *picture of the country* e *capital of the country*. Neste caso, também houve problema. No *slide clothes*, A9/6^o optou por colocar apenas imagens de sobretudos, tipo de roupa usado no inverno. Essa opção infringiu a coerência textual por parecer que no Canadá o clima é frio o ano todo, sendo que a própria aluna informou no *slide* referente ao clima que no Canadá o verão é quente. Dessa forma, também deveria ter sido inserido no *slide clothes* imagens de tipos de roupa adequadas para essa temperatura.

O único *slide* que continha apenas texto verbal e que não foi criado na base do copia/cola foi o *nationality*. Para que a topicalização neste *slide* não se constituísse apenas por uma palavra, diferindo dos demais, A9/6^o formulou a frase “A nacionalidade do Canadá é canadense”. Porém essa formulação gerou problemas semânticos, provocando uma certa estranheza ao leitor. Normalmente, atribuímos nacionalidade a uma pessoa e não a um país. Dito dessa forma, parece que Canadá refere-se a uma pessoa. Uma solução seria dizer que “A nacionalidade de quem nasce no Canadá é canadense”, por exemplo. Mas, de qualquer forma, isso sugere que, quando a aluna não encontra o texto totalmente estruturado, pronto, ela se vê na necessidade de construí-lo.

Agora vamos para o texto de A10/6^o. O aluno optou por apresentar o texto em forma de tópicos. Talvez essa escolha possa ser justificada pela maneira como a professora solicitou a pesquisa. Conforme vimos na seção anterior, a aluno deveria pesquisar informações a respeito de um país, no caso, Espanha, destacando a bandeira, nacionalidade, língua, pessoa famosa, clima, cultura e capital. Assim, ele digitava um desses itens como título e na linha seguinte digitava/colava a informação que havia encontrado a respeito de tal item.

Porém A10/6^o não seguiu um padrão. Em alguns tópicos, ele utilizou apenas a imagem com o intuito de ilustrar o título do tópico como em bandeira e capital do país, em outros ele preferiu apenas apresentar a informação escrita (clima), já, na maioria, ele conjugou a informação escrita com a imagem a fim de ilustrar o conteúdo do texto verbal. Além disso,

nos tópicos em que o aluno optou por inserir alguma informação escrita, às vezes, ele colocava apenas uma palavra, em outras um parágrafo e em outras, ainda, mais de um parágrafo. É possível que a informação encontrada para cada tópico e a relevância de cada informação para o aluno tenham influenciado na organização do texto dele. Cabe lembrar ainda que, para construir esse texto, o aluno fez uso do copia/cola, com exceção dos itens nacionalidade e língua, nos quais ele utilizou o seu conhecimento prévio, conforme mencionado na seção anterior.

Continuando a discussão dos textos, vamos para o de A14/7^o. De acordo com o que foi visto, a aluna produziu um texto sobre Gilberto Gil, retirando informações de três *sites* já citados aqui. O texto dela é o resultado de uma montagem em que ela foi encaixando trechos dos textos-base considerados importantes por ela, conforme podemos verificar no quadro abaixo em que consta um fragmento do texto da aluna e os fragmentos nos quais ela se apoiou.

Quadro 1: Comparação entre fragmentos do texto-base e o texto de A14/7^o

Fragmentos do texto-base	Fragmentos do texto de A14/7 ^o
<p>Gilberto Passos Gil Moreira nasceu em Salvador, BA, em 26 de junho de 1942. Ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil também é um espírito inventivo à procura de novos códigos musicais.</p> <p>A impressionante família baiana tem em Gil um de seus mais revolucionários filhos. O maduro trabalho de hoje nos remete à sua trajetória colorida, flexível, diversificada e extremamente receptiva. Toda dor e sofrimento do exílio hoje nos parece ter sido uma grande aventura com seus sons vivos e dançantes.</p> <p>(http://www.mpbnet.com.br/musicos/gilberto.gil/index.html)</p>	<p>Gilberto Passos Gil Moreira nasceu em Salvador, BA, em 26 de junho de 1942. Seus pais eram José Gil Moreira e Claudina. Ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil também é um espírito inventivo à procura de novos códigos musicais.</p> <p>Sua trajetória foi colorida, flexível, diversificada e extremamente receptiva. Toda dor e sofrimento do exílio hoje nos parece ter sido uma grande aventura com seus sons vivos e dançantes.</p>

O primeiro ato de A14/7^o que merece ser destacado é a inserção da frase “Seus pais eram José Gil Moreira e Claudina” no parágrafo que ela havia copiado do texto-base. Aqui podemos observar que a aluna utiliza o seu conhecimento prévio sobre a estrutura e o conteúdo do gênero textual biografia, conforme já mencionado neste trabalho. Ela sabe que, normalmente, uma biografia inicia-se com informações a respeito do nascimento e da origem da pessoa. Assim, a aluna mencionou o nome dos pais de Gilberto Gil logo após os dados sobre o nascimento dele.

Seguindo a análise do texto de A14/7^o, é necessário saber que o texto-base, utilizado pela aluna, está inserido em um contexto maior: um *site* onde é possível encontrar a biografia de vários artistas da Música Popular Brasileira (MPB). Neste caso, é justificável comparar Gilberto Gil com Caetano Veloso: dois artistas pertencentes à MPB. No entanto, quando Júlia copia este trecho do texto-base e cola no seu texto, ela infringe a coerência e a coesão textual, uma vez que utiliza o conectivo “também” interligando Gilberto Gil com Caetano Veloso como se ela já tivesse comentado sobre Caetano Veloso.

Procurando dar continuidade ao texto, A14/7^o copia o sintagma nominal do texto-base “sua trajetória colorida, flexível, diversificada e extremamente receptiva”, cola em seu texto, iniciando o segundo parágrafo e insere o verbo de ligação *ser* no pretérito perfeito. Ao fazer isso, ela, novamente, infringe a coerência e a coesão textual, causando um impasse semântico (COSTA VAL, 2006). Como A14/7^o termina o primeiro parágrafo citando Caetano Veloso e Gilberto Gil e inicia o segundo com o dêitico *sua*, ela provoca uma ambigüidade: o leitor pode ficar em dúvida, a princípio, em relação a quem se refere à trajetória. Outro problema neste trecho que prejudica a coerência textual externa (COSTA VAL, 2006) é o uso do verbo *ser* no pretérito perfeito. Por se tratar de uma biografia de pessoa viva e devido ao fato de o verbo se referir à *trajetória*, ainda em curso, deveria ter sido usado o tempo presente.

O restante do texto da aluna não será comentado porque, além de não ter provocado nenhum problema na unidade textual, trata-se da citação de alguns discos da carreira de Gilberto Gil que já foi analisada quando discutimos a etapa anterior do processo da pesquisa dessa aluna.

Dessa forma, podemos dizer que o texto da aluna representa uma cópia com pequenas modificações e inserção de um conteúdo.

Seguindo adiante, trataremos do texto de A15/7^o e do texto de A18/8^o em conjunto por apresentarem semelhanças. Na seção anterior, comentamos que houve problemas na gravação do processo de pesquisa na internet dessas duas alunas, não sendo possível capturar as ações delas no computador enquanto realizavam suas respectivas pesquisas. Assim, para compreendermos como as duas alunas construíram o texto, resolvemos fazer uma busca na *web* por fragmentos dos textos de cada uma. Verificamos que as duas alunas fizeram cópia literal de praticamente um único *site*. A aluna A15/7^o copiou todas as informações contidas no seu texto do *site* “<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/gal-costa>” do início ao fim. A única modificação que a aluna fez foi retirar o sintagma nominal “Baiana de Salvador” localizado no início do texto do *site* e no lugar inserir “Gal Costa, nome artístico de Maria da Graça Costa Pena Burgos, Salvador, 26 de setembro de 1945) é uma cantora brasileira de

MPB. Como a aluna havia dito na entrevista que utilizou a *Wikipédia* para obter a maior parte das informações, visitamos a página desse *site* sobre Gal Costa e constatamos que o fragmento supracitado é a primeira informação contida nesta página. Já a aluna A18/8^o retirou as informações dispostas no seu texto do *site* “<http://pt.shvoong.com/books/biography/1659725-chico-buarque-vida-obra/>”, também do início ao fim. Entretanto havia no final do texto da aluna uma citação, organizada em tópicos, dos discos de ouro de Chico Buarque que não constava no referido *site*. Então buscamos essa informação primeiro na transcrição da entrevista dela e verificamos que a aluna disse ter utilizado o *Wikipédia* em sua pesquisa. Assim visitamos a página desse *site* sobre Chico Buarque e encontramos tal informação nela.

Agora vamos comentar o texto de A20/8^o que reuniu informações a respeito de Chico Buarque. Em uma rápida visualização do quadro 2 é possível perceber que o aluno copiou e colou fragmentos que ele julgou serem mais relevantes de três *sites*, fazendo uma retextualização com pequenas modificações.

Quadro 2: Comparação entre fragmentos dos textos-base e o texto de A20/8^o

Fragmentos dos textos-base	Texto de A20/8 ^o
<p>Francisco Buarque de Hollanda (<u>Rio de Janeiro, 19 de junho de 1944</u>), <u>mais conhecido</u> como Chico Buarque ou ainda Chico Buarque de Hollanda, é um <u>músico, dramaturgo e escritor brasileiro</u>.</p> <p>Filho do historiador <u>Sérgio Buarque de Holanda</u>, iniciou sua carreira na <u>década de 1960</u>, destacando-se em <u>1966</u>, quando venceu, com a canção <i>A Banda</i>, o <u>Festival de Música Popular Brasileira</u>. Socialista declarado^{[2][3]}, se auto-exilou na <u>Itália</u> em <u>1969</u>, devido à crescente repressão da <u>ditadura militar no Brasil</u>, tornando-se, ao retornar, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela <u>democratização do Brasil</u>. Na carreira literária, foi ganhador do <u>Prêmio Jabuti</u>, pelo livro <u>Budapeste</u>, lançado em <u>2004</u>. (<i>Wikipédia</i>)</p> <p>Chico Buarque de Hollanda (19 de junho de 1944, Rio de Janeiro), músico brasileiro. É considerado um dos maiores nomes da MPB - Música Popular Brasileira. (http://www.pensador.info/autor/Chico_Buarque/)</p> <p>Casou-se com e separou-se da atriz <u>Marieta Severo</u>, com quem teve três filhas: <u>Sílvia</u>, que é atriz e casada com <u>Chico Diaz</u>, Helena, casada com o percussionista <u>Carlinhos Brown</u> e Luísa. (<i>Wikipédia</i>)</p> <p>Chico é filho de <u>Sérgio Buarque de Holanda</u> (1902–</p>	<p>Francisco Buarque de Holanda mais conhecido como Chico Buarque é um músico e escritor brasileiro.</p> <p>Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, iniciou sua carreira na década de 1960.</p> <p>Na carreira literária, foi ganhador do Prêmio Jabuti, pelo livro Budapeste, lançado em 2004.</p> <p>Francisco Buarque de Holanda é considerado um dos maiores nomes da MPB - Música Popular Brasileira, também casou-se com atriz Marieta Severo, com quem teve três filhas: Sílvia, Helena e a Luísa.</p> <p>Chico é filho de Sérgio Buarque de Holanda, um importante historiador e jornalista brasileiro e de Maria Amélia Cesário Alvim, pintora e pianista.</p> <p>Francisco Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944, mas sua família mudou-se para São Paulo quando tinha dois anos - foi morar no Rio apenas em 1970, após seu exílio na Itália.</p>

<p>1982), um importante historiador e jornalista brasileiro e de Maria Amélia Cesário Alvim(1910-2010), pintora e pianista. (<i>Wikipédia</i>)</p> <p>Francisco Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944, mas sua família mudou-se para São Paulo quando tinha dois anos - foi morar no Rio apenas em 1970, após seu exílio na Itália. (http://www.mpbnet.com.br/musicos/chico.buarque/index.html)</p>	
--	--

Observando um pouco mais o texto de A20/8^o, à priori, o que nos chama atenção são alguns problemas na progressão temática (BRONCKART, 1999; COSTA VAL, 2006; KOCH, 2004) como a falta de organização temporal. A20/8^o insere informações sobre o nascimento de Chico Buarque no último parágrafo, quando, normalmente, deveria estar no início do texto, principalmente, por se tratar de uma biografia. Outro problema referente à progressão temática é a repetição tanto de palavras quanto de informação. Sabemos que a repetição é um elemento importante para manter a progressão temática, mas isso não significa que temos que repetir sempre o mesmo vocábulo. Podemos utilizar, por exemplo, sinônimos, hiperônimos, hipônimos, pronomes. Porém, A20/8^o repete três vezes o nome completo de Chico Buarque, quando deveria colocá-lo apenas no início do texto e depois substituí-lo por *Chico, ele, o músico*, dentre outros. Além disso, o aluno repete duas vezes a informação de que o pai de Chico Buarque é o historiador Sérgio Buarque de Holanda. Talvez, A20/8^o tenha cometido esses deslizos por procurar fazer um resumo através de um recorte de informações selecionadas de acordo com o julgamento dele a respeito da pertinência dessas informações, seguindo a sequência em que elas estavam no texto sem se preocupar em construir outra estrutura, ou forma de organização. De repente, pode ser que ele apresente dificuldades para elaborar um texto ou ainda não tenha compreendido as noções de textualidade.

Ainda encontramos no texto de A20/8^o uso inadequado de mecanismo coesivo. O fato de ele ter tentado articular duas informações utilizando o mecanismo “também” é positivo, porém seu uso trouxe problemas semânticos ao texto. Parece que Chico se casou com mais alguém além de Marieta Severo ou que outra pessoa também tenha se casado com a atriz. É provável que o aluno não tenha percebido ainda que, embora o conectivo “também” indique soma, essa soma deve ser de fatos ou itens relacionados que apresentem algo em comum.

O próximo texto a ser examinado é o de A23/9°. Só para lembrar, o texto que ela teria que produzir era sobre a formação e a estrutura do tempo futuro em inglês, além de comparar esse tempo com o *present perfect*. Dessa forma, a aluna copiou e colou as informações que ela considerou mais importantes de um livro didático e do documento *Word* em que sua parceira havia reunido dados de dois *sites*, conforme já foi visto aqui. A23/9°, ainda, fez pequenas mudanças como trocar a expressão “como se forma” por “é formado”. Além disso, a aluna não atentou muito para a organização textual. Ela inicia comentando sobre o futuro, depois fala sobre o *present perfect* e retorna ao futuro. Talvez ela tenha feito isso por ter seguido a ordem das fontes. As primeiras informações sobre o futuro e sobre o *present perfect* foram copiadas do livro didático, já as demais informações sobre o futuro estavam nos *sites*.

Outro problema detectado é que, na primeira parte destinada ao tempo futuro, a aluna coloca o título “*Future*” e expõe informações sobre o *Future Continuous* sem mencionar que está descrevendo este tempo. Apenas no final da seção, ela copia o fragmento “O futuro contínuo é usado para expressar ações que estarão acontecendo em algum tempo no futuro”, situando o leitor.

Agora vamos observar o texto de A27/9°, cujo tema era o mesmo da aluna A23/9°. Como podemos verificar no quadro 3, a aluna A27/9° não só copiou e colou os dados encontrados, ela também fez algumas reformulações, além de ter deixado marcas discursivas próprias no texto.

Quadro 3: Comparação entre fragmentos de textos-base e o texto de A27/9°

Fragmentos dos textos-base	Texto de A27/9°
<p>Em inglês o tempo futuro pode gerar muitas dúvidas, já que não existe uma única forma de expressar uma situação que irá acontecer. Por isso, hoje eu tenho um desafio para vocês. Existe alguma diferença de significado entre as seguintes frases?</p> <p>1- I'll call you tomorrow 2- I'm going to call you tomorrow 3- I'm calling you tomorrow 4- I'll be calling you tomorrow</p> <p>Se sim, você conseguiria apontar (<i>point out</i>) a diferença?</p> <p>É interessante como as quatro alternativas podem ser usadas sem problema em determinadas situações sem que o sentido seja alterado. A diferença entre elas é bem</p>	<p>O tempo futuro em inglês pode gerar dúvidas, pois dependendo da ocasião a estrutura da frase pode mudar. Para esclarecer melhor esses tipos de dúvidas, vamos apresentar aqui alguns exemplos das possíveis situações do futuro no inglês. Iremos mostrar as diferenças entre as seguintes frases:</p> <p>1 – I'll call you tomorrow Nós utilizamos a formação “will + infinitivo” quando a decisão é tomada no momento em que falamos. Nesse exemplo a decisão de ligar foi tomada neste exato momento, não houve nenhum planejamento. Essa formação acontece com frequência em conversas informais. Veja</p>

sutil e a sua correta utilização fará com que a comunicação fique mais precisa (*accurate*). Então vejamos as diferenças:

1 – I’ll call you tomorrow

Nós utilizamos a formação “will + infinitivo” quando a decisão é tomada no momento em que falamos. Nesse exemplo a decisão de ligar foi tomada neste exato momento, não houve nenhum planejamento. Essa formação acontece com frequência em conversas informais. Veja esse outro exemplo: I’ll get back to you next Monday. A decisão de retornar a ligação na próxima segunda-feira foi tomada agora.

2 – I’m going to call you tomorrow

A formação “to be going to + infinitive” indica que a decisão de ligar já foi tomada previamente. Isso acontece, por exemplo, quando você liga para uma pessoa para informar que você irá ligar novamente em determinada data, neste caso a ligação foi feita para informar a sua decisão.

3 – I’m calling you tomorrow

Esta frase tem praticamente o mesmo efeito da frase 2, mas com o detalhe de que ela é mais utilizada para expressar situações de eventos sociais ou reuniões.

4 – I’ll be calling you tomorrow

E por fim esta formação tem o objetivo de enfatizar a ação que estará acontecendo em determinado tempo no futuro. No exemplo, “I’ll be calling you tomorrow morning”, você que dizer que estará efetuando uma ligação amanhã pela manhã (*tomorrow morning*). (<http://www.englishexperts.com.br/2007/02/06/como-usar-o-tempo-futuro-no-ingles-will-ou-going-to/>)

Formas

Afirmativo: I / you / he / she / it / we / they will travel

Negativo: I / you / he / she / it / we / they will not travel or won’t travel

Interrogativo: Will I / you / he / she / it / we / they travel?

(<http://www.mundovestibular.com.br/articles/7574/1/Will-Futuro-em-Ingles/Paacuteginal.html>)

esse outro exemplo: I’ll get back to you next Monday. A decisão de retornar a ligação na próxima segunda-feira foi tomada agora.

2 – I’m going to call you tomorrow

A formação “to be going to + infinitive” indica que a decisão de ligar já foi tomada previamente. Isso acontece, por exemplo, quando você liga para uma pessoa para informar que você irá ligar novamente em determinada data, neste caso a ligação foi feita para informar a sua decisão.

3 – I’m calling you tomorrow

Esta frase tem praticamente o mesmo efeito da frase 2, mas com o detalhe de que ela é mais utilizada para expressar situações de eventos sociais ou reuniões.

4 – I’ll be calling you tomorrow

E por fim esta formação tem o objetivo de enfatizar a ação que estará acontecendo em determinado tempo no futuro. No exemplo, “I’ll be calling you tomorrow morning”, você que dizer que estará efetuando uma ligação amanhã pela manhã (*tomorrow morning*).

Mas para conseguir formular uma frase no futuro é preciso saber as formas de colocação do Will e também do Going To, e para melhor compreensão de todos, aqui estão as formas do Will:

Affirmative: I / you / he / she / it / we / they will travel

Negative: I / you / he / she / it / we / they will not travel or won’t travel

Interrogative: Will I / you / he / she / it / we / they travel ?

Logo no início do texto, A27/9^o faz uma inversão de “Em inglês o tempo futuro” para “O tempo futuro em inglês”. Ao fazer isso, ela topicaliza o sintagma nominal “o tempo futuro”, justificável por ser este o tema do texto que ela construiu. Em seguida, ela mantém o rema e utiliza o conectivo “pois” para introduzir uma justificativa à afirmação anterior “O tempo futuro em inglês pode gerar dúvidas”, parafraçando o fragmento do texto-base. É interessante ressaltar aqui que a aluna se posiciona no texto através do uso da primeira pessoa do plural “iremos”.

Quando A27/9^o expõe os exemplos e as descrições dos usos do futuro na língua inglesa, ela opta por copiar e colar as informações contidas no *site* <http://www.englishexperts.com.br>, conforme pode ser visualizado na figura 29.

O próximo passo feito pela aluna foi utilizar os dados do *site* <http://www.mundovestibular.com.br>, referentes à estrutura do *Will* (Figura 30). Porém, neste caso, antes de ela colar o conteúdo copiado do *site*, ela formula uma introdução, articulando-a com as informações contidas nos parágrafos anteriores do texto dela por meio do marcador discursivo “mas”. Assim ela dá continuidade ao texto, mantém a progressão temática e cuida da coerência. No entanto, apesar de a aluna deixar transparecer que é necessário “saber as formas de colocação do *Will* e também do *Going To*, ela logo anuncia que só mostrará as formas do *Will*, tirando as expectativas do leitor. Com isso, ela torna esse fragmento do texto contraditório porque se é preciso saber as duas formas, então, espera-se que as duas sejam mostradas.

Para finalizar, A27/9^o troca os vocábulos “afirmativa, negativa e interrogativa” escrito em português no texto-base para os correspondentes em inglês no seu texto “affirmative, negative, interrogative”. Talvez ela tenha feito isso devido ao fato de as formas que ela explicitaria estarem em inglês ou para mostrar à sua leitora-alvo, a professora de inglês, que ela possui esse conhecimento.

Por último comentaremos o texto de A33/9^o. Para construí-lo, a aluna copiou e colou as informações que julgou mais relevantes dos sites utilizados como fonte de sua pesquisa sobre o tempo futuro em inglês, organizando o texto em forma de tópicos: Formação (forma afirmativa, forma negativa e forma interrogativa) e observações. Na parte das observações, a aluna colocou informações referentes ao uso do tempo futuro. Porém no final desta seção, A33/9^o cometeu um equívoco que afetou a organização do texto: ela inseriu o fragmento “Pode-se dizer que equivale ao nosso futuro do presente. Para compô-lo, em todas as formas, basta utilizar o auxiliar modal “will” com o verbo principal no infinitivo sem o “to””. Tal

fragmento, por se tratar da formação do tempo futuro, deveria ter sido colocado no início da referida seção, porém com algumas mudanças que introduzissem melhor o assunto.

Além disso, a aluna mistura modos e tempos verbais, não seguindo um padrão.

- (1) Utilizamos o “will” para exprimir uma ação futura. Também é empregado para situações em que se concorda com algo, promete-se ou oferece-se alguma coisa.
- (2) Não use will para coisas que já foram planejadas, marcadas, organizadas, com antecedência. Nesses casos, use be + going to.

Podemos observar que no exemplo (1), o verbo utilizar encontra-se conjugado na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, enquanto que no exemplo (2), o verbo está na terceira pessoa do imperativo negativo. Em vez de, simplesmente, copiar e colar, a aluna poderia ter optado por uma das formas verbais e usá-las nos dois casos, já que ambos estão situados na mesma seção e tem a finalidade injuntiva.

Antes de finalizarmos esta seção, consideramos pertinente expor a opinião dos alunos-participantes que se manifestaram a respeito da pesquisa escolar, quando questionados pela pesquisadora, uma vez que podem contribuir para o desenvolvimento do processo de pesquisa nas escolas. Para isso, primeiro, citaremos a opinião dos alunos, ora individual, ora em grupo, para depois fazermos algumas reflexões. Começamos então pela opinião da aluna A23/9^o que é bem perturbadora.

E: A23/9^o, o que você acha sobre as pesquisas escolares, qual é a sua opinião?

A23/9^o: Prum lado é bom, pro outro é chato. Dá preguiça de ficar pesquisando essas coisas chatas.

E: Qual que é o lado bom, então?

A23/9^o: Ficar no computador.

A declaração de A23/9^o de que “dá preguiça de ficar pesquisando essas coisas chatas” levanta algumas questões: Por que alguns alunos consideram pesquisar chato? Será que o tema a ser pesquisado não é interessante? Qual assunto estimularia o aluno? Ou será que o problema está na forma como a pesquisa é dada e/ou cobrada? Como a pesquisa deveria ser solicitada? O que fazer para mudar essa realidade? Não vamos responder a essas questões, gostaríamos que elas nos fizessem pensar e encontrar formas de tornar a pesquisa uma atividade que de fato contribua para o processo de ensino-aprendizagem, para o desenvolvimento da autonomia do aluno.

No entanto, a própria aluna nos dar uma dica que pode ser o início de uma mudança. Para ela, o lado bom da pesquisa é ficar no computador. Se o aluno gosta tanto dessa ferramenta, por que não estudarmos maneiras de explorá-las melhor no ensino, de adaptá-las à nossa realidade escolar?

Deparamo-nos com outro depoimento que nos faz aguçar ainda mais nossas reflexões.

E: O que você acha dessas pesquisas que são solicitadas? Qual a sua opinião?

A14/7º: Sobre esse tipo de pesquisa?

E: humhum.

A14/7º: Ah, eu acho importante. Não completamente necessário, mas importante. Eh... por exemplo, no futuro assim, eu posso dizer assim eu sei sobre Gilberto Gil, entendeu? É uma coisa assim que eu acho importante na nossa vida, é cultura né? O que seria uma pessoa se não tivesse cultura?

Repare que a aluna, embora considere uma pesquisa desse tipo importante, não a acha necessária. É interessante frisar aqui que uma pesquisa deveria surgir da necessidade do pesquisador de descobrir algo, de testar hipóteses, de aprender mais como foi ressaltado nos próximos depoimentos.

E: Qual a sua opinião sobre pesquisa escolar?

A15/7º: Ah! Eu acho que pesquisa escolar a gente deve sempre fazer quando a gente ta um pouco em dúvida, quando a gente quer saber mais sobre aquele assunto que a professora dá, alguma coisa assim.

A27/9º: Ah, eu acho que pesquisa escolar é importante pra nosso conhecimento mesmo porque às vezes quando o professor explica, a gente não consegue entender muito bem. Às vezes a gente lendo, a gente pode ler e reler várias vezes, a gente pode entender melhor.

A10/6º: Legal porque a gente aprende as matérias

A9/6º: Ah, eu acho bom porque aí a gente aprende mais coisas. Nesse trabalho de história que eu falei sobre os incas, a gente não sabia o que que era, como que fala, modo de plantação asiático, aí a gente acabou descobrindo porque a professora explicou pra gente e a gente não ia estudar isso.

E: Mas aí você aprendeu olhando na internet ou só o que a professora explicou?

A9/6º: O que a professora explicou e olhando na internet também.

Esses alunos demonstraram que a necessidade de pesquisar está na vontade de esclarecer alguma dúvida, de saber mais, de aprender, de descobrir algo que talvez nem seria estudado. Além disso, eles nos chamam atenção para o fato de que a pesquisa não deveria ser

vista como uma obrigação, como uma atividade para cumprir o ano escolar ou para dar uma nota ao aluno.

Quando a pesquisa se torna sinônimo de obrigação, ela acaba sendo chata, uma atividade sem sentido, como deixa transparecer A33/9º em seu depoimento. Parece que a aluna fica meio perdida e não consegue achar palavras para expressar o que pensa sobre pesquisa escolar ou para quem ela é útil e acaba se enrolando

E: O que você acha sobre pesquisa escolar que os professores pedem pra você fazer? Qual é a sua opinião?

A33/9º: Eu acho que..... Eu acho que eles os professores pedem , pede a pesquisa pra eles fazerem, não só professores, mas pra eles saberem mais sobre o assunto, pra ficarem mais.

E: Pra quem saber mais: os professores ou os alunos?

A33/9º: Os alunos saberem mais.

Então como estimular a necessidade de pesquisar? Como não deixar que a pesquisa vire uma obrigação, apenas uma forma de avaliação? Talvez um ensaio de uma das possíveis respostas esteja na declaração do aluno A20/8º.

E: A20/8º, o que você acha dos trabalhos que os professores pedem pra você fazer?

A20/8º: De como assim achar?

E: Você acha que eles te ajudam em alguma coisa ou não?

A20/8º: De vez em quando. Alguns professores falam é..... Igual por exemplo a professora de música pediu esse trabalho sobre Chico Buarque. Na verdade eu nunca tinha ouvido falar de Chico Buarque, aí ela só falou pesquisa sobre Chico Buarque. Igual tem outros professores que pedem pra fazer um trabalho, igual eu fiz um trabalho de História recentemente sobre trabalho infantil. A gente tava estudando sobre aquilo, aí ajuda melhor. A gente já tem idéia mais ou menos.

Aqui o aluno acaba dando uma sugestão de como a pesquisa deveria ser solicitada. Para ele, parece que primeiro deveria ser feito uma contextualização. O “ter ideia mais ou menos” sobre um assunto mencionado pelo aluno poderia ser considerado conhecimento prévio. Assim, será que familiarizar o aluno com o assunto não seria uma forma de estimulá-lo a pesquisar? Segundo Pinheiro (2005), “a estratégia **ativar o conhecimento prévio** é uma habilidade que facilita a compreensão da leitura, pois o confronto da informação que o leitor recebe do texto com a que ele já adquirira desperta o interesse para aquela leitura” (p. 142). E por que não para pesquisa? Já que pesquisa implica leitura. Essa contextualização que poderá ser a construção de um conhecimento prévio para a pesquisa, talvez, poderia ajudar o aluno a entender mais sobre o assunto ou quem sabe estimulá-lo a querer buscar mais.

4.5. Os professores e o processo de pesquisa escolar na internet

Nesta seção, apresentaremos o resultado do questionário aplicado aos professores com o objetivo de compreender como os professores concebem e aplicam o processo de pesquisa escolar, principalmente, na internet. Gostaríamos de lembrar que o questionário foi enviado a todos os professores da instituição por e-mail através do *SurveyMonkey*. No entanto, apenas 6 professores responderam em um total de 14. Assim teremos apenas uma pequena amostra do posicionamento dos professores em relação à pesquisa escolar na internet, principalmente no que tange às questões quantitativas. Além disso, temos ciência de que os professores podem ter se sentido avaliados e por isso tenham respondido de acordo com o que eles julgam ideal na atividade de pesquisa na escola e não como de fato ocorre. Apesar dessas limitações, acreditamos que estes resultados são válidos principalmente para nos fazer refletir sobre a prática de pesquisa na sala de aula e de como essa atividade pode ajudar os alunos a serem sujeito do ensino e não objeto (DEMO, 1998, 2000, 2004, 2006).

Primeiro, perguntamos aos professores se eles costumam pedir que seus alunos façam pesquisa e todos foram unânimes em responder afirmativamente, o que condiz com o que os alunos responderam. Segundo estes, os professores solicitam pesquisa com uma certa frequência. Também questionamos aos professores se eles permitiam que seus alunos utilizassem a internet como fonte de informação. Novamente, todos responderam que sim. Ainda solicitamos o motivo de permitirem esse uso. Porém um professor optou por não justificar.

Tivemos respostas que parecem demonstrar que há professores que veem a internet de forma positiva, ressaltando sua importância para a prática de pesquisa.

P4: porque é ótima fonte para buscar imagens conhecer sobre artistas

P5: Por oferecer aos alunos praticidade, rapidez, pontos de vista diferentes.

Outros, apesar de reconhecerem a importância da internet bem como suas qualidades em relação à atividade de pesquisa, parecem que permitem o uso da internet como fonte de informação mais por imposição do sistema, por necessidade, por preferência dos alunos do que por vontade própria ou por reconhecimento do potencial da internet no processo de pesquisa.

P1: Além da quantidade de informações disponíveis, seria difícil convencer um aluno a se deslocar até a biblioteca da escola para fazer um trabalho.

P2: A internet é um veículo de comunicação muito presente na vida deles. Além de ser fácil o acesso, acredito que eles têm mais prazer em pesquisar pela internet do que em livros.

P3: Podem utilizar porque vivemos em um sistema que impõe este novo meio de comunicação e aquisição de informações. Logo, há que propormos métodos para a utilização deste meio, métodos estes que tem como fim buscar a interação entre o que o meio virtual propõe com os saberes prévios dos alunos.

Também questionamos aos professores se eles fornecem um roteiro para os alunos quando solicitam uma pesquisa. Todos responderam que fazem essa prática. No entanto, não podemos considerar tal resposta como um espelho do que acontece, já que, conforme foi visto aqui, nem todas as pesquisas que acompanhamos apresentaram um roteiro. Além disso, na própria entrevista com alunos, quando questionamos como os professores solicitam a pesquisa, alguns disseram que é fornecido apenas um tema, outros disseram que há uma orientação. De qualquer forma, parece que já existe uma preocupação em fornecer um roteiro, diferente do que, normalmente, acontece como demonstraram e ressaltaram algumas pesquisas. (MORO ET AL., 2002; CARVALHO, 2007; SANTOS, 2007; BAGNO, 2008).

E: Normalmente eles pedem um tema tal pra vocês fazerem ou dão mais alguma informação?

A20/8º: Eles dão informação por exemplo, que é digitado ou à mão, é mais isso assim.

E: Eles destacam o que eles querem ou só dão o tema?

A20/8º: Eles destacam mais o que eles querem. Esse trabalho infantil. Aí é só o tema. Não, dá mais é o tema.

E: Eles falam o que querem dentro do trabalho infantil.

A20/8º: Não. Eles pedem qualquer coisa do trabalho infantil.

E: Pede pra comparar algum texto com outro?

A20/8º: Não.

E: Você lembra como que era a solicitação de pesquisa de uma dessas?

A14/7º: Ah, da higiene na idade média era em Power point, pedia pra falar sobre como era a higiene, pedia também pra falar doenças provocadas na época e relacionar uma parte do trabalho com a outra.

Outro item que gostaríamos de saber era se o professor indicava alguma fonte de informação. Podemos dizer que constatamos um equilíbrio nas respostas, pois 33% declararam que indicam uma referência e 33% não indicam, sendo que 17% só indicam *sites* e 17% não responderam. Esses números somados ao fato de que entre as pesquisas que acompanhamos só uma apresentava indicação de fontes de informação pelos professores nos

chamam atenção para a possibilidade de os professores solicitarem pesquisa a respeito de um tema sobre o qual eles não possuem conhecimento ou, talvez, os próprios professores não acham que haja necessidade de indicar uma fonte devido à facilidade de se encontrar informação na *web* ou ainda é possível que a pesquisa escolar seja apenas considerada mais uma forma de avaliação.

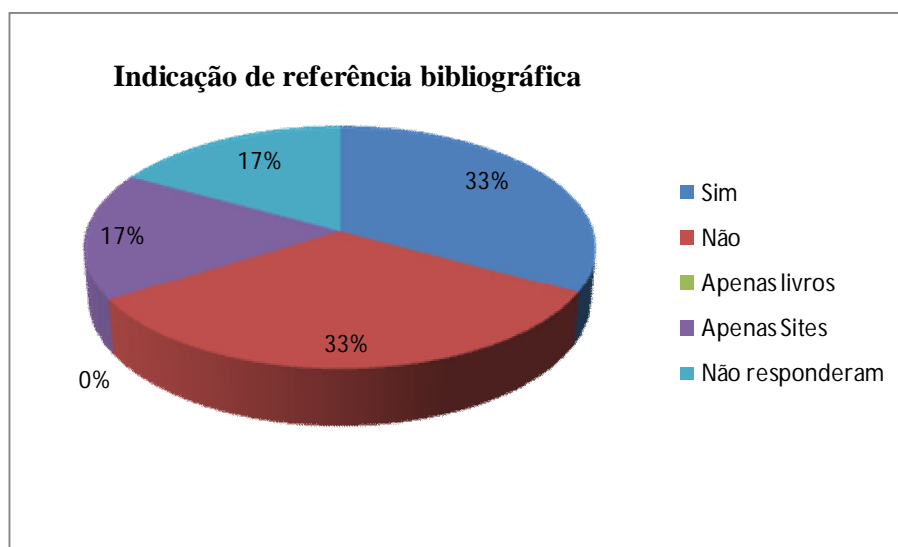


Gráfico 15: Indicação de referência bibliográfica.

Além disso, pedimos que os professores nos dissessem como eles pediam que o trabalho fosse apresentado a eles, sendo que eles podiam assinalar mais de uma opção. 83% solicitam o trabalho impresso, 50% por e-mail, 33% escrito manualmente, nenhum gravado em disquete e 17% de outras formas como oralmente. Também pedimos aos professores que justificassem sua escolha, porém apenas um respondeu, dizendo que pede o trabalho impresso porque “a correção fica mais fácil”. Esses dados parecem demonstrar que a maioria dos professores aderiu às tecnologias digitais, pelo menos em relação à apresentação do texto que representa o resultado da pesquisa realizada pelo aluno. Outro ponto que merece destaque é a inserção da forma de apresentar o trabalho oralmente dentre as opções. Como já mencionamos aqui, essa é uma tendência dos professores, segundo Fernandes e Bernardes (2002) e Carvalho (2007).

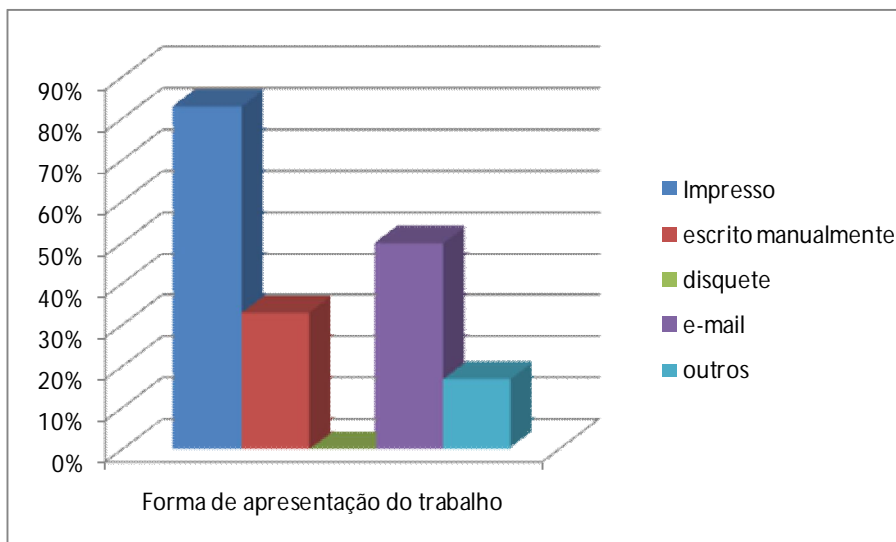


Gráfico 16: Forma de apresentação do trabalho

Também perguntamos aos professores se eles mostram aos alunos como se faz uma busca na internet. A maioria respondeu que sim, representando 67% dos professores. Esses dados confirmam o que os alunos afirmaram no questionário que lhes fora aplicado. Eles também declararam que a maioria dos professores já havia demonstrado como realizar uma busca na internet. Apesar disso, parece que os alunos ainda precisam de mais orientação para realizar buscas mais eficientes, conforme foi visto durante a discussão dos resultados obtidos através da gravação da pesquisa escolar realizada pelos alunos aqui mencionados e da entrevista feita com esses alunos.

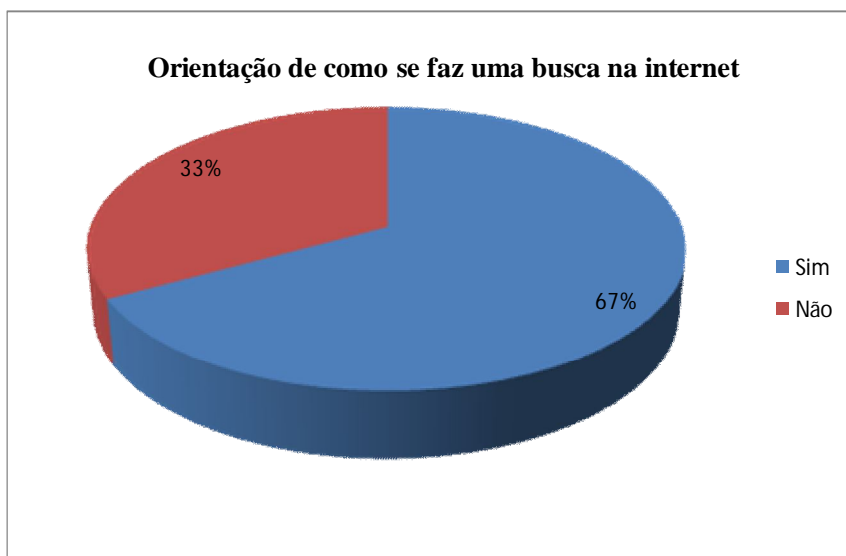


Gráfico 17: Orientação de como se faz uma busca na internet.

Interessava-nos saber, ainda, qual era a concepção de pesquisa dos professores. Dentre as respostas, chamou-nos atenção o fato de que alguns professores veem a pesquisa como uma atividade que deve ser realizada pelo aluno. Tal concepção nos preocupa e nos faz pensar na possibilidade de esses professores não serem pesquisadores também. Assim como Demo (1998, 2000, 2004, 2006) acreditamos que um professor antes de tudo deve ser um pesquisador. Como auxiliar os alunos em pesquisas ou cobrar deles tais atividades, se os professores não têm costume de pesquisa, ou, pior ainda, não sabem pesquisar?

P3: Busca de dados e informações a respeito de um tema abordado e problematizado pelo professor/mediador.

P5: Fontes ricas e diversificadas de conhecimento onde o aluno interessado busca conhecimento e tece sua própria conclusão.

Assim como no caso dos alunos, alguns professores veem a pesquisa mais sob o prisma da busca por informações relacionada com a ampliação do conhecimento.

P4: o ato de buscar informações sobre um assunto que não se conhece profundamente.

P6: Meio para ampliar conhecimento.

E, ainda, nos deparamos com concepções que parecem ampliar o processo de pesquisa, não se restringindo a uma busca por informação. Tais concepções incluem no processo de pesquisa a análise dos dados encontrados bem como a conclusão e a divulgação desse resultado.

P1: Seria uma busca ampla sobre informações de um determinado tema com o objetivo de transmiti-la a um determinado público, podendo ou não contradizer os resultados existentes. Ou pode ser também uma busca ampla sobre informações mais observações em campo para provar uma determinada hipótese

P2: Pesquisar é buscar um conhecimento novo. É entender algo na visão de alguém que já conhece o assunto e a partir daí criar seu próprio entendimento.

Em seguida, perguntamos aos professores como costuma ser o texto final que os alunos apresentavam para eles como resultado da pesquisa realizada na internet. Conforme

pode ser visualizado no gráfico 18, mais da metade dos professores afirmaram que o texto apresentado pelos alunos é uma cópia, sendo que 50% declararam que os alunos transferem o texto copiado para o *Word* e o formatam e 33% disseram que os alunos transferem o texto para o *Word* sem formatá-lo. Além disso, 17% afirmaram que o texto trata-se de um resumo e ninguém mencionou que sejam apresentadas paráfrases ou elaboração própria com análise dos dados e formulação de uma conclusão. No entanto, como um dos professores ressaltou em uma observação que ele abriu na questão posterior a essa, não são todos os alunos que copiam e colam. Segundo tal professor, alguns alunos seguem a proposta dele. Também temos que levar em conta que, conforme vimos durante a discussão do processo de pesquisa dos alunos-participantes, essa cópia não é tão simples assim. Alguns alunos costumam fazer algumas modificações no texto-base, ainda que pequenas; outros procuram selecionar o que será copiado, de acordo com a relevância, para ele, das informações encontradas e, outros, ainda, se preocupam em elaborar nem que seja apenas para manter a unidade textual.

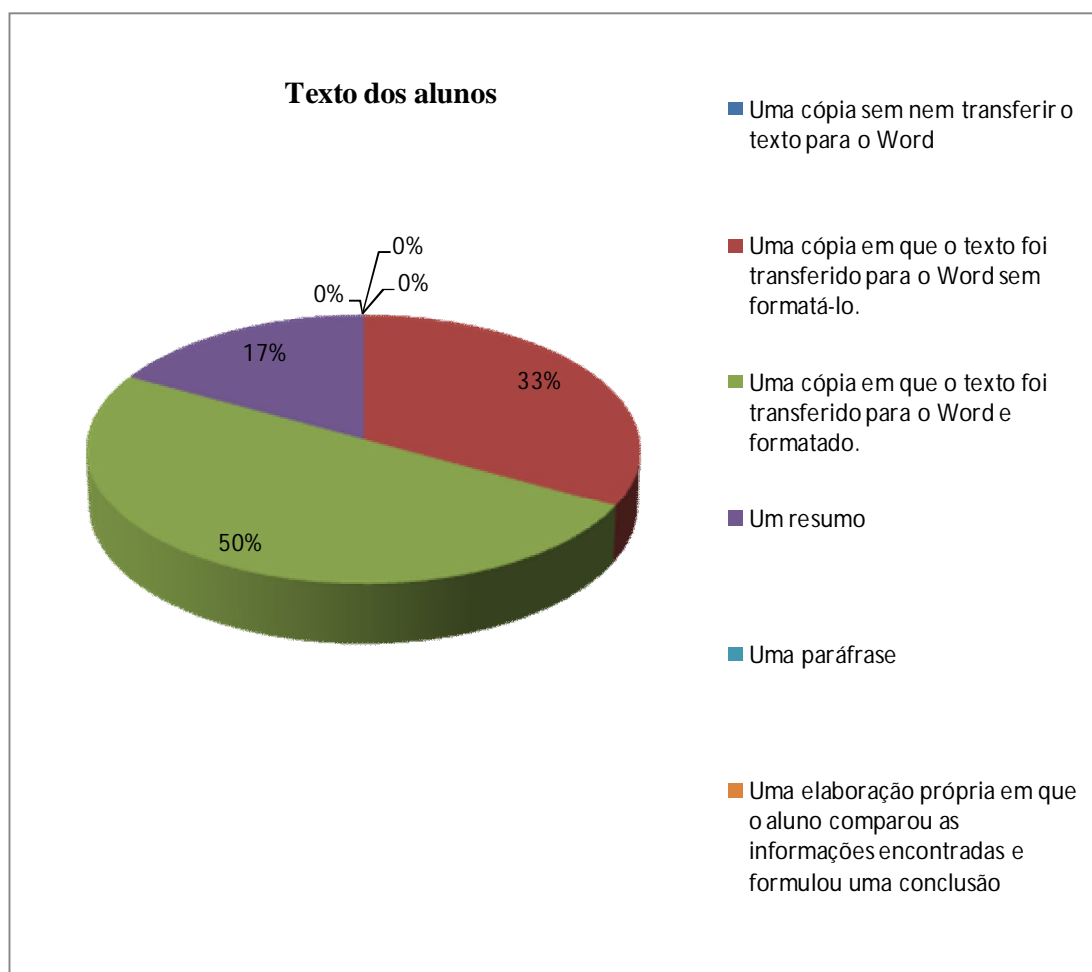


Gráfico 18: Texto dos alunos

Também queríamos saber se o professor considera que a internet ajuda ou atrapalha na pesquisa escolar, bem como o motivo. Observando as respostas dos professores, verificamos que apenas 2 professores consideram que a internet de fato ajuda, sendo que um deles ainda ressalta a importância de o professor orientar o aluno para que ele possa filtrar as informações disponíveis na internet.

P4: Ajuda, porque na minha área Arte os livros são escassos para o alcance do aluno.

P5: Ajuda. Fornece uma gama de informações que favorecem ao aluno em pontos de vista diferenciados e cabe a ele filtrar estas informações com ajuda do professor orientador.

A maioria dos professores até consideram que a internet ajuda na pesquisa, mas apresentaram algumas ressalvas.

P1: Ajuda - quando o aluno tem o interesse em pesquisar, adaptar as informações ao público alvo e ainda gerar a sua própria opinião. Atrapalha - quando o aluno tem o interesse apenas em encontrar algum material relacionado ao tema, imprimir-lo e entregá-lo ao professor sem ao menos lê-lo. Porém se for considerado pelo interesse da maioria ela atrapalha.

P2: Acredito que poderia ajudar. O que atrapalha muitas vezes é a facilidade que o aluno encontra em ter tudo pronto e com isso ele não desenvolve os seus próprios conhecimentos.

P6: Ajuda, no sentido de fontes de pesquisa, mas atrapalha na hora de elaboração do trabalho, sem leitura ou formatação

Essas declarações parecem sugerir que, muitas vezes, o professor se exime da responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem como se o problema fosse apenas do sistema, do material didático, das tecnologias, da falta de interesse do aluno. Se o professor considera que a internet pode ajudar, ele deveria refletir sobre como poderia explorar esse potencial da internet. Precisamos pensar em como podemos fazer para que o aluno não se apodere da informação encontrada, assumindo sua autoria; em como ajudar esse aluno a se apoderar das informações para analisá-las e posicionar-se criticamente diante delas, construindo sua própria conclusão. Enfim, precisamos assumir nossa responsabilidade, conforme fez o professor P3.

P3: Apesar de ter afirmado que não faço objeção a respeito da utilização desta ferramenta para pesquisa, creio que, se não colocarmos métodos que os obriguem a destacar sua posição e interpretação após a pesquisa, neste caso,

não seria viável para a formação do ser pensante e interrogativo, mas sim do sujeito passivo e alienado.

Por último, com intuito de averiguar como a pesquisa escolar é solicitada, pedimos aos professores que citassem um exemplo de pesquisa escolar que eles costumam pedir aos seus alunos. Gostaríamos de averiguar se essas pesquisas estimulam o posicionamento dos alunos diante das informações. Constatamos que alguns tipos de pesquisa parecem estimular a cópia, uma vez que se resumem em uma busca por informação. Tanto que uma das professoras que solicitam esse tipo de pesquisa, afirma que ela é apenas para conhecimento pessoal dos alunos, não tendo necessidade de produzir texto escrito.

P4: Vida e obra de artista como Van Gogh, Romeo Brito, Tarsila, Volpi, Mondrian, Movimentos artísticos como surrealismo, abstracionismo, Técnicas como escultura, Arte indígena, Arte Africana, Cerâmica do Jequitinhonha. Muitas vezes a pesquisa é só para conhecimento pessoal deles, sem necessidade de produzir texto escrito.

P6: Pesquisa sobre compositores da MPB (vida, obra, curiosidades e discografia).

Também encontramos tipos de pesquisa que, mesmo que incitem a elaboração própria, talvez, não a obtenham como resultado, devido ao fato de o aluno não possuir habilidades necessárias para produzir tal texto.

P2: Como professora de inglês, costumo pedir que eles pesquisem expressões em inglês. Expressões que eles não encontrariam no dicionário, por exemplo. Costumo também pedir a eles que pesquisem sobre um novo conteúdo que vamos aprender, peço que eles tentem criar a própria estrutura de um determinado conteúdo, mas muitas vezes isso é em vão, pois eles têm o hábito de copiar tudo literalmente.

P5: Faça um resumo crítico ou informativo a cerca dos organismos geneticamente modificados

Quando P2, professora de inglês, diz que costuma pedir aos seus alunos que pesquisem sobre um novo conteúdo, solicitando a eles que tentem criar a própria estrutura de um determinado conteúdo, ela precisa saber se esse aluno possui habilidades para descrever algo, ainda mais se esse conteúdo for gramatical. Não é fácil descrever uma estrutura linguística, interpretá-la, ainda mais quando não se é um especialista e nem um nativo. Talvez se esse trabalho fosse feito em conjunto com a professora, o resultado fosse diferente. O mesmo acontece como P5. Não adianta pedir para que um aluno faça um resumo crítico ou

informativo, se o aluno não sabe nem como resumir. Assim precisamos estar atentos para esses detalhes.

Já os outros dois exemplos de pesquisa parecem dificultar mais a cópia, uma vez que deixam clara a exigência de expressar opinião própria, além de o professor P1 solicitar que o aluno utilize a própria experiência, a realidade dele para tecer sua opinião.

P1: Tema: Lixo urbano - Faça uma introdução sobre o lixo urbano, falando quais os principais problemas gerados por ele; - Dê a sua opinião, observando em seu dia-a-dia as condições de limpeza de sua cidade (se está limpa ou não, quais os principais tipos de lixo que você vê e se as pessoas jogam ou não os lixos em seus devidos lugares). - Separe e fotografe os tipos de lixo gerado em sua casa e opine o que você considera ou não considera como sendo lixo - Faça uma conclusão falando como você resolveria o problema do lixo em sua casa e em sua cidade. Formatação: Fonte 12, arial ou times new roman, espaçamento de 1,5, cor preta.

P3: Em uma recuperação final fiz o levantamento de um tema que poderia ser buscado nos meios virtuais. Mas, após o levantamento do conteúdo/contexto, foi pedido um texto esboçando sua posição diante do que foi coletado como informação.

Assim parece que, antes de solicitar uma pesquisa ao aluno, seria necessário um planejamento, tentando buscar maneiras de evitar que o resultado da pesquisa seja uma cópia, independente se a fonte dessa pesquisa será um texto impresso ou digital.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o formato hipertextual da internet pode facilitar o processo de pesquisa escolar tanto no âmbito da busca de informações quanto no da (re) construção do conhecimento, uma vez que as informações estão ligadas em rede por meio de *links*, o que pode favorecer a articulação das informações. Pensando sob essa perspectiva, podemos considerar que o aluno poderá ter um acesso a um número maior de informações em um menor tempo a respeito de um determinado assunto com apenas alguns cliques e, ainda, que ele terá condições de desenvolver o questionamento crítico, já que através da leitura dessas informações, ele será capaz de analisá-las, compará-las, verificar a possível veracidade delas e se posicionar criticamente, (re) construindo o seu próprio conhecimento.

No entanto, sabemos que essa facilidade de acesso a informações somada às ferramentas oferecidas pelos editores de texto de programas de computador, como selecionar, recortar/copiar e colar, podem favorecer a cópia: problema que, conforme vimos, acompanha a pesquisa escolar no Brasil desde que foi implantada através da LDB de 1971. Assim não podemos apontar a internet como a única culpada. Outros fatores podem estar relacionados à prática da cópia nas pesquisas escolares como a concepção que se tem de pesquisa, a forma como a atividade de pesquisa é solicitada e cobrada pelos professores, dentre outros.

Na tentativa de procurar entender por que esse problema ainda vigora e de buscar sugestões, ou pelos menos reflexões, de como solucioná-lo, investigamos o processo de pesquisa de alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental. E, devido ao fato de estarmos inseridos na era digital e de haver um discurso comum, entre muitos professores, de que os trabalhos de pesquisa dos alunos são cópia por causa da internet, optamos por observar esses alunos pesquisando na internet.

Assim, aplicamos, primeiro, um questionário a alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma instituição privada sobre o uso do computador, a rotina de navegação na internet, o conceito de pesquisa desses alunos bem como a concepção deles sobre algumas etapas da pesquisa escolar na internet. A partir daí, selecionamos um grupo de 9 alunos que tiveram suas ações gravadas na tela do computador através do *software wink* enquanto realizavam uma pesquisa escolar na internet solicitada por um de seus professores, de acordo com o plano de curso vigente. Depois, entrevistamos esses alunos, buscando compreender melhor como ocorre o processo de pesquisa escolar deles. E, ainda aplicamos um questionário

aos professores desses alunos para que pudéssemos ampliar nossa visão a respeito do processo de pesquisa escolar.

Os resultados obtidos a partir desses métodos nos permitiram tecer algumas conclusões acerca do processo de pesquisa escolar na internet que, embora sejam baseadas em uma amostra relativamente pequena, podem lançar algumas luzes sobre esse tema.

Como o processo de pesquisa escolar se inicia com a busca por informações, vamos tratar primeiro desse tópico. Verificamos que os alunos-participantes dessa pesquisa preferem buscar as informações necessárias para a realização da pesquisa deles no *Google* e na *Wikipédia*. Essa preferência parece se justificar pela rapidez e eficácia na apresentação de resultados e na confiabilidade das informações, respectivamente, de acordo com as declarações dos próprios alunos. Para alguns alunos como A7/6^o, é só digitar o que quiser no *Google* que ele acha. Essa expectativa em relação ao *Google* e, conseqüentemente à internet, acaba por camuflar a necessidade de filtrar as informações encontradas e, mais de filtrar a busca. Às vezes, não encontramos o que desejamos por não escolhermos a(s) palavra(s)-chave adequada(s), como no caso da aluna A9/6^o que queria achar a imagem de uma pessoa famosa do Canadá, mas que por ter digitado justamente pessoa famosa do Canadá, encontrou imagens de pessoas famosas de diversas nacionalidades. Se ela tivesse filtrado mais a busca, procurando por famoso canadense, por exemplo, teria encontrado.

Ainda, em relação ao *Google*, vimos que nem sempre os alunos clicam no primeiro endereço eletrônico oferecido pela página de resultados do *Google*, como muitos acreditavam, embora isso também ocorra. Alguns alunos leem a descrição que cada *site* traz na página de resultados para escolher qual será visitado, qual se relaciona com o tema que ele está procurando. No entanto, há alunos como A20/8^o que, por não saber adequadamente o significado de cada item que acompanha cada endereço eletrônico oferecido pela página de resultados do *Google*, acaba por não explorar da melhor maneira possível os mecanismos oferecidos por esse buscador. Como foi visto, esse aluno diz clicar nos três primeiros endereços eletrônicos por achar que eles trazem as principais informações a respeito do tema procurado por apresentarem o *link similares*. Quando, na verdade, esse *link* tem a função de levar o navegador a uma outra página de resultados que contenha *sites* com conteúdo similar ao do *site* presente na página de resultados anterior.

Esses fatos apontam para a necessidade de se trabalhar os mecanismos de busca oferecidos pela internet na sala de aula, a fim de facilitar o processo de busca por informações, além de explorar da melhor forma possível o potencial de buscadores como o *Google*.

Ainda em relação às preferências de busca dos alunos, chama-nos atenção o fato de eles preferirem a *Wikipédia* por acreditarem que ela seja uma fonte de informação confiável. Como já foi dito aqui, as informações contidas nessa enciclopédia virtual são construídas comunitariamente por qualquer pessoa, independente de ser um *wikipedista*. E, embora tais informações sejam revisadas, pode ocorrer de nos depararmos com uma informação que ainda não tenha sido conferida. Assim é necessário que os alunos conheçam melhor o *site* de onde eles extraem informações. Uma forma seria os professores orientarem os alunos quanto à confiabilidade dos *sites*.

Outro fator que ajudaria os alunos na busca por informação seria a indicação de *sites*. Vimos que nem sempre os professores costumam indicar *sites*, o que, talvez, pode sugerir que eles não tenham feito um planejamento antes de solicitar a pesquisa aos alunos ou que não estejam habituados a buscar informação na internet, ou que considerem desnecessário indicar fontes por acreditarem que é fácil encontrar uma informação na *web*, ou ainda por verem a pesquisa escolar mais como uma atividade para dar nota ao aluno ou como punição por terem ficado de recuperação, por exemplo.

Continuando o processo de busca, passemos para a etapa da seleção de informações. Para selecionar a informação que será utilizada no trabalho, é necessário fazer leituras. Cabe ressaltar aqui que, de acordo com as gravações do processo de pesquisa, os alunos leem sim, porém de formas diferentes dependendo do objetivo deles. Quando o objetivo deles é escolher qual dos *sites* oferecidos na página de resultados de um buscador visitará, eles estão fazendo uma leitura *previewing*, segundo a classificação de Alliende & Condemarín (1987). Agora, se o objetivo é encontrar de forma rápida uma informação específica, como a discografia de Chico Buarque, por exemplo, eles fazem uma leitura tipo *scanning*, em que não é necessário ler tudo. No entanto, se o objetivo do aluno é selecionar as informações que ele considera principais em um texto, ele fará uma leitura mais demorada, tipo *skimming*.

Ao conjugarmos busca com seleção de informação, verificamos que a maioria dos alunos costuma extrair informações de mais de um *site*. Essa atitude parece demonstrar que os alunos se preocupam em complementar as informações encontradas ou sentem necessidade de fazer isso, quando não encontram tudo o que precisam em um único *site*. No entanto, apesar de utilizarem mais de uma fonte, a maioria dos alunos não as citam no trabalho que apresentam como resultado da pesquisa, alegando não terem o costume de citar a fonte ou terem esquecido de fazê-lo. Esse fato é preocupante por parecer que tais alunos talvez não estejam cientes de que isso é plágio e de que tal prática é ilegal, o que pode ser uma forma de estimular a cópia, já que consideram o texto produzido como deles.

Ainda observando a busca e a seleção conjugadas, constatamos que o ato de clicar em *links* contidos nos textos encontrados na *web* não é recorrente. Muitos afirmaram não clicar nesses *links* por temerem ser vírus, o que demonstra que, talvez, esses alunos não possuam conhecimento suficiente para detectar um vírus virtual, como passar o *mouse* no *link* sem clicar para visualizar o endereço eletrônico desse *link* e verificar sua confiabilidade. Esse fato pode atrapalhar a pesquisa por representar um obstáculo capaz de impedir o aluno de acessar mais informações sobre o assunto que ele está pesquisando. Outros alunos, ainda, disseram não clicar por preferir procurar o significado de tais palavras no dicionário ou perguntar ao professor. Nesses casos, parece que os alunos relacionam os *links* com significado de palavras. É possível que eles façam essa associação por terem um contato maior com a *Wikipédia*, *site* em que, normalmente, os *links* trazem conceitos e significados. Também nos deparamos com alunos que afirmaram clicar apenas se o *link* se relacionar com o assunto pesquisado, o que corrobora o estudo de Gualberto (2008) que mostrou que a materialidade linguística do *link* influencia no acesso aos hipertextos.

Depois de selecionar os dados, é necessário produzir o texto que apresentará o resultado da pesquisa. Analisando os textos produzidos pelos alunos em conjunto com os dados extraídos do questionário, verificamos que a cópia ainda é constante nas pesquisas escolares. Porém essa cópia não é tão simples assim. Embora tenhamos encontrado textos que fossem cópia literal de praticamente um único texto-base, a maioria parece ser resultado de uma espécie de montagem de um quebra-cabeça em que se procurou encaixar os fragmentos-peça da forma que se julgou correta. No entanto, alguns fragmentos-peça não ficaram bem encaixados ou estavam em posições contrárias. Isso porque, para elaborar esses textos, os alunos recortavam as informações que julgavam importantes e colavam no *Word*, sem se preocupar com a organização delas, com a manutenção da unidade textual (COSTA VAL, 2006). Alguns desses alunos tentavam articular as informações, porém, talvez, por não saberem utilizar adequadamente os mecanismos coesivos, acabavam por infringir a coerência textual. Ainda encontramos um caso em que, embora não tenha se posicionado criticamente, elaborando conclusões sobre os dados de sua pesquisa, formulou alguns fragmentos no intuito de introduzir as informações copiadas.

Cabe aqui ressaltar que, no início deste trabalho, afirmamos acreditar que o produto final da pesquisa dos alunos estaria relacionado com a concepção que os alunos tinham da pesquisa escolar. Assim, se o aluno considerasse pesquisa apenas como uma busca por informações, provavelmente, apresentaria como resultado de sua pesquisa uma cópia e que se o aluno considerasse que a busca por informações seria apenas o início do processo de

pesquisa que passaria ainda por uma análise dessas informações e produção de um texto, apresentando suas conclusões, teria como resultado de sua pesquisa um texto em que se posicionaria criticamente. Essa crença parece verdadeira, pois verificamos que a maioria dos alunos veem pesquisa apenas como uma busca por informações, sendo que alguns relacionam essa busca com aprendizado. Outros, ainda, consideram pesquisa uma tarefa escolar e uma minoria relaciona pesquisa com conhecimento e aprendizado. Nenhum aluno menciona nada a respeito de análise dos dados, de formular conclusões a partir dessa análise. E, conforme vimos, a maioria dos textos apresentada era cópia.

No entanto, verificamos que esse não é o único motivo de o texto apresentado pelos alunos como resultado da pesquisa escolar ser, muitas vezes, uma cópia. A maneira como os professores solicitam a pesquisa também pode influenciar nesse resultado. Quando eles fornecem apenas um tema e pedem que o aluno pesquise sobre ele, é provável que este aluno lhe apresente uma cópia. Às vezes, também, quando o professor pede ao aluno algo que ele ainda não tenha habilidades para fazer, pode ser que o aluno não construa um texto, posicionando-se. Talvez tenha sido isso que ocorreu com as alunas do 9º ano. Embora a professora tenha pedido que as alunas comparassem o tempo futuro em inglês com o *present perfect*, elas não o fizeram. Talvez tenham agido dessa forma por terem dificuldade em comparar informações, ou por não terem visto, ainda, como elaborar um texto fazendo comparações.

Visto sob esse prisma, parece que o problema da cópia na pesquisa escolar também pode estar relacionado com as habilidades de escrita do aluno. Talvez ele copie por não conseguir formular um texto, por apresentar dificuldade em articular as ideias. Isso nos chama atenção para a necessidade de se trabalhar mais na sala de aula não só a escrita, mas também a leitura já que essas habilidades estão interrelacionadas e precisam ser praticadas.

Enfim, conforme havíamos dito, essas são apenas algumas reflexões sobre o problema da cópia no processo de pesquisa escolar numa tentativa de implementar as discussões já existentes sobre esse tema, lançando novas luzes e ao mesmo tempo incitando novas pesquisas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIENDE, Felipe, CONDEMARÍN, Mabel. *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor navegador (II). In: SILVA, Ezequiel Teodoro da. QUEIROZ, Rubens Queiroz de. FREIRE, Fernanda M. P. E. AMARAL, Sergio Ferreira do. *A Leitura nos Oceanos da Internet*. Campinas: Cortez, 2003. p.89-106.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. 22 ed. Edições Loyola, São Paulo, 2008.

BERNARDES, Alessandra Sexto. FERNANDES, Olívia Paiva. A pesquisa escolar em tempos de internet. *Teias*: Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, jan/jun 2002. p. 1-15.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. ELLWEIN, Selma Alice Ferreira. Pesquisa escolar na internet. In: SILVA, Rovilson José da. BORTOLIN, Sueli (org.). *Fazeres Cotidianos na Biblioteca Escolar*. São Paulo: Polis, 2006. p. 105-113.

BRAGA, Denise Bértoli. A construção de sentidos em hipertextos: questões de autoria e leitura relevantes para a interação crítica com hipertextos. In: FREIRE, Maximina M. ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. BARCELOS, Ana Maria Ferreira. (orgs.). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. São Paulo: Pontes, 2005. p. 247-268

_____. MORAES, Marcio Antônio de. Pesquisa na web e produção textual: reflexões sobre o ensino do gênero dissertativo na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 603-620, set./dez. 2009.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. (trad.) MACHADO, Anna Raquel. CUNHA, Péricles. São Paulo: EDUC, 2003.

BURLAMAQUI, Elisabete Romero. *O uso das tecnologias na pesquisa escolar como apoio no processo de ensino-aprendizagem no ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá: Rio de Janeiro, 2007

BUSH, Vannevar. As we may think. *The Atlantic Monthly*, July, 1945. Disponível em <www.theatlantic.com/doc/194507/bush> Acessado em 20 de julho de 2009.

CALDAS, Rosângela Formentini. ALENCAR, Maria de Cleófas Faggion Alencar. Construção do conhecimento através das redes eletrônicas: o caso de uma escola especializada de ensino de 2 grau: 1 parte – os professores. ETD – *Educação Temática Digital*, Campinas, v.3, n.1, p. 28-40, 2001

CAMPELLO, B. S. ; ANDRADE, M. E. ; VIANNA, M. M. ; ABREU, V. L. F. G.; CARVALHO, M. C.; CALDEIRA, P. T. . A internet na pesquisa escolar: um panorama do

uso da web por alunos do ensino fundamental. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 2000, Porto Alegre. Anais do XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Porto Alegre : Associação Riograndense de Bibliotecários, 2000.

CARVALHO, Edison Gonçalves de. *Representações sociais de professores sobre a pesquisa escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

COSCARELLI, Carla Viana. *Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

_____. Entre textos e hipertextos. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 65-84.

_____. *Hipertexto e subversão: um diálogo com Andrea Ramal*. FALE/UFMG. Belo Horizonte: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEhptxramal.htm> . Março, 2003

_____. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 549-564, set/dez. 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

_____. *Educação e Conhecimento: Relação necessária, insuficiente e controversa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

_____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DIJK, Teun A. van. KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. Academic Press, Inc: London, 1983.

DIJK, Teun Adrianus van, 1943. *Cognição, discurso e interação*. (org. e apresentação de Ingedore V. Koch). São Paulo: Contexto, 1992.

DÖRNYEI, Zoltan. *Research Methods in Applied Linguistics*. New York: Oxford, University Press, 2007.

ELLWEIN, Selma Alice Ferreira. Pesquisa escolar e o enfadonho exercício de cópia: como separar o trigo do joio?. In: SILVA, Rovilson José da. BORTOLIN, Sueli (org.). *Fazeres Cotidianos na Biblioteca Escolar*. São Paulo: Polis, 2006. p. 79-96

FACCHINETTO, Eliane Arbusti. *Leitura e escrita em ambiente digital: o hipertexto e as autonarrativas como potencializadores de transformações cognitivo-afetivas*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2007. 194p.

GALIAZZI, Maria do Carmo. O Professor na Sala de Aula com Pesquisa. In: MORAES, Roque. LIMA, Valderez Marina do Rosário. (orgs.). *Pesquisa em Sala de Aula: tendências para a Educação em Novos Tempos*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.293-316

GUALBERTO, Ilza Maria Tavares. *A influência dos hiperlinks na leitura de hipertexto enciclopédico digital*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOMESU, Fabiana. *Pensar em hipertexto*. In: ARAÚJO, Júlio César. BIASI-RODRIGUES, Bernadete (org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 87-108.

LAMON, S. P. O hipertexto na pesquisa escolar: uma abordagem sob o prisma dos usuários da Biblioteca do Centro de Divulgação Científica e Cultural – CDCC/USP. In: *xv Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias*, 2008, São Paulo. Impacto das Tecnologias de Informação na Gestão da Biblioteca Universitária. São Paulo : CRUESP, 2008. v. v.1. p. 1-13.

LARSEN-FREEMAN, Diane. LONG, Michael H. *An introduction second language acquisition research*. Londres: Longman, 1991.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIBERATO, Yara. FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES, Márcio Antônio de. *A produção do gênero dissertativo: reflexões sobre o uso da Internet na escolar*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

MORO, Eliane. DIAS, Jaqueline. ESTABEL, Lizandra. CARNEIRO, Mara Lúcia F. As novas tecnologias da informação e comunicação e a pesquisa escolar. *Anais do XXII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, Florianópolis, v. 5, p. 45-54, 2002.

NEUZING, Vanessa Luiz. *A pesquisa escolar como elemento integrador dos recursos de biblioteca, internet e sala de aula para a construção do conhecimento*. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

OLIVEIRA, Carla Ariella de. *A pesquisa escolar em tempos de internet: conectando escola, educador e educando*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2008.

PINHEIRO, Maria Inês da Silva. CARVALHO, Ademar de Lima. SILVA, Edileusa Regina Pena da. SILVA, Sandra Maria da. Informação virtual no processo da formação profissional. *Revista Interamericana de Bibliotecologia*. Ene.-Jun. 2008, vol. 31, n. 1. p. 111-133.

PINHEIRO, Regina Cláudia. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, Júlio César. BIASI-RODRIGUES, Bernadete (orgs.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 131-146.

RAMAL, Andrea Cecilia. Educação na cibercultura. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

RIBEIRO, Ana Elisa. Os hipertextos que Cristo leu. In: ARAÚJO, Júlio César. BIASI-RODRIGUES, Bernadete (org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 124-130.

_____. RIBEIRO, Ana Elisa. COSCARELLI, Carla Viana. (orgs.) *O hipertexto em tradução*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/ohipertextoemtradu%C3%A7%C3%A3o-site.pdf>>. Acesso em: 13/12/2010).

_____. *Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

ROUET, J. F; LEVONEN, J.; DILLON, A.; SPIRO, R. (org). *Hypertext and Cognition*. New Jersey: Mahwah, 1996.

SANTOS, Else Martins dos. Pesquisa na Internet: Cópia/Cola???. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 268-278.

STEFANO, Leizy Regina Fracasso. *Representações de professores e alunos sobre a pesquisa escolar: a leitura crítica, a escrita autônoma e a formação do conhecimento*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Estadual de Maringá, 2005

VIEIRA, Marli Vick. CHRISTOFOLETTI, Rogério. Confiabilidade no uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar. *Tecnologias na Educação*, v. 1, p. 1/4-13, 2009. ; Meio de divulgação: Digital; Homepage: <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/a1n1/art4.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 19844751.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção do sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 170-180

_____. A dança das linguagens na web: critérios para a definição de hipertexto. In: SILVA, T. C.; MELLO, H. (Orgs.). *Conferência do V Congresso Internacional da ABRALIN*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2007. p. 199-210.

_____. *A era do hipertexto: linguagem & tecnologia*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

APÊNDICE 1

Termo de Consentimento entregue aos alunos de 11 e 12 anos e aos seus responsáveis.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento de acordo com a Resolução 1996/96 item IV do Conselho Nacional de Saúde

Prezados responsáveis e aluno(a),

Estamos realizando uma pesquisa na Faculdade de Letras da UFMG, intitulada “Fazendo pesquisa escolar na Internet”. Essa pesquisa está sendo feita pela pesquisadora Sandra Areias Teixeira, sob a orientação da professora Dra. Carla Viana Coscarelli e tem como objetivo principal investigar as etapas realizadas durante uma pesquisa escolar na Internet por alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

Para a execução desta pesquisa será aplicado um questionário, contendo questões de múltipla escolha e dissertativas sobre a rotina de navegação na internet do(a) aluno(a). A partir das respostas, serão selecionados os 10 alunos do Colégio que mais navegam para que se possa gravar, por meio do programa de computador *wink*, as ações realizadas por esses alunos durante uma pesquisa escolar solicitada por um dos professores do Colégio. A gravação ocorrerá em um dos laboratórios de informática do Colégio no período da tarde em data e horário combinados previamente. Em seguida será feita uma entrevista gravada em áudio.

Os dados obtidos nessa pesquisa serão confidenciais e utilizados apenas para a produção da dissertação de Mestrado, de artigos, de relatórios e de outros trabalhos a serem divulgados na comunidade científica, sendo que a identidade dos participantes será sempre mantida em sigilo. Além disso, informamos que o(a) aluno(a) pode, a qualquer momento, se recusar a participar, caso não sinta o desejo de fornecer as informações. Também destacamos que esta pesquisa não oferece risco ou desconforto aos participantes, tendo como benefício uma melhor compreensão do processo de pesquisa escolar através da Internet.

Caso queiram mais informações sobre a pesquisa fornecemos, abaixo, nossos contatos e o do Comitê de Ética da UFMG. Contatos com as pesquisadoras: fone (31) 3504-6065/ (32)3422-3724, email: cvcosc@yahoo.com.br/ sateixeiraprof@gmail.com e contatos com o Comitê de Ética da UFMG: Av. Antonio Carlos, 6627- Campus Pampulha. Unidade Administrativa II – 2º andar – sala: 2005. (3409-4592/ coep@prpq.ufmg.br).

Caso os termos acima estiverem de acordo com o seu consentimento, gostaríamos que lesse e assinasse a declaração abaixo:

Eu _____, RG _____,
responsável pelo(a) aluno(a) _____ declaro que li as
informações contidas neste documento e **AUTORIZO** a sua participação na pesquisa acima
descrita e a utilização dos dados obtidos para fins de pesquisa científica, ciente do sigilo das
informações e de que posso, a qualquer momento, retirar meu consentimento, declaro ainda
ter recebido uma cópia do presente termo.

Local e data: _____

Assinatura do(a) responsável

Eu _____, RG _____, declaro
que li as informações contidas neste documento, fui informado(a) pela pesquisadora Sandra
Areias Teixeira dos procedimentos utilizados, do sigilo das informações e de que posso, a
qualquer momento, retirar meu consentimento, declaro ainda ter recebido uma cópia do
presente termo. Sendo assim concordo em participar da pesquisa.

Local e data: _____

Assinatura do(a) aluno(a) participante

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento entregue aos alunos de 13 e 14 anos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento de acordo com a Resolução 1996/96 item IV do Conselho Nacional de Saúde

Prezado(a) aluno(a),

Estamos realizando uma pesquisa na Faculdade de Letras da UFMG, intitulada “Fazendo pesquisa escolar na Internet”. Essa pesquisa está sendo feita pela pesquisadora Sandra Areias Teixeira, sob a orientação da professora Dra. Carla Viana Coscarelli e tem como objetivo principal investigar as etapas realizadas durante uma pesquisa escolar na Internet por alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

Para a execução desta pesquisa será aplicado um questionário, contendo questões múltipla escolha e dissertativas sobre a sua navegação na internet. Caso você esteja entre os 10 alunos do Colégio que mais navegam na *web*, também serão gravadas por meio do *software wink*, suas ações durante a realização de uma pesquisa escolar solicitada por um de seus professores. A gravação ocorrerá em um dos laboratórios de informática do Colégio no período da tarde em data e horário combinados previamente. Em seguida será feita uma entrevista gravada em áudio.

Os dados obtidos através dos procedimentos relacionados acima serão confidenciais e utilizados apenas para a produção da dissertação de Mestrado, de artigos, de relatórios e de outros trabalhos a serem divulgados na comunidade científica, sendo que a sua identidade será sempre mantida em sigilo. Além disso, informamos que você pode, a qualquer momento, se recusar a participar, caso não sinta o desejo de fornecer as informações. Também destacamos que esta pesquisa não oferece risco ou desconforto para você, tendo como benefício uma melhor compreensão do processo de pesquisa escolar através da Internet, o que poderá contribuir para uma melhora no ensino.

Caso queiram mais informações sobre a pesquisa fornecemos nossos contatos e o do Comitê de Ética da UFMG. Contatos com as pesquisadoras: fone (31) 3504-6065/ (32)3422-3724, email: cvcosc@yahoo.com.br/ sateixeiraprof@gmail.com e contatos com o Comitê de Ética da UFMG: Av. Antonio Carlos, 6627- Campus Pampulha. Unidade Administrativa II – 2º andar – sala: 2005. (3409-4592/ coep@prpq.ufmg.br).

Eu _____, RG _____, declaro que li as informações contidas neste documento, fui informado(a) pela pesquisadora Sandra

Areias Teixeira dos procedimentos utilizados, do sigilo das informações e de que posso, a qualquer momento, retirar meu consentimento, declaro ainda ter recebido uma cópia do presente termo. Sendo assim concordo em participar da pesquisa.

Local e data: _____

Assinatura do(a) aluno(a) participante

APÊNDICE 3

Termo de Consentimento entregue aos responsáveis pelos alunos de 13 e 14 anos.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento de acordo com a Resolução 1996/96 item IV do Conselho Nacional de Saúde

Prezados responsáveis,

Estamos realizando uma pesquisa na Faculdade de Letras da UFMG, intitulada “Fazendo pesquisa escolar na Internet”. Essa pesquisa está sendo feita pela pesquisadora Sandra Areias Teixeira, sob a orientação da professora Dra. Carla Viana Coscarelli e tem como objetivo principal investigar as etapas realizadas durante uma pesquisa escolar na Internet por alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

Para a execução desta pesquisa será aplicado um questionário, contendo questões de múltipla escolha e dissertativas sobre a rotina de navegação na internet do(a) aluno(a). Caso ele (ela) esteja entre os 10 alunos que mais acessam a Internet, também serão gravadas as ações realizadas por seu (sua) filho(a) durante uma pesquisa escolar solicitada por um dos professores do Colégio. Essa gravação será feita através do programa *wink* que será instalado em um dos computadores de um dos laboratórios de informática do Colégio e ocorrerá no período da tarde em data e horário combinados previamente. Em seguida será feita uma entrevista gravada em áudio.

Os dados obtidos através dos procedimentos relacionados acima serão confidenciais e utilizados apenas para a produção da dissertação de Mestrado, de artigos, de relatórios e de outros trabalhos a serem divulgados na comunidade científica, sendo que a identidade do(a) seu(sua) filho(a) será mantida sempre em sigilo. Além disso, informamos que o(a) seu(sua) filho(a) pode, a qualquer momento, se recusar a participar, caso não sinta o desejo de fornecer as informações. Também destacamos que esta pesquisa não oferece risco ou desconforto ao(à) seu(sua) filho(a), tendo como benefício uma melhor compreensão do processo de pesquisa escolar através da Internet, o que poderá contribuir para uma melhora no ensino.

Caso queiram mais informações sobre a pesquisa fornecemos nossos contatos e o do Comitê de Ética da UFMG. Contatos com as pesquisadoras: fone (31) 3504-6065/ (32)3422-3724, email: cvcosc@yahoo.com.br/ sateixeiraprof@gmail.com e contatos com o Comitê de Ética da UFMG: Av. Antonio Carlos, 6627- Campus Pampulha. Unidade Administrativa II – 2º andar – sala: 2005. (3409-4592/ coep@prpq.ufmg.br).

Caso os termos acima estiverem de acordo com o seu consentimento, gostaríamos que lesse e assinasse a declaração abaixo:

Eu _____, RG _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____ declaro que li as informações contidas neste documento e **AUTORIZO** a sua participação na pesquisa acima descrita e a utilização dos dados obtidos para fins de pesquisa científica, ciente do sigilo das informações e de que posso, a qualquer momento, retirar meu consentimento, declaro ainda ter recebido uma cópia do presente termo.

Local e data: _____

Assinatura do(a) responsável

APÊNDICE 4**Questionário para o aluno.**

Nome: _____ Série: _____ Idade: _____

1. Há quanto tempo usa computador?

- menos de 1 ano
 até 3 anos
 mais de 3 anos

2. Você tem computador em casa?

- sim não

3. Você tem o costume de acessar a internet?

- sim não

4. Onde você mais acessa a internet?

- Em casa
 Na escola
 Em uma *lan house*
 Na casa de um amigo ou parente

5. Você utiliza internet para: (Pode marcar mais de uma opção)

- Orkut
 Blog
 E-mail
 MSN
 Chat
 Jogos
 Pesquisa escolar
 Busca de informação
 Outros: _____
-
-

6. Com que frequência usa a internet

- Todos os dias
 Apenas nos finais de semana
 1 vez por semana
 Apenas durante a semana
 3 vezes por semana
 Raramente

7. Quando você acessa a internet, normalmente, fica quanto tempo?

- Menos de 1 hora
 De 1h a 4h
 Mais de 4h

8. Seus professores pedem para você fazer pesquisa

Sempre

Às vezes

Raramente

9. O que é pesquisa para você?

10. Você acha mais fácil pesquisar

em livros

na internet

outros: _____

Porquê?

11. Quando um(a) professor(a) solicita uma pesquisa na internet, ele(ela) fornece os sites em que você pode encontrar informações sobre o assunto solicitado?

Sim

Não

Às vezes

12. Você costuma utilizar sites de busca como o google, yahoo, dentre outros, para fazer uma pesquisa escolar?

Sim

Não

13. Ao solicitar uma pesquisa na internet, o(a) professor(a) pede a você que entregue o trabalho: (Pode marcar mais de uma opção)

impresso.

escrito manualmente.

em disquete.

por email.

outros: _____

14. Quando você busca uma informação na internet para realizar uma pesquisa escolar e encontra um texto com links, você clica nesses *links*?

Sim

Não

Às vezes

Porquê?

15. Quando você busca uma informação na internet através de um site de busca para realizar uma pesquisa na internet e aparecem vários resultados, o que você faz?

- Abre apenas o primeiro site apresentado na página de resultados.
 Abre alguns sites apresentados na página de resultados e verifica quais se relacionam com o assunto que você busca.
 Lê o resumo que cada site apresentado traz na página de resultados e abre apenas os sites que parecem se relacionar com o assunto que você busca.

16. Seus professores já te mostraram como se faz uma busca na internet?

- Sim Não

17. Ao encontrar as informações que você necessita para fazer a pesquisa escolar, você verifica se os sites que forneceram as informações são confiáveis?

- Sim Não

18. Depois que você encontrou as informações necessárias na internet para realizar a pesquisa escolar, o que você faz?

- Copia e cola as informações encontradas no *Word* e depois imprime.
 Copia e cola as informações encontradas no *Word*, faz a formatação do texto sem modificar o conteúdo e depois imprime.
 Apenas imprime o texto diretamente do site em que você o encontrou.
 Lê as informações encontradas, faz um resumo no *Word* e depois imprime.
 Lê as informações encontradas, copia e cola no *Word*, faz algumas modificações no texto original como cortar partes do texto, trocar algumas palavras por outra de sentido equivalente, acrescentar palavras, mudar a ordem das frases, etc. e depois imprime.
 Lê as informações encontradas, compara-as, elabora um texto a partir delas, apresentando a sua conclusão e depois imprime.

19. Você menciona as fontes das informações que você utilizou para realizar a sua pesquisa no trabalho que entregará ao(à) professor(a)?

- Sim.
 Não.
 Apenas se o(a) professor(a) pedir.

Obrigada por participar desta pesquisa!

APÊNDICE 5**Questionário para o professor**

Nome: _____ Disciplina: _____

1. Você costuma pedir que seus alunos façam pesquisas?

 Sim Não

2. Os seus alunos podem utilizar a internet como fonte de informação?

 Sim Não

Porquê?

3. Ao solicitar uma pesquisa aos seus alunos, você lhes fornece um roteiro?

 Sim Não

4. Ao solicitar uma pesquisa aos seus alunos, você lhes fornece uma referência bibliográfica, contendo livros, sites, dentre outras fontes de informação?

 Sim Não Apenas livros. Apenas sites. Outros: _____

5. Quando você solicita uma pesquisa aos seus alunos, você pede que o trabalho final seja entregue

 impresso escrito manualmente gravado em disquete por e-mail. Outros: _____

Porquê?

6. Você mostra aos seus alunos como se faz uma busca na internet?

 Sim Não

7. O que você entende como pesquisa?

8. O texto final que seus alunos apresentam a você como resultado de uma pesquisa realizada na internet costuma ser

- uma cópia sem nem transferir o texto para o *Word*.
- uma cópia em que o texto foi transferido para o *Word*, sem formatá-lo.
- uma cópia em que o texto foi transferido para o *Word* e formatado.
- um resumo.
- uma paráfrase.
- uma elaboração própria, em que se pode perceber que o aluno comparou as informações encontradas e formulou a sua conclusão.

9. Para você, a internet ajuda ou atrapalha a pesquisa escolar? Por quê?

10. Cite um exemplo de pesquisa que você costuma solicitar aos seus alunos.

Obrigada por participar desta pesquisa!

APÊNDICE 6**Transcrição da entrevista feita com os 9 alunos observados, realizando a pesquisa escolar****A9/6°**

E: Sobre o que que foi a pesquisa que a professora de inglês pediu pra vocês fazerem?

A9/6°: Foi sobre o Canadá.

E: O que vocês tinham que fazer?

A9/6°: Era pra olhar tipo a linguagem deles, a nacionalidade, essas coisas.

E: Como é que vocês fizeram o trabalho?

A9/6°: A gente pegou da internet.

E: Mas como?

A9/6°: A gente pesquisou no Google e copiou e colou. E leu também

E: Vocês copiaram e colaram tudo?

A9/6°: Algumas, bastante coisas.

E: E você tem costume de fazer pesquisa na internet?

A9/6°: Humhum

E: Qual foi a última pesquisa que você fez pra escola?

A9/6°: Foi essa.

E: Sem ser essa.

A9/6°: A de português.

E: Era sobre o quê?

A9/6°: A gente esqueceu a matéria e pesquisou, eu e a Júlia.

E: Vocês o quê?

A9/6°: A gente esqueceu uma matéria e pesquisou.

E: O que ela pediu pra vocês fazerem?

A9/6°: Era pra fazer 10 exercícios. Só que algumas coisas a gente não tinha achado do caderno porque a gente tinha faltado de aula e aí a gente pesquisou na internet pra achar.

E: Você lembra alguma outra pesquisa que vocês fizeram? Alguma coisa de história ou geografia?

A9/6°: De história sim, de geografia não.

E: De história era sobre o quê?

A9/6°: A gente fez sobre o México, sobre os Incas, sobre os maias, sobre os astecas.

E: Escolha uma dessas e fale sobre como a professora pediu.

A9/6°: A dos Incas. Foi mais recente. Ela pediu pra pesquisar a história, a religião, a localização, tudo sobre os incas.

E: E vocês pesquisaram onde?

A9/6°: No Google também e na Wikipédia.

E: Ela deu alguma fonte pra vocês pesquisarem?

A9/6°: Não.

E: Vocês pesquisaram do jeito que vocês acharam melhor?

A9/6°: É.

E: Faz um favor. Entra na internet, vai no Google.

A9/6°: No Google?

E: Isso. Qual que é o site que você mais pesquisa?

A9/6°: A Wikipédia.

A9/6°: Entra nela. O que são essas palavras destacadas em azul?

A9/6°: As palavras destacadas em azul? É tipo assim, aqui tá escrito as coisas, mas quando a gente não sabe o significado, a gente clica nelas e mostra as coisas, tipo Leonardo da Vinci, mostra a história do Leonardo da Vinci.

E: Você sabe como é que chama essas palavras em azul? Qual que é o nome delas?

A9/6°: Link.

E: Ela sempre só te dar o significado de palavras?

A9/6°: Não. Ela dá o significado de tipo quem foi a pessoa, da cidade.

E: Aqui na Wikipédia, toda vez que você clicar, ela vai te remeter a uma outra página da Wikipédia, né? Você já clicou em algum site que quando você clicou foi em outro site?

A9/6°: Não.

E: Não? Você tem o costume de clicar nesses links?

A9/6°: Quando eu não sei a palavra sim. Mas na Wikipédia.

E: Só na Wikipédia?

A9/6°: Sim. Porque nas outras palavras eu não sei se pode ser vírus ou não.

E: Você tem o costume de na hora de fazer o trabalho, comparar as informações em outros sites?

A9/6°: Não.

E: O que você achar tá bom?

A9/6°: Não, assim, a gente lê, vê se tem escrito no livro ou não e aí coloca.

E: Mas aí você sabe qual livro tá?

A9/6°: Não. A gente olha no livro da escola. Igual no trabalho de história. A gente achou uma informação meio cortada. Aí a gente procurou no livro pra ver se tinha o resto da informação e aí a gente achou.

E: E quando a informação não tem no livro, como é que vocês sabem que essa é a correta?

A9/6°: Ah, a gente vê, a gente chuta, né?

E: Chuta. Vocês não têm o costume de associar, não?

A9/6°: Não.

E: E vocês citam a fonte de onde vocês tiraram as informações?

A9/6°: Não. A professora não pede.

E: Se ela pedir...

A9/6°: A gente coloca.

E: Vocês não têm o costume de citar, não? Não foi visto que tem que citar sempre não?

A9/6°: Humhum, fazendo não com a cabeça.

E: Qual é a sua opinião sobre pesquisa escolar?

A9/6°: Ah, eu acho bom porque aí a gente aprende mais coisas. Nesse trabalho de história que eu falei sobre os incas, a gente não sabia o que que era, como que fala, modo de plantação asiático, aí a gente acabou descobrindo porque a professora explicou pra gente e a gente não ia estudar isso.

E: Mas aí você aprendeu olhando na internet ou só o que a professora explicou?

A9/6°: O que a professora explicou e olhando na internet também. Ela pediu pra gente falar, aí eu perguntei pra irmã pra ver se ela sabia.

E: Humhum.

A9/6°: Aí ela me falou o que que era, aí eu falei com a professora.

E: Quando você pesquisa na internet, você lê as informações?

A9/6°: Humhum. Leio. Porque, às vezes, tem algumas coisas sem sentido.

E: Vamos supor se eu tivesse pedido pra você pesquisar sobre Leonardo da Vinci, né, aí você leria tudo que tá aí na página?

A9/6°: ãhã. Tipo assim, a professora costuma pedir história, entre outras coisas, aí a gente vem aqui(ela me mostrou o índice em uma página da Wikipédia) e clica. Você perguntou infância, aí a gente vem aqui e lê sobre a infância.

E: Entendi. E você costuma emitir a sua opinião no trabalho?

A9/6°: De vez em quando. Mas aí é pouco frequente.

E: Por que pouco frequente?

A9/6°: Porque assim, a gente fala mais não na escrita, mas quando vai explicar.

E: Então, normalmente, na escrita você não emite a sua opinião.

A9/6°: Normalmente.

E: Obrigada, tá, A9/6°.

A10/6°

E: A10/6°, como você fez esse trabalho?

A10/6°: Eu fiz muito mais no Wikipédia, né, eu fiz no Word.

E: E como você fez? O trabalho era sobre o quê?

A10/6°: Sobre a Espanha, tinha que pesquisar a nacionalidade, a professora de inglês é que pediu.

E: E quando você faz os trabalhos, normalmente, sem ser no caso esse, você costuma clicar nos links?

A10/6°: Eu tiro né.

E: Você clica ou não?

A10/6°: Clicar não.

E: Por exemplo, se você for fazer um trabalho sobre, vamos supor o aquecimento global. Você digita onde pra buscar?

A10/6°: No Google.

E: No Google. Aí aparecem vários resultados, não é isso?

A10/6°: (Balançou a cabeça em sinal de positivo).

E: Aí pra você abrir, você abre todos os resultados que aparecem? Como você faz?

A10/6°: Não. Eu abro... eu leio o resuminho primeiro, aí eu vou lá e clico

E: Entendi. Provavelmente vai aparecer alguma coisa no Wikipédia, né? Aí você entra e aparecem links lá, não aparecem?

A10/6°: Humhum.

E: Você clica nesses links?

A10/6°: Às vezes.

E: Quando você clica?

A10/6°: Às vezes, quando eu tô na internet, eu clico lá se tiver alguma coisa relacionada com o meu trabalho.

E: Quando você faz pesquisa, você costuma copiar e colar, você faz um resumo, o que você faz normalmente?

A10/6°: Às vezes eu copio e colo pra não precisar de escrever tudo, mas eu escrevo as coisas que me interessa.

E: Você tem o costume de emitir sua opinião?

A10/6°: Não. (ficou meio indeciso)

E: Você lembra qual foi o último trabalho que você fez?

A10/6°: Acho que não.

E: Não? E o que você acha sobre as pesquisas escolares?

A10/6°: Legal porque a gente aprende as matérias, o professor manda fazer, a gente... (Não deu pra entender muito bem o que ele disse, havia barulho de crianças no fundo).

E: E você não lembra de nenhuma pesquisa que você fez a não ser essa?

A10/6°: Eu lembro.

E: Qual você lembra?

A10/6°: Eh Teve uma pesquisa....., tô lembrando... Ah teve uma pesquisa que a professora de história pediu pra gente fazer sobre os incas.

E: Sobre os incas? E como é que ela pediu essa pesquisa?

A10/6°: Ela pediu sobre religião, é sobre divisão das classes sociais, eh.... e como eles viviam e a cultura.

E: Humhum. Aí vocês tinham que montar um texto sobre isso ou era em tópicos.

A10/6°: Não. Era em tópicos.

E: Tá. Aí era em tópicos e você se lembra no caso na hora de fazer, você emitiu uma coisa com suas palavras ou você utilizou mais o copia e cola ou você resumiu os pontos mais importantes, como você fez? Você lembra?

A10/6°: Lembro. Eu copio e colo e vejo as coisas mais importantes que tem pra fazer.

E: Aí o que não for importante...

A10/6°: Eu tiro.

E: Você tira. Tá obrigada, tá, A10/6°

A14/7°

E: Pra você procurar sobre Gilberto Gil, você digitou Gilberto Gil, né? Aí o primeiro site que você abriu qual que foi?

A14/7°: Os primeiros sites que eu abri. Foram os primeiros sites que eu abri. Aí eu peguei vários.

E: Pegou vários, né? São esses aqui?

A14/7°: Sim.

E: Pegou o da Wikipédia...

A14/7°: Sim. Foram esses três que eu peguei tudo. Peguei tudo desses três aí.

E: Pra você elaborar o texto como que você fez?

A14/7°: Ah, olha, a biografia dele assim eu peguei no Wikipédia só um pedacinho, não foi do Wikipédia não, foi desse site da MPB.

E: ãh,

A14/7°: Peguei a biografia dele, assim, onde ele nasceu, quem eram os pais, essas coisinhas assim. Na Wikipédia, eu peguei sobre a filha dele, assim do todos.

E: humhum.

A14/7°: Depois no terceiro site, eu peguei, e tirei, deletei o que eu peguei no Wikipédia, os que não eram assim tão importantes. Peguei os mais importantes pra não ocupar tanto espaço na folha.

E: E aqui, eu lembro naquele questionário que eu apliquei você falou que você não clica em links, não é isso?

A14/7°: Sim.

E: Me mostra um link aqui.

A14/7°: Link?

E: É.

A14/7°: Este. Este é um link (Apontou para o índice do Wikipédia) Só que é um link que vai descer lá pra baixo, não é pra outro site.

E: E isso aqui? É um link? (Eu apontei para uma palavra em azul dentro do texto sobre Gilberto Gil)

A14/7°: É. O que ta em azul é link.

E: E ele vai pra..

A14/7°: Pra outras, páginas.

E: Aí você não clica por quê?

A14/7°: Ah porque assim eu não gosto de clicar. Primeiro, dependendo do link pode até parecer vírus no computador, essas coisa assim. E também se eu fosse clicar devia ser muito importante entendeu?

E: Humm

A14/7°: Não tem a ver, por exemplo, eu clico em músico aqui(link na página da Wikipédia sobre Gilberto Gil). Esse músico vai dizer a definição de músico. Eu não preciso saber da definição de músico, entendeu?

A14/7°: Humhum.

E: Se tivesse uma informação que você julgava ser importante, você.

A14/7°: Sim eu clicaria,

E: Mas como é algo assim

A14/7°: São definições.

E: Nesse caso, são definições.

A14/7°: Na maioria são definições de palavras.

E: Na Wikipédia, a maioria são definições mesmo, mas em outros sites você pode ser jogado pra outro que tem uma informação além.

E: O que você acha dessas pesquisas que são solicitadas? Qual a sua opinião?

A14/7°: Sobre esse tipo de pesquisa?

E: humhum.

A14/7°: Ah, eu acho importante. Não completamente necessário, mas importante. Eh... por exemplo, no futuro assim, eu posso dizer assim eu sei sobre Gilberto Gil, entendeu? É uma coisa assim que eu acho importante na nossa vida, é cultura né? O que seria uma pessoa se não tivesse cultura?

E: Humhum. E que tipo de pesquisa você julgaria mais importante pra você?

A14/7°: Mais importante?

E: É. Hoje.

A14/7°: Hoje uma coisa mais importante pra mim?

E: É.

A14/7°: É uma pesquisa sobre ciências. Tipo assim, deixa eu ver um tipo de pesquisa aqui. Sobre células, uma coisa assim mais científica.

E: Você gosta mais dessa área?

A14/7°: Gosto. Gosto muito mais de história.

E: Quem é a sua professora de História?

A14/7°: Atualmente é a Úrsula porque a minha professora de História quebrou a perna, o pé.

E: E a sua professora de História costuma pedir pesquisa?

A14/7°: Costuma. Bastante.

E: Você lembra de alguma que ela pediu esse ano?

A14/7°: Esse ano pediu sobre bárbaros, pediu uma sobre a Independência de Portugal, pediu também uma sobre a higiene na Idade Média que foi bem recente. Ah.. muitos, muitos, muitos.

E: Você lembra como que era a solicitação de pesquisa de uma dessas?

A14/7°: Ah, da higiene na idade média era em Power point, pedia pra falar sobre como era a higiene, pedia também pra falar doenças provocadas na época e relacionar uma parte do trabalho com a outra.

E: Ela deu algum tipo de site que você poderia pesquisar ou livro?

A14/7°: Deu uma fonte.

E: Deu a fonte. Normalmente quando você pesquisa, você coloca no Google pelo que eu vi aqui, né?

A14/7°: Sim.

E: Aí aparecem vários sites, links pra você pegar a página que fala sobre o assunto. Como você faz a escolha de quais são que você vai clicar ou você abre todos?

A14/7°: Não. Primeiro eu leio, e todos que eu acho que tem alguma coisa importante, assim eu leio aquelas primeiras linhas que tem, que eu acho importante eu clico.

E: Você lê primeiro, você não sai clicando no primeiro que aparece não né?

A14/7°: Não. Muita gente faz isso.

E: É, deixa eu ver se tem mais alguma coisa que eu tenha esquecido. Acho que eu não esqueci de nada não, deixa só eu olhar aqui. Ah, você costuma, você mencionou nesse trabalho qual a fonte que você utilizou?

A14/7°: Coloquei todas as três.

E: E você tem esse costume de colocar ou a professora de música pediu.

A14/7°: Não. Eu tenho costume de colocar e ela sempre pede.

E: Tá. Isso é importante colocar. Ah.! Outra coisa. Você tem costume de fazer pesquisa por conta própria? Uma coisa que você queira saber?

A14/7°: De vez em quando sim. Muito assim sobre uma imagem interessante que eu queira saber. Uma coisa que o professor fala na aula que eu acho muito interessante, aí eu vou lá e vejo. Eu não tenho costume, mas assim de vez em quando, de vez em outra eu faço.

E: De todas as pesquisas que você fez até hoje aqui na escola, você aprendeu algo ou,

A14/7°: Ah de todas eu aprendi. Sim acho que sim.

E: E essa aqui, você lembra alguma coisa que você leu? Uma informação que você acha importante destacar?

A14/7°: Olha, o Gilberto Gil teve 62 discos, ele é muito famoso, foi, participou do exílio na época da ditadura militar, ele é de Salvador. Sim, É uma coisa mais cultural assim, sabe. Uma coisa mais cultural do que alguma mais exata, uma coisa mais científica assim?

E: Você gosta de coisas mais científica?

A14/7°: É uma coisa mais fatos.

E: Você gosta mais de Ciências ou de História, mas que tenham mais fatos que vão influenciar na sua vida, não é isso?

A14/7°: Isso.

E: Tá, obrigada, A14/7°.

A15/7°

E: Quando você foi procurar uma informação sobre a Gal Costa, você procurou em qual site de busca?

A15/7°: O primeiro que eu fui foi no Wikipédia que eu confio mais nas informações dele.

E: Tá. E você digitou

A15/7°: Gal Costa

E: Gal Costa. Você só usa o Wikipédia ou usa mais algum?

A15/7°: Ah... Eu tenho costume de usar mais alguns.

E: E pra esse trabalho?

A15/7°: Ah... Pra esse trabalho eu não lembro qual que eu usei. Eu usei mais o Wikipédia mais alguns outros dois pra achar a fonte dos discos dela.

E: Você não lembra quais foram os outros dois. Você não colocou na.

A15/7°: Não. Não tenho esse costume.

E: Você não tem costume de colocar não?

A15/7°: Não.

E: Nem se o professor pedir?

A15/7°: Se o professor pedir, sim.

E: A15/7°, a respeito de link. Na Wikipédia tem bastante link né?

A15/7°: ãha.

E: Você tem costume de clicar nos links?

A15/7°: Não. Eu não preocupo em clicar em links porque eu sei que links é uma coisa a mais do que aquela que eu to procurando.

E: Hum.

A15/7°: A maioria das vezes é isso, aí eu não clico.

E: E se fosse alguma coisa que te interessasse?

A15/7°: Aí sim, eu clicaria. Aí eu ia pesquisar mais a fundo o que que é, alguma coisa que, uma palavra que não tem o significado, assim que eu não saiba o significado que esteja com link, eu vou clicar nela pra saber o que que é.

E: Você clicou em algum site que tinha um link que você clicou e que te remetia a um outro site?

A15/7°: ãhã. Já uma vez. Assim é uma palavra que eu não sabia o significado dela. Aí eu cliquei pra vê se dava porque pra mim usar aquilo no trabalho eu preciso saber o que que é. Aí eu cliquei e foi pra outro site, assim. Me deu outro site pra eu linkar, aí eu linkei porque eu não sabia, não tinha informação nenhuma daquele site.

E: Muitas vezes, principalmente, na Wikipédia são significado de palavras.

A15/7°: Humhum.

E: Em outro site vai te remeter a outro que vai te dar mais informações. Agora, a respeito de pesquisa. Qual a sua opinião sobre pesquisa escolar?

A15/7°: Ah! Eu acho que pesquisa escolar a gente deve sempre fazer quando a gente ta um pouco em dúvida, quando a gente quer saber mais sobre aquele assunto que a professora dá, alguma coisa assim.

E: Seus professores têm costume de pedir pesquisa?

A15/7°: Sim. A maioria deles, na nossa apostila pede pesquisa. Aí a gente tem que fazer pesquisa.

E: Você se lembra qual foi a última pesquisa que você fez sem ser essa?

A15/7°: Eh foi uma de Geografia sobre as principais rodovias do Amazonas.

E: E você se lembra como o professor pediu?

A15/7°: Não ele só deu um exercício que tava na apostila e lá tava pedindo só pra gente pesquisar sobre as rodovias.

E: Só tinha o tema. Não tinha nenhum tópico falando sobre quais os transportes que eles fazem, uma coisa a mais.

A15/7°: Só as rodovias.

E: Foi só sobre as rodovias. E no livro tinha alguma indicação de site onde você poderia encontrar?

A15/7°: Não. Nenhum tipo de site.

E: Só buscar só.

A15/7°: É.

E: E você tem costume de pesquisar sem o professor pedir ou não.

A15/7°: Ah sim. Sempre que eu tô em dúvida na matéria ou numa coisa assim.

E: Voltando um pouquinho no link, você respondeu que não tem costume de clicar nas palavras, prefere perguntar ao professor. Você pergunta mesmo ou você só respondeu no papel?

A15/7°: Não. Eu pergunto um pouco. Se tiver a oportunidade de perguntar eu sempre pergunto, o que que é, se ela pode me explicar o que significa aquela palavra.

E: Quando você busca algo, você costuma clicar na primeira página que o Google te dá ou você?

A15/7°: Eu leio sempre a introdução que tá embaixo do link e se naquela introdução tiver o que eu tô procurando, eu clico.

E: E já aconteceu de você clicar em alguma que não tinha nada a ver com o que você esperava?

A15/7°: humhum. Sim. Tava uma partizinha do negócio, do que eu tava procurando, mas eu fui ler o texto todo e não tinha nada a ver com o que eu tava procurando.

E: E o que você acha dos trabalhos que são feitos na internet?

A15/7°: Não sei.

E: Os professores gostam que você escreva trabalhos impressos?

A15/7°: Humhum. Na maioria sim. Alguns quando vale pra nota, alguma coisa assim, é que se for grande, ou alguma coisa assim, aí é no PowerPoint, se ele pedir apresentação. Se ele não pedir apresentação, é sempre impresso.

E: Ninguém nunca pede pra vocês escrever, manual não?

A15/7°: Não.

E: Só impresso mesmo, né?

A15/7°: É.

E: E você tem o costume de emitir opinião sua da informação que você encontrou ou?

A15/7°: Não.

A15/7°: Ah, eu coloco o que eu acho mais importante. Com as minhas palavras, eu não tenho o costume de colocar. Mas assim, o que eu achar na internet alguma coisa que eu acho importante na minha opinião, aí eu coloco.

E: Você não costuma colocar com suas palavras, por quê?

A15/7°: Ah, eu tenho um pouco medo de errar, de colocar alguma coisa que tá fora do que eu tô procurando, do que eu entendi...

A18/8°

E: Então A18/8°, você encontrou esses dados onde?

A18/8°: No Wikipédia e..... no site Roda Viva.

E: Roda Viva? Aí como você fez para elaborar esse texto?

A18/8°: Eu liiii. Eu fui cort(interrompeu) Eu copio, eu colo

E: Hummm

A18/8°: e vou cortando as partes que eu acho que eu não devo botar no meu trabalho.

E: Tá. E quando você, aqui você não mencionou quais são os sites que você utilizou. Você não colocou a fonte. Por quê?

A18/8°: Porque eu sempre esqueço.

E: Sempre esquece?

A18/8°: mmmm

E: E outra coisa. Eh..... Você durante o trabalho, você sabe o que que é link?

A18/8°: humhum

E: Você clicou em algum link?

A18/8°: Não.

E: Você viu só o que tava escrito nos sites.

A18/8°: É

E: E apareceram links nessas páginas?

A18/8°: Aparecem.

E: Na Wikipédia o link apareceu de quê cor?

A18/8°: Azul

E: Azul?

A18/8°: É

E: E você não clicou por quê?

A18/8°: Porque não fala sobre coisas que eu preciso.

E: Tá. Não fala coisas que você precisava? Tá bom. E..... se falasse você procuraria.

A18/8°: Num sei.

E: Depende?

A18/8°: Depende

E: Normalmente, o que você faz?

A18/8°: Bom. Às vezes quando eu quero um trabalho muito bom, eu clico quando não, não

E: E quando você quer um trabalho muito bom. Que tipo de trabalho você quer muito bom.

A18/8°: Bom um trabalho que vale mais pontos. Aí eu vou, procuro fazer ele maior com mais coisas.

E: Tá. E o que que ela pediu pra você fazer aqui nesse trabalho.

A18/8°: Vida e obra de Chico Buarque.

E: Só vida e obra e mais nada.

A18/8°: É.

E: Tá bom então. Obrigada tá, A18/8°.

A20/8°

(Durante a entrevista, fomos revendo os caminhos percorridos por ele)

E: Primeiro site que você olhou foi esse aqui, não foi? ([www.colecao**chico**.com.br](http://www.colecaochico.com.br)) (Coleção Chico Buarque)

A20/8°: Foi.

E: Por que você clicou primeiro nesse?

A20/8°: Porque sempre os primeiros que vêm são melhores, né? Só que esse não deu muito certo.

E: O que que tinha nele?

A20/8°: Ah! Tinha... Tava eh.. tipo e-book.

E: Aí depois você clicou em qual?

A20/8°: É Wikipédia.

E: Porque você foi no Wikipédia e não clicou no seguinte?

A20/8°: Porque tava escrito letra de música.

E: Ah... Continuando. Nesse Wikipédia, você achou o que queria?

A20/8°: Esse aí não é o Wikipédia não (risos). Esse é o Colégio São Francisco. Esse é outra página.

E: E aí? Você achou o que você queria no Colégio São Francisco ou não?

A20/8°: Achei um pedaço. (Continuou revendo suas ações). Aí, eu pesquisei no Colégio São Francisco sobre Chico Buarque e fui, e mudei de página pro Wikipédia.

E: Humhum.

E: Aí você foi digitando o que você achou importante.

A20/8°: É eu fui cortando umas páginas do texto que eu li.

E: Ahã

(Ficou revendo suas ações)

A20/8°: Esse daqui foi o que eu pesquisei sobre Chico Buarque só que não era nada de Chico Buarque. Era já outra coisa

E: Quando, aquele questionário que eu te perguntei, você respondeu pra mim. Eu perguntei se você clica em links. Lembra?

A20/8°: Humhum.

E: Aí você falou comigo que não clicava porque podia ser vírus. Me mostra um exemplo de um link aí pra eu ver.

A20/8°: Isso aqui seria meio que um link. (Ele apontou para os resultados no Google.

E: E na Wikipédia?

A20/8°: Como assim?

E: No site da Wikipédia tem links lá?

A20/8°: Tem um monte. Deixa eu voltar lá. (Foi ao site do Wikipédia e me mostrou um link) Aqui ó.

E: E por que . Você clica neles ou não? Por quê?

A20/8°: Não clico. Porque poderia ser vírus.

E: Você acha que esses aqui vão ser vírus?

A20/8°: Talvez.

E: Você já clicou em algum deles pra ver?

A20/8°: Humhum.

E: E aí foi vírus?

A20/8°: E foi vírus.

E: Dentro da Wikipédia?

D:Ahã. Lá em casa. Sério!

E: É?

A20/8°: Porque ali, é eu cliquei, o site que me levou não era da Wikipédia, era de outro, de outro site. E na hora que eu cliquei já detectou vírus.

E: Você clica em sites que são de universidades ou que são sites que você sabe que é de uma instituição confiável?

A20/8°: Igual o portal São Francisco. O Colégio São Francisco. De vez em quando eu acho as coisas que eu quero.

E: E lá você clica em links?

A20/8°: Não.

E: Também não.

A20/8°: Não costumo clicar em links de outros sites

E: E quando você faz pesquisa pra você mesmo?

A20/8°: Como assim?

E: Alguma coisa que você quer saber.

A20/8°: Aí eu vou mais no Google. Eu pesquiso o que eu quero saber.

E: E nos sites que você encontra, te dão toda informação sobre o que você queria saber?

A20/8°: Não. Um monte de vezes que eu procuro coisas como é, umas coisas importantes eu acho em sites mais conhecidos do que do Wikipédia assim.

E: Humhum. E se tem alguma coisa que você queria saber sobre um tema importante que está em moda agora. Aí você clica, você acha algumas informações, mas ainda não ficou tudo o que você queria saber, você procura aprofundar ou você fica por isso mesmo, ou desiste aí?

A20/8°: Não. Igual assim esse trabalho por exemplo, eu fui pesquisando em vários sites pra saber qual seria a melhor opção. Fui pegando um pouco de cada site que eu achava mais interessante.

E: Humhum. Quando você abre lá na, na página do Google aparecem vários sites, né?

A20/8°: Humhum.

E: Você clicou naquele primeiro porque você acha que, você falou comigo que...

A20/8°: ... É eu acho que os primeiros são mais relacionados. O próprio lugar diz, aqui ó, são aqui aparece ah lá similares.

E: Humhum. E aqui quando você, volta lá, aqui vem um resumo do que você pode encontrar.

A20/8°: Humhum.

E: Você costuma ler esses resumos antes de clicar.

A20/8°: Humhum.

E: Ou vai clicando assim.

A20/8°: Não. Eu leio, eu leio isso aqui também, o que eu digitei, eu pesquisei nesse aqui porque tava similar, esse aqui também. Os três primeiros, depois vem só artigos relacionados.

E: E quando você abre a página, o que você faz? Você lê tudo, você...

A20/8°: Eu leio um pedaço.

E: Como assim um pedaço?

A20/8°: Eu leio um pedaço, aí o que eu acho interessante daquele pedaço, eu passo para o.... como é que chama? Para o Word.

E: Você não lê o texto todo, você vai dá uma olhada...

A20/8°: Eu leio um pedaço, passo ele pro Word e vou modificando ele um pouco.

E: Mas o texto todo você não chega a ler não.

A20/8°: Tudo, tudo, não.

E: Você dá uma...

A20/8°: É muito grande.

E: Você abre aqui a página...

A20/8°: É, eu leio esse trecho, eu mando ele pro Word, eu modifico ele. Eu leio esse outro pedaço, porque essa parte aqui do Wikipédia, ela é mais um resumo.

E: Humhum. E se fosse um outro site, você costuma olhar até o final ou você vai dando.

A20/8°: Vou dando uma lidinhas.

E: Vai dando umas lidinhas?

A20/8°: É.

E: A20/8°, o que você acha dos trabalhos que os professores pedem pra você fazer?

A20/8°: De como assim achar?

E: Você acha que eles te ajudam em alguma coisa ou não?

A20/8°: De vez em quando. Alguns professores falam é..... Igual por exemplo a professora de música pediu esse trabalho sobre Chico Buarque. Na verdade eu nunca tinha ouvido falar de Chico Buarque, aí ela só falou pesquisa sobre Chico Buarque. Igual tem outros professores que pedem pra fazer um trabalho, igual eu fiz um trabalho de História recentemente sobre trabalho infantil. A gente tava estudando sobre aquilo, aí ajuda melhor. A gente já tem idéia mais ou menos.

A20/8°: E como é que foi pedido esse trabalho? Você lembra? Como foi solicitado esse trabalho infantil?

A20/8°: Na verdade eu não lembro muito não.

E: Normalmente eles pedem um tema tal pra vocês fazerem ou dão mais alguma informação?

A20/8°: Eles dão informação por exemplo, que é digitado ou à mão, é mais isso assim.

E: Eles destacam o que eles querem ou só dão o tema?

A20/8°: Eles destacam mais o que eles querem. Esse trabalho infantil. Aí é só o tema. Não, dá mais é o tema.

E: Eles falam o que querem dentro do trabalho infantil.

A20/8°: Não. Eles pedem qualquer coisa do trabalho infantil.

E: Pede pra comparar algum texto com outro?

A20/8°: Não.

E: Pra vocês pesquisarem se tem trabalho infantil aqui na cidade....

A20/8°: Não, não pediu não.

E: É só pra saber sobre o tema mesmo?

A20/8°: É.

E: O que é, como acontece né? Eles. E você coloca a fonte?

A20/8°: Só quando pede.

E: Só quando pede né? E eles citam algum site ou deixam vocês à vontade?

A20/8°: Deixa a gente à vontade.

E: Tá. Era só isso mesmo. Obrigada.

A23/9°

E: O que que a professora de inglês pediu pra vocês pesquisarem?

A23/9°: Ela pediu pra gente pesquisar o futuro do present perfect, comparar o present perfect com o futuro e passar pra ela.

E: Como é que você fez o trabalho?

A23/9°: Eu e minha colega pesquisamos em alguns sites. Ela procurou em alguns sites aí e eu pesquisei no meu livro de inglês que a minha mãe me deu.

E: Qual que é o livro?

A23/9°: Ah, ele só tá escrito Inglês, é do sect milenium. É uma coleção que eu tenho.

E: Aí depois como é que vocês fizeram?

A23/9°: Aí a gente juntou as duas partes do conteúdo, a gente resumiu um pouco, fez um conteúdo menor, só que resumindo.

E: Vocês colocaram qual foi a fonte que vocês pesquisaram?

A23/9°: No livro.

E: Mas vocês colocaram no trabalho?

A23/9°: Não.

E: Não? Por que esqueceu?

A23/9°: Não porque não é costume colocar a fonte.

E: Você não tem esse costume não? Deixa eu te perguntar outra coisa. Vai lá no Google, fazendo um favor. Qual site que você tem mais costume de pesquisar?

A23/9°: No Wikipédia.

E: Então digita aí Wikipédia. Agora abre.

A23/9°: Aqui?

E: Humhum. O que que são essas palavrinhas em azul?

A23/9°: Em azul, são algumas coisas pra gente pesquisar se tiver dúvida e que vai pra outro site te mostrando o que é.

E: Humhum. E você costuma clicar nessas palavrinhas?

A23/9°: Só quando eu não conheço.

E: Só quando não conhece?

A23/9°: Humhum.

E: Muito raro?

A23/9°: É.

E: E você utiliza essas palavrinhas nos seus trabalhos?

A23/9°: Sim.

E: Você utiliza as informações que elas trazem ou só a palavra?

A23/9°: Só a palavra.

E: Você tem costume de fazer pesquisa por conta própria?

A23/9°: Não.

E: Não? E A23/9°, o que você acha sobre as pesquisas escolares, qual é a sua opinião?

A23/9°: Prum lado é bom, pro outro é chato. Dá preguiça de ficar pesquisando essas coisas chatas.

E: Qual que é o lado bom, então?

A23/9°: Ficar no computador.

E: O computador?

A23/9°: É

E: Você lembra qual foi a última pesquisa que você fez sem ser essa?

A23/9°: Essa aqui? A de animais que eu tô fazendo uma enciclopédia pra professora de informática. Aí eu tô pesquisando todos os animais que têm as letras do alfabeto.

E: Como é que ela pediu essa pesquisa? Você lembra?

A23/9°: Ela pediu pra gente pesquisar e fazer uma enciclopédia. Ela pediu pra gente escrever mais com nossas palavras, não uma coisa assim muito extensa, as principais coisas sobre o animal. Aí eu tô colocando o nome científico, a família eh... ah um pouco sobre cada animal e a imagem dele assim na folha.

E: E onde você tá pesquisando?

A23/9°: No Wikipédia e tem, e eu, às vezes, olho em livro.

E: E ela te deu algum site?

A23/9°: Não.

E: Normalmente os professores fornecem sites?

A23/9°: Raramente.

E: Você costuma emitir sua opinião, costuma escrever com suas palavras ou só quando o professor pede?

A23/9°: Não. Assim a maioria dos meus trabalhos eu coloco uma parte a conclusão e eu escrevo a conclusão embaixo. Mas é muito raro é não escrever porque senão o professor fica achando que é ctrl+c e ctrl+v e eu não gosto. Aí eu escrevo lá o que que eu acho do trabalho.

E: Tá bom. Obrigada, A23/9°.

A27/9°

E: A27/9°, como que você fez esse trabalho?

A27/9°: Ah, eu pesquisei no Google tive uma idéia e fui escrevendo sobre o que eu pesquisei.

E: O que que a professora de inglês pediu pra vocês fazerem?

A27/9°: Pesquisar a formação, a estrutura, como e quando utilizar o tempo futuro no inglês.

E: E ela forneceu alguns sites?

A27/9°: Forneceu.

E: Mas deu certo?

A27/9°: Não.

E: E como não deu certo o que você utilizou?

A27/9°: A gente utilizou o Google.

E: Vocês digitaram o que no Google?

A27/9°: eh... a gente digitou... a gente pesquisou sobre estruturas e formações do tempo futuro em inglês.

E: humhum

A27/9°: Aí a gente achou algumas dicas pra poder ajudar a gente. Aí nessas dicas tava falando os tempos diferentes que pode ser usado em cada ocasião.

E: Aí como foi montado esse trabalho, o texto?

A27/9°: Aí a gente fez uma introdução do que a gente ia mostrar e depois com alguns exemplos a gente foi explicando o que podia usar em cada ocasião.

E: Tá. Vocês colocaram o site em que vocês pesquisaram o trabalho.

A27/9°: Não.

E: Não. Por quê?

A27/9°: Esqueci.

E: Você tem o costume de colocar

A27/9°: Ah. Às vezes sim.

E: E quando você tem o costume de colocar. Às vezes é mais ou menos.

A27/9°: Menos.

E: Menos e por quê?

A27/9°: Não sei.

E: Sempre esquece. Não acha que é tão importante colocar?

A27/9°: É.

E: É? E quando você vai pesquisar um trabalho, por exemplo, tem algum trabalho que você lembra que você fez esse ano?

A27/9°: Um trabalho, ah... tem um trabalho da professora Marilza de formação humana que a gente tinha que escolher um país que tava participando da copa e falar sobre ele.

E: E quando vocês fizeram isso, você procurou também no Google?

A27/9°: Ahã.

E: ah.

A27/9°: Esse trabalho foi feito no PowerPoint.

E: Foi feito no PowerPoint. Quando você digita lá no Google a palavra, são vários resultados. Você abre todos os resultados que aparecem na página?

A27/9°: Não. Só alguns.

E: Como que você escolhe?

A27/9°: Eu vejo o site que eu já conheço, tipo o Wikipédia, aí eu já vejo que ele é mais confiável, eu entro nele dou uma olhada. Depois eu vou olhando outros, o título assim que mais me interessa.

E: Quando você entra na Wikipédia, já que você usa bastante ele. Vamos procurar um termo aqui. Vai lá no Google fazendo um favor. Digita um tema, pode ser até o país que você pesquisou mesmo. (ela digitou, apareceram vários resultados). Abre então lá na página do Wikipédia. O que são essas palavras aqui em azul?

A27/9°: Isso aí são os links que explicam mais, se você clicar na palavra que tem aquilo, vai explicar mais o que que é aquela palavra.

E: Você costuma clicar nesses links?

A27/9°: Não.

E: Por quê?

A27/9°: Ah, porque a maioria das palavras que ficam assim eu conheço mais.

E: Humhum. Porque assim na Wikipédia são mais significados de palavras mesmo.

A27/9°: Humhum.

E: Mas em outros sites às vezes acontece de te dar mais informação, ou até te levar a um outro site. Na Wikipédia você fica sempre na Wikipédia, não vai sair daqui. Em outro site você pode ser levada a um outro site. Você já clicou em algum que isso aconteceu?

A27/9°: Ah, que eu me lembre, não.

E: Você falou que aqui você já sabe o que são as palavras e não precisa.

A27/9°: A maioria.

E: E quando você não sabe?

A27/9°: Ah, eu olho no dicionário, sei lá.

E: Você não clica nos link, não tem o costume de clicar não?

A27/9°: Não.

E: E qual é a sua opinião sobre pesquisa escolar?

A27/9°: Ah, eu acho que pesquisa escolar é importante pra nosso conhecimento mesmo porque às vezes quando o professor explica, a gente não consegue entender muito bem. Às vezes a gente lendo, a gente pode ler e reler várias vezes, a gente pode entender melhor.

E: Humhum. Por exemplo, quando você pesquisou sobre Portugal, você leu todas as informações, você pesquisou no Wikipédia?

A27/9°: É.

E: É? Você leu todas as informações? Ou...

A27/9°: Não.

E: Como é que você fez?

A27/9°: Como o Wikipédia é bem grande. A gente foi lendo, a gente olhou esse negócio aqui (apontou para o índice do Wikipédia) a gente não olhou muito, a gente olhou meio que nessa introdução aqui.

E: Ãhã.

A27/9°: E na história, em algumas só. A gente viu o que interessava. Esse negócio de geografia a gente não olhou muito não.

E: Qual foi o critério de escolha? O que vocês iam utilizar e o que vocês não iam.

A27/9°: A gente não queria saber mais a parte geograficamente do negócio, de Portugal, a gente só queria saber mesmo como que era lá, a história de lá. A gente foi lendo os subtítulos e escolhendo.

E: Aí a professora pediu o que ela queria que vocês pesquisassem.

A27/9°: Não. Ah ela falou mesmo pra gente pesquisar o país e aí a gente foi escolhendo mesmo.

E: O que vocês queriam destacar, não é isso?

A27/9°: Humhum

E: Tá. A27/9°, obrigada

A33/9°

E: O trabalho que a professora de inglês pediu pra você é sobre o quê?

A33/9°: Sobre... o futuro do presente que a gente vai começar a aprender. Ela pediu para pesquisar a formação do futuro e depois pegar colocar a estrutura, comparar com o present perfect e depois falar com as nossas palavras o que a gente achou.

E: E como você fez pra você fazer a sua pesquisa, a sua busca?

A33/9°: Eu peguei... Ela passou dois sites pra gente, pra gente pesquisar. Aí, ehrrrrrrrrrr, mas só que eu não fui nesses sites não porque eu não achei nada. Aí eu tô aqui no computador, aí eu pesquisei no Google coloquei informações sobre o futuro no inglês, aí eu fui lendo qual site era mais seguro. Entrei num que era mais seguro. Aí eu achei.

E: Se você quiser pode olhar aqui pra você lembrar. E você sabe qual site você usou?

A33/9°: Eu usei...

E: Vamos procurar aqui então. Esses foram o que você tentou achar e não deu certo.

A33/9°: É.

E: O que a professora de inglês passou pra vocês não funcionou.

A33/9°: Foi esse aqui oh.

E: Inglês, DVD, international site. Vou abrir aqui então. E esse aqui?

A33/9°: Não.

E: Não?

Ela confitrou com a cabeça.

E: Esse aqui você não usou porquê?

A33/9°: Porque eu achei que o outro tava mais completo.

E: Tá. Você chegou a ler e viu que não...

A33/9°: Humhum.

E: Esse aqui, né?

A33/9°: Foi.

E: Nesse site que você procurou ele tem links?

A33/9°: Links? Não.

E: Não? Tá. Aí como você fez pra fazer esse trabalho? Você achou esse site...

A33/9°: Aí eu li. Não peguei tudo, eu fui nas partes principais. Aí eu peguei, li, resumi e coleí no Word.

E: Tá. E assim, vamos abrir uma página aqui. Coloca lá no Google fazendo um favor. Digita aí Wikipédia. Entra site. Você sabe o que que é link?

A33/9°: Mais ou menos.

E: O que você acha que é link então? Você falou mais ou menos...

A33/9°: Esses negocinhos aqui azul. É isso.

E: Eles fazem o quê? Quando você clica neles.

A33/9°: Abre informações sobre o que ta escrito.

E: Essas informações são mais ou menos o quê?

A33/9°: Hummm. Como assim?

E: Por exemplo, se você clicar ali, Proença, vai te dar o quê?

A33/9°: Informações sobre o que é isso?

E: Isso. E aqui na Wikipédia ele te remete, você não sai da Wikipédia daqui. Ele continua na Wikipédia. Você já entrou em um site, que você clicou em um link e te levou a outro site?

A33/9°: Não.

E: Não. Você costuma clicar em links?

A33/9°: Não.

E: Você falou que não costuma clicar em links. Você falou o quê mesmo? Você não costuma clicar por quê?

A33/9°: Porque eu já acho, no site que eu acho, que eu clico, eu acho as informações que eu preciso.

E: Você não tem curiosidade de ver o link, mais um pouco?

A33/9°: Não.

E: Sobre o assunto não. E você tem o costume de fazer pesquisa por conta própria? Ou só se o professor pedir?

A33/9°: Às vezes, eu faço por conta própria, quando aparece alguma coisa na televisão, aí minha tia pede pra eu pesquisar, aí eu pesquiso.

E: E se for uma coisa sua? Porque você falou da sua tia, não foi pra você não.

A33/9°: Não. Porque eu pergunto pra ela, aí ela, aí ela não me responde e fala pra eu pesquisar, aí eu pesquiso.

E: Ah... tá Aí quando você pesquisa você abre as páginas do site onde você encontra a informação. Se você achar link, aí você não...

A33/9°: Não.

E: Você num clica. Só o que tá ali pra você tá bom.

E: Outra coisa, A33/9°. O que você acha sobre pesquisa escolar que os professores pedem pra você fazer? Qual é a sua opinião?

A33/9°: Eu acho que..... Eu acho que eles os professores pedem , pede a pesquisa pra eles fazerem, não só professores, mas pra eles saberem mais sobre o assunto, pra ficarem mais.

E: Pra quem saber mais: os professores ou os alunos?

A33/9°: Os alunos saberem mais.

E: Aí, no caso, eles costumam dar pra vocês o site, a fonte, o livro onde vocês vão pesquisar, ou normalmente...

A33/9°: Normalmente, eles deixam a gente pesquisar no site que a gente quiser.

E: Tá. Você lembra alguma pesquisa que você fez sem ser essa que a professora de inglês pediu? Sobre o que você fez esse ano, sobre o que que era...

A33/9°: Não. Não passou nenhuma pesquisa este ano ainda não. Só mesmo esse só.

E: Não precisa ser a professora de inglês não, outros professores.

A33/9°: Não. Nenhum professor passou sobre pesquisa não.

E: Nem a de música não.

A33/9°: De música?

E: É

A33/9°: Ah! Do Caetano Veloso, ela passou.

E: E como é que ela pediu essa pesquisa? Você lembra?

A33/9°: Não, eu não vim na aula nesse dia não.

E: Então foi só ela que pediu. Normalmente, nos outros não, o que você lembrar. Eles falam só o assunto que eles querem. Tipo vamos supor que eu quero que você pesquise sobre, deixa eu lembrar um assunto aqui, sobre aquecimento global, tá. Aí o professor fala assim pesquise sobre aquecimento global ou eles dão uma instrução sobre o que eles querem que você destaque.

A33/9°: Eles dão instrução. Tipo assim, eles perguntam aquecimento global. Aí eles colocam pra gente pesquisar: o que que é o aquecimento global, é essas coisas. Não só sobre aquecimento global.

E: Aí vocês têm que emitir a opinião de vocês ou só o que tá no texto...

A33/9°: Às vezes pede a conclusão.

E: Quando pede a conclusão vocês colocam. Se não pedir...

A33/9°: A gente não coloca não.

E: E vocês informam o site onde vocês pesquisaram?

A33/9°: Humhum.

E: Vocês informam?

A33/9°: A professora de música pede sempre.

E: Então tá. Deixo eu ver se tem mais alguma coisa pra perguntar. Ah! Eu vi aqui que você respondeu. Só pra confirmar. O que você acha mais fácil pesquisar em livros ou na internet? O que você acha mais fácil?

A33/9°: Ah! Depende. Na internet tem vez que não é muito seguro, no livro é mais seguro, já vem, igual o nosso livro da Pueri Domus. Aí eu acho que já é mais seguro. Mas se você não acha em livro, aí a gente pesquisa na internet. Mas eu acho em livro mais seguro.

E: Mais seguro. Mas e pra você encontrar informações? Você acha mais fácil encontrar informações no livro ou na internet?

A33/9°: Na internet.

E: Por quê?

A33/9°: Porque no livro a gente tem que ficar procurando lá, às vezes nem tem o assunto. Na internet, a gente digita lá, aí já aparece...

E: A33/9°, obrigada.

ANEXOS

Textos produzidos pelos alunos-participantes como resultados da pesquisa escolar realizada por eles.¹⁶

A10/6^o

Spain

Flag:



Nationality:

Spanish

Language:

Spanish

Famous person:

Carles Puyol Saforcada

É um futebolista espanhol. Atualmente joga no Barcelona, único clube em toda a sua carreira.



Weather:

A Espanha tem um clima variado ao longo do seu território. Predomina o tipo mediterrânico em quase toda a sua geografia. As costas mediterrânicas do sul e o vale do Rio Guadalquivir têm um clima denominado mediterrânico costeiro: temperaturas e precipitações suaves quase todo o ano, exceto no verão.

Clothes:

Culture:

Espanha é provavelmente mais conhecida pelas touradas e pelo flamenco, mas conta também com pintores de fama mundial como são os casos de Salvador Dalí e de Pablo Picasso.

¹⁶ Como a aluna A9/6^o apresentou seu texto em *PowerPoint*, a cópia dele estará presente em formato digitalizado.

Outros dos pintores mais conhecidos são Goya (1746-1828) e Velázquez (1599-1660), cujas obras podem ser admiradas no Museu do Prado, em Madrid. As obras mais importantes de Velázquez são "Las Meninas" e "La Rendición de Breda".

Espanha tem também alguns compositores de estatura mundial, bem como conhecidos cantores de ópera. Os compositores espanhóis de fama mundial incluem nomes como Enrique Granados, Isaac Albéniz, Manuel de Falla e Joaquín Rodrigo. Todos já ouvimos falar de Plácido Domingo - o artista de ópera mais famoso de Espanha - assim como de José Carreras e de Montserrat Caballé.

A música e a dança flamenca surgiram no Sul de Espanha, mais precisamente na Andaluzia. Os ciganos enraizaram-se aqui, tendo desenvolvido a sua cultura em Espanha. Actualmente, a maioria das miúdas espanholas aprende a dançar sevillanas, uma das danças mais folclóricas.



Capital of contry:
Madrid



A14/7º

Gilberto Gil

Gilberto Passos Gil Moreira nasceu em Salvador, BA, em 26 de junho de 1942. Seus pais eram José Gil Moreira e Claudina. Ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil também é um espírito inventivo à procura de novos códigos musicais.

Sua trajetória foi colorida, flexível, diversificada e extremamente receptiva. Toda dor e sofrimento do exílio hoje nos parece ter sido uma grande aventura com seus sons vivos e dançantes. Com 52 álbuns lançados, Gilberto Gil tem 12 discos de ouro, 5 discos de platina, 7 “Grammy Awards” e mais de 4 milhões de discos vendidos.

Discografia:

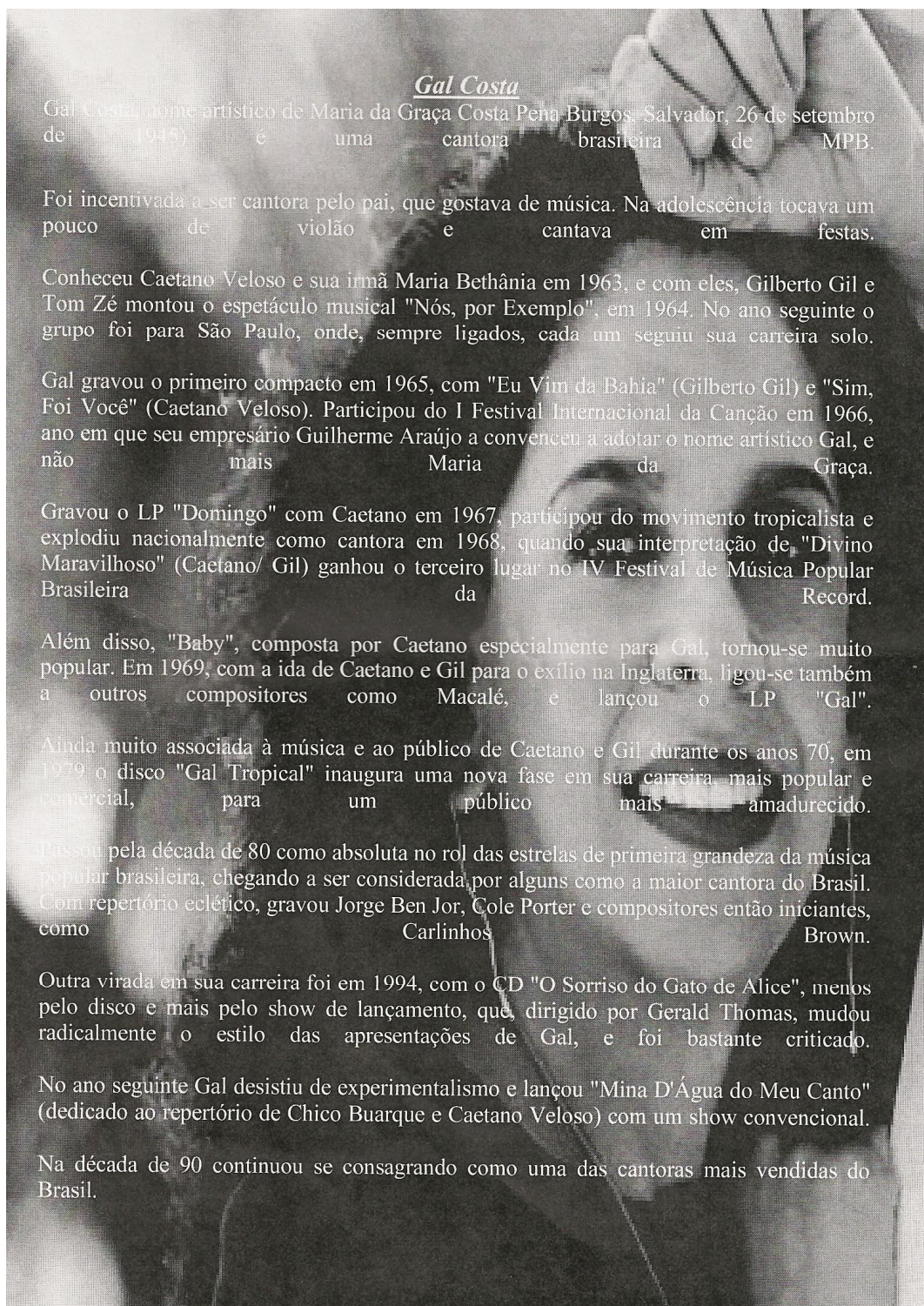
- Expresso 2222.
- Gil & Jorge.
- Os Doces Bárbaros.
- Refazenda.
- Refavela.
- Parabolicamará.
- Tropicalia2.
- Unplugged.
- Quanta.
- Quanta Gente Veio Ver.
- Eu, tu, eles.
- Gil & Milton.
- São João Vivo.
- Kaya n`Gan Daya.
- Eletracústico.
- Gil Luminoso – voz e violão.
- Banda Larga Cordel.
- BandaDois.
- Fé na festa.

http://www.gilbertogil.com.br/sec_bio.php?page=6&ordem=DESC

<http://www.mpbnet.com.br/musicos/gilberto.gil/index.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Gil#Discografia

A15/7º



Discos de Carreira

- **HOJE**
Trama- 2005

- **TODAS AS COISAS E EU**
Indie Records – 2003
- **GAL BOSSA TROPICAL**
Abril Music/MZA Music – 2002
- **DE TANTOS AMORES**
BMG Brasil – 2001
- **GAL COSTA CANTA TOM JOBIM AO VIVO**
BMG Brasil – 1999
- **AQUELE FREVO AXÉ**
BMG Brasil – 1998
- **ACÚSTICO MTV GAL COSTA**
BMG Ariola – 1997
- **MINA D'ÁGUA DO MEU CANTO**
BMG Ariola – 1995
- **O SORRISO DO GATO DE ALICE**
BMG Ariola – 1993
- **GAL**
BMG Ariola – 1992
- **PLURAL**
BMG Ariola – 1990
- **LUA DE MEL COMO O DIABO GOSTA**
BMG Ariola – 1987
- **BEM BOM**
RCA Victor – 1985
- **PROFANA**
RCA Victor – 1984
- **BABY GAL**
Polygram – 1983
- **MINHA VOZ**
Polygram – 1982
- **FANTASIA**
Polygram – 1981
- **AQUARELA DO BRASIL**
Polygram – 1980
- **GAL TROPICAL**
Polygram – 1979
- **ÁGUA VIVA**
Phonogram – 1978
- **CARAS E BOCAS**
Phonogram – 1977
- **DOCES BÁRBAROS – CAETANO VELOSO, GILBERTO GIL, GAL COSTA e MARIA BETHÂNIA**
Phonogram – 1976
- **GAL CANTA CAYMMI**
Phonogram – 1976
- **CANTAR**
Phonogram - 1974

A18/8º

Francisco Buarque de Holanda:

Nasceu no Rio de Janeiro em 1944. É comum pensar-se que entre o letrista de música e o poeta há a mesma distância que entre o tecladista de uma banda musical e um pianista clássico. Tal consideração reflete uma maneira estanque de se pensar a arte, isto é, a partir de categorias imutáveis e bem definidas. O fenômeno artístico, entretanto, irrompe com muita frequência nas zonas fronteiriças entre essas categorias; mais do que isso, o movimento entre registros aparentemente imóveis pode constituir uma expressão artística por si só. A resistência em atribuir valor poético à obra de Chico Buarque é um grande exemplo dessa obtusidade crítica. Depois do lançamento de dois romances de grande sucesso, porém, essa resistência vem sendo vencida. Pois a linguagem rica em imagens e símbolos, densa e de forte articulação já presente nas letras de suas músicas consideradas por muitos como poemas verdadeiros haja vista a virtuosidade e a universalidade, foi transposta para uma ficção de filiação hiper-realista, dotada de trama narrativa sofisticada e bastante hermética. Sua poética é hoje plenamente reconhecida.

Obras:

Roda-Viva (1967)

Calabar ou o Elogio da Traição [com Ruy Guerra] (1974)

Fazenda Modelo (1975)

Gota D'água [com Paulo Pontes] (1975)

Ópera do Malandro (1978)

A Bordo do Rui Barbosa (1981)

Estorvo (1991)

Benjamin (1995)

Discos de Ouro:

1990: *Chico Buarque ao vivo Paris Le Zenith*

1993: *Paratodos*

1998: *As Cidades*

1999: *Chico ao Vivo*

A20/8º

Chico Buarque

Francisco Buarque de Holanda mais conhecido como **Chico Buarque** é um músico e escritor brasileiro.

Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, iniciou sua carreira na década de 1960.

Na carreira literária, foi ganhador do Prêmio Jabuti, pelo livro *Budapeste*, lançado em 2004.

Francisco Buarque de Holanda é considerado um dos maiores nomes da MPB - Música Popular Brasileira, também casou-se com atriz Marieta Severo, com quem teve três filhas: Sílvia, Helena e a Luísa.

Chico é filho de **Sérgio Buarque de Holanda**, um importante historiador e jornalista brasileiro e de Maria Amélia Cesário Alvim, pintora e pianista.

Francisco Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944, mas sua família mudou-se para São Paulo quando tinha dois anos - foi morar no Rio apenas em 1970, após seu exílio na Itália.

A23/9º

Future

É formado com o futuro do verbo to be + o verbo principal no particípio presente (verbo + ing).

Afirmativa: I will be working

Negativa: I won't be working

Interrogativa: Will I be working?

- O futuro contínuo é usado para expressar ações que estarão acontecendo em algum tempo no futuro.

Ex: I will be working when you arrive.

Present Perfect

Forma com o presente do verbo to have + particípio passado do verbo principal.

Afirmativa: They have studied.

Negativa: They haven't studied.

Interrogativa: Have they studied?

- O particípio passado dos verbos regulares é igual ao passado simples.

Ex: I have lived here since 1990.

Future

Utilizamos o “will” para exprimir uma ação futura. Também é empregado para situações em que se concorda com algo, promete-se ou oferece-se alguma coisa. Vamos estudar a formação do futuro no quadro abaixo usando o verbo “to travel” (viajar) como apoio para a construção das frases neste tempo. Você precisa da pessoa + will + verbo no infinitivo.

Pessoa	Will	Verbo Infinitivo
I	will	Travel
She	will	arrive

A27/9º

O tempo futuro em inglês pode gerar dúvidas, pois dependendo da ocasião a estrutura da frase pode mudar. Para esclarecer melhor esses tipos de dúvidas, vamos apresentar aqui alguns exemplos das possíveis situações do futuro no inglês. Iremos mostrar as diferenças entre as seguintes frases:

1 – I'll call you tomorrow

Nós utilizamos a formação “will + infinitivo” quando a decisão é tomada no momento em que falamos. Nesse exemplo a decisão de ligar foi tomada neste exato momento, não houve nenhum planejamento. Essa formação acontece com frequência em conversas informais. Veja esse outro exemplo: I'll get back to you next Monday. A decisão de retornar a ligação na próxima segunda-feira foi tomada agora.

2 – I'm going to call you tomorrow

A formação “to be going to + infinitive” indica que a decisão de ligar já foi tomada previamente. Isso acontece, por exemplo, quando você liga para uma pessoa para informar que você irá ligar novamente em determinada data, neste caso a ligação foi feita para informar a sua decisão.

3 – I'm calling you tomorrow

Esta frase tem praticamente o mesmo efeito da frase 2, mas com o detalhe de que ela é mais utilizada para expressar situações de eventos sociais ou reuniões.

4 – I'll be calling you tomorrow

E por fim esta formação tem o objetivo de enfatizar a ação que estará acontecendo em determinado tempo no futuro. No exemplo, “I'll be calling you tomorrow morning”, você que dizer que estará efetuando uma ligação amanhã pela manhã (*tomorrow morning*).

Mas para conseguir formular uma frase no futuro é preciso saber as formas de colocação do *Will* e também do *Going To*, e para melhor compreensão de todos, aqui estão as formas do *Will*:

Affirmative: *I / you / he / she / it / we / they will travel*

Negative: *I / you / he / she / it / we / they will not travel or won't travel*

Interrogative: *Will I / you / he / she / it / we / they travel?*

A33/9º

Simple Future / Futuro Simples**FORMAÇÃO:****Forma afirmativa:**

• Sujeito + will + infinitivo (- to) + (expressão de tempo)

I will stay home tonight. (Ficarei em casa hoje a noite)

• She will wash the dishes tomorrow

(Ela lavará os pratos amanhã)

Forma negativa:

• Sujeito + will not + infinitivo (-to) + (expressão de tempo)

• They will not come next month. (Eles

não virão no mês que vem.)

• We

We won't buy anything this afternoon. (Nós não compraremos nada esta tarde.)

Forma Interrogativa

• Will +. Sujeito + infinitivo(-to) + Sujeito + infinitivo(-to) + (expressão de tempo)

• Will you do it for me? (Você fará isso por mim?)

• Where will they spend their weekend? (Onde eles passarão o fim de semana?)

Obs: Utilizamos o “will” para exprimir uma ação futura. Também é empregado para situações em que se concorda com algo, promete-se ou oferece-se alguma coisa.

Não use will para coisas que já foram planejadas, marcadas, organizadas, com antecedência. Nesses casos, use be + going to.

Pode-se dizer que equivale ao nosso futuro do presente. Para compô-lo, em todas as formas, basta utilizar o auxiliar modal “will” com o verbo principal no infinitivo sem o “to”.